



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Tese de doutorado

Intelectuais e exílios

Confronto de resistências em revistas culturais

Encontros com a Civilização Brasileira, Cuadernos de Marcha e Controversia (1978-1984)

Cristiano Pinheiro de Paula Couto

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Claudia Wasserman

Coorientadora: Prof^ª Dr^ª María Eugenia Mudrovcic

Porto Alegre, maio de 2013.

CRISTIANO PINHEIRO DE PAULA COUTO

Tese de doutorado

Intelectuais e exílios

Confronto de resistências em revistas culturais

Encontros com a Civilização Brasileira, Cuadernos de Marcha e Controversia (1978-1984)

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (linha de pesquisa Relações de poder político-institucionais) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História.

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Mara Cristina de Matos Rodrigues
UFRGS

Prof. Dr. Arthur Lima de Avila
UFRGS

Prof. Dr. Cláudio Pereira Elmir
UNISINOS

Prof^a Dr^a María Eugenia Mudrovcic
Michigan State University

Porto Alegre, maio de 2013.

CIP - Catalogação na Publicação

Pinheiro de Paula Couto, Cristiano
Intelectuais e exílios: Confronto de resistências
em revistas culturais: Encontros com a Civilização
Brasileira, Cuadernos de Marcha e Controversia (1978-
1984) / Cristiano Pinheiro de Paula Couto. -- 2013.
242 f.

Orientadora: Claudia Wasserman.
Coorientadora: María Eugenia Mudrovic.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2013.

1. revistas culturais. 2. intelectuais. 3.
exílios. 4. América Latina. I. Wasserman, Claudia,
orient. II. Mudrovic, María Eugenia, coorient. III.
Título.

Para meu pai, Claudio de Paula Couto, amigo eterno.
In memoriam

Agradecimentos

Quero agradecer aos meus vínculos.

À minha família, casa em que habito e que em mim se aninha onde quer que esteja, aquecendo os meus dias. Aos meus pais, Yamara e Claudio, pela ternura, pela constância, pelo alargamento de horizontes, pelo encorajamento, pela sensibilidade instilada, pela crítica e curiosidade atizadas, e às minhas irmãs, Carolina, Maria Clara e Isabel, pelo afeto, pela motivação, pela longa e rica partilha vida afora e pelo progressivo despertar para o mundo.

À Eva, que sente junto, pela companhia contentora, pelas sugestões críticas, pelo alento, pela presença sempre estimulante, pelo compartilhado aprendizado, e, claro, pela paciência nas horas difíceis, aguentando bravamente meus acessos de mau humor e hesitação neste tortuoso percurso pelos domínios do conhecimento, ora compensador, instigante e sedutor, ora frustrante e aborrecido.

À família Diniz: à Alice, ao Luis, ao Dedé, à avó Margarida e ao avô João, à Guida e ao Zé Carlos, à Lili e ao Tô, à Fernanda e ao Geno, ao Jó e à meninada companheira, Ivo, Miguel, Till, Fynn e Marta, pela acolhida afetuosa e pela mão sempre estendida. Aos amigos de Portugal, Simone e Pedro, e às queridíssimas Sara e Laura, pelos passeios, descobertas e brincadeiras lá pelo Norte.

Aos amigos do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua (Cep-Rua), do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em especial à Silvia e ao Jan, por me terem integrado, plenamente, ao cálido convívio da família Cep-Rua.

Aos amigos Airi, Milena, Janaina e Thiago, pela amabilíssima hospitalidade durante meus primeiros tempos em Porto Alegre e pela amizade construída.

À Maitê, generosíssima e afetuosa amiga, cuja presença é mais do que protetora, pelo ânimo sempre a postos para imaginar coisas interessantes e pela palpitante disposição de conviver em qualquer circunstância.

Aos amigos Yvete, Philomena, Ana Lice, Isabel, Janieke, Rodrigo, Miguel, Gabriel, Simone e aos meus padrinhos e amigos, Elsa e Hugo, e à Estrela, tia e madrinha.

Ao Rosivaldo, amigo novo, companheiro das peladas de todas as quintas-feiras, momento alto da semana. À Maria Lucia, com quem tudo começou.

A Professora Claudia Wasserman, minha zelosa orientadora, pelo acolhimento entusiasmado de meu projeto de pesquisa, pelo apoio constante em todos os momentos decisivos desta etapa de meu percurso acadêmico, pela gratificante troca intelectual, pelas provocações críticas e pela leitura atenciosa dos escritos que, gradativamente, deram forma ao texto derradeiro.

A Professora María Eugenia Mudrovcic, minha coorientadora, pela disponibilidade em supervisionar-me, pela resistência e paciência desprendidas com as burocracias resultantes de meu estágio de pesquisa na Michigan State University (MSU), pela calorosíssima recepção em minha chegada em East Lansing, pelos mais do que proveitosos encontros, pela leitura crítica de meus textos e pela presença afetuosa ao longo do desenvolvimento desta tese.

Aos Professores Arthur Lima de Avila e Alessandro Kerber, pelas considerações críticas feitas na qualificação de meu projeto de pesquisa.

Aos Professores Mara Cristina de Matos Rodrigues, Cláudio Pereira Elmir, Arthur Lima de Avila e María Eugenia Mudrovcic, pela aceitação ao convite para integrar a banca de defesa desta tese.

À Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano (Stiftung Preußischer Kulturbesitz – SPK), pela bolsa concedida para realização de estágio de pesquisa no Instituto Ibero-Americano (Ibero-Amerikanisches Institut – IAI).

A Amanda Anderson, diretora da School of Criticism and Theory (SCT), pela concessão de bolsa integral para participação na sessão de 2012 da SCT.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa de doutoramento e pela bolsa e correspondentes auxílios inscritos no Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior (PDEE).

Ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

À UFRGS e à MSU, pelo formidável apoio institucional.

“Se admitirmos que tudo é provisório e historicamente condicionado, não vamos parar de pensar, como temem alguns; na verdade, essa admissão será a garantia de que jamais pararemos de pensar – e repensar.”

(Linda Hutcheon)

RESUMO

Atento ao impacto que o exílio provocou nas nervuras ideológicas e nas estratégias de resistência e de intervenção política e cultural da *intelligentsia* contestatária latino-americana, busco analisar, comparativamente, no *corpus* textual de *Encontros com a Civilização Brasileira* (1978-1982), da segunda época dos *Cuadernos de Marcha* (1979-1984) e de *Controversia* (1979-1981), alguns dos temas que inflamaram as polêmicas no interior do meio intelectual crítico da América Latina entre os anos de 1978 e de 1984, marcos de fundação e fechamento das revistas que conformam o objeto desta tese. Anos, no contexto latino-americano, de reajustes, de redefinições e de encruzilhadas, definidos pela transição de um ambiente sociocultural cerceado e conduzido por um Estado autoritário para uma circunstância em que se deveria constituir um Estado de Direito com novas relações, fundadas em “regras compartilhadas”, com a emergente sociedade civil. Anos em que se fragmentaram estratégias de resistência política e cultural, tornadas gradualmente mais tensionadas.

Palavras-chave: revistas culturais, exílio, intelectuais.

ABSTRACT

The second half of the Seventies was notoriously a time of acute political and cultural transformations not only in the international arena, but also in the context of Latin American transition to democracy. During the Seventies, many Latin American intellectuals were banished into exile. Through the analysis of three political and cultural journals, *Encontros com a Civilização Brasileira* (1978-1982), *Cuadernos de Marcha* in its second epoch (1979-1985) and *Controversia* (1979-1983), I develop the argument that the exile of a segment of the Latin American *intelligentsia*, within the context of the Cold War, in place of choke the democratic resistance off, directed the political ponderings of the contestatory intellectual field on a course of critical revision and reorganization of the political thought. The distinctive atmosphere of anxiety, bewilderment and agitation has favored, in specific circumstances, the accumulation of critical mass. I assume that the political and cultural journals had an indisputable significance within this context. Moreover, it played an important role, as structures of sociability, in the restoration of Latin American intellectual networks, coexisting with emerging tensions.

Keywords: cultural journals, exile, intellectuals.

LISTA DE FIGURAS

Figura I – Trecho de carta de Ênio Silveira para Evaristo de Moraes Filho, redigida no Rio de Janeiro, em 24 de fevereiro de 1986	72
Figura II – Ênio Silveira, por Eduardo Knapp	75
Figura III – Logotipo da Editora Civilização Brasileira criado por Marius Lauritzen Bern	76
Figura IV – Capa do primeiro número de <i>Encontros com a Civilização Brasileira</i> ..	78
Figura V – Capa do vigésimo segundo número de <i>Encontros com a Civilização Brasileira</i>	79
Figura VI – Carlos Quijano, por Ombú	84
Figura VII – Carta de divulgação do aparecimento da segunda época dos <i>Cuadernos de Marcha</i>	88
Figura VIII – Da esquerda para a direita: René Zavaleta, Pablo González Casanova, Julio Cortázar, Ariel Dorfman, Gabriel García Márquez, Jean Casimir, Carlos Quijano, Julio Scherer, Theotonio dos Santos. Morelos, México, agosto de 1980	89
Figura IX – A barca de Pompeu (logotipo de <i>Marcha</i>)	92
Figura X – Gravura de Luis Pollini, com motivo marítimo, estampada na segunda época dos <i>Cuadernos de Marcha</i>	94
Figura XI – Charge elaborada por Francisco Graells, o Pancho	102
Figura XII – Jorge Tula (<i>Página/12</i> , Buenos Aires, 31 de agosto de 2008)	104
Figura XIII – Imagem de José María “Pancho” Aricó, extraída do documentário “José Aricó”, de Rafael Filippelli, concluído em agosto de 1991	108
Figura XIV – O Quarteto Cédron, de músicos argentinos exilados/radicados na França, formado por Juan “Tata” Cedrón (violão e canto), Miguel Praino (viola), César Strocio (bandônion), e Jorge Sarraute (contrabaixo), desenhado pelo irmão de “Tata” Cédron, Alberto Cédron (capa do número 9-10 de <i>Controversia</i>)	109
Figura XV – Cerimônia comemorativa do sexagésimo aniversário da Revolução de Outubro, realizada em Moscou, no dia sete de novembro de 1977	123
Figura XVI – Caricatura de Lenin em <i>Controversia</i> , do ilustrador David Levine	125
Figura XVII – Caricatura de Gramsci em <i>Controversia</i> , do ilustrador David Levine	138
Figura XVIII – Capa da revista <i>Possibilities</i>	169

LISTA DE TABELAS

Tabela I – Conselho Consultivo de <i>Encontros com a Civilização Brasileira</i>	79
Tabela II – Conselho Editorial da segunda época dos <i>Cuadernos de Marcha</i>	95
Tabela III – Conselho de Redação de <i>Controversia</i>	110

LISTA DE SIGLAS

AGELA – Asociación General de Estudiantes Latinoamericanos
BBC – British Broadcasting Corporation
AFJU – Asociación de Funcionarios Judiciales del Uruguay
CAS – Comisión Argentina de Solidaridad
CEIPOS – Centro de Investigación y Posgrados en Ciencias Sociales
CEUAL A. C. – Centro de Estudios Uruguay – América Latina A. C.
CIA – Agência Central de Inteligência
CIDE A. C. – Centro de Investigación y Docencia Económicas A. C.
CIDH – Comissão Interamericana de Direitos Humanos
COSPA – Comité de Solidaridad con el Pueblo Argentino
DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos
EGP – Ejército Guerrillero del Pueblo
ELN – Ejército de Liberación Nacional
ERP – Ejército Revolucionario del Pueblo
FAP – Fuerzas Armadas Peronistas
FAR – Fuerzas Armadas Revolucionarias
FHCE – Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación
FEUU – Federación de Estudiantes Universitarios del Uruguay
FMLN – Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional
FLACSO – Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FSLN – Frente Sandinista de Liberación Nacional
GRISUR – Grupo de Información y Solidaridad con el Uruguay
IPS – Institute for Policy Studies
IGP - DI – Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna
IHTP – Instituto de História do Tempo Presente
ILET – Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales
INBA – Instituto Nacional de Bellas Artes
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
MSP – Movimiento Sindical Peronista
NCDC – National Climatic Data Center

OEA – Organização dos Estados Americanos
OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte
PCA – Partido Comunista da Argentina
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PCI – Partido Comunista Italiano
PCUS – Partido Comunista da União Soviética
PPS – Partido Popular Socialista
PRT – Partido Revolucionario de los Trabajadores
PSIUP – Partido Socialista Italiano di Unità Proletaria
PSOE – Partido Socialista Obrero Español
PT – Partido dos Trabalhadores
SADIL – Sección de Archivo y Documentación del Instituto de Letras
UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México
UdelaR – Universidad de la República

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Capítulo 1	
REVISTAS POLÍTICO-CULTURAIS COMO CIFRA DA HISTÓRIA INTELLECTUAL LATINO-AMERICANA	20
1.1 ONDE O DESVIO BUSCA ABRIGO: A REVISTA CULTURAL ENQUANTO USINA DA ATIVIDADE CRÍTICA	22
1.2 A HISTÓRIA INTELLECTUAL E O ESTUDO DAS REVISTAS	26
1.3 O PORTA-VOZ E O TIRANO: AS DUALIDADES DO INTÉRPRETE	34
1.4 ANACRONIA DELIBERADA CONTRA A PSEUDODOXIA	44
Capítulo 2	
<i>ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, CUADERNOS DE MARCHA (SEGUNDA ÉPOCA) E CONTROVERSIA: (GEO)GRAFIAS DE TRÊS FORMAÇÕES INTELLECTUAIS LATINO-AMERICANAS</i>	49
2.1 ESTRATOS DE UMA REVISTA DE CULTURA	49
2.2 PARA ALÉM DO DISCURSO VERBAL	55
2.3 <i>ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA (1978-1980): UMA “MENSAGEM DEIXADA NA GARRAFA”</i>	56
2.3.1 A SATURAÇÃO DE UMA ÉPOCA E O DESENCANTO DE UMA GERAÇÃO: ENTRE O DESBUNDE E O ADEUS À REVOLUÇÃO	62
2.4 <i>CUADERNOS DE MARCHA, SEGUNDA ÉPOCA (1979-1984): TUDO É COMEÇAR, TUDO É TRANSFORMAR</i>	82
2.5 <i>CONTROVERSIA. PARA EL EXÁMEN DE LA REALIDAD ARGENTINA (1979-1981)</i>	103

Capítulo 3

CONSTRUÇÃO DE HEGEMONIA POLÍTICO-CULTURAL NO CONTEXTO DA TRANSIÇÃO: NARRATIVAS SOBRE DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS EM <i>ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, CUADERNOS DE MARCHA</i> (SEGUNDA ÉPOCA) E <i>CONTROVERSIA</i>	113
---	-----

3.1 GRANDES RELATOS EM TENSÃO: OS NEXOS INCERTOS ENTRE DEMOCRACIA E SOCIALISMO	113
3.2 ADEUS LENIN: DA REVOLUÇÃO À DEMOCRACIA	124
3.3 DIREITOS HUMANOS: NOMINALISMO CRÍTICO <i>VERSUS</i> UNIVERSALISMO IDEOLÓGICO	139

Capítulo 4

“EL EXILIO, ENTRE LA NOSTALGIA Y LA CREACIÓN”: CRISE E RENOVAÇÃO DA ESQUERDA LATINO-AMERICANA NO EXÍLIO	157
--	-----

4.1 DA AGONIA DA RAZÃO MILITANTE À BUSCA DE UM NOVO PROJETO EMANCIPADOR	157
4.2 O <i>DESIDERATUM</i> DO MOMENTO: CONSENSO	164
4.3 NA CRISTA DE UMA NOVA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO TEMPO: DO “ESGOTAMENTO DAS ENERGIAS UTÓPICAS” AO FLORESCIMENTO DO APEGO ÀS “POSSIBILIDADES”	166
4.4 GRANDEZA E MISÉRIA DO INTELLECTUAL DEMIURGO: IDENTIDADES NA ENCRUZILHADA	179
4.5 AS AMBIVALÊNCIAS DO EXÍLIO LATINO-AMERICANO EM <i>ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, CUADERNOS DE MARCHA</i> (SEGUNDA ÉPOCA) E <i>CONTROVERSIA</i>	184
4.5.1 AS ARTIMANHAS DO DISCURSO CRÍTICO: A PROPAGAÇÃO DA HERESIA NO SILÊNCIO DA PROSCRIÇÃO	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS	201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES	206

Introdução

“En cuanto centro de elaboración y difusión ideológica, y de vinculación orgánica de extensos núcleos de intelectuales, la revista constituye una ‘institución cultural’ de primer orden y su importancia es cada vez mayor en la sociedad moderna.¹”

(José María Aricó)

Considerando a importância das revistas culturais para o estudo da história intelectual contemporânea da América Latina, tenho, nesta tese, o objetivo de cotejar três periódicos político-culturais latino-americanos, publicados entre o fim da década de 1970 e os primeiros anos da década de 1980, momento de inflexão na vida política e sociocultural do subcontinente: a revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, dirigida por Ênio Silveira, desde seu primeiro número, publicado em julho de 1978, até ao número final, publicado em janeiro de 1982; a segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, dirigida por Carlos Quijano, em seu exílio mexicano, e publicada ao longo de cinco anos consecutivos, de 1979 até 1984;² e a revista *Controversia* [Para el exámen de la realidad Argentina], dirigida por Jorge Tula e publicada, no México, entre 1979 e 1981, tendo reunido peronistas e socialistas exilados.

Todas essas três revistas circularam durante a denominada “transição democrática” e tiveram um vínculo expressivo com a cultura política da esquerda intelectual da América Latina, procurando intervir nos problemas que definiram os processos históricos em que foram publicadas. Cada qual à sua maneira, com um modo de narrar próprio, buscou promover uma revisão crítica das tradições dessa esquerda. Entendendo o periodismo

¹ ARICÓ, José María. Pasado y Presente. *Pasado y Presente*. Revista Trimestral de Ideología y Cultura, Córdoba, año I, nº 1, p. 9, abril/junio de 1963.

² O número 27, o último se não forem considerados os números publicados em homenagem a Carlos Quijano, saiu em julho de 1984, quando, no exílio, o diretor de *Marcha* morreu, aos oitenta e quatro anos de idade. No todo, tendo em conta esses números feitos em tributo, foram publicados 35 números (25 números individuais e 5 números duplos 17-18, 28-29, 30-31, 32-33, 34-35).

político-cultural como âmbito singular do que já foi designado como “prosa de ideas”,³ parto da hipótese de que essas três publicações construíram narrativas que, analisadas nas suas variadas dimensões, podem permitir a identificação, com diferentes matizes, nem sempre conciliáveis, de modos de resistir, cultural e politicamente, à desintegração de constelações discursivas dominantes na década de 1960, e podem revelar, igualmente, distintas estratégias adotadas para a formulação de novas conceitualizações teórico-críticas. A crise do “socialismo real”, o refluxo do “espírito da revolução” e o estilhaçamento dos sistemas de ideias globalizadores provocou, nesses anos, particularmente na América Latina, drásticas rupturas. Anos, poder-se-ia dizer, em que surgiram e se formaram novas representações, em que identidades e papéis foram reformulados: “Cruciales para la vida política, social y cultural que requirió de sus intelectuales un fuerte reajuste de sus roles e identidades constatable en las revistas del periodo.”⁴

Interessado na variedade de temas, na conjugação de métodos e nos referenciais teóricos da história intelectual e preocupado em abordar comparativamente o periodismo político-cultural da América Latina, utilizei, por uma parte, como critério de escolha das três revistas que constituem o objeto principal desta tese, o nexos ideológico que as uniu, o período em que foram publicadas e a diferença de nacionalidade de seus núcleos dirigentes. Por outra, com a exceção de *Controversia*, procurei escolher revistas que tivessem relação com formações intelectuais que estudei em outros momentos, como aquela reunida na *Revista Civilização Brasileira*⁵ e aquela outra agregada na primeira época dos *Cuadernos de*

³ ANGENOT, Marc. *La palabra panfletaria*. Contribución a la tipología de los discursos modernos. Inédito. Traduzido para o Centro de Estudios Avanzados por Liliana Tozzi. Universidad de Córdoba, 2003, mimeo. Angenot analisou formas discursivas e retóricas da modernidade e apresentou o “panfleto” como um dos principais suportes textuais por meio do qual ideias controversas eclodiram no campo cultural da França e de países francófonos. Conforme Angenot: “Esta obra se dedica a la descripción teórica de lo que se denomina comúnmente la ‘literatura de combate’. Se apoya sobre el examen de un corpus de textos polémicos, panfletos y sátiras, aparecidos en Francia y en los países de lengua francesa en la época moderna. Ese corpus se extiende *grosso modo* durante un siglo, desde la primavera de 1868 - cuando Henri Rochefort lanza contra el Segundo Imperio debilitado su candente *La Lanterne* - hasta la primavera de 1968, cuando los ‘Sucesos de mayo’ marcan también, ambigüamente, el final de una época y producen un intenso florecimiento de escritos polémicos.” Estender a terminologia que Angenot empregou para estudar formas discursivas da modernidade expressas pelo campo cultural francês ao contexto político-cultural latino-americano poderia redundar em anacronismo. Guardadas as diferenças, o uso deste conceito, todavia, poderá ser particularmente sugestivo para a análise dos periódicos de “resistência” e “intervenção” publicados na América Latina ao longo dos anos da redemocratização, nos quais o período em que circularam as revistas que integram este estudo, de 1978 a 1984, está inserido. Agradeço à Liliana Tozzi, docente e pesquisadora da Facultad de Lenguas, Secretaria de Ciencia y Tecnología, Universidad Nacional de Córdoba, responsável pela tradução do texto de Angenot para o espanhol, que gentilmente me cedeu o manuscrito ainda inédito.

⁴ PATIÑO, Roxana. Revistas literarias y culturales argentinas de los 80: usinas para pensar una época. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.insula.es/Articulos/INSULA%20715-716.htm>> Acesso em: 3 de abril de 2012.

⁵ PAULA COUTO, C. P. . *Revista Civilização Brasileira: a supremacia do intelectual engajado ou o império da história*. Florianópolis, 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.

Marcha.⁶ Por fim, considerando que “the study of the experience of exile can contribute to form a research agenda that emphasizes the transnational structure of political life in Latin America”,⁷ selecionei publicações editadas por setores intelectuais da América Latina direta ou indiretamente afetados pela perseguição política, pelo banimento e pelas rupturas e vínculos que surgiram desta ambígua experiência: o exílio político.

Porque instância crítica, a leitura das múltiplas narrativas que se encontram nas revistas permite ao historiador traçar a genealogia e o desenvolvimento de paradigmas políticos e de cânones culturais engendrados, ora nas alianças que se fortalecem como resultado da comunhão ideológica que a constituição de suas redes implica e como derivação de valores geracionais e de itinerários socioculturais compartilhados, ora nos confrontos e polêmicas que suas enunciações suscitam no meio intelectual. Claudia Gilman, em seu estudo sobre a inextricável relação dos escritores da geração do *boom* da literatura latino-americana com a política, lembra que as revistas político-culturais dos anos sessenta e setenta foram catalisadoras de ideias e propagadoras de polêmicas:

Los análisis sobre revistas del período que se han venido realizando en los últimos años expresan el hecho de que la revista político-cultural fue, en su tiempo, un soporte imprescindible para la constitución del escritor en intelectual, puesto que supuso la difusión de su palabra en una dimensión pública más amplia. También rubrican la hipótesis de que la polémica fue un discurso constituyente, dada la cantidad de polémicas en revistas y el hecho de que éstas se convirtieron en actores privilegiados que sirvieron para asegurar la difusión continental de sus ecos.⁸

As revistas produzem geografias reais e imaginárias. Por um lado, criam estruturas compostas por colaboradores permanentes, agrupados nos conselhos editoriais, e por redes locais e internacionais de colaboradores temporários. Por outro, erigem elos de vinculação com matrizes históricas de pensamento, reivindicando muitas vezes a função de herdeiras e perpetuadoras dessas matrizes. Rendendo tributo a tópicos fundadoras, enveredam com frequência em empresas revisionistas ou em polêmicas ao redor de “lugares de memória”,⁹

⁶ PAULA COUTO, C. P. . Cuadernos de Marcha (Primeira Época, Montevideu, 1967-1974): uma “trincheira de ideias” desde o Uruguai para o mundo. Florianópolis, 2008, 128p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

⁷ “o estudo da experiência do exílio pode contribuir para formar uma agenda de pesquisa que enfatize a estrutura transnacional da vida política latino-americana.” (tradução minha) GRENN, James N. & RONIGER, Luis. Concluding remarks. Exile and the setting of future research agendas. *Latin American Perspectives*, issue 155, v. 34, nº 4, p. 108, July 2007.

⁸ GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003, p. 22.

⁹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, nº 10, p. 12, 1993.

para desafiar as narrativas oficiais e legitimar um projeto de caráter estético ou político. Essas empresas revisionistas agenciam a formação de “tradições seletivas”,¹⁰ isto é, de versões do passado que sejam capazes de dar suporte simbólico a práticas e posições de poder que vigoram no presente. Não se deve supor, porém, que essa vinculação seja, sempre e necessariamente, apresentada em registro conservador. Muito pelo contrário, as revistas, amiúde, procuram apresentar-se, soberba e pretensamente, como progressistas, reclamando uma exclusiva função modernizante.

Seguindo o modelo metodológico que Alexandra Pita González empregou em sua tese sobre *Renovación*,¹¹ periódico bonaerense que circulou na Argentina na segunda década do século XX, é possível desenhar uma cartografia das redes intelectuais criadas pelas três revistas que compõem esta tese. Busquei, portanto, referenciar a composição dos elencos humanos de cada um dos grupos que formaram essas revistas de cultura. Publicações de intelectuais para intelectuais, imersas no terreno discursivo da pouco homogênea esquerda latino-americana, particularmente da brasileira, argentina, uruguaia e, em virtude do exílio, mexicana, no solo movediço de uma esfera pública progressivamente midiaticizada e sobreinformada, procuraram irrigar com proposições teórico-políticas o meio intelectual contestatário, comprometido com projetos de transformação social.

Por dividirem essa intenção, as revistas de esquerda que circularam na América Latina no contexto das ditaduras, como *Encontros com a Civilização Brasileira*, *Controversia* e a segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, formaram “redes intelectuais” de solidariedade e resistência democrática. A existência dessas redes explica o convencional fluxo de colaborações entre os periódicos, o que estimulou a contribuição de ensaístas identificados com uma revista em outras publicações, como neste fragmento escrito por Eduardo Galeano, em que o escritor uruguaio denunciou, nas páginas de *Encontros com a Civilização Brasileira*, as violências contra *Marcha*:

El régimen duerme con un sólo ojo. El presente es peligroso y el pasado también. La dictadura no se limitó a clausurar el semanario “Marcha”, el periódico más prestigioso de cuantos se han publicado en América Latina. No se limitó a encarcelar o empujar al exilio a sus periodistas. No se limitó a “desaparecer” al redactor responsable, Julio Castro. Además, por si esto fuera poco, los archivos y las colecciones de “Marcha” fueron enviados a la

¹⁰ WILLIAMS apud SARLO, 1979, p. 12.

¹¹ GONZÁLEZ, Alexandra Pita. *La Unión Latino Americana y el boletín Renovación. Redes intelectuales y revistas culturales en la década de 1920*. México: El Colegio de México/Universidad de Colima, 2009.

hoguera. En las bibliotecas públicas no se puede leer los diarios y revistas publicados en los veinticinco años anteriores al golpe de estado.¹²

A formação de uma consciência crítica latino-americana constituiu um dos propósitos mais importantes dos *Cuadernos de Marcha*, em todos os momentos em que a publicação foi editada. A primeira época dos *Cuadernos*, que circulou quando o periódico ainda era publicado em seu país de origem, o Uruguai, poderá ter albergado o espaço crítico mais importante do subcontinente, como nota Mirian Pino:

Un aspecto que llama la atención es la importancia que adquiere en Uruguay antes del golpe de Estado el aporte de los cuadernos de *Marcha*, allí se conjugó la crítica más importante del continente, no solamente uruguaya; así, la publicación se constituye en un ejemplo fundamental de lo que Eduardo Devés define como *redes intelectuales*, vía de estudio que permite comprender de modo más ecléctico la unidad heterogénea del pensamiento continental.¹³

Ora, o que poderia significar essa inusitada “unidad heterogénea”? Certamente, o emprego emparelhado desses dois vocábulos contrastantes provoca estranhamento, porque presume uma ideia paradoxal, ou seja, a presença do diverso no interior do uniforme. Mas, se a insólita combinação terminológica deixa de ser apenas uma associação inesperada de vocábulos e passa a ser, depois de abstraída de seu referencial semântico mais evidente e situada no contexto de circulação das revistas publicadas na América Latina dos anos sessenta e começo dos anos setenta, uma sugestão extremamente oportuna. Essa uniformidade no diverso é facilmente identificada na consonância axiológica dos projetos políticos dessas publicações. Ainda que *Mundo Nuevo* (1966-1971), a polêmica revista subvencionada pela Fundação Ford e dirigida nos dois primeiros anos em que circulou pelo crítico uruguaio dissidente do grupo de *Marcha*, Emir Rodríguez Monegal, tenha representado uma ruptura na rede latino-americana de revistas dessa época, uma tonalidade dissonante no concerto do periodismo político-cultural do subcontinente, o que predominou foi o consenso programático. No dissenso contra construções ideológicas e contra a aceitação irrestrita do existente, quase todas consentiam. De que consenso se está a tratar? Daquele construído sob a rubrica da resistência, inserido nas fronteiras do que se poderia definir como “literatura de combate”.¹⁴ Seria insensato, porém, inferir que essa suspeitosa unidade foi niveladora. Será por isso mesmo que Pino se refere a ela como uma “unidad heterogénea”. Um dos objetivos

¹² GALEANO, Eduardo. En el reino del revés el sol sale a medianoche. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 2, p. 141, agosto de 1978.

¹³ PINO, Mirian. Hacia una configuración de los corpus de postgolpes en el cono sur. *Revista Universum*, Universidad de Talca, año XV, p. 238, 2000. (grifos no original)

¹⁴ ANGENOT, op. cit.

desta tese é, por conseguinte, verificar em que se aproximam e em que se diferenciam os projetos das três publicações cotejadas. O fim da década de 1970 e o princípio da década de 1980, ao contrário do contexto em que circularam a primeira época dos *Cuadernos de Marcha* (1967-1974) e *Mundo Nuevo*, torna, em parte, inoperante a insólita associação de vocábulos sugerida por Pino para entender a atuação das redes intelectuais latino-americanas. O equilíbrio entre as duas extremidades da inusitada combinação será insistentemente perturbado, e a balança penderá mais para a heterogeneidade. Velhas estratégias de resistência entrarão em confronto, enquanto novas emergirão para disputar espaço.

Como quer que seja, Carlos Quijano e o grupo de *Marcha* levaram muito tempo para tecer a “rede” que concatenava suas ideias. Da fundação do semanário *Marcha* em 1939 até ao surgimento da primeira época dos *Cuadernos*, transcorreram vinte e sete anos. No verão de 1974, quando o agravamento da tensão política provocado pelo golpe de Estado de Bordaberry causou a detenção, em 9 de fevereiro, de Carlos Quijano, de Julio Castro e de outros colaboradores do grupo de *Marcha*, toda a “rede” que havia sido cuidadosamente trançada ao longo de décadas foi desmanchada e o resultado foi o violento empastelamento de *Marcha* e dos seus *Cuadernos*. O rumor das máquinas tipográficas da sede localizada no centro histórico de Montevideu silenciara. Com pavorosa brutalidade, sobreveio a diáspora:

La dictadura que ocasionó el cierre de *Marcha* y la diáspora de Carlos Quijano, Real de Azúa, Martínez Moreno, Eduardo Galeano, Angel Rama, Juan Carlos Onetti, entre otros, trajo aparejado el vacío de un conjunto de intelectuales que religaron su postura con la noción de América Latina como Patria Grande.¹⁵

A diáspora desses intelectuais foi um evento disruptivo, mas não irreversivelmente desagregador.¹⁶ Deixando Montevideu no dia 31 de outubro de 1975, Quijano passou por Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, no dia 3 de novembro, de onde seguiu para Paso de los Libres, na Argentina, chegando em Buenos Aires dois dias depois, para finalmente continuar a viagem até ao México, a tempo de participar, como convidado, entre os dias 24 e 29 de novembro, em Oaxtepec, estado de Morelos, do Colóquio América Latina – Estados Unidos, organizado pelo Centro de Investigación y Docencia Económicas A. C. (CIDE A. C.), do

¹⁵ PINO, loc. cit.

¹⁶ Sem a exclusão de contrastes, o uso do conceito de diáspora aparece, nesta tese, em conformidade com um dos atributos que Robin Cohen reconheceu na caracterização que fez desse conceito: “The possibility of a distinctive yet creative and enriching life in host countries with a tolerance for pluralism.” COHEN, Robin. *Diasporas and the Nation-State: from Victims to Challengers*. In: COHEN, Robin; VERTOVEC, Steven. (eds.). *Migration, Diasporas and Transnationalism*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 1999. p. 274. “A possibilidade de uma vida diferente, mas nem por isso menos criativa e enriquecedora, nos países de acolhimento, com uma tolerância ao pluralismo.” (tradução minha)

México, e pelo Institute for Policy Studies (IPS), de Washington D. C.. Com a cunha de amigos, como René Zavaleta Mercado, sociólogo e filósofo marxista boliviano, e Pablo Gonzáles Casanova, sociólogo mexicano, Quijano recebeu um posto de professor e pesquisador na Facultad de Ciencias Políticas y Sociales da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), a convite de Julio del Río Reynaga, jornalista e professor universitário, então diretor dessa instituição.¹⁷ Em carta para René Zavaleta Mercado, redigida ainda em Montevideu, nos últimos dias de maio de 1975, esboça, em “grandes trazos”, o possível objetivo do curso em forma de conferências que planejava ministrar na UNAM: “Trataría de mostrar a través de él la crisis del capitalismo y la del viejo imperialismo. Más allá la crisis de una civilización. Las civilizaciones también son mortales. Ya lo decía Valery.¹⁸”

Real de Azúa, exonerado de sua cátedra na universidade, ficou em Montevideu. Galeano cruzou o estuário do Prata, dirigindo-se para Buenos Aires, e, depois, quando a ditadura se instalou também na Argentina, seguiu para a Espanha, para retornar ao Uruguai em 1985. Ángel Rama foi surpreendido pela notícia do golpe de Estado quando estava na Venezuela. Em Caracas, o crítico uruguaio participou da fundação da Biblioteca Ayacucho. Permaneceu exilado até 1983, quando, junto com sua esposa, a crítica de arte Marta Traba, desapareceu em um acidente aéreo nas cercanias de Madrid. Onetti exilou-se primeiro na Argentina e depois na Espanha, de onde não mais regressou. Muitos dos seus manuscritos retornaram a Montevideu há poucos anos. A segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, publicada pelo Centro de Estudios Uruguay – América Latina A. C. (CEUAL A. C.), fundado por Quijano, em Coyoacán, durante o seu exílio no México, objetivou a perpetuação extraterritorial do projeto político e cultural do semanário *Marcha* e dos seus *Cuadernos*: “La publicación periódica continuará, en cuanto a su orientación y contenido, la tradición de los *Cuadernos de Marcha*.¹⁹” Se, por um lado, Quijano teve que se separar de seus confrades, por outro, quando voltou a publicar os *Cuadernos* no México, conseguiu reunir antigos

¹⁷ Escapando da barbárie, provenientes de diversos países da América Latina, destacados intelectuais dedicados ao estudo das ciências sociais foram recebidos por instituições acadêmicas mexicanas. As ciências sociais passaram a representar um espaço de enorme importância para a análise da “problemática” latino-americana, como atestam conferências e cursos realizados nessa época. Entre os intelectuais que o México recebeu, encontram-se: Clodomiro Almeida, Sergio Bagú, Fernando Araujo, José María Bulnes, Antonio Cavalla, Jorge Calvimontes, Susy Castor, Armando Cassigoli, Agustín Cueva, Ricardo Fenner, Pío García, Ana Goutman, Mario Guzmán Galarza, Cayetano Llobet, Gerard Pierre Charles, Rodolfo Puiggrós, Juan Carlos Marín, Ruy Mauro Marini, Carlos Martínez Moreno, Rafael Menjovar, Gregorio Selser, Eduardo Ruiz Contardo, Mario Salazar Valiente, Severo de Salles, Máximo Simpson, Hernán Uribe, Carlos Morales, Atilio Borón e Jorge Turner. COLMENERO, Sergio. *Historia, presencia y conciencia*: Facultad de Ciencias Políticas y Sociales 1951-1991. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 1991, p. 135.

¹⁸ NUESTRA modesta peripecia. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, nº 32-33, p. 12, abril/mayo de 1985.

¹⁹ Ver Figura VII.

colaboradores. O primeiro número, emblematicamente intitulado “Uruguay – Encierro, destierro o entierro”, trouxe as colaborações de Arturo Ardao, Carlos Martínez Moreno, Juan Carlos Onetti, Eduardo Galeano, Mario Benedetti, Ángel Rama, Hector Borrat e outros.

Da mesma forma que a revista *Encontros com a Civilização Brasileira* e a segunda época dos *Cuadernos de Marcha* relacionam-se com o conceito que Raymond Williams designou como “formação intelectual”, *Controversia* também pode ser identificada com o campo semântico desse conceito, uma vez que, para o sociólogo da cultura, “as formações constituem movimentos e tendências efetivos na vida intelectual e artística, tendo influência decisiva no desenvolvimento ativo da cultura, relacionando-se variável e obliquamente com as instituições formais”.²⁰ Assim como as publicações de Ênio Silveira e de Carlos Quijano representaram a perpetuação de uma empresa editorial, *Controversia* inseriu-se, igualmente, no interior de um empreendimento cultural portador de uma tradição, tendo como predecessora a revista *Pasado y Presente* em suas duas fases, a de Córdoba, que circulou entre os anos de 1963 e 1965, e a de Buenos Aires, que circulou entre 1971 e 1973. O cerne dessa empresa cultural foi formado pelo grupo de *Pasado y Presente*, uma remissão aos “Quaderni del carcere”, de Gramsci, principal referência do grupo, cujas figuras mais importantes foram: José Aricó, Oscar del Barco, Héctor Schmucler e Juan Carlos Portantiero. Exilados no México, Aricó, Portantiero e os barulhentos gramscianos de Córdoba, a “Turim argentina”, nos termos de Aricó, criaram ainda um Grupo de Discusión Socialista (GDS), que se encontrava regularmente no café da Livraria Gandhi.²¹

Afluíram para *Controversia* duas vertentes políticas da esquerda argentina da década de 1970: a marxista de extração gramsciana e a peronista. Seu programa propunha uma reflexão crítica e um balanço da conjuntura política da Argentina do fim dos anos setenta e início dos anos oitenta. O projeto político de *Controversia* sustentava ideias que pudessem cimentar um horizonte teórico e prático para a esquerda argentina. Os intelectuais gramscianos agrupados em *Controversia* perseguiram, pois, caminhos alternativos para o socialismo latino-americano, coerentes com a sensibilidade²² política fortalecida no

²⁰ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. (Trad. Waltensir Dutra). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979, p. 120.

²¹ LANZARO, Jorge. Juan Carlos Portantiero (1934-2007). *Revista Uruguaya de Ciencia Política*, Montevideo, v. 16, nº 1, p. 11, diciembre de 2007.

²² O historiador chileno Eduardo Devés define a sensibilidade como o estado de ânimo compartilhado pelas pessoas de uma época. Tanto no terreno da análise de Devés, como no espaço em que se circunscreve minha proposta de estudo, o conceito de sensibilidade aparece associado sempre a grupos de intelectuais e surge também vinculado às redes de sociabilidade formadas por esses intelectuais e às instâncias de consagração que favoreceram a repercussão de suas ideias, principalmente às revistas político-culturais, em cujos manifestos e

pensamento de esquerda da América Latina no decorrer do breve arco de tempo que delimita o objeto desta tese, sensibilidade que derivou ao mesmo tempo do sufocamento dos movimentos guerrilheiros e do esgotamento dos regimes ditatoriais do subcontinente, já renunciado na orientação da política externa de Jimmy Carter e nos anúncios de transição que se esboçavam na política interna conduzida pelos militares: por um lado, seguiram a rota da crítica à luta armada e à sua teorização, e, por outro, orientaram-se em direção a postulados democráticos:

Bajo estas referencias que funcionan como una guía para la exploración de caminos alternativos para el socialismo latinoamericano, los socialistas agrupados en *Controversia* intentaban colocarse como el polo modernizador de un socialismo renovado y democrático.²³

As três revistas que são a primeira fonte desta tese compõem uma espécie de “trilogia latino-americana”, cujo elo que encadeia suas narrativas e seus projetos editoriais se estabelece não apenas por meio do nódulo temático formado pelos pressupostos ideológicos que preconizaram, pela defesa de um socialismo democrático e pela reflexão sobre a “questão nacional”, como, sobretudo, pela biografia política e intelectual de seus diretores e principais colaboradores. Há, sem exclusão de peculiaridades, uma prosopografia compartilhada. O principal público receptor dessa “trilogia latino-americana” encontrava-se nos setores médios urbanos. O território de enunciação que ocuparam foi o do debate teórico e de certa forma o do discurso predominantemente de extração marxista. O processo de ressignificação do conceito de democracia alcançou, também, como se verá, relevância nos debates que se difundiram nessas publicações.

Um segmento das revistas publicadas no Brasil nesse momento de transição pode ser classificado, de acordo com a sugestão de Maria Lucia de Barros Camargo, como de “resistência” ou de “dissidência” à ditadura.²⁴ *Encontros com a Civilização Brasileira* foi uma dessas revistas, e, em virtude de alguns fatores analisados ao longo desta tese, especialmente dos deslocamentos que afetaram, no Brasil, a noção de “resistência”, no decorrer da década de

linhas de conduta estão consubstanciadas as suas visões de mundo, em última análise, as suas sensibilidades, ora expressas nas suas percepções estéticas, ora nas suas concepções políticas. DEVÈS, Eduardo. *Pensadores chilenos en el debate de fin de siglo*. Instituto de Estudios Avanzados, Universidad de Santiago de Chile, Chile, 1999, p. 19.

²³ CASCO, José Maria. Cultura, modernización y democracia: Max Weber en la obra de los sociólogos intelectuales de la transición a la democracia en Argentina. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www.iigg.fsoc.uba.ar/jovenes_investigadores/4jornadasjovenes/EJES/Eje%205%20Politica%20Ideologia%20Discurso/Ponencias/CASCO%20Jose%20Maria.pdf. Arquivo consultado em 22 de setembro de 2008.

²⁴ CAMARGO, M. L. B. . Resistência e crítica. Revistas culturais brasileiras nos tempos da ditadura. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. LXX, nº 208-209, pp. 891-913, 2004.

1970, essa publicação dirigida por Ênio Silveira amargou o confinamento ideológico, traduzido na baixa amplitude do projeto nacional-populista que tencionou promover, mesmo projeto cuja difusão na década de 1960 garantiu a entusiástica recepção da *Revista Civilização Brasileira* (1965-1968), predecessora de *Encontros*.

Produtoras de clivagens e de nexos ideológicos, essas publicações foram redutos de comunidades políticas de intelectuais aos quais Oscar Terán denominou genericamente “contestatários”, “críticos” ou “denuncialistas”.²⁵ Foram, sem dúvida, publicações que produziram textos de intervenção direta nas polêmicas de seu tempo, com o objetivo prioritário de criar um horizonte teórico que pudesse servir de referente ao pensamento e à ação em um momento de desestruturação axiológica. Tão sofisticados quanto radicais, alguns dos postulados que fizeram parte dos discursos dessas três publicações já estavam presentes em suas precursoras da década de 1960.

Tenciono analisar conteúdos e fatos de opinião que foram veiculados por essas publicações, na tentativa de criar uma narrativa histórica sobre a relação desses “objetos discursivos” com movimentos e tendências da vida intelectual em que se difundiram, isto é, o âmbito do exílio mexicano e o contexto brasileiro da transição democrática, relação, essa, de influências recíprocas e muitas vezes oblíquas, cuja síntese e tensão engendraram o desenvolvimento ativo da emergente cultura política argentina, uruguaia e brasileira e a reconfiguração de seus espaços culturais. Assim, busco fazer uma análise entrecruzada ou comparada dessas revistas, identificando aproximações, distanciamentos, intersecções, transdiscursividades²⁶ e fronteiras, quer permeáveis, quer intransponíveis.²⁷

Pode-se afirmar que a abordagem teórica deste estudo situa-se na intersecção de um conjunto de horizontes interdisciplinares e heterogêneos que abarca a história política renovada, a história intelectual, a teoria da literatura e a sociologia da cultura. A pluralidade de enfoques teóricos que daí deriva vai ao encontro de uma renovação no pensamento historiográfico que contesta a ideia de um saber privilegiado capaz de proporcionar um

²⁵ TERÁN, Oscar. *Nuestros años sesentas*. La formación de la nueva izquierda argentina (1956-1966). Buenos Aires: Ediciones el Cielo por Asalto, 3ª ed., 1993, p. 11.

²⁶ Citando as considerações de Foucault sobre o “autor”, Renata Farias de Felipe e Marta Inês Arábia definem a transdiscursividade como “a capacidade que um *texto* tem de produzir possibilidades e regras de formação de outros textos.” Foucault refere-se à transdiscursividade como propriedade dos “discursos fundadores”. ARÁBIA, Marta Inês; de FELIPPE, Renata Farias. Uma travessia de discursos e de afetos: sobre as Cartas portuguesas. *Outra Travessia*, nº 6, Ilha de Santa Catarina, p. 170, 2007.

²⁷ Seguindo a sugestão de Marc Angenot, entendo a ‘prosa de ideias’ presente nas três revistas que analiso como “un espacio abierto a las transacciones intertextuales”. ANGENOT, op. cit.

discurso científico unitário e indefectível, como Carlos Altamirano expressa, evocando as provocações de Bronislaw Baczko:

Pode-se dizer, por exemplo, como faz Bronislaw Baczko, que o tempo da ortodoxia caducou e que assim se abre, “afortunadamente”, uma nova época, “a época das heresias ecléticas”. Contudo, quer a celebremos, quer a imaginemos apenas como um estado provisório que está em busca de um paradigma ou de uma nova síntese, o fato é que não se pode ignorar essa pluralidade de enfoques teóricos, de recortes temáticos e de estratégias de investigação que animam hoje as disciplinas relativas ao mundo histórico e social, entre as quais a História intelectual.²⁸

Em resenha sobre “Mundo Nuevo. Cultura y Guerra Fría en la década del 60”, livro de María Eugenia Mudrovcic²⁹ dedicado ao estudo da polêmica revista vinculada ao pensamento liberal e dirigida, em sua época parisiense, pelo crítico uruguaio Emir Rodríguez Monegal, e aplicado à análise da participação de *Mundo Nuevo* na Guerra Fria cultural que travou o Congresso pela Liberdade da Cultura, versão estadunidense de instituição AgitProp, Kristine Vanden Berghe, então pesquisadora da Universidade de Louvain, ao introduzir sua análise, situa o instigante livro de Mudrovcic dentro de uma corrente de estudos sobre revistas literárias (culturais) que, na década de 1990, preenchendo lacunas, surgia e institucionalizava-se:

En 1986, al publicar su investigación sobre la revista argentina *Sur*, John King llamó la atención sobre la escasez de estudios sobre revistas literarias: “There have been no substantial accounts written of literary magazines in Latin America.” Es como si este diagnóstico hubiera despertado a sacudidas a la comunidad académica, ya que desde entonces numerosos interesados en la literatura latinoamericana han orientado su atención hacia el discurso social en que se mueve la producción literaria y, más específicamente, hacia los metadiscursos que le dieron su reconocimiento en periódicos y revistas. Varios coloquios internacionales sobre revistas (Fell y otros 1990, 1992, 1996), la creación de una red internacional de interesados en la prensa con sede en México (1999, Universidad de Guadalajara) y la constitución de un grupo de trabajo sobre revistas en la Universidad de Lovaina (Lie 1996, Rodríguez Carranza 1991, Vanden Berghe 1997, Vandorpe 1997) son sendos indicios de este nuevo interés. A su vez, el libro de María Eugenia Mudrovcic sobre la revista parisina-bonaerense *Mundo Nuevo* (1966-1971) también entra en esta nueva corriente de estudios.³⁰

Como fonte de pesquisa científica, as revistas trazem um problema metodológico. Talvez não apenas um problema, mas diversos. Vale chamar a atenção para o que, com

²⁸ ALTAMIRANO, Carlos. Idéias para um programa de história intelectual. *Tempo Social*, São Paulo, v. 19, nº 1, pp. 9-10, junho de 2007.

²⁹ MUDROVCIC, María Eugenia. *Mundo Nuevo. Cultura y Guerra Fría en la década del 60*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1997.

³⁰ VANDEN BERGHE, Kristine. La guerra fria en la América Latina: de la cultura a los estudios culturales. *Foro Hispánico 19*. En torno al teatro breve. Amsterdam: Rodopi B. V. Editions, p. 117, 2001.

frequência, deixa o pesquisador de revistas e jornais com dificuldades para delimitar um objeto dentro de uma gama tão grande de possibilidades. Trata-se do problema de direcionamento, já que à primeira vista os temas se apresentam dispersos e diluídos. Muitas vezes é difícil isolar os fundamentos temáticos que estruturam as revistas, pois eles proliferam em um sem-número de motivos livres, de alusões deambulantes, de sugestões que voltam e se repetem. Para deslindar o emaranhado de informações esparsas que circulam em revistas, é fundamental procurar aquilo que está difuso em todo o seu tecido conjuntivo e perceber os elos e rachaduras que existem nas camadas do vasto *corpus* que as compõe e ao mesmo tempo não ignorar suas relações com o contexto.

Roger Chartier rompe o obstáculo, quando propõe a homogeneização dos elementos que (in)formam essas textualidades, dando-lhes uma relativa unidade: “se pensarmos em artigos de revistas e de jornais, o sentido está contaminado, por assim dizer, por outros artigos publicados no mesmo número e, de imediato, se pode perceber o projeto intelectual e político da publicação.³¹” Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano fizeram considerações que vão ao encontro do que foi expressado por Chartier, mas aquilo que aparece limitado ao território literário nas observações da crítica e do sociólogo argentino poderia ser estendido ao terreno cultural como um todo, e ainda poderia ser remetido ao âmbito das diatribes políticas. Conforme Sarlo e Altamirano, o projeto de uma revista define uma identidade:

Toda revista inclui certa classe de escritos (declarações, manifestos, etc.) em torno dos quais procura criar vínculos e solidariedades estáveis, definindo no interior do campo intelectual um “nós” e um “eles”, como queira que isto se enuncie. Ético ou estético, teórico ou político, o círculo que uma revista traça para assinalar o lugar que ocupa ou aspira ocupar marca a tomada de distância, mais ou menos polêmica, com relação a outras posições incluídas no território literário.³²

Em análise da revista *Critique*, desde a sua fundação em 1946 por Georges Bataille até ao ano de 1996, quando Jean Piel, que a dirigia desde 1962, morreu, a pesquisadora Sylvie Patron³³ sustentou, em chave bourdieusiana, que as revistas conformam um “campo”, um sistema de relações sociais que possui uma lógica particular condicionadora da sua evolução. Nas brechas desse “campo”, a publicação de um artigo, a manifestação de uma preferência ou de um sobranceiro desdém e a tomada de uma posição política refletem uma estratégia. Quer

³¹ CHARTIER, Roger. Internet sim, mas, antes de tudo, a palavra viva. *Zero Hora* (Caderno de Cultura), Porto Alegre, 30 de agosto de 2003, pp. 4-5. Entrevista concedida a Cíntia Moscovich.

³² SARLO; ALTAMIRANO, 1983 apud DIAS, 2001, p. 7. (tradução da autora)

³³ PATRON, Sylvie. *Critique (1946-1996): Une encyclopédie de l'esprit moderne*. Paris: IMEC Éditions, 1999, p. 7.

a definam como projeto, quer a designem como estratégia, a conduta editorial de uma revista é o que mais lhe confere identidade.

Estudar os periódicos é uma oportunidade ótima de conhecer, por meio do entendimento de seus programas, ora explícitos, ora subliminares, como as formações intelectuais que os animaram, unidas em comunidades de interesse, confrontavam as questões de seu tempo, agindo para sustentar, reformular ou questionar convenções. Além disso, o mapeamento desse tipo de produção pode permitir a elaboração de uma história do pensamento, acompanhando as transformações no campo da literatura, da cultura, das ideias e a mobilidade de valores (a formação e a demolição de valores do cânone político e cultural). Para Raymond Williams:

[...] as revistas e suplementos literários e culturais constituem, sem dúvida, importante espaço de circulação de discursos que nos permitem ler/escrever não apenas uma história da literatura, mas também uma história da cultura, das idéias, da mobilidade de valores e de critérios críticos e estéticos.³⁴

A historiadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, Monica Pimenta Velloso, que se dedica à pesquisa sobre o pensamento social brasileiro, observou que as revistas, embora ainda pouco visitadas pelos pesquisadores dedicados à história cultural, têm recebido maior atenção da produção historiográfica brasileira. Reportando-se às contribuições da Escola dos *Annales* para a crítica da noção positivista de documento e à reformulação da atitude epistemológica que lhe foi decorrente, Pimenta Velloso percebe no estudo das revistas a possibilidade de se entender as estruturas de sensibilidade e a historicidade do contexto social em que foram publicadas:

A reflexão sobre as revistas vem ocupando espaço significativo na produção historiográfica brasileira, mostrando-se, no entanto, ainda lacunar no campo da história cultural. Entender como as pessoas liam, construíam e transmitiam significados, através da imprensa, é entender a sensibilidade e historicidade de uma época. Ao ampliar-se a própria idéia de documento, ampliaram-se os usos a ele atribuídos.³⁵

A pesquisa que realizou Sílvia Cezar Miskulin sobre *Lunes de Revolución* (1959-1961), suplemento cultural que apareceu em Cuba após o triunfo dos guerrilheiros de Sierra Maestra, é de grande importância como orientação metodológica para esta tese. Ao analisar o percurso de *Lunes*, a historiadora mostrou as contradições e conflitos existentes entre *Lunes*, demais setores de intelectuais e o governo cubano, que desembocaram no fechamento da

³⁴ WILLIAMS apud CAMARGO, 1993, p. 6.

³⁵ VELLOSO, M. P. . As modernas sensibilidades brasileiras. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://nuevomundo.revues.org/index1500.html>> Acesso em: 23 de setembro de 2008.

publicação. A pesquisa de Miskulin inscreveu-se em uma perspectiva de análise da história da imprensa que tem no estudo conjunto das historiadoras Maria Lígia Coelho Prado e Maria Helena Rolim Capelato sobre a ideologia liberal do jornal *O Estado de São Paulo* sua principal referência metodológica. Segundo Miskulin, o estudo de Prado e Capelato abriu novas perspectivas na historiografia, desenvolvendo uma área de pesquisa da história da imprensa que utiliza o periódico como fonte principal de investigação.³⁶

A utilização de periódicos como fonte documental é de interesse especial para a historiografia, porque, assim como a imprensa de modo geral, os periódicos não se localizam em um nível isolado da realidade político-social na qual estão inscritos e constituem um instrumento poderoso de manipulação de interesses e de intervenção na vida social.³⁷ Fundamentada nesses pressupostos teórico-metodológicos, Miskulin procurou compreender as propostas de *Lunes* para a formação de uma política cultural e buscou, ainda, examinar a intervenção da publicação no contexto social da Revolução Cubana, frisando que “os intelectuais que participaram de *Lunes* foram analisados na qualidade de agentes que elaboraram e intervieram no momento de conformação desta política cultural”.³⁸

Com o objetivo de reconhecer as principais vertentes de estudos sobre a imprensa que apareceram no âmbito da historiografia brasileira e de excursar acerca dos enfoques teórico-metodológicos surgidos na esteira da renovação historiográfica das três últimas décadas, com ênfase na história política e cultural, o livro organizado por Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, Marcos Morel e Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira, *História e imprensa*,³⁹ situa-se no âmago do redimensionamento da imprensa como fonte documental. As novas abordagens e diretrizes de análise deixaram de considerar a imprensa um simples “veículo” de ideias ou forças sociais subordinadas à infraestrutura socioeconômica. Os estudos recentes concebem-na como um espaço de memórias de um tempo, como um agente histórico que intervém nos processos e eventos dinamizadores da sociedade.

Se as revistas aglutinam partidários e despertam simpatias, também delimitam fronteiras infranqueáveis e provocam melindres. Quer dizer, sua eclosão na esfera pública pressupõe dois movimentos contrários, que refletem as rachaduras e divisões do meio intelectual: o primeiro de integração e o segundo de desagregação. Por um lado, a fundação

³⁶ MISKULIN, S. C. . *Cultura ilhada: imprensa e revolução cubana, (1959-1961)*. (Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado). São Paulo: Xamã, 2003, p. 20.

³⁷ CAPELATO; PRADO, 1980 apud MISKULIN, loc. cit.

³⁸ MISKULIN, op. cit., p. 21.

³⁹ NEVES, Lúcia M. Bastos P. (et al.) (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Faperj/DPAed, 2006.

de uma revista provém da coordenação de interesses de um grupo; seu editor, seus colaboradores permanentes e circunstanciais formam uma confraria ou um tipo de *comitatus*, se os seus vínculos de lealdade são levados em consideração. Toda revista nasce da cumplicidade e da comunhão ideológica de seus fundadores. Surge, parafraseando Sirinelli, da confluência de “itinerários”: lugar de encontros, “[...] la revue est à l’intersection de trajectoires sociales et intellectuelles”.⁴⁰ Por outro, ao formar um grupo unido pela comunhão de ideias e de visão do mundo, as revistas produzem uma concomitante segregação. Espaço de sociabilidade, a revista pode ser um reduto de consagração e legitimação, mas, também, de banimento. Por fim, devem ser lembradas, ainda, as suas dissidências e defecções. Assim, o estudo das revistas, de acordo com a proposição consignada por Sirinelli, pode percorrer duas dimensões: a da convergência de itinerários e a dos previsíveis ostracismos e rupturas:

As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são, aliás, um lugar precioso para a análise do movimento das idéias. Em suma, uma revista é, antes de tudo, um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nessa dupla dimensão.⁴¹

Na fundação das revistas, os elos de geração cumprem, também, um papel importantíssimo. Poderia dizer que, por ventura, o nascimento e o desenvolvimento de uma revista assinalam a emergência de uma geração. Penso, aqui, no conceito de “geração intelectual” desenvolvido por Sirinelli, para quem o que define uma geração não é somente a idade: “Les générations intellectuelles, en effet, sont, par essence, multiformes, élastiques et touffues.”⁴² Seja prosaico, seja impactante, um evento vivido com igual intensidade por um coletivo multietário de indivíduos pode gerar uma geração. Assim, uma crise, uma revolução, uma guerra e a fundação de uma revista podem provocar o aparecimento de gerações, diferenciando coetâneos ou aproximando grupos multietários.⁴³

⁴⁰ “[...] a revista é a interseção de trajetórias sociais e intelectuais.” (tradução minha) SIRINELLI apud PLUET-DESPATIN, op. cit., pp. 125-136.

⁴¹ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 249.

⁴² “As gerações intelectuais são, com efeito, essencialmente, multifacetadas, elásticas e densas.” (tradução minha) SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l’histoire des intellectuels. In: *Vingtième Siècle*. Revue d’histoire, nº 9, p. 106, janvier/mars 1986.

⁴³ Idem.

A teoria do “discurso social”, de Marc Angenot, escassamente difundida no Brasil, oferece contribuições importantes para esta tese. Angenot entende o “discurso social” como o conjunto de regras que organiza, na sociedade historicamente condicionada, aquilo que é dizível, narrável e opinável.⁴⁴ Conquanto a atividade teórica de Angenot, que algumas vezes deriva da *bricolage*, padeça casualmente do excesso de ambição que a anima, tendo em conta a enorme abrangência daquilo que propõe, ou seja, “tomar *en su totalidad* la producción social del sentido y de la representación del mundo [...]”,⁴⁵ objetivo que se coaduna com a tentativa manifesta de construir, em nível de generalidade e de síntese, os elementos de uma metodologia da “prosa de ideas”, seu empenho em formular uma tipologia dos discursos modernos contribuiu para tornar “operatorio y económico un sistema de conceptos recogidos en diversos lugares”,⁴⁶ como a noção de “dialogismo”, pensada por Bakhtin, sistema acrescido da elaboração de outras noções, como “visão crepuscular do mundo”, categoria oportuna para a análise das crises desencadeadas pelas transformações ocorridas no contexto de produção e circulação das revistas que estudo, inscrito no que Horacio Crespo definiu como “momento crepuscular” do marxismo.⁴⁷ Eis a maneira como Angenot encara o discurso social:

Hablar de discurso social es abordar los discursos como hechos sociales y, a partir de allí, como hechos históricos. También es ver, en aquello que se escribe y se dice en una sociedad, hechos que “funcionan independientemente” de los usos que cada individuo les atribuye, que existen “fuera de las conciencias individuales” y que tienen una “potencia” en virtud de la cual se imponen.⁴⁸

O enfoque do teórico belga parece guardar correspondência com a abordagem dialógica de Dominick LaCapra, também relacionada com a teorização de Bakhtin,⁴⁹ para o estudo da história, pois, ao encarar o discurso como fato social, como fato histórico, sem despojá-lo, porém, da pujança inerente que possui, pressupõe certa autonomia do discurso em relação a qualquer tipo de cerco volitivo. Resistente a codificações, a perspectiva do historiador de Cornell combate, também, na análise do passado, o binarismo texto/contexto,

⁴⁴ ANGENOT, Marc. *El discurso social*. Los límites históricos de lo pensable y lo decible. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010, pp. 21-22. (grifo no original)

⁴⁵ *Ibid.*, p. 22. (grifo no original)

⁴⁶ ANGENOT, Marc. *La palabra panfletaria*. Contribución a la tipología de los discursos modernos. Inédito. Traduzido para o Centro de Estudios Avanzados por Liliana Tozzi. Universidad de Córdoba, 2003, mimeo.

⁴⁷ CRESPO, Horacio. Presentación. In: CRESPO, Horacio (ed.). *José Aricó*, Entrevistas (1974-1991). Córdoba: Ediciones del Centro de Estudios Avanzados, Universidad Nacional de Córdoba, 1999, p. 7.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 23.

⁴⁹ LACAPRA, Dominick. Bakhtin, Marxism, and the Carnavalesque. In: *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language*. Cornell University Press, 1983, pp. 291-324.

concepção que desenvolvo no primeiro capítulo desta tese, a fim de identificar possíveis aplicações dessa abordagem dialógica ao estudo do *corpus* das revistas culturais.

Esse primeiro capítulo, a propósito, é constituído pela discussão sobre o enquadramento teórico que fundamenta minha análise comparativa das revistas culturais selecionadas como objeto de investigação. Partindo de três perguntas desejosamente concisas, procuro identificar e contrastar vertentes da historiografia e das humanidades que considero apropriadas para o estudo das revistas culturais, sabendo que haverá outras tão interessantes quanto as que pude verificar. Como estudar revistas político-culturais sob o prisma da história? Por que uma revista constitui, além de fonte, um objeto de análise para o historiador? Quais correntes – algumas delas – do pensamento historiográfico têm, atualmente, manifestado interesse no estudo desse objeto? Detenho-me, assim, à medida que tento responder às perguntas sugeridas, em contribuições particulares que a história intelectual e a história política renovada poderão oferecer para o historiador interessado no periodismo político-cultural.

O segundo capítulo, cujo propósito inicial era apresentar um tipo breve de “descrição da amostra”, que supostamente poderia prescindir de maiores análises e perigosamente resultar em uma caracterização monótona, acabou reivindicando para si um volume considerável da tese, com, ao contrário do que se esperava, densidade de análise, principalmente sobre a revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, cuja recepção revelou-se um objeto influenciado por uma porção de variáveis contextuais, extremamente decisivas na formação da amplitude do projeto dessa revista.

A caracterização das revistas fez-se pela observação dos estratos que as constituem, uma dupla camada. Aquela mais aparente, composta por elementos de ordem material: tipo de encadernação; qualidade do papel; diagramação; logomarca; tamanho, cor e tipo de letra; formato (dimensões); sistema de impressão; preço; nome; periodicidade etc. Outra formada por componentes de variedade imaterial, de acesso mais difícil, porque habitualmente encontrados em documentação quase sempre arreada, como a tiragem, o que não chega a ser impedimento para a pesquisa; na verdade, é mais um objeto de análise.

O terceiro capítulo está dividido em dois blocos temáticos. O primeiro compreende a análise das tensões e distensões, conforme aparecem no objeto de estudo eleito, entre dois grandes relatos da modernidade: a democracia e o socialismo. No contexto em que circularam as três publicações investigadas, a democracia foi tema com considerável repercussão,

entretendo não somente a construção desse contexto, como, também, invariavelmente, os discursos sociais que o procuraram interpretar e forjar. A dura experiência da ditadura converteu a restauração da ordem democrática em cerne das discussões produzidas no meio intelectual do subcontinente. A crise teórica que se abateu sobre o movimento socialista internacional e, particularmente, sobre o pensamento de esquerda latino-americano, na esteira da dissolução e da derrota militar do campo popular, entre outros fatores, como o fortalecimento da ideologia liberal, fez com que o antagonismo excludente socialismo versus barbárie, de Rosa Luxemburgo, fosse suplantado pela busca de conciliação entre duas correntes de ideias que se mantiveram em tensão por quase duzentos anos: a democracia e o socialismo. O segundo bloco abrange um exame do teor das narrativas, presentes nas revistas analisadas, sobre o tema sensível dos direitos humanos. A leitura de um volume limitado de ensaios, parcela representativa, mas não completa dos textos que abordam os direitos humanos, direta ou indiretamente, nas publicações escolhidas, permite o reconhecimento de discursos e contradiscursos sobre esse tema extraordinariamente inflamável. No debate acalorado que se produziu, verifica-se a insinuação intertextual de subtópicos também candentes naquele contexto, como a interpretação da derrota das organizações guerrilheiras. Constata-se, ainda, a existência de práticas ostracizantes nas redes intelectuais constituídas por meio da articulação entre essas publicações.

Por fim, o quarto capítulo, também dividido em dois blocos temáticos, abarca, primeiro, a análise dos ecos da crise que se abateu sobre o movimento socialista internacional nas conceitualizações teórico-políticas das três formações intelectuais estudadas nesta tese. Nota-se que essa crise tem estreita relação com o que Habermas designará como “esgotamento das energias utópicas”,⁵⁰ concomitante ao surgimento do apego ao que se pode referir como “possibilidades”. O assertivo influxo das contingências históricas e das correspondentes tendências político-culturais emergentes consolidava de modo contundente uma mudança na cultura política de setores da esquerda latino-americana, traduzida no crescente comprometimento, bastante estimulado pela evidente exaustão que o longo interlúdio autoritário provocou, com a construção de uma ordem democrática. A análise revelou o nexos entre o abatimento no interior do movimento socialista com um estado latente de ruptura, cujas origens remontam ao imediato pós-Segunda Guerra Mundial, quando terá iniciado uma mudança na “construção social do tempo” ainda não concluída, com efeitos nada inócuos, a começar no modo de se perceber a história, que perde o sentido linear,

⁵⁰ HABERMAS, Jürgen. A nova intransparência. A crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. *Novos Estudos*, nº 18, pp. 103-114, setembro de 1987.

teleológico, que a modernidade lhe havia conferido e a qualidade de guia para as ações. Esse estado de ruptura alcança as representações dos intelectuais. Na encruzilhada formada por esse estado de ruptura, itinerários até então compartilhados acabam por separar-se. O segundo bloco encerra uma análise parcial sobre a forma como a experiência contraditória do exílio manifestou-se nas formações intelectuais de esquerda reunidas em *Encontros com a Civilização Brasileira*, na segunda época dos *Cuadernos de Marcha* e em *Controversia*.

Quais eram as grandes linhas da realidade internacional que cruzaram as páginas das três publicações analisadas nesta tese? O fim da turbulenta década de 1970 e o princípio da década de 1980 foi marcado pelo solapamento da *détente* e pelo “colossal crescimento bélico que contribuiu para a alta dos gastos militares e acabou por vergar a União Soviética”.⁵¹ O sistema da Guerra Fria começava a dar sinais de esgotamento; no Leste europeu, o controvertido cineasta Nikita Mikhalkov, pró-czarista, conseguia registrar, clandestinamente, os últimos estertores do poderio soviético. Filmado quase todo na década de 1980, o seu documentário *Anna: Ot Shesti do Vosemnadtsati* (Anna: Dos seis aos dezoito, 1994), além de ser a elegia de um romântico-reacionário, de um crítico do socialismo burocrático e apologista de valores aristocráticos do passado que idealiza, é um testemunho da erosão irrefreável da União Soviética. Em 1980, enquanto no Leste comunista o urso Misha, na cerimônia de encerramento dos jogos olímpicos de Moscou, pressentia o colapso e deixava escorrer uma lágrima de seus olhos marejados, na América Latina o meio intelectual contestatário acompanhava o reordenamento do sistema internacional, atento aos desdobramentos das novas configurações na política regional. O retesado equilíbrio de poder começava a afrouxar, e os intelectuais latino-americanos, entre eles os que pertenceram às formações reunidas na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, na segunda época dos *Cuadernos de Marcha* e em *Controversia*, distinguiam essas mudanças e tentavam identificar as consequências que adviriam delas, tentavam reconhecer os efeitos que poderiam acarretar no processo de transição. Seguindo o movimento de revisão das plataformas da esquerda europeia, nomeadamente do eurocomunismo, tentavam, ainda, delinear novos pressupostos teóricos para o pensamento crítico da América Latina.

⁵¹ MAXWELL, Kenneth. *O império derrotado: revolução e democracia em Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 248.

Capítulo 1

Revistas político-culturais como cifra da história intelectual latino-americana

“Un texto es, en su sistema de lectura, caja de resonancia de todos los sonidos del mundo: a través del texto es posible detectar el concierto de disciplinas tan dispares como la arquitectura y la gastronomía o el vínculo sutil de un estribillo vanguardista con culturas remotas y lenguas extinguidas. De una relación puede inferirse otra, y otra más, como los pañuelos que fluyen de la manga de un prestidigitador.”⁵²”

(Tomas Eloy Martinez)

A conhecida ruptura epistemológica ocorrida na historiografia e desencadeada na cidade alsaciana de Estrasburgo no fim da terceira década do século XX, cisão que promoveu a marcha da história-narrativa, linear e factual, em direção à história-problema, holística e interpretativa, e que se vem desenvolvendo desde então, geração após geração, sempre com novos desdobramentos, trouxe para o estudo do devir humano não apenas a reformulação e a ampliação da noção de documento, como, também, da atitude hermenêutica do historiador em relação àquilo que pretende devassar. Essa nova atitude tem, por definição, na formulação de problemas, sua potência crítica.

“Papai, então me explica para que serve a história”,⁵³ perguntava o garoto estimado por Marc Bloch (1886-1944) ao pai historiador. Em tom de blague, o co-fundador dos

⁵² MARTINEZ, Tomas Eloy. Angel Rama o la critica como gozo. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, vol. LII, nº 135-136, p. 655, abril/septiembre de 1986.

⁵³ BLOCH, Marc. *Apologia da história*, ou, O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 41.

Annales anotou em seus manuscritos que a história “serve”, no mínimo, para divertir.⁵⁴ Para os incansáveis buscadores de funções utilitárias em tudo aquilo que se pretende untado com os cremes finíssimos da ciência, eis uma observação bastante provocativa. Seja como for, para além dessa nobre e inusitada função, utilitária ou não, a história tem, como se registrou, a faculdade de oferecer terreno fértil para a formulação de questionamentos, sempre se mantendo aberta às infinitas possibilidades de respostas, de matizações, de novas interpretações etc. Posto que buscará instaurar o domínio da complexidade e da inquietação, o historiador já não será mero porta-voz da história, colecionador de fatos autorreferentes⁵⁵ e apático exegeta de documentos improfanáveis, guardadores de sentidos imutáveis e de coerências absolutas.

Deter-se, portanto, sobre os novos objetos de estudo que essa ruptura epistemológica ajudou a vir à tona, como uma revista político-cultural, implica, de início, para o profeta em retrospecto,⁵⁶ a precipitação inevitável sobre um vórtice de perguntas. Sendo assim, como estudar revistas político-culturais sob o prisma da história? Por que uma revista constitui, além de fonte valiosa, um objeto de análise para o historiador e quais correntes – algumas delas – do pensamento historiográfico têm, atualmente, manifestado interesse no estudo desse objeto?

⁵⁴ *Ibid.*, p. 43.

⁵⁵ Epítome lapidar da ambição objetivista que motivou o espírito do Positivismo, com sua notória predileção pela imparcialidade, pode ser encontrado nesta advertência do reputado historiador francês, Fustel de Coulanges, à entusiasmada plateia que algures o assistia: “Messieurs, ne m’applaudissez pas; ce n’est pas moi qui vous parle; c’est l’histoire qui vous parle par ma bouche.” Ver nota de rodapé # 40 in ACTON, Baron John Emerich Edward Dalberg. *Lectures on Modern History*. Teddington: Published by the Echo Library, 2007, p. 27.

⁵⁶ A metáfora do historiador como “profeta em retrospecto” foi sugerida por Friedrich Schlegel e retomada por Heinrich Heine: “Der Historiker ist ein rückwärts gekehrter Prophet”. Ver nota de rodapé # 84 in HEINE, Heinrich. *The romantic school and other essays*. Edited by Jost Hermand and Robert C. Holub. New York: The Continuum Publishing Company, 2004, p. 35. Posteriormente, Walter Benjamin, crítico da teoria da história preconizadora do método da empatia, “com sua origem na *acedia*, a inércia do coração”, também citará essa metáfora de Schlegel para opor o investigador historicista ao historiador tributário do materialismo histórico. BENJAMIN, Walter. *Selected Writings Volume 4 1938-1940*. Translated by Edmund Jephcott and Others. Edited by Howard Eiland and Michael W. Jennings. The Belknap Press of Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts, and London, England, 2003, p. 405. Consultar, ainda, a Tese de número VII in BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras Escolhidas, v. 1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 225. Para uma análise dos significados da disjuntiva estranhamento ou empatia no interior do pensamento histórico benjaminiano, consultar: FREITAS, Roberto Alves. Estranhamento ou empatia? Notas sobre o problema do conhecimento histórico em Walter Benjamin. *Artefilosofia*, Ouro Preto, nº 1, pp. 94-102, julho de 2006.

1.1 Onde o desvio busca abrigo: A revista cultural enquanto usina da atividade crítica

A fundação de revistas culturais⁵⁷ tem representado, na história da América Latina, ato de afirmação de identidades coletivas e de projetos ideológicos/estéticos, o que faz do periodismo político-cultural, lugar social coalhado de relações de poder, instrumento privilegiado para a análise da constituição e das transformações do pensamento crítico latino-americano, bem como para o estudo das “formações”⁵⁸ e “redes intelectuais”⁵⁹ que eventualmente se criaram no interior ou na periferia desses projetos agregadores.⁶⁰ “Since its origin, cultural journalism has been linked to the cities as a space of power and of lettered culture.”⁶¹ Podem-se auscultar, nas publicações efêmeras ou duradouras que agitaram a vida cultural do subcontinente, as tensões, fraturas, concórdias e reconciliações que plasmaram visões do mundo dominantes e aquelas que se posicionaram no espaço do dissenso. Pode-se dizer, nos termos de Raymond Williams, que, para cada época histórica, há revistas hegemônicas, contra-hegemônicas e residuais.⁶² Umas e outras desempenharam função crucial no desenvolvimento da moderna cultura latino-americana.

Tanto os dutos estimuladores da *doxa*, da opinião corrente, como os canais que infundiram ânimo aos valores contrários ao discurso social hegemônico, passaram pelas revistas culturais da América Latina, o que, por habilitar a produção e circulação dessas ideias, poderá torná-las suportes materiais nos quais a história intelectual latino-americana

⁵⁷ Conforme Antonio Checa Godoy (1993 apud GONZÁLEZ, 2009): “revistas culturais são aquelas publicações periódicas que não se dedicam somente a tratar de temas literários, mas, também, de uma grande variedade de assuntos relacionados com o cultural, como ciência, história, política. Temporalmente, na América Latina, tiveram sua aparição entre a segunda e terceira décadas do século XX.”

⁵⁸ WILLIAMS, Raymond. A fração Bloomsbury. *Plural*; Sociologia, USP, S. Paulo, nº 6, pp. 139-168, 1º semestre de 1999. passim.

⁵⁹ DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *Redes intelectuales en América Latina*. Hacia la constitución de una comunidade intelectual. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Avanzados. Colección Idea. Segunda Época, 2007. passim.

⁶⁰ Um estudo específico sobre a revista como “obra em movimento” e como “rede de sociabilidade intelectual” pode ser encontrado em um dos números do *Cahier de l'IHTP*. PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Une contribution à l'Histoire des intellectuels: les revues. In: RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel (Orgs.). *Cahier de l'IHTP: Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, reseaux*. Paris: IHTP/CNRS, nº 20, 1992, pp. 125-136.

⁶¹ “Desde sua origem, o periodismo cultural tem permanecido vinculado à cidade como espaço de poder e de cultura letrada.” (tradução minha) GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. Cultural journalism in Brazil: Academic research, visibility, mediation and news values. *Journalism*, v. 10 (1), p. 72, February 2009.

⁶² Por considerá-las epistemologicamente insatisfatórias, Raymond Williams abandona as noções de continuidade e de tradição, preferindo pensar na interrelação entre três níveis/graus que disputam a organização contemporânea das ideias, valores e noções do passado: dominante, emergente e residual. As considerações de Williams sobre essa interrelação conflituosa podem ser encontradas na entrevista concedida a Beatriz Sarlos, publicada em *Punto de Vista*. SARLO, Beatriz. Raymond Williams y Richard Hoggart: sobre cultura y sociedad. Entrevistas a R. Williams y R. Hoggart. *Punto de Vista*, Buenos Aires, año II, nº 6, p. 13, julio de 1979.

poderá encontrar abundantes chaves de análise.⁶³ Uma vez que as revistas são veículos por meio dos quais se expressam coletivos humanos, quer sejam políticos, quer sejam literários, artísticos, acadêmicos ou filosóficos, sua produção perpassa todas as esferas da cultura.⁶⁴ Enquanto coletivo intelectual, as revistas culturais, tal como encaradas por Beatriz Sarlo,⁶⁵ costumam intervir na esfera pública com uma proposta de reorganização da tradição política e cultural. De certa forma, poder-se-á encará-las, portanto, como cifras dessa tradição.

Por ser uma das “armatures essentielles du champ intellectuel”, um “vivier intellectuel”, como propôs François Dosse,⁶⁶ ou uma “estrutura elementar da sociabilidade”, como sugeriu Sirinelli,⁶⁷ o estudo de uma revista poderá revelar a dimensão política e a vida intelectual de uma época. Aquilo que François Dosse identificou como aspiração constante da revista *Esprit*, fundada pelo filósofo Emmanuel Mounier, no início dos anos trinta, pode ser entendido, de modo geral, como anseio de qualquer revista político-cultural: “d’assurer une présence à son temps, d’offrir une réponse à l’événement, de se laisser ébranler par lui.”⁶⁸ Uma revista é, ademais, um lugar de recrutamento e de consagração de discursos, de posições estéticas e teóricas, e, como tal, requer uma certa abordagem histórica que leve em conta alguns parâmetros:

L’approche historique d’un lieu de sociabilité comme une revue ne peut donc faire l’impasse sur l’intrication de nombreux paramètres incluant les enjeux théoriques, les modes d’inscription politique ainsi que la part affective et émotionnelle de toute vie collective.⁶⁹

⁶³ Regina Aída Crespo publicou, recentemente, artigo de interesse para os pesquisadores do periodismo político-cultural latino-americano, em que faz breve exposição sobre o estado da arte, sobre a consolidação do caráter interdisciplinar dos estudos de revistas culturais e sua disseminação na América Latina e no Brasil, além de apresentar, entre compêndios e livros resultantes principalmente de estudos acadêmicos, bibliografia especializada sobre a pesquisa de revistas culturais. CRESPO, Regina Aída. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <www.fflch.usp.br/dh/leha> Acesso em: 3 de abril de 2011.

⁶⁴ TARCUS, Horacio (ed.). *3/Catálogo de revistas culturales argentinas (1890-2006)*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.cedinci.org/catalogos/intro_CCA.pdf> Acesso em: 9 de abril de 2013.

⁶⁵ SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. Le discours culturel dans les revues latino-américaines de 1940 à 1970. *América*, cahiers du CRICCAL (Centre de Recherches Interuniversitaire sur les Champs Culturels en Amérique Latine), n° 9-10, Presses de la Sorbonne Nouvelle, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, p. 13, mars 1992.

⁶⁶ DOSSE, François. *La marche des idées: Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle*. Paris: Éditions La Découverte, 2003, pp. 52-53.

⁶⁷ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 248.

⁶⁸ “assegurar uma presença em seu tempo, oferecer uma resposta ao evento, deixar-se sacudir por ele.” (tradução minha) DOSSE, 2003, loc. cit.

⁶⁹ “A aproximação histórica de um lugar de sociabilidade, como uma revista, não pode evitar o impasse de numerosos parâmetros, incluindo os posicionamentos teóricos, os modos de adesão política, assim como a parte afetiva e emocional de toda vida coletiva.” (Ibid., p. 57, tradução minha)

Como anotou José Aricó, no editorial do primeiro número da revista *Pasado y Presente*, “toda revista es siempre la expresión de un grupo de hombres que tiende a manifestar una voluntad compartida, un proceso de maduración semejante, una posición común frente a la realidad”.⁷⁰ Inscrevendo-se em uma genealogia, as revistas representam grupos e proporcionam uma plataforma, um lugar social de enunciação em que se constroem identidades coletivas autoatribuídas. Unidos por um “corpo de práticas ou um *ethos* que os distinguem”,⁷¹ esses grupos, por sua vez, situam-se no campo de forças em cujo interior se digladiam com seus congêneres em busca de reconhecimento e primazia ideológica e cultural. Quanto maior a força de atração que cada qual exerce nesse campo eivado de relações de poder, tanto mais eficiente será sua capacidade de influenciar o espaço público no qual atuam:

Conhecer as revistas e analisá-las, em seus vínculos com o contexto em que circularam, significa acompanhar sua trajetória e a luta – silenciosa ou veemente, vitoriosa ou não – que desenvolveram pela consolidação de um espaço próprio no terreno político-cultural. Os grupos representados em cada uma delas buscaram não apenas atrair determinadas parcelas do público, como conquistar legitimidade cultural e política suficiente para difundir e, eventualmente, implantar suas idéias e projetos.⁷²

Se a figura do intelectual emergiu na altura em que a esfera pública moderna começava a balbuciar, as revistas foram, e têm sido possivelmente, desde então, sua assembleia mais concorrida, seu lugar de tertúlia mais disputado. “Intelectuales y revistas son una dupla de presencia revulsiva en el imaginario de la modernidad.”⁷³ Ágora volátil do confronto de ideias e veículo, por definição, de intervenção no espaço público, as revistas vêm tendo, quase indiscriminadamente, uma pretensão modernizante indissimulável. Embora haja aquelas que se posicionaram na retaguarda (*L'Action Française, Anauê, A Ordem, A Offensiva* etc), a maioria almejou ostentar, salvaguardar e por vezes disputar a marca da modernização (*Klaxon, Marcha, Contorno, Origines, Sur, Orpheu, Amauta, Raiz & Utopia, Les Tempes Modernes* etc). “Hijas de la modernidad y de la constitución de la esfera pública más temprana”,⁷⁴ “laboratorios de ideas”,⁷⁵ as revistas culturais podem oferecer ao pesquisador, seja como fonte, seja mesmo como objeto de investigação, a oportunidade de aceder a uma instância de construção e desconstrução de discursos, de revisão crítica,

⁷⁰ ARICÓ, José. *Pasado y Presente*. *Pasado y Presente*. Revista Trimestral de Ideología y Cultura, Córdoba, año I, n° 1, p. 1, abril/junio de 1963.

⁷¹ WILLIAMS, op. cit., p. 140.

⁷² CRESPO, Regina Aída. Produção literária e projetos político-culturais em revistas de São Paulo e da Cidade do México, nos anos 1910 e 1920. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, vol. LXX, n° 208-209, p. 682, 2004.

⁷³ PATIÑO, Roxana. *Revistas literarias y culturales argentinas de los 80: usinas para pensar una época*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.insula.es/Articulos/INSULA%20715-716.htm>> Acesso em: 3 de abril de 2012.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ SARLO, op. cit., p. 14.

consagração de valores, constituição de cânones, produção e reprodução de ideias, quando não de expurgos, animosidades e truculências, um espaço, um “entrelugar” que reflete a sensibilidade social e cultural de uma época:

[...] ninguna historia cultural o literaria podría prescindir – a riesgo de cortar un riquísimo tejido de religaciones – del recorrido por ese ‘entrelugar’, esa multiplicidad de fragmentos que es más que la suma de todos ellos y cuya riqueza habilita una lectura compleja de una sensibilidad social y cultural de una época.⁷⁶

“Publiquemos una revista.⁷⁷” Este apelo terá sido pronunciado incontáveis vezes por um intelectual latino-americano aos seus pares. Entre as “estruturas elementares da sociabilidade”, as revistas são “um lugar precioso para a análise do movimento das idéias”.⁷⁸ Em registro benjaminiano, Mabel Moraña sugeriu que a revista “es una pieza central tanto en la reproductibilidad técnica de relatos, programas y discursos, como en el fortalecimiento o debilitamiento de su auratización”.⁷⁹ Jean-Marie Domenach, autor do troante livro “La Propagande Politique” e diretor da revista *Esprit* por quase vinte anos, de 1957 a 1976, observou que: “[...] la revue est l’outil le mieux adapté à l’intervention dans les domaines de la culture et de l’ideologie, pour trois raisons principales: sa périodicité, sa diversité et sa souplesse.⁸⁰” Entendida como suporte básico, material e social, da produção de proposições e relatos que circulam no espaço público moderno, a revista pode ser considerada *corpus* documental por excelência:

[...] las revistas abren una fuente privilegiada para lo que hoy se denomina historia intelectual. Instituciones dirigidas habitualmente por un colectivo, informan sobre las costumbres intelectuales de un período, sobre las relaciones de fuerza, poder, prestigio en el campo de la cultura, relaciones y costumbres que no repiten de manera simple las que pueden leerse en los libros editados contemporáneamente.⁸¹

⁷⁶ PATIÑO, loc. cit.

⁷⁷ SARLO, op. cit., p. 9.

⁷⁸ SIRINELLI, op. cit., p. 249

⁷⁹ MORAÑA, Mabel. Revistas culturales y mediación letrada en América Latina. *Otra Travessia*, nº 40/1, Ilha de Santa Catarina, p. 68, 2º semestre de 2003.

⁸⁰ “[...] a revista é a melhor ferramenta para a intervenção nos domínios da cultura e da ideologia, por três razões principais: sua periodicidade, diversidade e flexibilidade.” (tradução minha) DOMENACH, Jean-Marie. Entre le prophétique et le clérical. *La revue des revues*, Paris, nº 1, p. 21, 1986.

⁸¹ SARLO, op. cit., p. 15.

1.2 A história intelectual e o estudo de revistas

“Na América Latina, foram principalmente os pesquisadores provenientes da crítica e da história literária os responsáveis por fazer das revistas um objeto de estudo sistemático.⁸²” Se a análise crítica de revistas culturais, como fontes primárias e objetos de interesse para o estudo mais amplo da história, encontrou, no Brasil, até à década de 1970, obstáculos em preconceitos de distintas ordens, permanecendo por muito tempo sob suspeição,⁸³ com as repercussões dos vários abalos epistemológicos que, no século XX, renovaram o polimorfo universo das ciências humanas, entre os quais se deve contar, particularmente, a virada linguística (*linguistic turn, semiotic challenge*), a historiografia debruçou-se com interesse sobre esse “laboratorio donde se experimentan propuestas estéticas y posiciones ideológicas”.⁸⁴

Há uma forte inclinação, no âmbito das pesquisas que têm sido realizadas sobre revistas culturais, para o salutar “contágio”, pelo desdém em relação a fronteiras, mais institucionais do que propriamente essenciais, entre diferentes disciplinas. Por essas franqueáveis zonas limítrofes, vão-se trocando conceitos, objetos e instrumentos de análise, múltiplos vieses que tornam o estudo das revistas culturais espaço fecundo de diálogo e de convergência interdisciplinar. A história, ou mais precisamente a historiografia, tem participado desse diálogo, por meio de contribuições com origem em alguns de seus ramos, como a história intelectual e a história política.

No atual estágio em que se encontra, marcado por questionamentos e reformulações, a história intelectual ou história dos intelectuais, com sua vocação globalizante e sua característica “indétermination épistémologique”,⁸⁵ parece ser um rebento quase inclassificável da historiografia no curso da ascensão da transdisciplinaridade, do declínio dos saberes totalizantes e da superespecialização. Em harmonia com esse contexto, a história intelectual, segundo Ricardo da Silva, “consiste em uma prática disciplinar particularmente

⁸² CRESPO, Regina Aída. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <www.fflch.usp.br/dh/leha> Acesso em: 3 de abril de 2011.

⁸³ LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 111-117.

⁸⁴ SARLO, op. cit., p. 14.

⁸⁵ DOSSE, 2003, p. 299.

arredia ao império de ortodoxias”.⁸⁶ Mesmo que tenha formado um campo autônomo de estudos,⁸⁷ seu *corpus* teórico e metodológico ainda caracteriza-se por certa turvação, com parâmetros pouco precisos, o que faz dela uma disciplina que ronda as raias do indecível. Acaso será essa indecidibilidade produto daquela crise, ainda não superada, talvez, sobre a qual Dominick LaCapra⁸⁸ fez um comentário em seu conhecido artigo? Ou terá sua etiologia em algum fenômeno obscuro engendrado pelo mal-estar da condição pós-moderna,⁸⁹ pela forte propensão desregulamentadora que essa condição possui e leva ao paroxismo? Seja como for, essa crise não aparenta ser privilégio da história intelectual, mas, antes, co-produto daquelas repercussões que operaram mudanças em várias dimensões das ciências humanas. Como suas congêneres do universo dessas ciências, a história intelectual tem sido definida como “um campo de estudos marcado pela indeterminação dos objetos e à procura de uma verdadeira identidade”.⁹⁰

Na busca de alguma sistematização, talvez, Carlos Altamirano, em artigo recente,⁹¹ reconhecendo essa paisagem baça, esboçou um programa para pesquisas sobre história intelectual. No seu delineamento, sugeriu, sob os marcos de uma perspectiva que lança mão da pluralidade, a conjunção de três subáreas do conhecimento histórico para o estudo da história intelectual, quais sejam: “História política, História das elites culturais e análise histórica da ‘literatura das idéias’”.⁹² Altamirano oferece, aqui e ali, pistas oportunas sobre a investigação da história intelectual. Pinça, com exatidão, um comentário que lhe serve como postulado geral:

Se a vida social não possui uma estrutura simbólica, não é possível compreender como vivemos, como fazemos coisas e projetamos essas atividades em idéias, não há como compreender de que modo a realidade possa chegar a ser uma idéia, nem como a vida real possa produzir ilusões.⁹³

Partindo dessa consideração enigmática e expressiva, a que recorre como mote, e entendendo a história intelectual como uma chave de interpretação das estruturas simbólicas

⁸⁶ DA SILVA, R. V. . O contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 53, nº 2, p. 326, 2010.

⁸⁷ SIRINELLI, op. cit., p. 232.

⁸⁸ LACAPRA, Dominick. Rethinking intellectual history and reading texts. *History and Theory*, v. 19, nº 3, p. 245, October 1980.

⁸⁹ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. passim.

⁹⁰ SILVA, 2002 apud LOPES, 2002, p. 225.

⁹¹ ALTAMIRANO, Carlos. Idéias para um programa de história intelectual. *Tempo Social*, São Paulo, v. 19, nº 1, pp. 9-17, junho de 2007.

⁹² Ibid., p. 10.

⁹³ RICOEUR, 1991 apud ALTAMIRANO, loc. cit.

que constituem a vida social e as ideias que a dinamizam, o ensaísta argentino discorre passageiramente sobre a aplicação de métodos e referenciais teóricos dessa ramificação da historiografia no estudo de um suporte particular de enunciação de ideias, isto é, o registro textual, o texto escrito. Vasto terreno para a produção e disseminação deste gênero a que Altamirano, parafraseando Marc Angenot, define como “literatura de idéias”, abundante na América Latina dos séculos XIX e XX, em contexto de formação dos Estados-nação, os textos e por extensão os *loci* que os abrigam são fontes privilegiadas para a pesquisa sobre os processos sociais e intelectuais.

Como exemplo importante dessa “literatura de idéias”, produzida dentro de limites mais restritos e fortemente marcada pelo componente autóctone, faz referência à tradição do ensaísmo de interpretação da realidade latino-americana. Na formação do pensamento social latino-americano e nos momentos subsequentes de seu desenvolvimento foram prolíficas as tentativas de explicação das realidades regionais e de suas dimensões históricas, sociais e culturais. Ora preconizando o impulso modernizador, ora conferindo maior importância ao fortalecimento de matrizes identitárias,⁹⁴ intelectuais de diferentes países do subcontinente procuraram construir, dentro dos referenciais de cada uma dessas extremidades, sistemas de interpretação dos elementos constitutivos e definidores de suas sociedades. Para retesar o arco da análise e da crítica em favor desta ou daquela polaridade, foi reclamada, infalivelmente, por essas duas tendências do pensamento social da América Latina, uma posição de verdade, de legitimidade discursiva.

Para Altamirano, esse ensaísmo de autodefinição pautou-se nos critérios daquilo que Marc Angenot definiu como discursos “doxológicos e persuasivos”, folgadoamente presentes na classe genérica que o mesmo Angenot traduziu na expressão “literatura de combate” e majoritariamente propensos à valorização do conteúdo moral ou político.⁹⁵ Entendendo as revistas como um espaço bastante hospitaleiro em relação à determinada classe de discurso que, a título de categorização precária, poder-se-ia designar como “pregação laica”, seria plausível integrá-las nos domínios de uma modalidade de discurso florescida e bastante cultivada na esfera pública moderna, ou seja, a “palavra panfletária”, expressão também cunhada por Angenot, em sua contribuição à tipologia dos discursos modernos. A palavra panfletária reveste-se de corporeidade, ora por meio da sátira, ora por intermédio da polêmica.

⁹⁴ DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo veinte*. Entre la modernización y la identidad. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Tomo I., 1ª ed., Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000. passim.

⁹⁵ ANGENOT, 1982 apud ALTAMIRANO, op. cit., p. 10.

Ambas as materializações adquiridas por essa palavra “beligerante”, seja a ironia, seja a controvérsia, como quer que se prefira denominá-las, têm presença marcante em revistas de cultura, e por vezes, como no exemplo de *Controversia*, podem chegar, mesmo, a intitular uma revista.

A história intelectual de extração francesa que se vem definindo e fixando no laboratório do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP, na sigla em francês) é contextualista e, de certo modo, refratária aos excessos de um formalismo exclusivamente interessado nos elementos e estruturas internas do texto, como manifesto em modelos de análise textual muito em voga na França nos anos 1970, com sua tara por esquemas de interpretação quase matemáticos. Tal campo historiográfico, “situado no cruzamento das histórias política, social e cultural”,⁹⁶ entende o “estudo dos intelectuais como atores do político”⁹⁷ e atribui à vida social importância irrevogável. Apesar de ter adquirido destaque na historiografia francesa, a história intelectual permaneceu, ao menos nos domínios em que ecoam a Marselhesa, marginalizada por longo período. A força da abordagem quantitativa, atributo então considerado indispensável para todo conhecimento que ambicionasse possuir legitimidade científica, o foco nas “massas” e a visceral reatividade contra a história “positivista” predominantes no pensamento historiográfico francês desse período relegou, por muito tempo, entre os Pirineus e o Reno, a história dos intelectuais ao “purgatório dos subobjetos da história”.⁹⁸ Alegava-se que o meio intelectual francês era muito reduzido, empecilho para pesquisas que aspirassem a recorrer a métodos estatísticos. Sem grande esforço, a simples alusão a esse meio exíguo conduzia espontaneamente o pensamento em direção aos espaços de influência de uma elite, palavra que, naquele contexto de glorificação das “massas”, provocava repulsa. A história intelectual, para conquistar legitimidade na historiografia, deveria, por conseguinte, ser dissociada da história das elites. A desestabilização do meio intelectual francês, seu crescimento em escala que acabou resultando em sua “massificação” ao longo do século XX e os choques ideológicos ocorridos na década de 1970 foram fatores que contribuíram, na França, para a derrubada de preconceitos contra a história dos intelectuais. Assim, “quando começou a ser dessacralizado que o intelectual pôde se tornar um objeto da história sobre o qual o historiador não mais hesitou em lançar sua rede”.⁹⁹

⁹⁶ SIRINELLI, op. cit., p. 232.

⁹⁷ Ibid., p. 244.

⁹⁸ Ibid., p. 235.

⁹⁹ Ibid., p. 240.

Resenhando o livro de Helenice Rodrigues da Silva, historiadora associada ao IHTP, cujo título é “Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas”,¹⁰⁰ Marcos Antônio Lopes destaca que a autora, em seu texto, busca “não elidir a trajetória dos intelectuais do mundo histórico e das circunstâncias sobre as quais viveram e atuaram”.¹⁰¹ Prossegue, adiante, frisando a necessidade de se “cercar as análises dos textos de uma teoria da ação”.¹⁰² Mesmo que estabeleça reservas¹⁰³ em relação à aproximação das vertentes da história intelectual francesa com a história intelectual inglesa, o divisor de águas entre elas aparenta, ao longo da argumentação de Lopes, perder eficácia e sofrer tamanha erosão que o que se percebe no desenvolvimento dessa argumentação é um forte encontro e mistura de águas dessas vertentes.

Embora não dedique a mesma atenção a todos os nomes que, presumivelmente, estão por trás do arcabouço teórico do qual a autora do livro resenhado lança mão para analisar percursos intelectuais e os contextos com os quais estão relacionados, referindo com mais ênfase a história intelectual francesa com suas alianças e distanciamentos teóricos, o horizonte conceitual que descortina diante dos leitores de sua resenha não deixa de ser uma referência subliminar de Lopes às considerações de Quentin Skinner no artigo publicado, depois de rejeitado por vários periódicos, na prestigiosa revista estadunidense da Wesleyan University, *History and Theory*, intitulado deliberadamente de forma vaga¹⁰⁴ *Meaning and Understanding in the History of Ideas*.¹⁰⁵ As observações críticas de Skinner que se encontram nesse artigo sobre as duas correntes ou “ortodoxias”, para usar o termo do próprio autor, muito populares ainda naquele momento, o contextualismo e a abordagem “textualista”, tornaram-no clássico para os estudos sobre a história intelectual. Situado no que se convencionou denominar como “Escola de Cambridge”, Skinner, apesar de considerado o mais obstinado formalizador da metodologia contextualista, ainda que tenha dedicado a maior parte das cinquenta páginas de seu polêmico texto agrupando invectivas mordazes e por vezes sardônicas contra o procedimento “textualista”, não poupou, como sublinhado, o

¹⁰⁰ SILVA, H. R. . *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. 1ª ed., Campinas: Papyrus, 2002.

¹⁰¹ LOPES, M. A. . Lições dos intelectuais. *Mediações*, Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 9, nº 1, p. 236, 2004.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ Ibid., p. 235.

¹⁰⁴ Ver nota # 4 in DA SILVA, R. V. . O contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo. *Dados*. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 53, nº 2, 2010, p. 328.

¹⁰⁵ SKINNER, Quentin. Meaning and understanding in the history of ideas. *History and Theory*, v. 8, nº 1, pp. 3-53, 1969.

contextualismo. Convém esclarecer, portanto, qual tipo de contextualismo está em foco quando se pretende referir a metodologia do historiador de Cambridge.

Ora, tamanho é o espaço ocupado pela preocupação com as condições sociais, econômicas e políticas nos estudos históricos dirigidos ao exame de determinados produtos, construções ou representações culturais que uma relação feita de modo quase mecânico ocorre quando neles se sugere a noção de contexto. Trata-se da relação, redutora talvez, entre essa noção com os processos e contradições da vida pública na pólis. Assim, quando se pensa em contexto, a primeira associação que tende a surgir é com o tecido sociopolítico. Contra essa associação *a priori*, Skinner reservou algumas setas da aljava de sua eloquência. Não se deve supor, todavia, que a crítica que se formulou nesse artigo teve como objetivo a negação categórica do argumento segundo o qual essas particulares condições externas podem ajudar a explicar o corpo de ideias que constitui alguns textos. O que se pretendeu foi contestar os métodos que postulam a compreensão dessas ideias como simples epifenômenos das bases materiais que dinamizam as sociedades humanas. Esses suportes de ordem mais objetiva seriam, portanto, para os adeptos dos métodos contestados por Skinner, não apenas preditores da manifestação de toda e qualquer ideia, mas, também, os fatores exclusivos que deveriam concorrer para a explicação do conjunto de ideias de determinados textos. Pois bem, de que tipo de contextualismo se está a discorrer quando se tem em conta as considerações polêmicas de Skinner?

Trata-se do contextualismo linguístico, corrente teórico-metodológica da qual Skinner é figura das mais representativas, talvez por ser aquele que, dentre seus pares, como J. Dunn e J. G. A. Pocock, com quem, seguindo as pegadas de Peter Laslett,¹⁰⁶ terá lançado as primeiras fundações da “Escola de Cambridge”, mais se tem mostrado disposto a ir à berlinda, munido de argumentos, para rebater críticas e defender a legitimidade do estatuto epistemológico de sua perspectiva intencionalista, ora acusada de relativista, ora de objetivista, ora de exaltada propagadora de um historicismo conservador.¹⁰⁷ A simultaneidade de reservas tão múltiplas e variadas quanto paradoxais ao contextualismo linguístico apenas evidencia a sua disseminação nas ciências humanas e a sua qualidade de provocar divergências. Independentemente da apreciação que se lhe pretenda imputar, o método de Skinner, ao sublinhar a importância da força ilocucionária contida nos discursos, isto é, ao reforçar a relevância da intenção e da ação que impelem as ideias para o entendimento de sua

¹⁰⁶ LOPES, M. A.. Aspectos teóricos do pensamento histórico de Quentin Skinner. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 52, nº 123, p. 181, junho de 2011.

¹⁰⁷ DA SILVA, R. V., op. cit., p. 311.

aplicação em determinados contextos, é uma contribuição para a heurística da pesquisa sobre história intelectual, em geral, e para o estudo de revistas culturais, em particular. Em outros termos, como sublinhou Ricardo da Silva ao comentar o método de Skinner: “É na dimensão ilocucionária de um proferimento que reside sua força enquanto ação, força que se identifica com a intenção do agente ao dizer algo em determinado contexto de convenções linguísticas.”¹⁰⁸

Distanciando-se do entendimento do Platonismo, de acordo com o qual o mundo das ideias está constituído de enteléquias, essências imutáveis, incorruptíveis e anistóricas, premissa dos estudos escritos sob a rubrica da história das ideias, cujo exemplo mais paradigmático possivelmente terá sido *The great chain of being*, de Arthur O. Lovejoy,¹⁰⁹ Skinner, valendo-se de Robin G. Collingwood, Ludwig Wittgenstein e John L. Austin, advoga a relevância de uma variável que os entusiastas da história das ideias, tão ocupados que estavam com a análise dos “grandes textos”, pouco ou nada tinham levado em conta, isto é, a agência inerente à formulação de uma ideia, à escrita de um texto, como se nota neste comentário que fez em registro informal, em que tenta, uma vez mais, esclarecer os recorrentes mal-entendidos sobre seu pensamento:

Quando falo de intencionalidade dos autores, não estou me referindo ao significado dos textos ou elocuições, mas ao significado do ato de escrever o texto ou proferir uma elocução. Na verdade, minha teoria da interpretação, diferentemente de outras teorias mais tradicionais, dá grande ênfase ao que chamo de *atos linguísticos*.¹¹⁰

Seria um equívoco presumir que o historiador de Cambridge, com sua tenaz insistência na perspectiva intencionalista, sugere que o historiador deve ter a ambição de apropriar-se, olímpicamente, de um enunciado antes mesmo do momento em que foi concebido, o que seria quase como propor um malabarismo descomunal da empatia. Na sanha de questionar teorias “mais tradicionais” de interpretação de textos e também no esforço que tem empreendido para retrucar objeções ao método que defende, Skinner poderá ter reduzido a atenção dispensada à clareza e tornado sua argumentação, em algumas ocasiões, um tanto confusa. Certo é que, confrontado por vários flancos, tem revisto algumas de suas formulações, mas mantido o *core* de sua perspectiva inicial. De modo sumário, pode-se afirmar que o cerne de sua argumentação está em considerar que “palavras também são

¹⁰⁸ DA SILVA, op. cit., p. 307.

¹⁰⁹ LOVEJOY, Arthur Oncken. *The great chain of being*. A study of the history of idea. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1936.

¹¹⁰ SKINNER apud LOPES, 2011, p. 178. (sem grifos no original)

ação”¹¹¹ e em pensar, como o Austin de *How to do things with words*,¹¹² que uma ideia expressa em texto escrito é, ademais, um “ato de fala” capaz de transformar a realidade. O autor de um texto é, assim, um agente, cujas ideias são passíveis de provocar efeitos sociais. Levando em conta ainda Collingwood, um pensamento manifesto em texto “poderia revelar-nos uma intenção, ou seja, que ‘efeitos’ sociais o autor pretendia produzir com o seu escrito. O contextualismo de Skinner deriva diretamente dessa linhagem de interpretação”.¹¹³ Feita esta digressão, vale retornar às sugestões de Lopes sobre o livro da pesquisadora do IHTP, sendo mais nítida, agora, a alusão implícita que faz ao contextualismo linguístico:

A História Intelectual, segundo a defesa de Helenice Rodrigues, investe na capacidade do locutor, na força ilocucionária dos discursos, na capacidade do sujeito em situar-se como ator no mundo, como um agente ativo [*sic*] que se opõe a interlocutores reais, como um coeficiente de força que quer atingir um alvo em sua existência histórica concreta.¹¹⁴

Percebem-se melhor, no entremeio, todas as referências tácitas ao contextualismo linguístico que costuram esse trecho da resenha de Lopes. Essas referências, portanto, salientam a presença, no método e no arcabouço teórico do texto resenhado, de um paradigma de história intelectual que reconhece na criação e no produto da linguagem um documento que instrumentaliza o historiador para a análise do sentido que atores sociais conferiram às ações que realizaram. Tal paradigma tem outra ambição importante: compreender como os discursos produzidos por esses atores, embebidos em certas convenções linguísticas historicamente determinadas, não necessariamente de forma linear e unilateral, mas sempre operando como uma referência a ser absorvida ou negada, compreender como esses discursos repercutem, como são recebidos no contexto que lhes ofereceu condições de manifestação.

Entre as possíveis formas pelas quais o radical contextualismo de Skinner poderá ser útil ao estudo, em especial, de revistas culturais, está precisamente na ênfase que confere à capacidade de ação contida nas ideias, na medida em que uma revista de crítica cultural e política, quando não estritamente institucional, tende a surgir identificada com um projeto elaborado, conduzido e sustentado por formações intelectuais zelosas da independência crítica do pensamento e, mais significativo, ciosas da possível repercussão que esses seus projetos possam ter no espaço de conflitos situado além da zona tampão em que vigora a uniformidade de opiniões correntes. Nesse espaço de conflitos em que se inscrevem as páginas de uma

¹¹¹ WITTGENSTEIN, 1958, p. 156 apud DA SILVA, op. cit., p. 306.

¹¹² AUSTIN, John Langshaw. *How to do Things with Words: The William James Lectures delivered at Harvard University in 1955*. Oxford: Ed. J. O. Urmson, 1962.

¹¹³ LOPES, 2011, p.181

¹¹⁴ LOPES, 2004, p. 237.

revista, há um lugar reservado e bastante estimulado para as polêmicas, sejam venais, sejam capitais.¹¹⁵ Uma revista não quer ser apenas uma revista, dobrando-se sobre si mesma e esgotando-se dentro dos limites de seus pequenos círculos fechados. Quer ir além, quer intervir, modificar e, eventualmente, promover a manutenção de uma normatividade já instaurada. Por isso, é um espaço de ação ou de reação, de construção ou de demolição, jamais um abrigo para a inércia. Dito de outra maneira, pode-se supor que uma revista de crítica perseguirá ou a desestabilização daquela uniformidade, ou a perpetuação do letárgico ambiente de uma *pax* social e cultural bolorenta.

1.3 O porta-voz e o tirano: As dualidades do intérprete

Na outra margem do Atlântico Norte, um distinto ramo da história intelectual de linhagem anglo-saxônica, porém crítico da perspectiva contextualista de Skinner,¹¹⁶ formou fileiras para colocar um pouco de ordem nos “movimentos brownianos” da teoria e sua irresistível inclinação à instabilidade. Durante a década de 1970, havia a sensação (impressão que, diga-se de passagem, não parece de todo que se tenha dissipado) de que o campo de estudos da história intelectual passava por um momento de crise.¹¹⁷ Docente do Departamento de História da Cornell University, Dominick LaCapra percebeu nesse momento de entropia teórica uma oportunidade para que os praticantes desse campo de estudos históricos pudessem tornar-se mais articulados em relação ao ofício que professavam. Procurando reunir um arsenal transdisciplinar de perspectivas que conformam o exercício crítico, o historiador, no mencionado artigo de 1980,¹¹⁸ também publicado na *History and Theory*, escreveu, quase em forma de manifesto, a defesa de uma abordagem, em termos teóricos, que considerava mais

¹¹⁵ Ao passo que as polêmicas venais, diacrônicas ou de curta duração, têm a ver com a sobreposição de pontos de vista, não raro resvalando para um choque entre egos em ebulição, as polêmicas capitais, sincrônicas e transcorridas na *longue durée*, têm a ver com os fundamentos da civilização ocidental. Para um maior desenvolvimento da definição dessas duas séries de polêmicas, consultar: CHAGA, Marcos Maschio. Épocas históricas versus épocas cósmicas. *Uniletras*, Ponta Grossa, n° 24, pp. 227-228, dezembro de 2002. passim.

¹¹⁶ Entre os seis tipos de enfoque “contextualista” que LaCapra se dedica a criticar, na medida em que reconhece neles um pendor para hipostasiar o “contexto”, está, como *primus inter pares*, o enfoque das intenções, ou seja, aquele preconizado por Skinner. Os outros cinco, seguindo a ordem em que LaCapra os enumera, são: motivações, sociedade, cultura, *corpus* e estrutura. LACAPRA, op. cit., p. 254.

¹¹⁷ LACAPRA, loc. cit.

¹¹⁸ Posteriormente, o artigo também apareceu em livro com título homônimo e subtítulo sutilmente distinto, publicado pela editora da Cornell University: LACAPRA, Dominick. *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language*. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

fecunda para a história intelectual, em particular, e para todas as disciplinas, em geral, que se ocupam da “análise de textos”. Avesso a toda sorte de binarismos, não defendeu a análise *per se* dos textos, como em seu momento preconizou o *New Criticism* estadunidense e como postula a orientação da corrente teórica conhecida como internalismo, nem uma ênfase no exame dos contextos e nem tampouco uma síntese reconciliadora, saída estratégica que mais soe acontecer. Defendeu, isto sim, a dissolução da dualidade texto/contexto. Adotando a atitude de um ouvinte atento e paciente do passado, ou melhor, de quem se esforça para entabular conversas com o passado, atitude que atribui à noção de entendimento da história que reconheceu em Heidegger e em Gadamer, LaCapra sustenta que a história intelectual é, ao menos em parte, um diálogo com o passado.¹¹⁹ Apresenta esse postulado em relação, de oposição ao que parece, à outra corrente da historiografia que se assenta na reconstrução documentarista do passado, por considerar que todo documento, enquanto produto de negociações com a realidade, está imerso em textualidade: a compreensão histórica de qualquer contexto recorre indefectivelmente aos refugos textualizados do passado sempre perpassados pela linguagem.¹²⁰ “For the historian, the very reconstruction of a ‘context’ or a ‘reality’ takes place on the basis of ‘textualized’ remainders of the past.¹²¹” Não desdenha, contudo, a importância da concepção documentarista, que, a propósito, considera componente crucial para qualquer abordagem que reivindique um predicado histórico, mas defende, baseado na avaliação de que os historiadores não seriam bons leitores, a apropriação de instrumentos de interpretação de texto aplicados em outras disciplinas: “Social and individual

¹¹⁹ Ibid., p. 248.

¹²⁰ Cumpre esclarecer que o termo “texto”, para LaCapra, “[...] may initially be seen as a situated use of language marked by a tense interaction between mutually implicated yet contestatory tendencies. On this view, the very opposition between what is inside and what is outside texts is rendered problematic, and nothing is seen as being purely inside or outside texts. Indeed the problem then becomes one of rethinking the concepts of ‘inside’ and ‘outside’ in relation to processes of interaction between language and the world. One of the more challenging aspects of the recent inquiry into textuality has been the investigation of the ways in which textual processes cannot be confined within the bindings of the book. The context or the ‘real world’ is itself ‘textualized’ in a variety of ways, and even if one believes that the point of criticism is to change the world, not merely to interpret it, the process and results of change themselves raise textual problems.” Ibid., p. 247.

“[...] pode ser inicialmente entendido como um uso situado da linguagem, marcado por tensas interações entre tendências mutuamente enredadas. Na medida em que não há nada que esteja, completa e puramente, dentro ou fora dos textos, a simples oposição entre os conceitos de ‘dentro’ e ‘fora’ já é problemática. Tais conceitos precisam ser repensados na relação que têm com os processos de interação entre linguagem e realidade. Os processos textuais não estão encerrados dentro da encadernação dos livros. O contexto ou o ‘mundo real’ é ele mesmo textualizado de variadas maneiras, e mesmo que se acredite que a função da crítica é transformar o mundo, não apenas interpretá-lo, os próprios processos e resultados que podem surgir com a transformação trazem em si problemas textuais.” (tradução minha)

¹²¹ “Para o historiador, qualquer reconstrução de um ‘contexto’ ou de uma ‘realidade’ toma lugar sob remanescentes ‘textualizados’ do passado.” (tradução minha) Idem.

life has in part a textual structure and is involved in textual processes that are often more complicated than the historical imagination is willing to allow.¹²²”

Mesmo que se tenha proposto a estudar textos canônicos, LaCapra, ao contrário dos celebradores da história das ideias, tem o entendimento de que: “These texts are not absolutely unique, and the processes they disclose are not altogether peculiar to them.¹²³” Sua intenção, ao deter-se sobre esses textos, não é ir ao encontro de essências universais e imperecíveis, de uma *philosophia perennis*, como preferiu classificar essas essências, mas, sim, acessar um tipo de registro textual em que “the use of language is explored in an especially forceful and critical way – a way that engages us as interpreters in a particularly compelling conversation with the past”.¹²⁴ Sua abordagem é, em uma palavra, dialógica, e a opção que faz pelo estudo dos clássicos deriva da ambição de levar essa abordagem às últimas consequências. Para LaCapra, uma história intelectual que traz à tona problemas importantes e que por sua vez não elude a sua própria historicidade será, portanto, aquela que se fundar sobre uma relação dialógica e histórica com o passado sem ser “historicista” ou “presentista”, entendendo textos como eventos, revestidos também de textualidade, na história da linguagem.

A perspectiva sustentada pelo historiador de Cornell, por conseguinte, distancia-se, por um lado, do historicismo, com seu anelo por uma objetividade todo-poderosa; e por outro, do presentismo, com suas dóceis concessões aos brios da subjetividade. A historiografia, segundo reza essa perspectiva, será vulgar exaltação narcísica quando se estribar, aferradamente, na crença de que “[...] a investigação histórica do passado é apenas a sombra da interrogação histórica sobre o presente”.¹²⁵ Ora, quando, ao estudar o passado, sucumbir de modo não-crítico aos apelos daquilo que Freud definiu como “transferência”,¹²⁶ interpelando tiranicamente o objeto que pretende conhecer melhor, ou seja, atribuindo-lhe sentidos que estão mais em si e nas suas próprias circunstâncias, a historiografia estará desconsiderando a autodeterminação daquilo que ficou no passado. Uma incursão unilateral ao passado que tenha como ponto de partida a noção de que aquilo que foi não passa de uma projeção daquilo

¹²² “A vida social e individual possui em parte uma estrutura textual e está enredada em processos textuais que geralmente se revestem de uma complexidade que vai além daquilo que a imaginação histórica se tem permitido perscrutar.” (tradução minha) Idem.

¹²³ “Os ‘grandes’ textos da tradição não são absolutamente únicos, e os processos que tornam públicos não lhes são peculiares.” (tradução minha) Ibid., p. 248.

¹²⁴ “O uso da linguagem é explorado de forma especialmente contundente e decisiva – o que engaja seus intérpretes em uma conversa decisiva com o passado.” (tradução minha) Idem.

¹²⁵ FOUCAULT apud AGAMBEN, 2005, p. 4.

¹²⁶ FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 107-119.

que é deve ser entendida, segundo essa abordagem, como um truculento intervencionismo seguramente não desinteressado.

Em outros termos, agora pensando no texto como objeto de análise, essa historiografia que não tem ou não quer ter controle sobre a ansiedade de transferência é, para LaCapra, uma “subjectivist aggression that ignores the ways in which texts may actually challenge the interpreter and lead him to change his mind”.¹²⁷ O modo de proceder essa conversa com os vestígios daquilo que foi e que muitas vezes continua a ser, rompendo o curso da história,¹²⁸ em vez de impor uma prevalecida tomada de assalto do passado que lhe furte a capacidade de resistência ao assédio da interpretação, deve levar em conta os fluxos e refluxos que a ideia de diálogo implica:

Even if one accepts the metaphor that presents interpretation as the “voice” of the historical reader in the “dialogue” with the past, it must be actively recognized that the past has its own “voices” that must be respected, especially when they resist or qualify the interpretations we would like to place on them. A text is a network of resistances, and a dialogue is a two-way affair; a good reader is also an attentive and patient listener.¹²⁹

O “bom leitor” estará atento aos interstícios, às zonas opacas. Como parece sugerir LaCapra, o intérprete que souber respeitar as “vozes” do passado conseguirá, talvez, como interlocutor consequente, fazer soprar uma brisa até mesmo nas urnas herméticas onde não raro essas “vozes” buscam refúgio. Oxigenadas essas urnas com uma aragem estimulante, seus lacres feitos de resistências poderão ser rompidos. Caberá, então, ao leitor responsável, prezadíssimo pelo historiador de Cornell, como “ouvinte atento e paciente”, buscar, na pegada de Heidegger, “pensar o impensado” que se aninha nos eventos, nas textualidades e na história da linguagem. José Costa D’Assunção Barros sugeriu uma interessante interpretação sobre o método dialógico preconizado por LaCapra:

O historiador dialógico assumiria a possibilidade de compreensões alternativas, de exame a partir de muitas perspectivas sem fazer o “voto de Minerva” pender para uma delas. Ainda que expresse criticamente o seu ponto de vista particular, a voz do próprio historiador é apenas uma das muitas vozes. O historiador dialógico seria aquele capaz de argumentar a

¹²⁷ “uma agressão subjetivista que ignora o fato de que os textos, na verdade, podem desafiar os seus intérpretes.” (tradução minha) LACAPRA, op. cit., p. 274.

¹²⁸ BENJAMIN apud HAMACHER, 2001, p. 176.

¹²⁹ “Ainda que se aceite a metáfora de acordo com a qual a interpretação corresponde à ‘voz’ do leitor situado historicamente no ‘diálogo’ com o passado, cumpre reconhecer, vigorosamente, que o passado tem suas próprias ‘vozes’ que devem ser respeitadas, especialmente quando resistem, limitam ou modificam os sentidos das interpretações que gostaríamos de fazer sobre elas. Um texto é uma teia de resistências, e um diálogo, por definição, ocorre sempre em uma via de mão dupla; um bom leitor é igualmente um atento e paciente ouvinte.” (tradução minha) Idem.

favor de todos e de cada um sem deixar de argumentar a favor de si mesmo.¹³⁰

Como quer que se prefira pensar sobre os problemas que esse diálogo implica para o fazer historiográfico, parece inevitável concluir-se que: “[...] la temporalidad es en cierto modo más constrictiva para el propio intérprete, circunscrito dentro de actuales coordenadas de debate, que para lo interpretado, accesible a sucesivos intérpretes dentro de diferentes coordenadas.¹³¹”

Há outra fonte do pensamento filosófico, alegórico, historiográfico e o que mais se quiser acrescentar, pois aí está um pensamento verdadeiramente ubíquo e, como Michel Löwy permite inferir, irredutível à categorização,¹³² que não poupou energias na busca desse diálogo com o passado. Para Walter Benjamin, a escrita da história, transitando entre o teórico e o poético, investindo incansavelmente no movimento dialético entre a proximidade e a distância, ao vagar por percursos erráticos, recolhendo fragmentos dispersos, descobre o relampejo do passado no presente:

O rastro é a aparição de uma proximidade, por mais longínquo esteja aquilo que a deixou. A aura é a aparição de algo longínquo, por mais próximo esteja aquilo que a evoca. No rastro, apoderamo-nos da coisa; na aura, ela se apodera de nós.¹³³

Embora LaCapra não o tenha citado em seu artigo fundacional, Benjamin, de alguma forma, parece estar presente no método dialógico apresentado em *Rethinking Intellectual History*. Para o pensador alemão: “Perceber a aura de uma coisa significa investi-la do poder de revidar o olhar.¹³⁴” Reside também aí, possivelmente, a capacidade de resistência das vozes do passado, a contestação do passado das interpretações que o presente, às vezes, busca impingir-lhe.

Na medida em que as revistas culturais conformam “estruturas elementares da sociabilidade” que exercem, concomitantemente, por meio de suas redes, dinâmicas socioculturais includentes e excludentes, unindo em muitas circunstâncias apenas pequenas

¹³⁰ BARROS, José D'Assunção. Imagens da História. *Mneme*. Revista de Humanidades, Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó, v. 5, nº 10, p. 221, abr./jun. de 2004.

¹³¹ SERRANO, Manuel G. *Contornos y adentros: ensayos kantianos de filosofía*. Münster: LIT Verlag Münster, 2000, p. 87.

¹³² LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 13.

¹³³ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Org. da edição brasileira Willi Bolle. Trad. Irene Aron e Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 490.

¹³⁴ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: *Textos escolhidos* (sem organizador). Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. Traduções de José Lino Grünewald (et al.), São Paulo, Abril Cultural, 2ª ed., 1983, p. 19.

frações, grupos, formações, cujas perspectivas e definições tendem a ser autoatribuídas, tornam-se absolutamente relevantes as considerações de LaCapra sobre esses interstícios do texto aos quais seus intérpretes devem estar sempre atentos, pois, como também defende Raymond Williams, a análise social e cultural de qualquer tipo organizado de grupo terá que “levar em consideração não apenas as idéias e atividades manifestas, mas, também, as idéias e posições que estão implícitas ou mesmo que são aceitas como um lugar-comum”.¹³⁵

Enquanto artefatos produzidos discursivamente sob determinadas condições materiais e subjetivas, cujos produtos também são, reciprocamente, agentes forjadores dessas condições, as revistas culturais são documentos que podem informar sobre a sensibilidade cultural de uma época, sobre o clima político de contextos específicos, além de revelar muitos dos esforços empreendidos desde perspectivas subalternas para a ruptura de “consensos fabricados”,¹³⁶ mas pretensamente autoevidentes. Do mesmo modo, certamente há aquelas que acompanham a marcha dos que propalam o *continuum* do devir histórico. Tendencialmente programáticas, possuindo e defendendo projetos de intervenção política e cultural como *raison d'être*, estas e aquelas conformam importantes estruturas de sociabilidade e núcleos de organização de formações intelectuais, progressistas ou conservadoras, que derramam tinta para tomar a defesa de variadas visões do mundo, seja destas que se apresentam como anunciadoras do novo, portadoras de um projeto contestatário, seja daquelas já cristalizadas na intersubjetividade, transsubstanciadas em políticas culturais dominantes:

Como instrumento de mediación cultural (que actúa en la zona de contacto entre políticas culturales hegemónicas y proyectos alternativos, entre creación artística y grupos receptores, entre el sector intelectual o académico y el lector que es introducido al producto cultural a través de la interpretación o la selección que la publicación le presenta), la revista es casi siempre una *empresa educativa* – política y pedagógica – aunque más no sea por las maneras en que organiza y filtra los *relatos de identidad* y traza los vínculos entre el campo cultural y sus afueras (regionales, nacionales, internacionales). Es, asimismo, un vehículo del *gusto* de determinados sectores sociales o intelectuales, que buscan proponerlo, difundirlo, legitimarlo, a través de diversas operaciones conceptuales, y de diferentes apuestas estético-ideológicas.¹³⁷

Encarada como instrumento de mediação cultural, que “organiza e filtra” relatos de identidade, a revista parece atingir quase uma posição de *Deus ex machina*, que surge

¹³⁵ WILLIAMS, op. cit., p. 140.

¹³⁶ HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. *Manufacturing consent: The political economy of the mass media*. New York: Pantheon Books, 2002, *passim*.

¹³⁷ MORAÑA, op. cit., p. 68. (sem grifos no original)

repentinamente para harmonizar, de maneira autoritária, aquilo que está desestruturado. Assim, mesmo que seja razoável entendê-las como mediadoras culturais, ao fazê-lo está-se, igualmente, a correr um risco, qual seja, considerá-las apenas como produtoras de discursos, como construtoras e ordenadoras do emaranhado caótico de representações do mundo “real”, sem levar-se em consideração o influxo que esse mesmo “real” em que circula, “esa superficie resistente, cruzada por la tensión de significaciones, hechos y fragmentos de discurso [...]”,¹³⁸ provoca na constituição de suas formulações. As revistas não somente manipulam, “interpretam” e “selecionam”, mas, igualmente, seguindo o argumento de LaCapra, como intérpretes de um “real” textualizado, têm suas definições e perspectivas afetadas pelo objeto que tentam deslindar ou até mesmo transformar.

Além de estarem situadas em contextos que ambicionam modificar em diversas ocasiões, sobre os quais procuram formular interpretações inexoravelmente influenciadas por esses mesmos contextos, as revistas também representam um ateliê do ofício crítico e da prática teórica:

El medio intelectual no puede ser pensado sin referencia a un medio editorial, sin esa esfera que produce la existencia de la prensa y la evolución del periodismo; sin instituciones como la universidad u organizaciones específicas de los intelectuales, como las academias o las revistas.¹³⁹

Ao encontro dessa consideração, Sirinelli aponta que as revistas são “estruturas de sociabilidade”. Possuem inclusive, em muitos momentos, estatuto legal e institucional, materializado em um código de regras com funções e prerrogativas devidamente formalizadas, como as revistas científicas e institucionais. Seja como for, interessa frisar que as revistas, em especial na América Latina, têm proporcionado um espaço supranacional de pertencimento e de convívio para uma comunidade intelectual muitas vezes tida como insulada por fronteiras linguísticas, geográficas, sociais, culturais e por tantos outros limites demarcadores. Com efeito, a “pátria real”, que é encerrada em divisas rígidas, pode ser suplantada pela ubíqua “pátria intelectual”.¹⁴⁰ Nas revistas da América Latina, “pátria intelectual” da *intelligentsia* do subcontinente, a transculturação¹⁴¹ proposta por Fernando Ortiz e revisitada subsequentemente por Ángel Rama ocorreu com menos obstáculos.

¹³⁸ SARLO, Beatriz. El saber del texto. *Punto de Vista*, Buenos Aires, año IX, nº 26, p. 6, abril de 1986.

¹³⁹ ALTAMIRANO, Carlos. Hay una tensión entre modernidad e identidad. *La Nación*, Buenos Aires, p. 18, 17 de julio de 2010. Entrevista concedida a Raquel San Martín.

¹⁴⁰ RODÓ, 1967 apud MAÍZ, 2009, p. 28.

¹⁴¹ O conceito de transculturação também foi empregado na análise de Mary Louise Pratt sobre a relação das narrativas de viagens com o imperialismo europeu nos séculos XVIII, XIX e XX. Na pista de Michel Foucault e de Edward Said, Pratt refletiu sobre os artificios ideológicos por meio dos quais o imperialismo (o poder) busca

Se a história intelectual, por meio das contribuições de suas diferentes vertentes, confere um sólido arcabouço teórico-metodológico ao estudo das revistas culturais, a história política renovada, na esteira da qual, vale recordar, a própria história intelectual francesa recebeu empuxo, também proporciona uma firme armação conceitual às pesquisas sobre as revistas.

A história política, na França, foi por muito tempo, depois de exercer domínio incontestado no século XIX, um tipo de bode expiatório da historiografia que emergiu no século XX. Em seus “combates pela História”,¹⁴² os fundadores da chamada escola dos *Annales*, aquele movimento de ruptura que impulsionou a marcha da história-narrativa, linear e factual, em direção à história-problema, holística e interpretativa, contestaram, efusivamente, as correntes de pensamento que estiveram em voga na aurora da historiografia moderna, sendo o Positivismo o representante mais notório dessas correntes. Anatematizado o Positivismo, foi pequeno o gesto que se fez para levar ao chão tudo aquilo que guardasse algum vestígio dos princípios epistemológicos que animavam as doutrinas influenciadas pelo comtismo, com seu característico apego ao cientificismo e hostilidade ao idealismo. A história política, assim, muito em voga no século XIX e de farta presença nos compêndios e textos escritos sob a rubrica do Positivismo, dificilmente teria ficado incólume diante do furor iconoclasta das novas gerações. Desdenhada pelo novo pensamento historiográfico, a história política, naquele contexto de polêmica e reformulação, “era a própria imagem e o exemplo perfeito da história dita factual, ou *évènementielle*” que estava sendo questionada.¹⁴³

Com efeito, até então a história política havia sido construída sempre em estreita relação com as vicissitudes do poder e de quem o ocupa, atenta, primeiramente, aos fatos associados às transições nos centros e espaços de poder e às conjunturas daí adjacentes. Ao passo que a história política praticada no Antigo Regime dava primazia às monarquias e às dinastias hereditárias, aquela que se produziu depois das revoluções liberais e na era da burguesia não se diferenciou de modo substantivo de sua antecessora, exceto nominalmente, pois, em vez dos monarcas e das linhagens hereditárias, deu atenção aos chefes de Estado das

sustentar-se, recorrendo menos à repressão e mais à capacidade de gerar prazeres e possibilidades, buscando legitimação por meio da sedução dos discursos. PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel writing and transculturation*. London and New York: Routledge. 1992. Para Fernando Ortiz, o termo transculturação, ao contrário do que está contido nas acepções derivadas da noção inglesa de *acculturation*, expressa melhor o “abraço de culturas”, por levar em consideração as diferentes contribuições que concorrem no sincretismo cultural. ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, p. 90.

¹⁴² Alusão ao livro “Combates pela História”, escrito pelo co-fundador da escola dos *Annales*, o historiador francês Lucien Febvre. (FÉBVRE, 1986)

¹⁴³ RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 16.

nascentes repúblicas. A turbulenta irrupção das forças sociais e suas primaveras que incendiaram a Europa ao longo do século XIX reivindicava o protagonismo das “massas”. Havia chegado o momento de colocar em xeque a máxima segundo a qual a história é escrita pelos vencedores. “Havia chegado a hora de passar da história dos tronos e das dominações para a dos povos e das sociedades.¹⁴⁴” O aparecimento da democracia, do socialismo, do parlamentarismo, ainda que concomitantes ao surgimento do individualismo preconizado com unhas e dentes por forças liberais, fez estremecer, paulatinamente, o domínio intocável dos indivíduos e dos “grandes homens” não apenas na história, mas, também, na historiografia. Fez sacudir, ainda, a supremacia dos lapsos curtos de tempo nos estudos históricos, isto é, não mais interessavam os atos apoteóticos que indivíduos excepcionais e ilustres praticavam em sua rota gloriosa em direção ao poder. Assim, os mecanismos mais persistentes, com seus alicerces erigidos no transcurso de uma temporalidade abarcável apenas com um metro que vai muito além dos sucessos circunstanciais, passaram a ter maior relevância, independentemente da envergadura atingida por esses sucessos: “Desejosa de ir ao fundo das coisas, de captar o âmago da realidade, a nova história considerava as estruturas duráveis mais reais e determinantes que os acidentes de conjuntura.¹⁴⁵” Depois de um longo período em que se manteve nos rebordos da vaga que, no século XX, transformou radicalmente o conhecimento histórico, a história política, na França, renovou-se a partir dos anos oitenta, seguindo o fluxo de duas ordens de fatores: externos e internos.

Por um lado, entre os fatores exógenos que concorreram, primeiramente no contexto nacional francês, para o rejuvenescimento da história política, destaca-se, de acordo com René Rémond, uma tendência de crescente “politização” da sociedade contemporânea do país da Bastilha.¹⁴⁶ Na franca expansão das sociedades de consumo e de crescente preponderância da lógica do individualismo, a política como catarse coletiva do caprichoso Eros pequeno-burguês transformou-se em espetáculo juvenil nas barricadas de Paris, outro elemento externo cuja motivação para o rejuvenescimento da história política não deve ser negligenciada: “O movimento de 1968, através de um uso extenso e um tanto abusivo do conceito de poder, não contribuiu pouco para reconduzir o político ao primeiro plano da reflexão.¹⁴⁷” Assim, se anteriormente temas como a moral, a religião, a ecologia, o gênero orbitavam fora da esfera do político, sendo abordados pelo viés socioeconômico e quase sempre como simples

¹⁴⁴ Ibid., p. 18.

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ Ibid., p. 25.

¹⁴⁷ Ibid., p. 26.

rescaldo menor da infraestrutura, com essa “politização” de um âmbito tido como apolítico estava cimentado o caminho para o *retour* da história política.¹⁴⁸

Por outro, tal rejuvenescimento está inscrito, também, na chamada “crise” geral das ciências humanas, “pautada pela falência dos sistemas globais de interpretação e dos paradigmas dominantes fornecidos pelo marxismo e pelo estruturalismo”.¹⁴⁹ No fluxo dessa crise geral, como fator interno de renovação, deve-se ter em conta, ainda, em relação ao retorno da historiografia política, um momento de intensa e objetiva “rediscussão dos conceitos e das práticas tradicionais”,¹⁵⁰ aqueles mesmos conceitos e práticas que, em sua época de esplendor, a haviam conduzido nos ingênuos retratos que pintou, de modo idealista, do indivíduo como herói da história.

Em síntese, poder-se-ia dizer que a história política renovada, para ganhar plena cidadania nos espaços de influência da historiografia hegemônica que a destronou do seu antigo domínio epistemológico, teve que assimilar as perspectivas essenciais do novo paradigma norteador da escrita da história, passando, assim, por uma mudança radical de orientação, como observou Rémond:

Abraçando os grandes números, trabalhando na duração, apoderando-se dos fenômenos mais globais, procurando nas profundezas da memória coletiva, ou do inconsciente, as raízes das convicções e as origens dos comportamentos, a história política descreveu uma revolução completa.¹⁵¹

Em vez de se organizar em torno do interesse por reis e intrigas palacianas ou por temas restritos aos avanços e recuos da *raison d'état*, estudados à luz de uma perspectiva linear e factual, a história política, ao abrir-se para outros objetos e atores, passou a estruturar-se levando em consideração um novo entendimento das dimensões temporais. A bem da verdade, esse entendimento não é novo, de todo, posto que nitidamente perpassado pela concepção braudeliana de tempo plural, com seus três níveis de periodização: curta, média e longa duração. Assim, a recorrente terminologia aplicada nas investigações sobre história política aparecerá daqui em diante associada a alguma dessas dimensões do tempo plural. Com a curta duração, surgirão relacionados os golpes de Estado, as revoluções, as decisões ministeriais etc. Com a duração média, a história dos partidos, a “história cíclica do

¹⁴⁸ MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. *Vidya*, Santa Maria/RS, v. 19, nº 34, p. 106, 2000.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 105.

¹⁵⁰ RÉMOND, op. cit., p. 26.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 36.

engajamento dos intelectuais”.¹⁵² Por fim, com a longa duração, a cultura política e as ideologias.

Embora o transcurso de suas histórias consiga atingir, no máximo, a média duração, uma vez que tendem a existir como experiências efêmeras, as revistas de cultura abrigam, em seus interiores, nos seus textos, a agitada pulsação de todos esses três níveis de periodização; a história como um todo folga muito em habitar seus discursos. A propósito, como se poderia refletir, com mais vagar, sobre a relação das revistas culturais e da consciência crítica que abrigam com o tempo em que são publicadas e lidas?

1.4 Anacronia deliberada contra a pseudodoxia¹⁵³

“Podría vérsela así: más que un desafío al tiempo la revista es un desafío *en el tiempo*.” Com este tópico frasal, Pablo Rocca¹⁵⁴ introduz o primeiro parágrafo de seu ensaio sobre revistas culturais. Reserva, por um lado, para o livro, o reino da sincronia, da longa duração. Por outro, para a revista, o lugar da diacronia, do efêmero, do sempre esquivo presente.¹⁵⁵ Enquanto o livro concebe-se sob o manto do sagrado, pretende-se duradouro, perene, quando não eterno, a revista, amiúde, faz-se no jogo conturbado das relações de poder, no espaço de latência dos discursos, como instância de consagração de autores, cânones, projetos culturais, ideologias políticas. De todo modo, no sinuoso percurso da auratização de um livro muitas vezes poder-se-á encontrar uma revista cultural.

Quando se pensa na relação de revistas culturais com outros tipos de suportes, como os jornais, os termos podem ser invertidos. Aí, então, a antinomia identificada na fórmula (demorado, prolongado vs. transitório, passageiro) terá no jornal, de publicação diária geralmente, o lugar do *fait divers*, da informação rápida sobre o instante imediato e concreto

¹⁵² SIRINELLI, op. cit., p. 238.

¹⁵³ O termo “pseudodoxia” foi-me sugerido pela leitura das reflexões de W. G. Sebald sobre Thomas Browne (1605-1682), autor de *Pseudodoxia Epidemica: Or, Enquiries Into Very Many Received Tenents, and Commonly Presumed Truths*, cuja primeira edição data de 1646. Como o subtítulo permite notar, Browne tem como objetivo questionar muitas “presumíveis verdades”. Daí a apropriação que faço do termo “pseudodoxia” para refletir sobre as revistas culturais.

¹⁵⁴ ROCCA, Pablo. Por qué, para qué una revista (Sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). *Hispanica*, año XXXIII, n° 99, p. 3, diciembre de 2004.

¹⁵⁵ O par expreso na “obsessão dicotômica” de Ferdinand de Saussure, sincronia e diacronia, empregado neste enunciado, tem a mesma acepção que lhe é conferida no ensaio de Marcos Maschio Chaga sobre alguns efeitos no Brasil da polêmica entre Georg Lukács e Walter Benjamin. Cf. CHAGA, op. cit., pp. 227-236.

e, na revista de cultura, quase sempre semanal ou mensal, terá a marca da abstração e da análise que dominam sua densa e por vezes impenetrável topografia discursiva. Nessa inversão de termos, a revista cultural será, portanto, lugar de publicação de textos produzidos sob o signo de certo estranhamento ou distanciamento em relação àquilo que decorre na turbulência fugidia do instantâneo. Quando Borges pensou que uma revista se faz para o esquecimento,¹⁵⁶ terá imaginado porventura, também, em contradição consigo mesmo, que a polifonia de vozes que a orquestram, muitas vezes sob a batuta de um maestro habilidoso, como Victoria Ocampo em *Sur*, almeja, com frequência, a execução de uma música sem *coda*, de um som que não se dissipa, de um projeto intelectual que se quer estabelecer. Como quer que seja, efêmera ou duradoura, pelo menos no que tem que ver com o período em que circula, a revista de cultura é, por definição, um espaço da consciência crítica e, como tal, pode possuir diversas temporalidades. Entre as variadas dimensões de tempo abraçadas pelo exercício crítico, a anacronia não deve ser desprezada. Como bem observou o grupo editor de *El Ojo Mocho*, periódico argentino que se define como “revista de crítica política y cultural”:

[...] la dimensión crítica implica, siempre, un cierto estar a destiempo frente a la actualidad. Una anacronía que no busca en el pasado un origen posible desde donde fundar la experiencia actual, sino que simplemente se sitúa en él, para juzgar, desde su horizonte, el presente. Del mismo modo se coloca en el porvenir, como momento prospectivo necesario para evaluar todo lo que acaece. ¿Desde qué tiempo venimos? y ¿hacia qué tiempo vamos? parecen ser las preguntas que atraviesan la crítica.¹⁵⁷

Este posicionamento intempestivo da atividade crítica em relação à atualidade não implica, obviamente, um insulamento, um autismo renitente e orgulhoso em relação às urgentes exigências do mundo circundante. A dimensão crítica, onde quer que se manifeste, ambicionará situar-se marginalmente em relação às centralidades temporais e espaciais, desejará estar fora do tempo e “fora do lugar”. Ou melhor, terá, antes, certa inclinação para desconfiar da dualidade centro e periferia que está na base do pressuposto de que as ideias podem ou estar dentro ou fora do lugar. A aceitação desse pressuposto poderia implicar a anuência com um tipo de “eugenia” ideológica de acordo com a qual existem, por um lado, aquelas ideias que são imaculadas e, por outro, aquelas que são conspurcadas, que são a profanação ou a degenerescência de uma pureza protegida sob o manto da unidade, da universalidade.

¹⁵⁶ BORGES, 1979 apud ROCCA, p. 3.

¹⁵⁷ BOVERIO, Alejandro; CAPELLI, Darío & RODEIRO, Matías. *El Ojo Mocho, ¿nueva época? El Ojo Mocho*, Buenos Aires, nº 1, 1ª edición, p. 4, noviembre de 2011. (grifos no original)

Acaso, uma ideia “no lugar” não será a melhor tradução do próprio lugar-comum, do estereótipo? O que será o estereótipo senão a quintessência de um discurso catalogado, fixado e dominante, como observou Raúl Antelo: “O estereótipo é sinal de irrecusável necrose verbal. Onde há um estereótipo, há um discurso do poder, brecando a possibilidade dos sentidos antagônicos, complexos ou mesmo contraditórios aparecerem.¹⁵⁸” Os conceitos de “unidade” e de “pureza”, estes dois pilares da racionalidade moderna, quer sejam associados às ideias, quer sejam pertencentes à matéria menos intangível, quando empunhados com o objetivo de servir de estímulo para a formulação de axiomas tendem a redundar em ruinosos resultados, como lembra Bauman:

Os grandes crimes, frequentemente, partem de grandes idéias. Poucas grandes idéias se mostram completamente inocentes quando seus inspirados seguidores tentam transformar a palavra em realidade – mas algumas quase nunca podem ser abraçadas sem que os dentes se descubram e os punhais se agucem. Entre esses tipos de idéia, ocupa posição privilegiada a da visão da *pureza*.¹⁵⁹

Quando posta à prova a ordem, pode-se libertar uma desestabilizadora força de criação. Sem unidade e sem casticismo o que resta é o inominável e o vir a ser preche de possibilidades: “Aquilo que não tem nome, que não tem lugar, é pura potência. Pode ainda vir a acontecer. Mas, se acontecer, será sempre o desdobramento de uma força que vem do arquipassado.¹⁶⁰” Será essa a força com a qual a América Latina e suas revistas culturais, com a vocação crítica que possuem, poderão movimentar a asfíxiante atmosfera de uma cultura ocidental estagnada?

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de “unidade” e de “pureza”: estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo.¹⁶¹

A contramão do que sugere Santiago com a noção de entrelugar desse discurso crítico, em sua expressão latino-americana, seria, talvez, algo semelhante ao velho mito

¹⁵⁸ ANTELO, Raúl. A apatia do povo brasileiro como sátira. *IHU On-Line*, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, edição 268, São Leopoldo, p. 8, 11 de agosto de 2008. Entrevista concedida a André Dick e Márcia Junges.

¹⁵⁹ BAUMAN, op. cit., p. 13. (sem grifo no original)

¹⁶⁰ ANTELO, op. cit., p. 9.

¹⁶¹ SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 16.

heliodrômico, com o grande astro sol a refulgir e a conduzir a história para um desfecho glorioso. A crítica que sucumbe à sedutora atração desse discurso mítico terá, como indica Santiago de maneira irônica, o destino daquele artista aliciado pela promessa de redenção contida em uma teleologia que anuncia, aos seus fiéis seguidores, a infalível trajetória em direção à estrela maior:

O discurso crítico que fala das influências estabelece a estrela como único valor que conta. Encontrar a escada e contrair a dívida que pode minimizar a distância insuportável entre ele, mortal, e a imortal estrela: tal seria o papel do artista latino-americano, sua função na sociedade ocidental.¹⁶²

A consequência desse mito hegeliano é a aceitação de um “fim da história”, do culminar de uma trajetória, ao longo de um caminho-de-ferro, no seu irreversível rumo a um paraíso feito de um valor supremo que Santiago define como a “imortal estrela”. Cúmulo do progresso ou de forças menos imanescentes, esse lugar edênico tem resguardado anseios de redenção expressos, ora na parúsia, ora no regresso do rei desaparecido, ora na democracia liberal, ora na revolução, tome essa trajetória em busca do *télos* ou do Graal a forma que mais lhe agrada.¹⁶³ Como quer que seja, a periferia continua a querer ser como o centro e o centro permanece em sua prometeica busca pelo infinito, sem jamais encontrá-lo, como terá sugerido a evasiva Pitonisa a Cadmon em sua infatigável procura pela extraviada irmã Europa.¹⁶⁴ Importa destacar que a consciência crítica estará sempre em movimento sem fixar-se em lugar algum, nem dentro nem fora, nem no centro nem na periferia, a não ser, talvez, no entrelugar, essa zona opaca e impalpável imaginada por Santiago.

¹⁶² Ibid., p. 20.

¹⁶³ Este anseio de plenitude, esta confiança historicista em um horizonte futuro conhecido *a priori*, zênite onde a graça poderá finalmente ser colhida, está expresso, como trauma, neste trecho do estudo de Rebecca Comay sobre a forma como a Revolução Francesa repercutiu, em sentido amplo, na filosofia alemã e, particularmente, em Hegel: “German is to the French Revolution, then, as Achilles to the tortoise – forever postponing its encounter with an object that it has already overtaken, and constantly running ahead of a thing with which it can never quite catch up. The Revolution in this light functions, psychoanalytically, as the inaccessible, impossible Real, and the ‘German Ideology’ as the fantasy that keeps forever circling around it. Philosophy nourishes itself by continually displacing the obscure object of desire – too far, too close, eternally remembered and perpetually anticipated, forever unattainable because always already achieved. German idealism is in this sense nothing but the staging of a chronically missed encounter. Such fantasy defines the ‘German *Misère*’ around 1800. What Marx calls German ideology might be understood as a kind of trauma.” COMAY, Rebecca. *Mourning sickness: Hegel and the French Revolution*. Stanford University Press, 2011, pp. 23-24.

“A Alemanha é para a Revolução Francesa, portanto, aquilo que Aquiles é para a tartaruga – eternamente procrastinando o seu encontro com um objeto que já ultrapassou e constantemente correndo atrás de algo que nunca conseguirá alcançar. A Revolução, sob este viés, opera, psicanaliticamente, como o inabarcável, como o impossível Real, e a ‘Ideologia Alemã’ como a quimera que se mantém para sempre circulando ao redor desse Real. A filosofia se retroalimenta pelo deslocamento contínuo de um obscuro objeto de desejo – tão longe, tão perto, eternamente lembrado e perpetuamente antecipado, para sempre inatingível, posto que sempre já alcançado. O idealismo alemão é, neste sentido, nada senão o palco de um encontro infalivelmente perdido. Tal fantasia define a ‘*Misère* alemã’ por volta de 1800. O que Marx designa como ideologia alemã pode ser entendido como um tipo de trauma.” (tradução minha)

¹⁶⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Europa: uma aventura inacabada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 7.

Em suma, uma revista cultural, na qualidade de viveiro da produção crítica é, por definição, espaço de interpelação de estereótipos, independentemente da forma como venham a manifestar-se, conservadora ou progressista. Poderá haver um paralelo entre os predicados de uma revista cultural e as faculdades do agente secreto de Joseph Conrad, aquele que se imiscui nas ideias dominantes, revirando-as, desde uma perspectiva crítica, de um lado e de outro, para torná-las completamente anódinas no seu sentido original. Guardiãs de projetos político-culturais, não apenas se preocupam em interpretar, mas, também, em contestar e intervir. Como afirma Beatriz Sarlo: “la sintaxis de la revista rinde un tributo al momento presente justamente porque su voluntad es intervenir para modificarlo.¹⁶⁵” Como nem toda intervenção aspira à mudança na esfera da cultura ou no complexo tabuleiro de forças dos conflitos sociais, há também revistas com geografia ideológica de matriz contrarreformista, inclinadas à “síndrome termidoriana”. De todo modo, pouco pode prescrever ou anular-se em si mesmo sem que antes passe pelo seu escrutínio legitimador ou iconoclasta.

¹⁶⁵ SARLO, Beatriz. op. cit., p. 10, 1992.

Capítulo 2

Encontros com a Civilização Brasileira, Cuadernos de Marcha (segunda época) e *Controversia: (Geo)grafias de três formações* intelectuais latino-americanas

*“La geografía de una revista es, como el deseo del viaje,
una vía regia hacia su imaginario cultural.”¹⁶⁶”*

(Beatriz Sarlo)

2.1 Estratos de uma revista de cultura

Além dos interditos do discurso, há outros elementos que apresentam dificuldades àqueles que se propõem a estudar revistas culturais. Tão impalpáveis quanto as brechas dos discursos de uma revista de cultura são os fragmentos de sua identidade que se vão perdendo com a passagem do tempo. Essa identidade, vale notar, não se manifesta somente nos elementos que constituem a indisfarçável materialidade da revista, ou seja: tipo de encadernação; qualidade do papel que lhe reveste capa e miolo; diagramação; logomarca; tamanho, cor e tipo de letra; formato (dimensões); sistema de impressão; preço; nome; periodicidade etc. Esses elementos são facilmente observáveis, com exceção do sistema de impressão, que poderá não prescindir de instrumentos para ser reconhecido. Há outros, entretanto, que não se deixam apreender de modo tão espontâneo. Estes são fragmentos que muitas vezes se perdem, aqueles são vestígios que podem remanescer enquanto houver quem

¹⁶⁶ SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. Le discours culturel dans les revues latino-américaines de 1940 à 1970. *América*, cahiers du CRICCAL (Centre de Recherches Interuniversitaire sur les Champs Culturels en Amérique Latine), n° 9-10, Presses de la Sorbonne Nouvelle, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, p. 12, mars 1992.

tenha recursos e se disponha a preservar revistas culturais em acervos, museus, hemerotecas, coleções privadas ou onde quer que seja.

Seria arbitrário afirmar qual desses componentes confere mais identidade à revista. Certo é que uns e outros, sejam seus indícios apreensíveis, sejam seus remanescentes intangíveis, podem sugerir muito sobre o que uma revista foi ou almejou ser. Ora, referiram-se os vestígios menos percíveis de uma revista, aqueles que fazem parte de sua materialidade. O que pensar daqueles fragmentos que podem sumir repentinamente? Afinal, quais componentes de uma revista cultural são mais suscetíveis ao desaparecimento? Que não se deixe espaço para um ledor engano. Porque a panóplia material de uma revista de cultura pode ser, com algum cuidado, preservada da deterioração, não se pense, apressadamente, que todos os componentes de sua imaterialidade serão sempre menos capazes de sobreviver à corrosiva passagem do tempo. De fato, alguns serão, como se poderá constatar. Outros, não. Poderá soar banal pensar que o imaterial tem melhores chances de ser mais longo do que o concreto. Haverá, porém, uma porção de verdade no truísmo. Antes de se ter em conta a porção imaterial de uma revista de cultura que prontamente pode escapar do exame do investigador, posto que muito facilmente se dissipa sem deixar indícios, tenha-se em consideração, portanto, que uma revista pode tornar-se um mito, um arquétipo, uma ideia, cujas substâncias têm condições de durar por muito tempo. Ainda que venham a desaparecer de todos os acervos, quem há de se esquecer da beligerante *Amauta*, de *Orígenes*, de *Sur*, da resiliente revista porto-riquenha, de Nilita Vientós Gastón, *Asomante – Sin Nombre* ?

O imaginário cultural criado por uma revista pode perseverar indefinidamente, pode, inclusive, ser transmitido ao longo do tempo, como bem simbólico, ainda que, na sucessão, possa sofrer mudanças. Não é preciso se distanciar muito do escopo desta tese, para se encontrar exemplos do processo de transmissão cultural em que se está a pensar. Basta ter em conta o destino de cada uma das três formações intelectuais que participaram da história das revistas que estão a ser analisadas.

Veja-se, por exemplo, o itinerário de *Marcha*. Surgida em 1939, acompanhou a história mundial, latino-americana e uruguaia por trinta e cinco anos, para ser fechada em 1974 pelo governo ditatorial de Juan María Bordaberry. Embora tenha desaparecido o semanário, permaneceram, mesmo no exílio, os *Cuadernos*. Depois do fim da ditadura, os *Cuadernos* voltaram a circular no Uruguai, de 1985 a 2001. Talvez, porque “Quijano era

*Marcha*¹⁶⁷”, como escreveu Onetti, não houve sentido, derrotada a ditadura, em voltar a publicar, no Uruguai, o semanário com todas as suas antigas insígnias, a começar por aquela que talvez tenha sido a mais significativa delas: o nome.¹⁶⁸ Os tempos já eram outros. De algum modo, porém, o espírito de *Marcha* ou seu imaginário cultural, como quer que se queira chamar o pensamento que lhe deu identidade, segue candente. Em 1985, surgiu sob a direção de Hugo Alfaro, em Montevideu, contando com a participação de alguns antigos e inveterados integrantes do grupo de *Marcha*, o semanário *Brecha*, que segue em circulação, com edição impressa e portal na rede mundial de computadores. Respeitadas as diferenças e a individualidade de cada um desses semanários, muito do pensamento de *Marcha* foi transmitido para *Brecha*.

Uma revista de cultura não é apenas um suporte material de leitura, de informação, de análise, de discussão, mas, igualmente, é um emaranhado de relações, algumas vezes restrito, outras dilatado, a ponto de fazer com que uma publicação aparentemente despreziosa possa tornar-se um complexo empresarial e administrativo. Importa destacar que não são raros os exemplos de grandes casas editoriais que surgiram de revistas:

Les revues sont indissociables du mouvement des idées; tous les mouvements littéraires, tous les groupes intellectuels ont eu leur revue – souvent éphémère. Mais les plus importantes ont non seulement marqué leur temps, mais aussi donné naissance à de grandes maisons d’édition: ainsi *La Nouvelle Revue française*, *La N.R.F.* est à l’origine des Éditions Gallimard, comme le *Mercur de France* le fut quelques années plus tôt pour ses Éditions.¹⁶⁹

Há ocasiões, ainda, em que editoras bem estabelecidas publicam suas próprias revistas, como a *Civilização Brasileira*, de Ênio Silveira, e a *Brasiliense*, de Caio Prado

¹⁶⁷ Título de texto escrito por Onetti, à guisa de necrológio, em homenagem a Carlos Quijano, cuja morte acontecera em 10 de junho de 1984, poucos dias antes do aniversário de quarenta e cinco anos de fundação do semanário *Marcha*, ocorrida em 23 de junho de 1939. ONETTI, Juan Carlos. *Proceso*, México, n° 398, 18 de junho de 1984, pp. 34-35. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://sololiteratura.com/one/onettiartquijano.htm>> Acesso em: 13 de setembro de 2012.

¹⁶⁸ *Marcha* e Quijano formaram juntos um tipo de sintagma. Se Onetti sugeriu que “Quijano era *Marcha*”, Ángel Rama preferiu pensar que *Marcha* era Quijano: “Que nosotros hayamos tenido en el sur un semanario político-cultural pero también literario, como *Marcha* y, que haya vivido treinta y cinco años, en cierto modo la explicación está en que tuvo a un hombre absolutamente alucinado como es Carlos Quijano, decidido a entregar su vida y a conformar su nombre y llamarse Carlos Marcha, simplemente.” (1981, p. 119) Quaisquer que sejam os termos da relação, o que sobressai é a indissociabilidade do nexa entre *Marcha* e seu diretor, Carlos Quijano.

¹⁶⁹ “As revistas são inseparáveis do movimento de ideias; todos os movimentos literários, todos os grupos intelectuais tiveram sua revista – muitas vezes efêmera. O que há de mais importante para se conhecer sobre as revistas, porém, é que marcaram não somente o tempo em que circularam, mas, também, deram origem a grandes casas editoriais: assim, *La Nouvelle Revue Française* foi antecessora da Editora Gallimard, como, também, o foi, anos antes do aparecimento da editora homônima, o *Mercur de France*.” Les revues, fenêtres sur la création, lieux de discussions. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.gallimard.fr/catalog/html/revue/somm.htm>> Acesso em: 3 de maio de 2012. (tradução minha)

Júnior. Por vezes, as duas surgem simultaneamente, como a revista *Paz e Terra* e a editora homônima, também idealizadas por Ênio Silveira. Em algumas circunstâncias, quando não tem vínculo formal com a editora que lhe proporciona recursos para poder circular, ou melhor, quando editora e revista não fazem parte de uma mesma estrutura administrativa, esta precisa subsistir com a autonomia cerceada, sempre à mercê das oscilações que possam afetar a instável sintonia ideológica que a une àquela, como aconteceu com *Asomante*, fundada em 1945 pela escritora Nilita Vientós Gastón, e logo, em 1970, depois de um contencioso judicial que a pôs em conflito, por razões políticas, com a editora que a publicava desde o primeiro número, a Asociación de Graduadas de la Universidad de Puerto Rico, passou a chamar-se, então, *Sin Nombre*.¹⁷⁰

A frágil cadeia dessas relações e tudo aquilo que lhe está associado são componentes de uma revista de cultura passíveis de sumir repentina e irreversivelmente. O que forma essa cadeia? Pode-se afirmar que seu circuito de comunicação compõe-se, basicamente, de uma editora responsável pela publicação e de uma distribuidora. Há, ainda, outro elo dessa cadeia que não pode ser negligenciado quando se pensa nas relações de uma revista com o público com o qual busca dialogar: a tiragem.

A quantidade de números que a editora responsável pela publicação de uma revista disponibiliza para distribuição pode representar um fator de impacto relevante. Por pertencer àquele conjunto de elementos imateriais de uma revista, a tiragem faz parte de um bloco de informações a que muitas vezes é difícil aceder, quando não se torna completamente inacessível, por várias razões, como a própria extinção de documentos provenientes da administração da revista ou o desaparecimento dos ramos do circuito de publicação incumbidos de geri-la e de colocá-la em circulação, a saber: a editora e a distribuidora.

Indagado sobre a tiragem e o perfil dos leitores da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, Pablo Rocca, diretor da Sección de Archivo y Documentación del Instituto de Letras (SADIL) da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FHUCE/UdelaR) e autor de artigos de referência para o estudo da literatura, da produção e do periodismo culturais

¹⁷⁰ Em ensaio sobre os avatares por que passou a revista *Asomante – Sin Nombre*, o escritor e crítico espanhol Eugenio Suarez-Galban, nascido em Manhattan por força da Guerra Civil Espanhola, apresenta fina análise crítica sobre a publicação de Nilita Vientós Gastón e discorre sobre a relação da história dessa importante revista literária com a delicada e controversa condição política de Porto Rico, Estado Livre Associado, enfatizando a influência dessa condição no projeto ideológico/estético de *Asomante – Sin Nombre*, destacando, da mesma forma, os motivos, ainda que amplamente conhecidos, que geraram a mudança de nome da publicação. Por considerar absurdas as razões que a forçaram a renomear *Asomante*, algo que “no tenía nombre”, Nilita avaliou que não poderia haver melhor nova designação para sua revista. Por isso, *Sin Nombre*. Ver nota de rodapé # 1 in SUAREZ-GALBAN GUERRA, Eugenio. “Asomandose a *Sin Nombre*”. In : *América*, Cahiers du CRICCAL, n° 9/10, Presses de la Sorbonne Nouvelle, Paris, mars 1992, p. 97.

latino-americanos, nomeadamente de uma importante pesquisa sobre crítica e literatura no semanário *Marcha*,¹⁷¹ respondeu da seguinte forma: “[...] cada respuesta me llevaría muy lejos y, sobre todo, me llevaría al plano de la interpretación en base a una documentación siempre esquivada: el imponderable de los lectores y la recepción.”¹⁷² Apesar de que a tiragem poderá sempre dar a conhecer novos indícios, acedê-la, geralmente, é tarefa penosa. Isto não obsta a pesquisa; é mais um objeto de análise. Assim, será útil, talvez, em termos metodológicos, encarar-se o tema da tiragem e do alcance das revistas de uma maneira estoica, ou seja, explicitando-se o lugar desde onde se interroga a circulação ou o circuito de ideias – o polo da produção – em vez do polo da recepção.

Pense-se, por conseguinte, que as revistas aqui analisadas começaram a ser publicadas no fim da década de 1970, época de mudanças. Em tempo de vertiginoso desenvolvimento da indústria cultural, escreveu Carlos Monsiváis, considerando o contexto latino-americano dessa época: “la cultura es un buen adquirido aunque secundario.”¹⁷³ Se, nesse período de transformações socioculturais e políticas, as revistas não pertenceram ao âmbito dos meios massivos de circulação da cultura, o imaginário ideológico e a sensibilidade que colocaram em movimento terão sido recebidos por uma “conciencia minoritaria”, nos termos de Monsiváis. Moacir Werneck de Castro, integrante do Conselho Consultivo de *Encontros*, lembra que há ocasiões em que a pequena tiragem pode ser condição de eficiência de uma revista, particularmente quando a publicação tem teor político: “O que resulta mortífero em cem mil exemplares, passa a ser apenas incômodo em dez mil, e é tolerado abaixo de três mil. Mas isso não quer dizer que o conteúdo seja inofensivo na mesma proporção. Tudo aí é uma questão de tempo.”¹⁷⁴ Vale notar, a propósito da difusão de revistas culturais, que não é somente a tiragem que determina a amplitude dessas publicações. Aliás, a tiragem nem sempre dá conta de revelar, por si só, a precisa disseminação de uma revista. A comunidade de leitores de uma revista cultural, normalmente fidelíssima, possui códigos próprios que incluem estratégias particulares de propagação. José Aricó, no bloco de entrevistas que concedeu a Carlos Altamirano pouco antes de morrer, ao revelar ter descoberto o materialismo histórico pela leitura de um artigo do biólogo marxista francês, Marcel Prenant, publicado em *Orientación* (1936-1949), semanário do Partido Comunista Argentino (PCA), faz um interessante

¹⁷¹ ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha*. Crítica y literatura en Marcha y en el Uruguay (1939-1974). Montevideo: Intendencia Municipal de Montevideo, 1992.

¹⁷² ROCCA, Pablo. Re: Estudios sobre las revistas culturales [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por cristianoppc@gmail.com em 29 de março de 2012.

¹⁷³ MONSIVAIS, Carlos (et al.) . ¿Qué es y para qué sirve una revista literaria? *Texto Crítico*, México, Universidad Veracruzana, nº 20, p. 108, 1981.

¹⁷⁴ Moacir Werneck de Castro, 1944 apud CAPELA; SCRAMIM, 2003, p. 10.

comentário sobre certo proselitismo, tido como “tarefa”, que caracterizava a circulação desse semanário:

Ellos [seus primeros contatos comunistas] recibían la prensa, el semanario del Partido Comunista *Orientación*. El periódico me interesó. Tenía una página cultural. [...] y me convertí en un lector entusiasta de este semanario que recibía y que, como se hace en todas estas tareas de proselitismo, lo recibía y después tenía que comenzar a distribuirlo a otros.¹⁷⁵

Se, nos anos sessenta, por um lado, o editor Ênio Silveira chegou a publicar 30.000 exemplares de números individuais da *Revista Civilização Brasileira*, muitos deles, possivelmente, esgotados, por outro, quando a coleção reapareceu, no fim dos anos setenta, ainda que o tratamento editorial tenha sido mais “profissional”, não houve uma recepção comparável àquela da década de 1960. Tentar-se-á entender, adiante, como os contextos de recepção afetaram a amplitude dessas duas coleções, tendo em conta, também, o que foi apontado por Monsiváis.

Antes de se passar da exposição dos elementos que constituem uma revista de cultura ao reconhecimento deles em cada uma das três publicações que se quer analisar e comparar nesta tese, é fundamental não se deixar de mencionar ainda outros três componentes do conjunto que as forma. Embora não se lhes tenha feito referência até agora, por sua importância, não convém deixar de fazê-lo. Componentes sem os quais é impossível pensar em qualquer revista de cultura, o conselho editorial e a periferia de colaboradores constituem o dinamismo de uma publicação. Pense-se, do mesmo modo, naqueles referentes de quem o grupo de uma revista se sente legatário, seus precursores, o traçado de uma linhagem intelectual a que se afilia historicamente. Seja por afinidades ideológicas ou estéticas, seja por vínculos de amizade, esses componentes reúnem o elenco humano, o cabedal intelectual responsável por plasmar o imaginário de toda revista. Como observou Beatriz Sarlo: “Las revistas tienen sus geografías culturales, que son dobles: el espacio intelectual concreto donde circulan y el espacio-bricolage imaginario donde se ubican idealmente.”¹⁷⁶

Levando-se em conta esses três importantes componentes, conselho editorial, colaboradores e filiação intelectual e os outros elementos citados – estratos formadores das geografias, real e imaginária, de uma revista de cultura – oriente-se a análise, após algumas considerações genéricas sobre o espaço visual que confere identidade a qualquer periódico,

¹⁷⁵ Excerto da entrevista concedida a Carlos Altamirano pouco antes da morte de Aricó, concluída em agosto de 1991 e filmada por Rafael Filippelli. JOSÉ Aricó. Dirección: Rafael Filippelli. Edición: Raúl Beceyro y Cecilia Beceyro. Fotografía y Cámara: Carlos Essmann. Apoyo: Fundación Pablo Iglesias, 1991. (1h 15 min)

¹⁷⁶ SARLO, op. cit., p. 12.

para a descrição das três publicações que foram selecionadas na qualidade de objeto e fonte deste estudo.

2.2 Para além do discurso verbal

As revistas culturais são espaços/meios/suportes de discursos que podem ser expressos de formas variadas. Volumoso manancial de ideias, armazenam um intrincado hipertexto, decomposto em heterogêneas escrituras, em diversos códigos de linguagem: ora verbal, ora não-verbal, ora códigos intercalados, postos em permanente diálogo na malha da intertextualidade. Não é apenas a palavra traduzida na escrita fonética o recurso empregado para comunicar essas ideias. O projeto ideológico de uma revista recorre à inesgotável reserva de símbolos disponíveis no atacado das representações que inundam determinados contextos, da mesma forma em que neles estão embebidas, para se inscrever, na medida em que sua capacidade de persuasão lhe permitir, de modo decisivo no imaginário social e cultural de uma época. Seu discurso, portanto, não é transmitido, exclusivamente, pelo uso de uma grafia convencional, o texto verbal, mas, também, pela apropriação do recurso visual, o texto imagético, fonte copiosa de alusões e sugestões sempre recolhidas, organizadas e aplicadas com o objetivo de conferir uma repercussão mais abrangente ao conjunto de ideias no interesse das quais a revista advoga.

O êxito do projeto político-cultural de uma revista conta, invariavelmente, com a eloquência de suas ideias-força. Pois bem, tanto mais convincentes serão essas ideias quanto melhores forem os seus fundamentos, tanto mais irretorquíveis irromperão na arena de conflitos ideológicos quanto mais adequadamente estiverem encadeadas suas premissas e conclusões. Contudo, a eficácia argumentativa de uma revista não depende tão-somente da articulação de suas ideias pelo uso de palavras formadas pela composição de um alfabeto fonético. A incisividade de suas enunciações e proposições está sujeita à sutileza de um conjunto de elementos que extrapolam os conteúdos manifestos no poder da *inventio*. Não se trata apenas de se possuir mais ou menos habilidade retórica. Muitas vezes, no discurso de uma revista, a palavra cede lugar à imagem, e à força da retórica antepõe-se a pregnância visual. Assim, a linguagem estratégica de uma revista de cultura lança mão de “sintaxes”

polimorfos.¹⁷⁷ O estudo de uma revista cultural, conseqüentemente, não deve deixar de considerá-las. Foi pensando justamente nessa multiplicidade de “sintaxes” ou padrões de linguagens que Regina Aída Crespo teceu este comentário:

Também devemos buscar entender se e como as revistas que selecionamos utilizaram outras linguagens (imagens, ilustrações, fotografias, diagramação e inclusive publicidade) para conquistar um público mais amplo e se, ao recorrerem a esse meio, possuíam ou não algum projeto esteticamente revolucionário ou pelo menos inovador.¹⁷⁸

Sabe-se que a imprensa, tendencialmente, e ressalvadas as exceções, opera com padrões estáveis. O periodismo político-cultural, apesar da audácia que costumeiramente o distingue, sobretudo por sua capacidade de nuclear, entre outros, grupos e movimentos contestatários e inovadores, segue modelos mais ou menos constantes. Cumpre, portanto, dar atenção, simultaneamente ao estudo de suas geografias, às “sintaxes” das três revistas escolhidas como objeto de análise.

2.3 *Encontros com a Civilização Brasileira (1978-1980): Uma “mensagem deixada na garrafa”*

A dimensão do tempo nunca se comporta de maneira previsível, homogênea e regular. Como comparar, na história brasileira contemporânea, por exemplo, a terceira década do século XX, ainda marcada pelos padrões socioeconômicos da República Velha, com a quarta, quando o poder das vetustas oligarquias agrárias foi superado pela vitalidade de uma burguesia urbana emergente? Independentemente dos acordos feitos, nos momentos de ruptura, para que parte da estrutura ultrapassada se mantenha vigente na nova ordem, pois é possível haver continuidade na mudança – como bem sabia Don Fabrizio, o príncipe de Salina imaginado por Lampedusa –, assim como mudança na continuidade – como crêem os ponderados reformistas –, existem conjunturas em que transformações agudas podem estar encerradas em lapsos muito curtos, como o de um decênio. Qualquer ciclo histórico, de longa

¹⁷⁷ Devo o uso do termo sintaxe, aplicado ao estudo de revistas culturais, a Beatriz Sarlo (1992).

¹⁷⁸ CRESPO, Regina Aída. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <www.fflch.usp.br/dh/leha> Acesso em: 3 de abril de 2011.

ou curta duração, possui volatilidade. O conceito de ciclo, em oposição ao princípio da linearidade, implica oscilação.

Transcorridos cerca de treze anos do surgimento da *Revista Civilização Brasileira*, em março de 1965, foi lançado o primeiro número da revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, em junho de 1978. Apesar da inescapável referência exitosa de sua predecessora, a coleção estreada em junho 1978, que viria a ter 29 números, encerrando em novembro de 1980, não conseguiu o mesmo sucesso, como sublinhou Luiz Renato Vieira: “Embora a nova revista divulgasse artigos de vários dos antigos colaboradores da Editora, tinha *orientação ideológica menos definida* e não teve repercussão, no meio cultural, comparável àquela que a precedeu.”¹⁷⁹

Ênio Silveira, afeito a relatar anedotas, comprazia-se em lembrar a ocasião em que esteve com Sartre, na visita do filósofo francês ao Brasil, quando, tendo mostrado ao diretor de *Les Temps Modernes* a *Revista Civilização Brasileira*, em formato de livro e com aproximadamente trezentas páginas em papel jornal, foi indagado por seu interlocutor sobre a tiragem da publicação que lhe apresentava, ao que Ênio Silveira respondeu, referindo a cifra de 30.000 exemplares.¹⁸⁰

Para um contumaz *libero pensatore*, como foi Ênio Silveira, empenhado seguidor de um humanismo universalista, essa dita orientação ideológica bem definida – um eufemismo, talvez, para ortodoxia – jamais foi uma virtude das mais aliciantes. Deve-se esclarecer que Vieira não enfatizou essa suposta menor definição dos princípios de *Encontros* em relação à célebre coleção que a antecedeu fundamentado somente na interpretação crítica de fontes impessoais. Ao invés disso, suas conclusões, ao que parece, partiram, também, de entrevistas com o próprio Ênio Silveira, em que o editor teria afirmado, insistentemente, que *Encontros*, embora com um tratamento editorial mais “profissional”, teve uma recepção de público menor do que a *Revista Civilização Brasileira*, atribuindo a defasagem entre as duas coleções à hipotética identidade menos nítida de *Encontros*.¹⁸¹ Ainda que tenha mesmo havido essa presumível perda de identidade, sua verificação não é tão clara e linear quanto se poderia pensar. Como quer que seja, a primeira coleção, ao longo do tempo em que circulou, não ficou fossilizada dentro de uma cápsula de pureza ideológica; oscilou, passou por desvios. Não faltam análises que identifiquem com exatidão as flutuações da coleção dos anos sessenta:

¹⁷⁹ VIEIRA, Luiz Renato. *Consagrados e malditos: os intelectuais e a Editora Civilização Brasileira*. Brasília: Thesaurus, 1998, pp. 183-184. (sem grifos no original)

¹⁸⁰ SILVEIRA apud FERREIRA, 1992, p. 85.

¹⁸¹ VIEIRA, op. cit., p. 184.

Fruto de uma era populista, modificou paulatinamente sua orientação até seu fechamento, em 1968, por volta do A. I. – 5. Nesse sentido, podem ser indicados dois momentos básicos na história da revista: um, definido pelos compromissos com as linhas de pensamento (progressista) vigentes no período anterior, cobrindo, grosso modo, os anos de 1965 e 1966; o segundo, onde se percebe a emergência de novas linhas de diagnósticos, encaminhando-se para revisões radicais (inclusive criticando-se participantes do primeiro momento), perscrutando novas frentes de reflexão e afirmando um novo instrumental de análise. Sobre esse segundo momento os anos de 1967 e 1968, até o fechamento da revista.¹⁸²

Certa vez, Carlos Martínez Moreno lançou de supetão esta pergunta para Ángel Rama: “¿Tu cuántas revistas muertas tienes en tu haber?”¹⁸³ Embasbacado, Rama deu-se conta de que, em seu percurso intelectual, houvera muitas revistas cujo fim testemunhara, como *Apex*, a primeira delas, que fundara com amigos quando ainda era apenas um adolescente. A pergunta repentina de Martínez Moreno fez com que Rama pensasse no que definiu como “problema general de las revistas literarias”.¹⁸⁴

Refletindo sobre sua própria história e sobre as revistas de que havia participado, descobre na durabilidade, na relação entre o longo e o efêmero, um princípio articulador e explicativo. Chega, assim, em exercício criativo, a imaginar uma fórmula que pudesse ser aplicada na identificação de diferentes tipos de revistas:

[...] yo pensaba que se podría hacer como una ecuación en materia de revistas. Si la revista es militante, propone estéticas y nace de un grupo, esa revista es efímera y morirá joven. Si la revista corresponde en cambio a una personalidad que la orienta y la dirige con un cierto fundamento económico, esa revista en cambio será *ecléctica fatalmente* y tendrá larga vida. Es casi una proporción inversa.¹⁸⁵

Apesar de contemplar variáveis importantes que certamente podem concorrer no cômputo da duração de uma revista literária ou cultural, essa equação idealizada por Rama, como toda equação, não consegue, sozinha, relacionar dentro dos seus limites todas as situações que podem repercutir no comportamento daquilo que busca calcular. Note-se que não considera, entre outras variáveis, a interferência do contexto político, talvez apenas de

¹⁸² MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1994, pp. 205-206. Notoriamente representante de expressões políticas do polo carioca, a *Revista Civilização Brasileira*, a partir de 1966, sofreu uma invasão de importantes representantes da sociologia paulista: Florestan Fernandes, Fernando H. Cardoso, Francisco Weffort, Octavio Ianni e Leôncio Martins Rodrigues. Em nota de rodapé, Daniel Pécaut, baseado em entrevista que realizou com Moacyr Félix, afirma que a hipótese de uma mudança de orientação dessa revista, como sugere Carlos Guilherme Mota, não condiz com os acontecimentos. PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática S. A., 1990, p. 207.

¹⁸³ MORENO, Carlos Martínez apud RAMA, 1981, p. 117.

¹⁸⁴ RAMA, Ángel (et al.) . ¿Qué es y para qué sirve una revista literaria? *Texto Crítico*, México, Universidad Veracruzana, nº 20, p. 118, 1981.

¹⁸⁵ Idem. (sem grifos no original)

modo sutil, o que, partindo de um intelectual que primou por uma crítica política e social da cultura, não deixa de ser curioso. Tenha-se em conta o fim de tantas revistas, jovens e amadurecidas, forçadas violentamente ao desaparecimento, no auge de suas atividades, quando ainda muito teriam para contar, sugerir, desafiar. Como quer que seja, não é disso que se quer tratar, e Ángel Rama, em seu espontâneo e criativo pensar, contraditório em algumas vezes, lacunar em outras, sempre terá boas sugestões.

Pode-se extrair dessa mesma fórmula observações instrutivas sobre parcelas da identidade das revistas. Por um lado, será ecumênica a revista que for conduzida com certa exclusividade. Nos termos de Rama, a revista que for associada inarredavelmente a uma personalidade e que possuir algum lastro econômico será “eclética fatalmente”. Por outro, quando produto da articulação de um grupo, a revista professará, de modo paradoxal, uma “fé” imune a incongruências.

Integrante do Conselho Consultivo das duas coleções, Leandro Konder, ao lembrar as diferentes proveniências teóricas e ideológicas daqueles que se reuniam na Civilização Brasileira, enfatizou, nos mesmos termos de Rama, o ecletismo da formação intelectual que se encontrava naquela estrutura de sociabilidade arquitetada por Ênio Silveira:

Havia [na Editora Civilização Brasileira] um certo ecletismo controlado, porque na verdade ele [Ênio Silveira] estava orquestrando o encontro de exigências diferentes, de proveniências diferentes, marcas diferentes, de esquerda diferentes, desde o Partidão até pessoas que eram críticas em relação ao Partidão, em outras posições, outras propostas.¹⁸⁶

Com proporcionalidades inversas, a equação apresentada por Rama desestabiliza as interpretações de Vieira e de Ênio Silveira sobre aquilo que estaria por trás da forma como o público recebeu *Encontros*. Seguindo a lógica dessa equação, *Encontros* não seria, essencialmente, uma revista inclinada a exibir uma ideologia retilínea. Sua predecessora tampouco o seria. Mesmo que tivesse predisposição para estampar um sistema de ideias sem desvios, com a coerência que presumivelmente terá tido a sua antecessora, não parece residir aí a razão mais decisiva por que *Encontros* não recebeu, do meio intelectual, a mesma hospitalidade com que sua notável predecessora fora agraciada. As duas coleções, *mutatis mutandis*, têm, em termos de definição ideológica, mais semelhanças do que diferenças. Ambas foram heteróclitas em termos de princípios e concepções de mundo. Hão de ter sido diversas, claro, mas não a ponto de suas variações ideológicas se terem feito notar de modo

¹⁸⁶ SILVEIRA apud VIEIRA, op. cit., p. 124.

tão contundente e comprometedor por seus leitores. Absolutamente, não se mostra satisfatória a atribuição da menor repercussão de *Encontros* à sua suspeita indefinição ideológica.

Quando comparados os dois editoriais¹⁸⁷ que Ênio Silveira escreveu para os primeiros números de cada uma dessas duas coleções, o de 1965 e o de 1978, “Princípios e propósitos” e “Por quê e para quê”, respectivamente, pode-se notar a presença de pelo menos uma mesma palavra-chave, sectarismo, sempre acompanhada de um prefixo de negação. No editorial da primeira coleção, lê-se: “[...] a *Revista Civilização Brasileira* não será orientada por qualquer partido ou concepção sectária.¹⁸⁸” Poucas linhas à frente, apresentam-se aos leitores da *Revista* novos termos – não deslocados, porém, do quadro conceitual dos argumentos que os antecederam – para reforçar a amplitude de concepção do mundo que deveria nortear a linha editorial da publicação: “Não nos fixaremos, portanto, em posições ou postulações herméticas.¹⁸⁹” Passada mais de uma década, Ênio Silveira, após enfatizar as tendências que deveriam presidir à publicação, afirma que seus leitores poderão encontrar, nas páginas de *Encontros*:

[...] artigos, ensaios e notas de crítica assinados por colaboradores nacionais e estrangeiros que, pelo seu *não-sectarismo*, contribuirão para a abertura de horizontes, os atos de pensar e repensar o mundo em que o homem luta e se esforça para alcançar o grau de humanidade que o realizará plenamente.¹⁹⁰

Apesar de que, neste mesmo editorial, Silveira tenha colocado um acento na importância do “amor à verdade” para o propósito de *Encontros*, deve-se ter em conta que, para o editor da *Civilização Brasileira*, essa afeição, bastante arraigada, não se construía sem excursões aos meandros da dialética. Percorrendo sempre rotas sinuosas, a verdade, para esse editor, considerado por seus opositores como *condottiere* de um populismo tempestuoso e por seus apoiadores como um *partisan* da resistência cultural, podia ser dita pelo menos de “cinco formas” diferentes, como Brecht explicou, em 1934, em plena escalada do fanatismo nazista, no texto “Cinco maneiras de dizer a verdade”, publicado, aliás, na *Revista Civilização Brasileira*, em 1966. Celebrando um ano de *Encontros*, mais uma vez tocou a nota da

¹⁸⁷ Embora o editorial de 1965 não tenha, por motivos evidentes, autoria especificada na própria publicação, tendo sido creditado ao Conselho de Redação da *Revista*, soube-se, posteriormente, por intermédio de Moacyr Félix, que os editoriais dos números 1 e 13 foram escritos por Ênio Silveira. Ver nota # 6 in CAMARGO, M. L. B. . Resistência e crítica. Revistas culturais brasileiras nos tempos da ditadura. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. LXX, nº 208-209, p. 893, 2004.

¹⁸⁸ SILVEIRA, Ênio. Princípios e propósitos. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 1, p. 4, março de 1965.

¹⁸⁹ Idem.

¹⁹⁰ SILVEIRA, Ênio. Por quê e para quê? *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, ano I, v. 1, nº 1, p. 7, julho de 1978. (sem grifos no original)

heterodoxia: “Não pretendeu ser, não é e jamais será um veículo impositivo, programático, sectário.”¹⁹¹”

A hipotética definição ideológica irreduzível parece não caber à figura de Ênio Silveira. Se ainda assim for considerado que a locução adjetiva “editor de uma nota só” cai bem à imagem de Ênio Silveira, que se a empregue para o reconhecimento da constante afirmação, pelo editor da Civilização Brasileira, do pluralismo de ideias. Ao publicar, nos anos sessenta, supostamente uma década de maior firmeza ideológica para a Editora Civilização Brasileira, autores identificados com o pensamento de Trotsky e, concomitantemente, com outras vertentes do marxismo de teor mais clássico, o editor deixou perplexos alguns de seus correligionários. Pasmos, os “trombas” partidários (os superortodoxos, no jargão do partido) perguntavam-lhe, conforme relatou o editor em discurso direto:

– Mas, afinal, você o que é?

A resposta vinha em forma desestabilizadora:

– Eu sou o que sou, e no que estou fazendo presto – ao contrário do que vocês estão pensando – um enorme serviço ao partido.¹⁹²

Seu regime discursivo, em ambas as coleções, pelo menos no modo como o editor se autodefinia, não supunha, portanto, um fundamento de verdade inapelável, como se observa, também, neste excerto:

Ligado à esquerda desde os tempos universitários, é curioso notar que esses contatos com a área socialista haviam amadurecido e intensificado em Nova York [*sic*], onde meus amigos mais próximos, judeus e negros como os escritores Howard Fast, Richard Wright, Langston Hughes e o compositor Marc Blitzstein, eram comunistas. E assim iniciei a publicação de numerosos autores nacionais e estrangeiros ligados a essa corrente ideológica, como Roger Garaudy, Antonio Gramsci, Néelson Werneck Sodré, Osny Duarte Pereira, Ruy Facó e dezenas de outros. Fazia-o sem qualquer *sectarismo*, porém, pois sempre entendi que *posições estreitas e dogmáticas* eram antagônicas ao verdadeiro socialismo e ao espírito democrático que, em numerosos textos de apresentação dos livros que lançava, *eu fazia questão de promover*.¹⁹³

Quaisquer que tenham sido as diferenças ou semelhanças entre as duas coleções, o argumento baseado apenas na identidade ideológica, como acontece usualmente, parece

¹⁹¹ SILVEIRA, Ênio. Um ano de Encontros. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 12, p. 8, junho de 1979.

¹⁹² SILVEIRA apud FERREIRA, op. cit., p. 61.

¹⁹³ SILVEIRA apud VIEIRA, op. cit., pp. 81-82. (sem grifos no original)

insuficiente para prover uma interpretação mais sólida, particularmente no que tem que ver com o problema da recepção. Isolado, resiste pouco à análise.

2.3.1 A saturação de uma época e o desencanto de uma geração: Entre o desbunde e o adeus à revolução

“Um segundo de horror, penso muitas vezes, e toda uma era chega ao fim.¹⁹⁴”

(W. G. Sebald)

Para explicar a recepção de público menos acalorada que teve a coleção lançada em 1978, Vieira não se limitou, contudo, aos traços ideológicos de *Encontros*, ao seu caráter enquanto formação intelectual enraizada em valores de esquerda. Seu estudo sobre a Editora Civilização Brasileira, inequivocamente marcado por conceitualizações bourdieusianas, não negligenciou outro aspecto importante, senão essencial, que concorreu para a menor recepção da coleção surgida no fim dos anos setenta, já no limiar da “transição democrática”. Partindo de reminiscências do editor, Vieira imergiu em substância de maior densidade, na tentativa de descobrir razões mais sutis, mas não menos determinantes para o menor sucesso de *Encontros*.

Quatro anos antes de cair enfermo do coração e de sofrer a embolia pulmonar¹⁹⁵ que o fez sucumbir,¹⁹⁶ Ênio Silveira relembrou, melancolicamente, do intervalo de tempo por que passou, dos primeiros anos que se seguiram ao golpe militar até aos anúncios de uma abertura política, em cujas extremidades estão, de um lado, a euforia, o voluntarismo e o combativo gregarismo, e de outro, a desilusão, o abatimento e a dispersão:

Muitas coisas foram feitas com enorme sucesso, lançando muita gente no debate das idéias progressistas, em pleno repúdio ao regime de força que se implantava no país. Então esses nossos encontros¹⁹⁷ ficaram tão famosos que

¹⁹⁴ SEBALD, W. G. . Os anéis de Saturno. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 41.

¹⁹⁵ Segundo Vieira (op. cit., p. 185): “Ênio Silveira faleceu no dia 11 de janeiro de 1996, aos setenta anos de idade, de edema pulmonar.”

¹⁹⁶ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª ed. rev. e ampl., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 600.

¹⁹⁷ No seu depoimento a Jerusa Pires Ferreira, Ênio Silveira explicou o que motivou a escolha do nome *Encontros com a Civilização Brasileira*: “Por que, por que o nome *Encontros*? Porque quando lançamos a

nós, ao relançarmos a revista, adotamos o nome de *Encontros*. Aí mudou o sentido, são as tristes circunstâncias da vida – o Albatroz é o pássaro das tempestades, nós éramos o Albatroz de Baudelaire –, enquanto havia repressão havia tudo, de repente tudo começa a ficar permissivo e não surge mais ninguém, as pessoas deixam de comparecer.¹⁹⁸

Eis aí uma chave explicativa que, aparentemente, dá ensejo a uma análise histórica mais intensa em conteúdo sobre o contexto de recepção de *Encontros*. Mas, Baudelaire, por quê? Que “pássaro das tempestades” é este de seu poema?

L’Albatros

“Souvent, pour s’amuser, les hommes d’équipage

Prennent des albatros, vastes oiseaux des mers,

Qui suivent, indolents compagnons de voyage,

Le navire glissant sur les gouffres amers.

A peine les ont-ils déposés sur les planches,

Que ces rois de l’azur, maladroits et houx,

Laissent piteusement leurs grandes ailes blanches

Comme des avirons traîner à côté d’eux.

Ce voyageur ailé, comme il est gauche et veule!

Lui, naguère si beau, qu’il est comique et laid!

L’un agace son bec avec un brûle-gueule,

L’autre mime, en boitant, l’infime que volait!

Le Poète est semblable au prince des nuées

Qui hante la tempête et se rit de l’archer;

Revista *Civilização Brasileira*, e aí deliberadamente com intuito de promover debate público sobre os assuntos e desmascarar, nós fizemos debate sobre teatro, música, literatura. Um simpósio que foi realizado no Rio de Janeiro sobre teatro, por exemplo, reuniu quinhentas ou seiscentas pessoas, foi um verdadeiro comício. Fizemos: *Literatura Contemporânea, A Direita e a Literatura, Novas Raízes da Música Popular Brasileira, Censura e Política e Arte, e por aí vai.*” SILVEIRA apud FERREIRA, op. cit., p. 88.

¹⁹⁸ Ibid., p. 89.

Exilé sur le sol au milieu des huées,
 Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.¹⁹⁹»

O albatroz de Baudelaire é o poeta capturado em seu anseio inelutável de se elevar às alturas, o vate deslocado entre a turba, a bronca *canaille* que zomba de seu voluntarismo renitente. Como o poeta do século XIX, acometido pelas forças históricas da modernidade, exilado no meio da multidão, em busca da transcendência entre a imanência do progresso triunfante e as ruínas do capitalismo, Ênio Silveira, premido também entre o *spleen* e o ideal, entre o impedimento de êxito nas novas condições e a lembrança de algo irreversivelmente perdido,²⁰⁰ vislumbra o passado, ou melhor, a história de *Encontros*, com certa melancolia, pois parece discernir nessa história um impasse, o beco sem saída de uma época saturada e o desencanto de sua própria geração.

Na medida em que recorreu ao registro tropológico para refletir sobre o isolamento de seu projeto intelectual, tornado “redundante” no término dos anos setenta, Ênio Silveira permitiu que seus comentários esbanjassem remissões. Poderá haver alguma conexão, obscura que seja, entre a forma como Ênio Silveira rememorou o destino de *Encontros* e a notória tese IX de Walter Benjamin sobre o conceito de história. Se o historiador cultural amante da alegoria terá se inspirado²⁰¹ em alguns trechos de “As flores do mal”, de Baudelaire, para interpretar, projetando sentimentos e ideias, a aquarela que, em sua juventude, adquirira de Paul Klee, o *Angelus Novus*, como uma imagem arrepiante da história, da história enquanto catástrofe, Ênio Silveira igualmente buscou inspiração no crítico da vida moderna, o lírico poeta francês que viveu o auge do capitalismo, para refletir sobre o seu tempo, particularmente sobre o ambiente sociocultural em que circulou *Encontros*. Em relação ao contexto da abertura democrática, comentou, em seu discurso de posse no *Pen Club Brasil*, em agosto de 1991:

¹⁹⁹ *O Albatroz*. “Às vezes, no mar grosso, diverte-se a chusma / Na captura do albatroz, nobre senhor das vastidões oceânicas, / Que segue, indolente companheiro de viagem, / O navio que singra as profundidades amargas. / Mal é depositado sobre o convés, / Este rei do azul, desajeitado e encabulado, / Deixa penosamente suas grandes asas brancas / Tombarem como remos para o lado / Este viajante alado, como é desengonçado e frágil! / Ele, outrora tão belo e sublime, como é cômico e grotesco! / Um o exaspera aproximando um cachimbo de seu bico, / Outro imita, mancando, o aleijão a voar! / O Poeta é como o príncipe das nuvens / Que afronta a tempestade e se ri do arqueiro; / Exilado no chão, entre a multidão que o escarnece, / Suas grandes asas impedem-no de andar.” (tradução minha) BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Paris: Alphonse Lemerre, 1868, p. 105.

²⁰⁰ GATTI, Luciano. Experiência da transitoriedade: Walter Benjamin e a modernidade de Baudelaire. *Kriterion*. Belo Horizonte, nº 119, p. 175, junho de 2009.

²⁰¹ A sugestão de que Benjamin terá se inspirado em algumas passagens poéticas de “As flores do mal” para escrever a tese IX foi feita por Michael Löwy em seu belo ensaio crítico em que analisou cada uma das teses de “Sobre o conceito de história”. (2005, p. 89)

Mas, por um desses paradoxos que tornam ainda mais confusa a história de certas pessoas e de determinadas nações, a restauração da ordem democrática, ou, melhor dito, da “aparência democrática”, tornou como que *redundante* ou *supérflua* nossa atitude de *partisans* editoriais. Exaurida por anos de luta, que lhe consumiram o modesto patrimônio material a duras penas amealhado, a Civilização Brasileira e eu mesmo nos demos conta de que estávamos agonizando, em termos empresariais, ao chegar à praia depois da tempestade. Seríamos como o albatroz do famoso poema de Baudelaire?²⁰²

Assim, mais do que possíveis defecções ideológicas ou ocasionais concessões de um espírito contemporizador, a tépida recepção de *Encontros* teve muito mais que ver com a erosão de valores que definiram uma época. Contraditoriamente, ou talvez nem tanto, no momento da vagarosa transição, quando o regime ditatorial, relativamente isolado por inflexões na economia política internacional, como a mudança de paradigma na política dos Estados Unidos para os direitos humanos, o fim do padrão ouro para o dólar, anunciado em 1971 pelo presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, que implodiu o sistema monetário internacional erigido na conferência de Bretton Woods e os abalos produzidos pelas sucessivas crises do petróleo que estremeceram os fundamentos do modelo econômico até então favorecido pelos baixos preços da almejada *commodity* negra, dava seus últimos estertores, as forças sociais que haviam enfrentado mais acaloradamente os mecanismos de repressão apresentavam, também, sinais de cansaço. Deve-se anotar, portanto, que a tibia recepção de *Encontros* se inscreveu nesse contexto: “Não obstante a importância dos artigos ali publicados, vivia-se a *desmobilização* decorrente de quase quinze anos de censura e de violência por parte do Estado.²⁰³” Fazia-se necessária uma mudança de estratégia discursiva, que, afinal, não veio a acontecer. Era imperioso reformular o discurso, pois o contexto de recepção de *Encontros* estava marcado por condições políticas e culturais muito diferentes daquelas que existiram durante o período em que circulou a coleção dos anos sessenta:

[...] a *Revista* [Civilização Brasileira] foi lançada, em 1965, como reação, ou instrumento de resistência ao golpe militar de 64, articulando o discurso do grupo de intelectuais que se organizava em torno do editor Ênio Silveira e tinha o Partido Comunista como referência comum. Este lugar de resistência estava fortemente marcado e propiciado pelo contexto político do momento em que a *Revista* foi lançada – momento irrepetível, obviamente, à época do lançamento da *Encontros*, que já não tem como manter a mesma estratégia.²⁰⁴

²⁰² SILVEIRA apud FELIX, 1998, p. 78. (sem grifos no original)

²⁰³ VIEIRA, op. cit., p. 184. (sem grifos no original)

²⁰⁴ CAMARGO, M. L. B. . Sobre revistas, periódicos e qualis tais. *Outra Travessia*, nº 40/1, Ilha de Santa Catarina, p. 30, 2º semestre de 2003.

Em suma, lembrando daquelas extravagâncias do tempo mencionadas no começo desta seção, como comparar o ano de 1965, no Brasil, com o de 1978? Mesmo regime, mesmo país, mesmos atores sociais etc. Conquanto os processos sociais fossem os mesmos, os momentos na lógica interna desses processos eram bastante distintos. Enquanto o ano de 1965 está no umbral do ciclo em que se instalou a última ditadura militar²⁰⁵ brasileira, o ano de 1978, por sua vez, pertence já a um estágio de esgotamento desse ciclo, o outono da ditadura, a “abertura lenta e gradual e segura”, como propôs Geisel.

O crepúsculo, porém, chegou para muitos. A decadência do bloco de poder que usurpara o controle do Estado nos anos sessenta, mantendo-se por duas décadas, com apoio político e bases sociais, no domínio do conjunto das instituições administrativas, não ocorreu sem que, antes, ao longo da rota de ascensão desse bloco, muita perseguição, desaparecimento, crime, aniquilamento, sevícia e banimento acontecessem. Antes da queda, aqueles que haviam se apoderado ilegitimamente do poder sob o pretexto de estarem a defender os valores constitucionais brasileiros contra as forças subversivas tragaram para o abismo muitos de seus contendores, dizimados política e militarmente, apesar da tenacidade com que se entregaram ao assimétrico combate. Em seu livro de memórias em construção, “O bardo errante”, o poeta paranaense Manoel de Andrade, em tom afinado com as palavras elegíacas de Ênio Silveira, condensa a angústia de sua geração:

Não abdicamos da esperança, mas reconhecemos que nosso veleiro soçobrou e que seus restos foram bater nas praias melancólicas desses anos. Sobrevivemos quais náufragos num mar de ultrajes e decepções, junto com os destroços das grandes ideologias [...].²⁰⁶

²⁰⁵ AARÃO REIS FILHO, D. . A ditadura civil-militar. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 2, 31 de março de 2012. A revisão historiográfica proposta por Daniel Aarão Reis Filho, professor e pesquisador do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), tem provocado inflamados debates no meio acadêmico brasileiro. A sugestão de que a ditadura não foi somente militar, mas, antes, “civil-militar”, recebeu contestação do historiador Renato Lemos, pesquisador e professor do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde coordena o Laboratório de Estudos sobre os Militares na Política (LEMP). Sua réplica foi publicada também no jornal carioca *O Globo*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.ifcs.ufrj.br/~lemp/imagens/textos/A_ditadura_civil-militar_e_a_reinvencao_da_roda_historiografica.pdf> Acesso em: 13 de fevereiro de 2013. Sem deixar de reconhecer a pertinência da interpretação sugerida pelo professor Daniel Aarão Reis Filho, principalmente tendo em conta sua intenção de outorgar maior complexidade ao entendimento das relações políticas e sociais que marcaram o contexto do regime que governou o Brasil entre 1964 e 1985, penso, lembrando que todo conceito é passível de ambiguidades, que o termo ditadura militar é menos desapropriado, pois enfatiza a classe que protagonizou e dirigiu essa ditadura, sem dúvida alguma com base social de legitimação, como ocorreu com várias experiências históricas que envolveram domínio e opressão exercidos por um regime construído pelo consenso estabelecido entre sociedade e Estado. Os dois termos, militar e civil-militar, são vagos, mas um poder totalitário, altamente hierarquizado e incomplacente, ainda que tenha sustentação social, como até mesmo o dos mais atrozes ditadores, como o de Adolf Hitler, não poderá ter a mesma parcela de responsabilidade pelas ações que executa que aqueles que, ocasional e convenientemente, lhe prestam lealdade. Sob qualquer regime, arrivistas estarão prontos para saudar o poder.

²⁰⁶ ANDRADE, Manoel de. Nos rastros da utopia. *Hispanista*, Revista Electrónica de los Hispanistas de Brasil, v. XIII, nº 48, enero/febrero/marzo 2012.

Embora o regime militar tivesse a aquiescência de amplos setores da sociedade civil brasileira, especialmente dos setores mais conservadores da classe média urbana, havia diluídos em diferentes estratos sociais, entre os estudantes, alguns representantes da classe política, os intelectuais, os artistas e o movimento operário, núcleos de resistência acérrima. Ora, no começo dos anos sessenta, no auge da euforia provocada pela Revolução Cubana, sob o êxtase da anúncio do “homem novo”,²⁰⁷ nada poderia estar à frente do imaginário radical, cujo entusiasmo e vigor atingiram um ápice no ano de 1968, o mesmo que o jornalista Zuenir Ventura afirmou não haver terminado. Por não haver terminado, talvez, como sugere Ventura, o ano de 1968, em vez de ser um ponto de onde se multiplicaram possibilidades e projetos, pode ser encarado como um ano de tarefas interrompidas, a entrada em latência de projetos de transformação:

La herencia de mayo de 1968 ha sido, por una parte, el advenimiento de una generación antihistórica, descomprometida, que no quiere complicarse la vida y parece haber suprimido el pasado en beneficio de un presente fluido y sin consistencia [...].²⁰⁸

No Brasil, depois do Ato Institucional nº 5 (AI-5), publicado em 13 de dezembro de 1968, instrumento administrativo que fez recrudescer os mecanismos de repressão, muitos dos setores de oposição foram forçados à resistência clandestina, quando não à total dispersão. Como quer que seja, outros movimentos sociais mantiveram-se organizados.

O definhamento do “milagre brasileiro”, afetado pela alta internacional dos preços do petróleo, o fiasco eleitoral de 1974 e a exposição das atrocidades perpetradas contra a luta armada provocaram novo frenesi de alguns movimentos sociais, em especial o dos operários, mas, também, o estudantil, o das mulheres etc.²⁰⁹ O cume dessa efervescência social foi a greve dos metalúrgicos do ABC paulista, em 1978. A irrupção organizada do movimento dos operários da indústria automobilística contribuiu muito para a criação, em 1980, do Partido dos Trabalhadores (PT). Assim, havia, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, de acordo com diferentes perspectivas, um clima de desmobilização²¹⁰ e de mobilização.²¹¹ Como afirma Daniel Pécaut, sobre as repercussões desse contexto na condição do intelectual brasileiro:

²⁰⁷ Referência à carta escrita por Che Guevara e dirigida a Carlos Quijano, publicada no semanário *Marcha*, Montevidéu, em março de 1965.

²⁰⁸ NOOTEBOOM, Cees. *Cómo ser europeos*. Madrid: Ediciones Siruela, 2ª ed., Biblioteca de Ensayo/Serie menor, 2011, p. 42.

²⁰⁹ SANTANA, M. A. . Ditadura militar e resistência operária: o movimento sindical brasileiro do golpe à transição democrática. *Política & Sociedade*, vol. 1, nº 13, p. 296, outubro de 2008.

²¹⁰ VIEIRA, op. cit., p. 184.

²¹¹ SANTANA, loc. cit.

Em todos os aspectos, o ano de 1974 é um ponto de inflexão no acesso à sua estruturação [do intelectual] como ator político. Os primeiros passos em direção à abertura, o sucesso eleitoral do MDB, os posicionamentos da OAB, da ABI e da SBPC são alguns de seus sinais. De qualquer modo, as estratégias políticas subseqüentes são apenas em parte o efeito das *reorientações* do meio intelectual.²¹²

No terreno social em que essas contradições se revolviam, formou-se, pela mistura de múltiplas tendências, algo que, para o contexto europeu, foi definido como a “virada liberal da esquerda”, atribuída à “falta de perspectiva em mudar o mundo”.²¹³ Apesar das diferenças e particularidades de cada contexto, o brasileiro e o europeu, a propensão liberalizante que se viu constituir na Europa com o eurocomunismo não deixou de encontrar no Brasil suas formas de expressão. Reverberou para muito além dos Cárpatos o atributo que Enrico Berlinguer, secretário-geral do partido criado por Antonio Gramsci, deu, em 1977, quando participava, em Moscou, das comemorações dos sessenta anos da Revolução Russa, à democracia, ao caracterizá-la como um “valor historicamente universal”, encontrando abrigo nas páginas de *Encontros*, no ensaio de Carlos Nelson Coutinho (1943-2012), “A democracia como valor universal”, publicado em 1979. Esse ensaio, muito marcado pela influência do pensamento de Gramsci, viria a tornar-se clássico e a espelhar o pensamento majoritário da esquerda brasileira na década seguinte.

Nos anos sessenta, Coutinho havia, com Ênio Silveira, atuado na recepção das ideias de Gramsci no Brasil. Muitos dos escritos de Gramsci foram publicados, pela Civilização Brasileira, ao longo da década de 1960: *Cartas do Cárcere* (1966); *Concepção dialética da história* (1966); *Literatura e vida nacional* (1966); *Maquiavel, a política e o Estado moderno* (1968); e *Os intelectuais e a organização da cultura* (1968). O reformismo revolucionário do pensador sardo, porém, só viria a alcançar maior repercussão no Brasil na década de 1970, como observou o arquiconservador Olavo de Carvalho:

Estas obras foram muito lidas, mas, numa atmosfera dominada pela obsessão da luta armada, não exerceram influência prática imediata. Seu potencial ficou retido até a derrota da luta armada, que provocou, como não poderia deixar de ser, um retorno generalizado às teses do combate pacífico e aliancista defendidas pelo PC pró-Moscou. O reatamento do romance entre a

²¹² PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 281. (sem grifo no original)

²¹³ RIMBERT, Pierre. A história não se repete. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, Instituto Pólis, ano 5, nº 57, pp. 10-11, abril de 2012.

esquerda armada e a desarmada deu-se, naturalmente, sobre um fundo musical orquestrado pelo maestro Antonio Gramsci.²¹⁴

Este, como é bem sabido, é o momento em que aparece o PT, reunindo intelectuais com diferentes trajetórias políticas, dirigentes sindicais, parcelas do clero, constituindo-se em partido político com variadas correntes ideológicas internas.

Se, no período da abertura democrática, como sugere Vieira, havia, mesmo, uma relativa desmobilização de alguns nichos tradicionais de resistência, exauridos por quinze anos de perseguição política, também começavam a surgir novas frentes de atuação e novos atores sociais. Os operários passaram a ter mais protagonismo. Os treze anos que separam o lançamento da *Revista Civilização Brasileira* e o aparecimento de *Encontros* foram igualmente decisivos para o rápido desenvolvimento de instâncias de consagração emergentes, como a mídia televisiva, que, no Brasil, passou por muitos aprimoramentos técnicos ao longo da década de 1970. Os intelectuais não estavam alheios à expansão dos meios de comunicação e da indústria cultural, cuja força não tardaria em se mostrar. Revistas culturais, como *Encontros*, em contexto de incisivas transformações e de restabelecimento de outras redes de sociabilidade e de surgimento de novos lugares de reconhecimento, deixam de ter a energia aglutinadora que tiveram outrora. A construção dos cânones, das linhagens críticas, contaria, agora, com outros suportes, munidos de poderosos fatores de repercussão. Muitos intelectuais abandonaram as revistas de resistência e perderam a *indignation militante*, evocada por François Dosse,²¹⁵ para se transformarem em vedetes, “gurus exotéricos” da emergente sociedade do consumo e do espetáculo. Se alguns foram seduzidos pelos mecanismos de cooptação da cultura de massas, outros souberam subvertê-la. Com efeito, houve quem tenha conseguido transitar nos espaços da ascendente cultura de massas, mantendo o discurso crítico, como o dramaturgo Dias Gomes. Pelo sucesso de público, encontrou na televisão um lugar de perpetuação da crítica social que, em outros suportes, como as revistas culturais, esbarrava nos obstáculos da censura. A relação entre a cultura de massas e o pensamento crítico não aconteceu, portanto, de forma linear, não ocorreu em uma via de mão única.

Há outra mudança que operou, também, de modo contundente nesse contexto: a crise das grandes narrativas e a emergência da condição pós-moderna.²¹⁶ Ao passo que a década de

²¹⁴ CARVALHO, Olavo de. *A nova era e a revolução cultural*: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi Editora, 1994, p. 67.

²¹⁵ DOSSE, 2003, p. 7.

²¹⁶ LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. passim.

1960 representa o apogeu das paixões despertadas pela ideia de revolução, a década seguinte, pós-1968, não foi apenas a época que seguiu esse “acontecimento-ruptura fundador”,²¹⁷ o momento em que as metanarrativas da modernidade teriam entrado em falência. Essa foi, também, a década em que uma nova “experiência de tempo histórico” passou a desenvolver-se: o futuro, porquanto completamente imprevisível, já não seria mais um leque aberto de possibilidades, e as leis da história já não mais poderiam conduzir a humanidade por um caminho de ferro em direção ao progresso e à redenção. O edifício da modernidade é implodido. Sopram os ventos do capitalismo financeiro e da globalização:

A partir da década de 70 a ascensão do capitalismo financeiro, sob o disfarce de globalização, começou a estender as suas redes e a ganhar, com armas invencíveis, essa nova e imensa guerra mundial, avançando com sua voracidade, desterrando os valores humanos, gerando multidões de excluídos, triturando nossas utopias, transformando o planeta num supermercado e descaracterizando a própria cultura com atraentes modelos de um consumismo supérfluo e descartável.²¹⁸

Arruinaram-se duas noções cruciais que fundamentaram o projeto moderno no Ocidente: “o passado como processo contínuo, a história como uma evolução linear cujo sentido pode ser descoberto e aplicado como guia para as ações do presente.”²¹⁹ Declinou o apelo do historicismo, a contingência histórica passou a ser secundária. Uma aluvião, liberada pela nova lógica cultural do capitalismo tardio,²²⁰ arrastou em suas águas turbulentas as filosofias da história que haviam sustentado as “estruturas de sentimento” modernas: “o futuro estreita-se, esvaziando-se de utopias políticas.”²²¹ A emergência de um “novo cronótopo”²²² estilhaçou um “tempo histórico” cuja coerência parecia invencível. A

²¹⁷ DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p. 127.

²¹⁸ ANDRADE, Manoel de. Nos rastros da utopia. *Hispanista*, Revista Electrónica de los Hispanistas de Brasil, v. XIII, nº 48, enero/febrero/marzo 2012.

²¹⁹ ARAUJO, V. L. . Para além da autoconsciência moderna: a historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, nº 36, p. 324, julho/dezembro de 2006.

²²⁰ JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ed. Ática, 1996. passim.

²²¹ ARAUJO, V. L., op. cit., p. 319.

²²² O conceito de cronótopo que aparece em “Sepp” Gumbrecht se associa, nas humanidades, àquele que teve aplicação nos estudos literários do teórico russo Mikhail Bakhtin, para quem o cronótopo, na literatura, é o nexo inseparável entre tempo e espaço: “We will give the name chronotope (literaly, ‘time space’) to the intrinsic connectedness of temporal and spatial relationships that are artistically expressed in literature.” “Daremos o nome cronótopo (literalmente ‘tempo espaço’) ao nexo intrínseco que há nas relações temporais e espaciais artisticamente expressas na literatura.” (tradução minha) BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. *Forms of time and of the chronotope in the novel*. In: HOLQUIST, Michael (ed.). *The dialogic imagination: Four essays*. Austin: University of Texas Press Slavic series, 2004, p. 84. Atribuindo o emprego do termo à matemática, e indicando o uso do conceito na Teoria da Relatividade de Einstein, Bakhtin observa, porém, que o sentido especial que a categoria possui na teoria de Einstein não tem importância para o que estava a propor; sublinha que tomou de empréstimo a noção para aplicá-la, “quase” como metáfora, nos estudos da crítica literária. Ver, ainda, o verbete

experiência das novas gerações com o tempo já não poderá mais se apoiar em três condições essenciais do cronótopo que vigorou até então, quais sejam: “leaving the past behind, going through a present of mere transition, and entering the future as a horizon of possibilities.”²²³ A temporalidade uniforme que vigorou até ao surgimento desse “novo cronótopo” foi destronada por uma história fragmentada, pós-secular.

Assim, com o aparecimento de uma nova construção social do tempo, o velho cronótopo historicista, *habitat* preferido do sujeito cartesiano, sempre presto para tomar decisões racionais e para fazer escolhas com um horizonte aberto de possibilidades diante de si, um futuro a que inevitavelmente se há de chegar, o resultado inelutável de uma evolução histórica dada, posto que constituinte das regularidades e “leis gerais da história”, foi sucedido por um cronótopo, ainda inominado, em que o presente se dilatou, o passado tornou-se uma presença quase corpórea, um “stowaway” como sugere Eelco Runia,²²⁴ e o futuro, decididamente intangível, passou a ser reduto de ameaças. A teleologia, na autoconsciência do sujeito que experimenta essa construção do tempo pós-hegeliana, já não ocupará a mesma posição de destaque:

In a retrospective glance from the early twenty-first century, we are now able to see the mood of the years after 1945 as a first wrinkle within the linear temporality of the chronotope that was called “History” (which was considered to stand outside of time itself) – a wrinkle within the linear temporality of a former chronotope, which today has been succeeded by a different construction of time that has been evident, *with clearer symptoms, since the late 1970s* (when we were all engaged in that battle between the champions of “Postmodernity” and the defenders of “Modernity”).²²⁵

Analista dos rumores da história, Ênio Silveira publicou, em fevereiro de 1980, no número 20 de *Encontros com a Civilização Brasileira*, um editorial intitulado “Desordem e

“cronótopo” em: MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002, pp. 111-112.

²²³ “deixar o passado para trás, cruzar o presente como mera transição, e adentrar o futuro como horizonte de possibilidades.” (tradução minha) GUMBRECHT, Hans Ulrich. *After 1945: Latency as Origin of the Present*. Stanford: Stanford University Press, 2013, p. 200. Uma prévia deste livro, cujo título provisório no Brasil é “Latência. Pós-1945”, pode ser encontrada em: GUMBRECHT, Hans Ulrich. Uma rápida emergência do “clima de latência”. *Topoi*, v. 11, nº 21, pp. 303-317, julho/dezembro de 2010.

²²⁴ “passageiro clandestino” (tradução minha) RUNIA, E. . On presence: Spots of time. *History and Theory*, v. 45, nº 3, p. 315, October 2006.

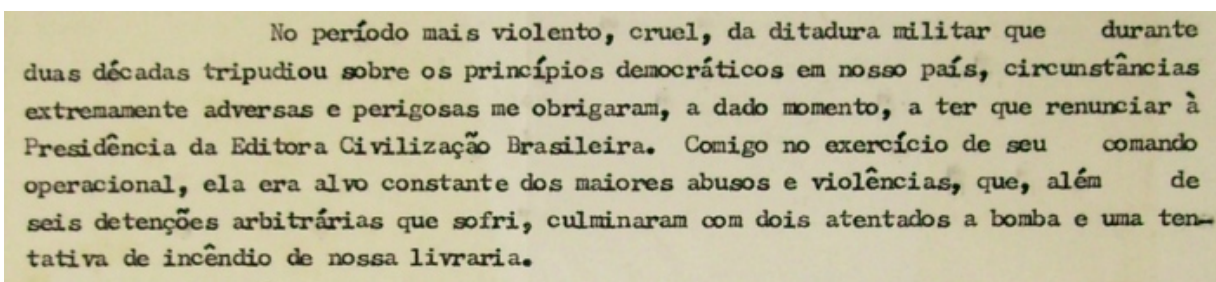
²²⁵ “Em um olhar retrospectivo do início do século XXI, somos capazes de ver, agora, o clima dos anos posteriores a 1945 como uma primeira dobra na temporalidade linear do cronótopo que foi chamado ‘História’ (que se supunha meta-histórico), uma dobra na temporalidade linear do antigo cronótopo, sucedido, hoje, por uma diferente construção do tempo que *revelou a si mesma com sintomas mais claros desde o fim da década de 1970* (quando estávamos todos envolvidos com aquela batalha entre os campeões da ‘Pós-Modernidade’ e os defensores da ‘Modernidade’).” (tradução minha) GUMBRECHT, op. cit., p. 201. (sem grifos no original)

possível progresso”. Há, na análise do editor, a intuição de que mudanças profundas, em escala mundial, estavam em gestação:

Esta penúltima década do século XX poderá ser tudo menos monótona, a julgar pelos eventos que, em toda a parte, estão marcando o seu início. [...] Novas configurações político-econômicas e militares se apresentam a cada instante aos nossos olhos, demonstrando que as mais estabelecidas “verdades”, ou os mais sofisticados “modelos de comportamento”, não têm sustentação alguma na vertiginosa e avassaladora escalada de mutações em que se vêem mergulhados, a um só tempo, os *blocos*, as nações que os integram, os partidos políticos, os indivíduos e os costumes.²²⁶

Pode-se imaginar que foram, antes, essas agudas transformações históricas que terão repercutido, mais do que a suposta indefinição ideológica, na acanhada recepção de público que teve *Encontros*. Embora Ênio Silveira tenha chegado ao fim dos anos setenta, combalido e economicamente abalado, em virtude dos ataques de toda ordem que sofreu dos implacáveis dispositivos de repressão usados pelo regime militar, como as frequentes ações criminosas perpetradas contra a Editora Civilização Brasileira, as recorrentes prisões, as restrições ao crédito bancário, sua conduta intelectual e a posição ideológica que o tornaram alvo constante desses dispositivos mantiveram-se incólumes, e os bens culturais que produziu expressaram a sua constância.

Figura I – Trecho de carta de Ênio Silveira para Evaristo de Moraes Filho, redigida no Rio de Janeiro, em 24 de fevereiro de 1986



No período mais violento, cruel, da ditadura militar que durante duas décadas tripudiou sobre os princípios democráticos em nosso país, circunstâncias extremamente adversas e perigosas me obrigaram, a dado momento, a ter que renunciar à Presidência da Editora Civilização Brasileira. Comigo no exercício de seu comando operacional, ela era alvo constante dos maiores abusos e violências, que, além de seis detenções arbitrárias que sofri, culminaram com dois atentados a bomba e uma tentativa de incêndio de nossa livraria.

Fonte: Seção “correspondência” da Biblioteca Virtual Evaristo de Moraes Filho. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <www.bvemf.ifcs.ufrj.br> Acesso em: 27 de agosto de 2012.

Com o acirramento do terrorismo cultural de Estado, gerado pelo AI-5, em 1968, o discurso explícito da resistência, hegemônico nos anos sessenta entre os setores sociais de oposição à ditadura, teve que ceder lugar a outras estratégias discursivas. A produção cultural e crítica, todavia, não ficou estagnada, tendo buscado espaços alternativos para se manifestar. O aparecimento de outros lugares de enunciação e de outras formas de resistência promoveu desierarquizações e inevitáveis fricções. O programa de *Encontros*, muito atrelado aos

²²⁶ SILVEIRA, Ênio. Desordem e possível progresso. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 20, p. 7, fevereiro de 1980. (grifo no original)

padrões de sua predecessora, e fixado em uma tradição de resistência cujo prestígio, antes incontestável, começou a ser disputado, preservou uma estratégia discursiva que já não podia ter o mesmo apelo de outrora: “Esse periodismo de resistência surge, se fortalece, entra em declínio e desaparece no mesmo compasso de sua eliciadora contra-face, a ditadura militar [...]”.²²⁷ Se a brutal repressão, por meio da violência e de uma variedade enorme de sanções, teve êxito em aniquilar seus opositores mais perceptíveis, aqueles que operavam pelo confronto direto e explícito, não conseguiu abortar a formação de adversários inovadores:

A década de 70 trará para a cena cultural, de forma mais acirrada, mesmo que silenciosa, as tensões entre as várias formas de resistência ao autoritarismo, bem como as questões que emergem da consolidação da indústria cultural. O humor, a contracultura, o “desbunde” comportamental passam a aflorar num outro discurso de resistência, mais sutil (mais eficiente?) do que o registro sério, “elevado”, que encontrávamos na *Revista Civilização Brasileira*, e que será reencontrado, com variações, em *Opinião e Argumento*.²²⁸

O lançamento de revistas político-culturais fiéis ao registro fleumático, denotativo, “elevado” de resistência, como *Opinião e Argumento*, na primeira metade dos anos setenta, disputou espaço com a entrada em cena de um tipo de discurso que fazia da “sátira instrumento de contestação”,²²⁹ criado e posto em circulação, em 1969, com bastante sucesso, por *O Pasquim*. Outras publicações importantes que circularam nos anos setenta foram: *Movimento* (1975-1980), *Versus* (1975-1979), *Em Tempo* (1978).²³⁰ Na segunda metade da década de setenta, quando surgiu *Encontros*, a distensão, além de ter produzido condições para a abertura política, foi simultânea ao amadurecimento de um período em que se tornou mais complexa, mais tensionada, talvez, a zona de insurgência e de reação contra o autoritarismo:

[...] um período de transição na história cultural brasileira, em que coexistem um processo de “destape”, ou de desrepressão, mais voltado ao passado, e outro de introdução de novas rotas de vôo, mesmo que um tanto tortuosas ou

²²⁷ CAMARGO, M. L. B. . Resistência e crítica. Revistas culturais brasileiras nos tempos da ditadura. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, vol. LXX, nº 208-209, p. 891, 2004.

²²⁸ *Ibid.*, p. 907.

²²⁹ A tiragem de *O Pasquim* chegou a atingir 100.000 exemplares, enquanto *Opinião* teve uma tiragem de 35.000 unidades. Cf. PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática S. A., 1990, p. 258.

²³⁰ Mais de uma centena de periódicos alternativos circularam nos anos setenta: “De 1970 a 1982, jornais alternativos foram criados em muitos estados. Estimam-se, aproximadamente, 150 títulos diferentes.” GIANNOTTI, Vito. *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007, p. 209.

com múltiplos rumos, seja no campo da política, seja no dos costumes, seja nos campos intelectual e literário.²³¹

O modelo de “resistência séria” entrou em declínio, e o lugar de emissão do discurso crítico dilatou-se. No fim da década de 1970, no Brasil, não era possível ser indiferente às transformações culturais que a sociedade de consumo começava a produzir. À *intelligentsia* coube, então, subverter a lógica do espetáculo, procurando instalar, nos vastos domínios da cultura de massas, o dissenso, o conflito, a crítica. *Encontros* surgiu como continuidade de sua antecessora dos anos sessenta, sem apresentar, contudo, um discurso adaptado ao novo contexto, perdendo, assim, a hegemonia discursiva que sua cultuada predecessora teve nos anos sessenta. Em 1982, Ênio Silveira, com limitada capacidade de solvência, teve que vender a Editora Civilização Brasileira para um grupo empresarial português. Sobre os “tempos de abertura(s)”, o contexto em que despontou no cenário cultural brasileiro a chamada “imprensa nanica”, Jeferson Candido, em seu estudo sobre o jornal *Versus*, reconhece que:

Os anos de 1974 a 1980 ficaram conhecidos no Brasil como os anos da abertura. É o período em que as liberdades individuais e políticas começam a (re)tomar suas formas a partir da “distensão” do regime ditatorial. Vemos surgir o debate acerca da formação de novos partidos políticos, em especial de esquerda [...], já que o fim do bipartidarismo se aproximava. Outro fato é o reerguimento, ou surgimento, com força crescente, de vários movimentos não ligados de maneira tão direta aos grupos da esquerda política: movimentos populares, de trabalhadores, ecológicos, negros, feministas, gays, entre outros, que surgem com a constatação de que não havia espaço para suas discussões específicas no interior da esquerda, esquerda esta que começa a mostrar suas diferenças e seus ranços ideológicos, antes postos em segundo plano pela *união consensual* que visava ao combate à ditadura.²³²

Pensando-se nos termos de Austin,²³³ torna-se razoável sugerir que a revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, incapaz de inovar sua estratégia discursiva, já não conseguiu ter a mesma *captatio benevolentiae* outrora contida nos “atos de fala” de sua antecessora dos anos sessenta. A força ilocucionária dos textos dessa revista, pelas agudas diferenças contextuais analisadas, não conseguiu manter o mesmo efeito mobilizador que tivera a *Revista Civilização Brasileira*. Redundante no novo contexto de enunciação, para o *corpus* textual de *Encontros com a Civilização Brasileira*, abundante em ensaios identificados com o gênero que Marc Angenot definiu como “literatura de combate”, modo do discurso

²³¹CAMARGO, loc. cit.

²³²CANDIDO, Jeferson. *Versus: a arte como arma. Boletim de Pesquisa NELIC*, Ilha de Santa Catarina, v. 5, nº 6-7, p. 77, 2003. (sem grifos no original)

²³³AUSTIN, John Langshaw. *How to do Things with Words: The William James Lectures delivered at Harvard University in 1955*. Oxford: Ed. J. O. Urmson, 1962.

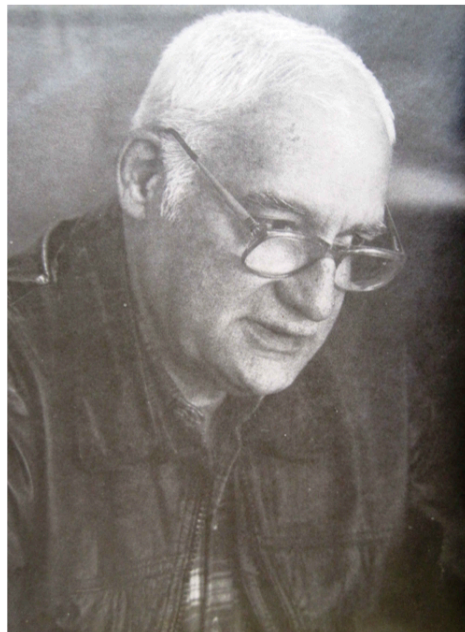
entimemático, persuasivo, doxológico e agônico,²³⁴ restou o porvir daquelas mensagens deixadas em garrafas e lançadas ao mar. O albatroz, o panfletário, verboso, fluente, livre de qualquer afonia, teve que presenciar, perplexo, o confinamento de sua mensagem nessa garrafa arremessada no sorvedouro da indiferença:

[...] el curso del mundo, penetrado por el escándalo, lo convence también de que su voz no podrá ser escuchada sin que la interferencia, la presencia de otros discursos degradados, altere el tenor de su mensaje. Es entonces aquel que sabe que habla en un desierto, *vox clamans in deserto*, aquel cuya voz aislada será cubierta por discursos parásitos. Necesita esperar que un día lo que escribe encuentre un lector que no este totalmente subyugado por la impostura y se muestre capaz de dar a las palabras su “justo” valor. De allí la imagen en filigrana de todo panfleto: la *botella-al-mar*.²³⁵

Ênio Silveira não viveu o exílio no sentido estrito. Viveu, sem dúvida, aquilo que Benedetti definiu como insílio: amargou a restrição de liberdades dentro do próprio país. Ao se comparar com o pássaro do poema de Baudelaire, o editor permite pensar, ainda, que o trajeto que percorreu nos tempos da ditadura fê-lo passar, já na época da transição para a democracia, por um tipo diferente de exílio, um exílio ideológico, o isolamento de seu projeto político-cultural.

Encontros teve um tratamento gráfico esmerado. Com periodicidade mensal, publicada em formato de livro em brochura, medindo 14 x 21 cm, diagramação de Léa Caulliriaux (até ao número 22) e, posteriormente, de Ana Maria Araújo e C. A. T. Torres, a revista estampou, em suas capas, além das ousadas produções gráficas de Eugênio Hirsch, o símbolo da Editora Civilização Brasileira, em alto contraste, desenhado por Marius Lauritzen Bern, concebido pela conjugação da “forma das letras C e B com a idéia de um livro com as páginas abertas [...]”.²³⁶

Figura II – Ênio Silveira, por Eduardo Knapp



Fonte: FERREIRA, 1992, s/p.

²³⁴ ANGENOT, Marc. *La palabra panfletaria*. Contribución a la tipología de los discursos modernos. Traduzido para o Centro de Estudios Avanzados por Liliana Tozzi. Universidad de Córdoba, 2003, mimeo.

²³⁵ Idem.

²³⁶ MARIZ, A. S. . Editora Civilização Brasileira: o design gráfico de um projeto editorial (1959-1970). Rio de Janeiro, 2005, Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 101.

Houve dois padrões de capa. O vigésimo segundo número foi o divisor de águas. A mudança, porém, foi apenas parcial. A porção de cima manteve-se inalterada, com o símbolo da Editora no canto superior esquerdo, ladeado pelo nome da revista, entre duas colunas com três e quatro quadrados, respectivamente, que apareceu sempre com a expressão “encontros com a” em caixa baixa, no topo, e com a expressão “civilização brasileira” em caixa alta, abaixo. O preço apareceu em todos os números, exceto no último, invariavelmente no canto superior direito. A alteração ficou por conta da parte central e inferior da capa. Enquanto no padrão que vigorou até ao vigésimo segundo número era estampada, nessa porção da capa, uma foto, sempre em preto e branco, no padrão seguinte, em vez da foto, optou-se por ilustrações.

Figura III – Logotipo da Editora Civilização Brasileira criado por Marius Lauritzen Bern



Fonte: MARIZ, 2005, p. 101.

Em sua permanência nos Estados Unidos, na cosmopolita Nova Iorque, Ênio Silveira trabalhou na prestigiosa Editora Alfred A. Knopf e fez um curso de editoração na Universidade de Colúmbia.²³⁷ Ao retornar ao Brasil, introduziu conceitos, na Civilização Brasileira, que, paulatinamente, mas não sem sofrer oposições, foram sendo incorporados pelo mercado editorial: “O livro brasileiro era igual a um livro francês, igual. A capa era tipográfica, não era ilustrada, o livro não tinha orelhas, o livro era de brochura não aparada.”²³⁸

As renovações estéticas e conceituais introduzidas por Ênio Silveira causaram desconcerto nos adeptos dos padrões editoriais vigentes no Brasil, muito apoiados na tradição francesa: “O livro era fechado, você tinha que abrir com espátula. Fui o introdutor no Brasil

²³⁷ SILVEIRA apud FERREIRA, p. 35.

²³⁸ Ibid., p. 156.

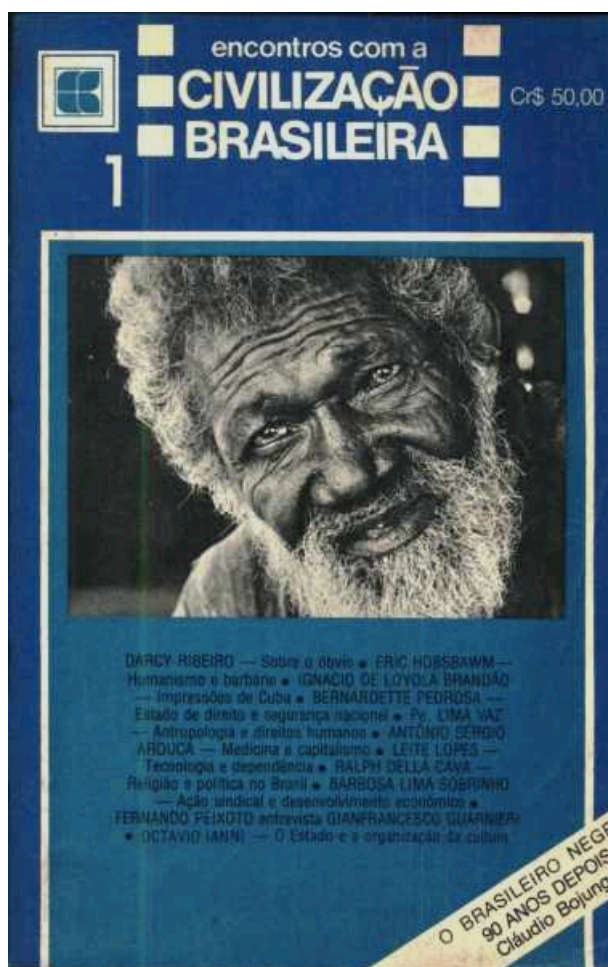
da brochura aparada, do livro cortado. Aquilo provocou um escândalo.²³⁹” Ainda que Ênio Silveira tenha afirmado muito o seu humanismo universalista, não deixa de ser irônico que tenha sido justamente um suposto “comunista” o responsável pela introdução de valores e conceitos editoriais ianques, no Brasil, dentro do período da Guerra Fria (1947-1989).

Apesar das suscetibilidades que provocaram, de início, no mercado editorial brasileiro, as inovações colocadas em voga por Ênio Silveira tornaram-se modelos de referência. Na realidade, não tardou para que essas inovações passassem de referência infalível a índice de excelência: “Nenhuma editora teve efeito estético mais benéfico sobre a indústria, no que deve grande parcela a seus sucessivos produtores gráficos Eugênio Hirsch, Marius Lauritzen Bern, Roberto Pontual e (nos anos de 1980) Léa Caulliriaux.²⁴⁰”

Afirmou-se, anteriormente, que a revista *Encontros com a Civilização Brasileira* não promoveu uma mudança de estratégia discursiva em comparação com a coleção que a precedeu. A hipótese apresentada para explicar a menor recepção de público da coleção dos anos setenta tem, como principal fundamento e justificativa, a obsolescência dessa estratégia e o concomitante surgimento de outros discursos, concorrentes, de resistência cultural. Deve-se notar, porém, para não se fazer uma generalização desnecessária, que foi apenas uma parcela da sintaxe de *Encontros com a Civilização Brasileira* que não se diferenciou da parcela correspondente presente na sintaxe da *Revista Civilização Brasileira*. Se, por um lado, o código de linguagem verbal da coleção dos anos setenta manteve-se fiel à tradição de “resistência séria” manifesta e desenvolvida com êxito pela prestigiosa revista dirigida por Ênio Silveira nos anos sessenta, por outro, o discurso não-verbal, a produção gráfica da coleção publicada no período da transição para a democracia incorporou as inovações que a Editora Civilização Brasileira introduzia no mercado editorial brasileiro. Em termos gráficos, o discurso de *Encontros com a Civilização Brasileira* apresentou transformações.

²³⁹Ibid., p. 154.

²⁴⁰HALLEWELL, op. cit., p. 600.

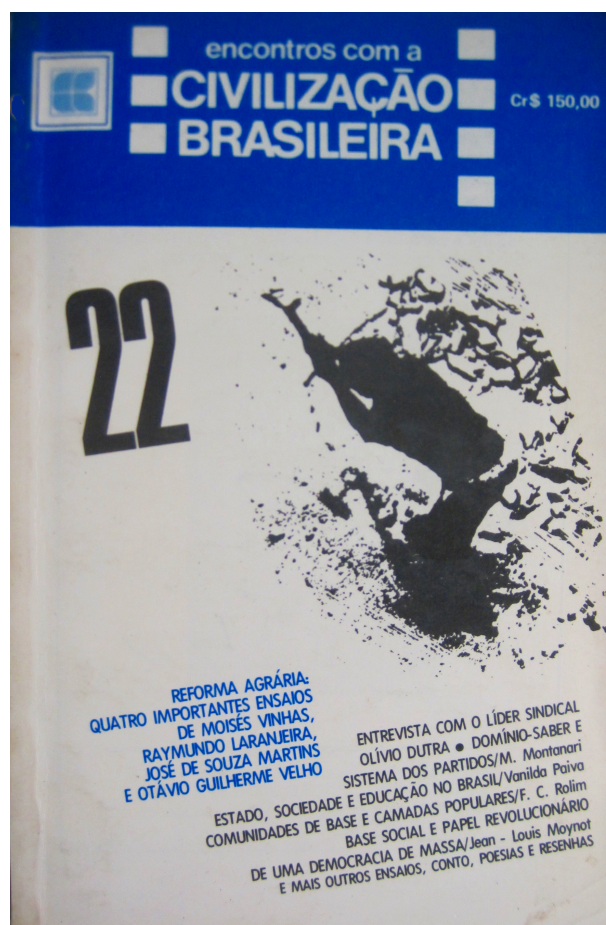
Figura IV – Capa do primeiro número de *Encontros com a Civilização Brasileira*

O preço das edições de *Encontros com a Civilização Brasileira* oscilou dos Cr\$ 50,00, do primeiro número, aos Cr\$ 200,00, do vigésimo nono número.²⁴¹ Essa grande flutuação de preço, que quadruplicou durante o tempo em que a revista foi publicada, reflete o aumento vertiginoso dos custos de produção da indústria gráfica brasileira, provocado pelos altos índices de inflação surgidos em virtude da crise do “milagre econômico”. Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a taxa de inflação anual, no Brasil, medida pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), em 1979, foi de 77,25%, e, em 1980, atingiu 110,24%.²⁴² Em meados da década de 1970, o “milagre”, um dos sustentáculos mais importantes do regime militar, começou a fazer água e o que veio a seguir, junto com a lenta transição política, foi um longo período de recessão econômica que marcou incisivamente o contexto de circulação de *Encontros*.

²⁴¹ Esse valor não é divulgado em lugar algum do último número da revista. Baseio-me no preço dos números imediatamente antecedentes.

²⁴² FGV/Conj. Econômica. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <www.ipeadata.gov.br> Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

Figura V – Capa do vigésimo segundo número de *Encontros com a Civilização Brasileira*



Todos os números de *Encontros com a Civilização Brasileira* foram compostos e impressos por uma gráfica carioca, a Portinho Cavalcanti LTDA. A distribuição ficou sob responsabilidade exclusiva da livraria da Editora Civilização Brasileira, sendo feita, também, pelas bancas e agências de jornais e revistas e pela Fernando Chinaglia Distribuidora S. A., do Rio de Janeiro, adquirida em 2009 pelo Grupo Abril.

Tabela I – Conselho Consultivo de *Encontros com a Civilização Brasileira*

Affonso Romano de Sant'anna	poeta e cronista
Alberto Dines	jornalista e escritor
Alberto Passos Guimarães	ensaísta
Alberto Passos Guimarães Filho	físico
Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde)	crítico
Alex Vianny	crítico, cineasta e historiador
Alfredo Bosi	crítico e historiador

Antônio Callado	jornalista, escritor e dramaturgo
Antônio Cândido de Mello e Souza	crítico
Antônio Houaiss	filólogo, lexicólogo, crítico, tradutor
Antônio Sérgio da Silva Arouca	médico sanitário e político
Arthur Giannotti	filósofo
Barbosa Lima Sobrinho	advogado, escritor, historiador, ensaísta
Carlos Guilherme Mota	historiador
Carlos Nelson Coutinho	crítico
Darcy Ribeiro	antropólogo
Dias Gomes	dramaturgo
Fausto Cupertino	jornalista
Fausto Cunha	crítico, escritor, tradutor, editor
Felix de Athayde	poeta
Fernando Henrique Cardoso	sociólogo
Ferreira Gullar	crítico, poeta
Frei Betto	escritor e religioso
Gilberto Velho	antropólogo
Hélio Jaguaribe	sociólogo, cientista político
Jânio de Freitas	jornalista
José Goldemberg	físico
José Honório Rodrigues	historiador
Leandro Konder	filósofo
Leon Hirschman	cinasta
Leonardo Boff	teólogo
Luís Fernando Cardoso	tradutor
Luiz Mário Gazzaneo	jornalista
Maria da Conceição Tavares	economista

Maria Helena Kühner	pesquisadora, tradutora
Maria Rita Galvão	pesquisadora (cinema)
Mário Pedrosa	crítico de arte, jornalista
Moacyr Werneck de Castro	jornalista, escritor, tradutor
Nelson Pereira dos Santos	cinasta
Octavio Ianni	sociólogo
Osny Duarte Pereira	jurista, escritor
Raymundo Faoro	jurista, sociólogo, historiador, cientista político
Roberto Lent	neurocientista
Roland Corbisier	filósofo
Rubem Cesar Fernandes	antropólogo
Sérgio Augusto	jornalista
Waldir Pires	advogado, político
Waldo César	sociólogo, jornalista
Wilson Fadul	médico, político

Fonte: *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, ano I, v. 1, nº 1, 1978.

2.4 *Cuadernos de Marcha*, segunda época (1979-1984): Tudo é começar, tudo é transformar

“La vida siempre empieza mañana. No hay que tenerle miedo a las cosas que se transforman. Hay que tenerle miedo a las cosas que se osifican y que quedan congeladas, porque eso es la muerte.”²⁴³

(Carlos Quijano)

No número de abertura da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, em cujo título se pode ler, associados à palavra “Uruguay”, os substantivos “Encierro, destierro o entierro”, referência ao modo como o guatemalteco Alfonso Orantes caracterizou, quatro décadas antes, a ditadura de Jorge Ubico, apareceu, na página 2, a primeira após o sumário, a seguinte carta de um antigo integrante do grupo de *Marcha*, redigida em 25 de abril de 1979, enviada da cidade de Madrid, e intitulada, remissivamente, “La piedra en el charco”:

Querido Quijano: Muchos kilómetros me separan de esa guarida de pornógrafos, pero lo cierto es que cuando me llegó el primer rumor, inexacto, de que MARCHA iba a reaparecer, un estremecimiento se me impuso de nuca a talones. [...] Luego se aposentaron los decires y supe que yo no iba a tener culpa ninguna. Lo que se proyectaba publicar eran los Cuadernos, ámbito con el que nunca tuve nada que ver a causa de sus especializaciones y lo breve de mi radio cultural. Esperemos, espero, que alguna vez Cuadernos descienda lo bastante en su temática – no demasiado – para que considere oportuno incluir alguna página mía. Entretanto, mi admiración y asombro por el hecho inesperado de que luego de cuarenta años Rocinante vuelva al camino jineteado por el mismo Quijano de las broncas y las anticipaciones. Un abrazo, Periquito el aguador²⁴⁴

A autoria de tal carta é inconfundível; tudo a denuncia: seu título, o pseudônimo de seu remetente, o tom, a cidade e o ano em que foi escrita, suas anedotas e sugestões sardônicas. Com muitas referências afetivas e farta ironia, só poderia ter sido Juan Carlos Onetti, exilado na Espanha, de onde não voltaria, o autor dessa bem-humorada missiva de saudação ao amigo Carlos Quijano pelo novo lançamento, no México, não de *Marcha*, como

²⁴³ QUIJANO, Carlos. Capitalismo, socialismo real y América Latina. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año V, nº 32-33, p. 92, abril/mayo de 1985. Entrevista concedida à Ana María Fagalde, junho de 1982.

²⁴⁴ ONETTI, Juan Carlos. La piedra en el charco. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 1, p. 2, mayo/junio de 1979.

os rumores faziam crer, mas dos *Cuadernos*. O título foi o mesmo que identificou a provocativa e derrisória coluna literária, escrita por Onetti e publicada no semanário *Marcha*, entre 1939 e 1941, assinada com o pseudônimo que volta a aparecer, nessa carta, quatro décadas depois de se ter consagrado em Montevideu. Assim começa, com um entusiasmado cumprimento de Onetti, a segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, a audaciosa continuação, no exílio, de um projeto cultural interrompido, após uma canhestra acusação de pornografia, pela ditadura uruguaia.²⁴⁵

A segunda época dos *Cuadernos de Marcha* iniciou em maio/junho de 1979. O projeto de uma *Marcha* no exílio já existia, porém, desde 1976. Carlos Martínez Moreno e Ángel Rama foram propulsores desse projeto, como se depreende da seguinte passagem do diário do crítico uruguaio, escrita, em Barcelona, no dia 6 de janeiro de 1978:

Larga atención al proyecto de una *Marcha* en el exilio, que también le interesa al gordo [Carlos Martínez Moreno]. Le cuento el año entero que tuve con Quijano en 1976 para persuadirlo del proyecto, sus reticencias y su situación en México. Él cree que podría convencerlo, pero yo soy escéptico después de mis diálogos con él y de las objeciones que a la idea formulaban Ardao y Pepe Quijano, el hijo. A los dos Carlos les interesa ese proyecto mucho más que el de la revista de libros que ahora propone Alsina y son conscientes de que Quijano se sentiría fortalecido con nuestro respaldo, mucho más que con la similar propuesta que le hicieron [Carlos María] Gutiérrez, [Mario] Benedetti, [Ernesto] González Bermejo, en una carta que don Carlos me mostró en México, dada nuestra mayor afinidad intelectual e ideológica con sus posiciones. Quizá ya sea tarde para Quijano (tiene 77 años) pero de todos los ex integrantes, sólo Martínez Moreno podría tomar las riendas de una *Marcha* en el exilio, pues a su prestigio y capacidad periodística une un abanico amplio de sectores de opinión que lo respetan: los ultras que antes le eran tan críticos, se han silenciado en vista de su tarea denodada de defensor de presos políticos.²⁴⁶

Com formato de 26 x 17 cm, administrada por Ruben Svirsky Stolovich e dirigida por Carlos Quijano, a segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, embora com dimensões um pouco menores, seguiu um padrão iconográfico bastante semelhante ao da primeira, publicada em Montevideu (1967-1974). A periodicidade da segunda época foi bimestral, ainda que

²⁴⁵ Sem melhores pretextos, a ditadura uruguaia preferiu atribuir à publicação de um conto, no dia 8 de fevereiro de 1974, a decisão inapelável para o fechamento do semanário *Marcha*, incriminado por pornografia. Em janeiro de 1974, Onetti havia assinado o documento em que constava a opinião do jurado constituído para um concurso literário organizado por *Marcha*. O vencedor foi o conto “El guardaespaldas”, de Nelson Marra, escolhido por Onetti, Mercedes Rein e por Jorge Ruffinelli. Além do fechamento de *Marcha*, a Justiça Militar, em decorrência da publicação desse conto, prendeu Carlos Quijano, Nelson Marra, Onetti e Mercedes Rein. No México por razões alheias, Ruffinelli foi poupado da prisão, sem conseguir evitar, porém, que caísse sobre si, por dez anos, a acusação de fugitivo. Além da denúncia por pornografia, a ditadura interpretou o conto como uma paródia da maneira como o aterrorizante inspetor de polícia, Héctor Morán Charquero, havia sido executado, crivado de balas, na Rambla de Montevideu, em 13 abril de 1970, pelos Tupamaros.

²⁴⁶ RAMA, Ángel. *Diario 1974-1983*. Montevideo: Trilce, 2001, p. 106.

houvesse, como se verá, a intenção de publicá-la mensalmente. Os números 17 e 18 foram publicados na mesma entrega. Houve periodicidade regular até ao número 20, editado em julho/agosto de 1982, tendo existido um intervalo de nove meses entre a publicação do número 20 e do 21, em maio de 1983. Do número 21 ao 26, março/abril de 1984, manteve-se, sem sobressaltos, a periodicidade bimestral. O número 27, o último se não forem considerados os números publicados em homenagem a Carlos Quijano,²⁴⁷ saiu em julho de 1984, quando, no exílio, o diretor de *Marcha* morreu, aos oitenta e quatro anos de idade. No todo, tendo em conta esses números feitos em tributo, foram publicados 35 números (25 números individuais e 5 números duplos 17/18, 28/29, 30/31, 32/33, 34/35).

A concepção das capas ficou a cargo de Ariel Hernández, Ricardo Harte e de María Cristina Oscos. A diagramação contou com os nomes de Héctor Islas, María Cristina Oscos e Hugo Vargas C.. O miolo da publicação foi revestido, frequentemente, com gravuras de Luis Pollini, ilustrador do Club de Grabado de Montevideu, com desenhos e caricaturas de Francisco Graells, o “Pancho”, e de Fermín Hontou del Portillo, o “Ombú”, cartunista político e artista plástico uruguaio que viveu no México, entre os anos de 1982 e 1985.

Figura VI – Carlos Quijano, por Ombú



Fonte: Imagem de arquivo.

²⁴⁷ Escritos Políticos I, nº 28/29, set./out. 1984; Escritos Políticos II, nº 30/31, dec. 1984/enero de 1985; Los años del exilio, nº 32/33, abril/mayo de 1985 (este número, posteriormente, saiu em junho de 1985 –46º aniversário da fundação de *Marcha* e 1º aniversário da morte de Carlos Quijano no exílio–, como o nº 1 da terceira época dos *Cuadernos de Marcha*, editada em Montevideu); e Los grandes problemas nacionales, nº 34/35, julio/agosto de 1985.

O preço da segunda época oscilou dos \$ 50,00 do primeiro número, publicado em maio/junho de 1979, aos \$ 80,00 do último número, o 27. O preço inicial manteve-se até ao sexto número, passando para \$ 60,00 no sétimo número, e aumentando para o preço final, \$ 80,00, no vigésimo terceiro número, publicado no mês de setembro de 1983. Seguindo um princípio já existente no semanário *Marcha* (1939-1974), era comum aparecer, logo nas primeiras páginas, quando o preço da publicação era aumentado, uma nota explicativa.

No número 7, na parte posterior da folha de rosto, lê-se: “Los aumentos de costos, y sobre todo del correo aéreo, nos obligan a modificar el precio de las suscripciones. A partir de este número, las renovaciones y nuevas suscripciones anuales se regirán por la siguiente tarifa: México, \$ 300 (estudiantes: \$ 250); América Latina, 15 dólares; otros países, 18 dólares.” Por sua vez, no número 23, com menos destaque, no miolo da publicação, lê-se o seguinte aviso:

Tenemos que aumentar el precio de *Cuadernos*. El número suelto se venderá a 80 pesos. Las suscripciones en México costarán 450 pesos. En cambio los precios de las suscripciones para América Latina, 15 dólares, y para otros países, 18 dólares, se mantendrán. Que nos perdonen los lectores de México.²⁴⁸

Essas notas explicativas parecem exprimir um gesto de cortesia da administração dos *Cuadernos de Marcha* para seus leitores. Embora elegante – e por isso mesmo, talvez, tenha procurado a discrição – a nota não entrou em maiores detalhes sobre o aumento de preço. Em outro registro, o escritor Gustavo Sainz, integrante do suplemento cultural *La Semana de Bellas Artes*, do Instituto Nacional de Bellas Artes (INBA), do México, publicado de 1977 até 1982, comentou zombeteiramente:

El problema es que por los conflictos del papel, producción, inflación, dependencia, en la actualidad usamos un papel que ya tiene nada más doce años de vida. Porque ustedes saben que las compañías papeleras de México prefieren hacer pañuelos desechables, porque hay más ganancia en esa producción, que papel para libros y periódicos [...].²⁴⁹

Esse suplemento foi fechado de modo brusco, não pelos custos excessivos do papel no México, mas por uma razão não menos prosaica. *La Semana de Bellas Artes* deixou de ser editado após o escândalo provocado pela suspeita publicação de um texto, “La Feria de San Marcos”, escrito por María Velázquez Pallares, sobre as notórias excentricidades e gostos duvidosos de Carmen Romano de López Portillo, esposa do presidente José López Portillo e,

²⁴⁸ AVISO. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año IV, nº 23, p. 23, septiembre de 1983.

²⁴⁹ SAINZ, Gustavo (et al.) . ¿Qué es y para qué sirve una revista literaria? *Texto Crítico*, México, Universidad Veracruzana, nº 20, p. 126, 1981.

além de primeira dama, dirigente, na época, do Fondo Nacional para Actividades Sociales (FONAPAS), instituição que cedia três milhões de pesos por ano ao suplemento.²⁵⁰ Mesmo que a publicação do INBA houvesse sido poupada de tal escândalo, sua manutenção permaneceria dispendiosa pelos motivos mencionados na *boutade* de Sainz. Esses motivos, ou fatores de produção, tiveram incidência, também, na publicação dos *Cuadernos de Marcha*.

Vale observar que o aumento de 60 por cento que caracterizou a diferença de preços entre os números 1 e 27 dos *Cuadernos de Marcha* foi bem menor do que a elevação que se identificou no intervalo entre os preços do número inicial e final de *Encontros com a Civilização Brasileira*. Apesar de ter havido uma grande deterioração da economia mexicana durante o mandato de López Portillo (1976-1982), culminando na crise financeira – *default* – de 1982, com repercussões negativas que se mantiveram presentes por vários anos, a conjuntura econômica brasileira, marcada por hiperinflação, não era, absolutamente, mais promissora. Seja como for, em toda a história de *Marcha* – e os *Cuadernos* não foram exceção –, a produção cultural nunca foi uma fonte de lucros para Carlos Quijano; na precariedade, quase uma norma, ou na abundância, que nunca houve, seja no Uruguai, seja no México, o diretor dos *Cuadernos de Marcha* entendia o periodismo político cultural como um *locus* privilegiado do discurso crítico, da docência política; um espaço de constituição e de disseminação do pensamento independente.


No México, para viabilizar economicamente a publicação dos *Cuadernos de Marcha*, Carlos Quijano fundou, em 1979, a editora Centro de Estudios Uruguay – América Latina A. C. (CEUAL A. C.). Na carta abaixo (ver Figura VII), com o timbre de *Marcha* no canto superior esquerdo, elaborada no princípio de janeiro de 1979 e assinada pelo próprio Carlos Quijano, pelo administrador Ruben Svirsky Stolovich e por dois integrantes do Conselho Editorial, Samuel Lichtensztein²⁵¹ e Guillermo Waksman,²⁵² convocou-se o público leitor a colaborar, por meio de solicitação de assinatura, com o empenho em tornar possível a edição de uma “revista” promovida por uruguaios exilados no México. Nota-se, também, que

²⁵⁰ Ibid., p. 124.

²⁵¹ Economista, Lichtensztein (1934) foi reitor da UdelaR, tendo sido destituído do cargo pela última ditadura no Uruguai, retomando-o no contexto da restauração da democracia, entre 1985 e 1989. Ocupou, posteriormente, entre 1995 e 1998, o cargo de Ministro da Educação e da Cultura do Uruguai, e, entre 2000 e 2004, foi Embaixador do Uruguai no México. Atualmente, é pesquisador e Professor da Universidad Veracruzana, no México.

²⁵² Jornalista e tradutor, Waksman (1944-2008) exilou-se, em 1972, no Chile, integrando um jornal que dava apoio ao governo de Salvador Allende. Com o golpe de 11 de setembro de 1973, buscou asilo político na Embaixada da Argentina, partindo depois para a Suíça, onde conseguiu obter estatuto de refugiado em 18 de abril de 1978. Ao retornar para o Uruguai, Waksman fez parte do grupo que fundou o semanário *Brecha*, permanecendo por mais de vinte anos na publicação que sucedeu *Marcha*, tendo sido seu diretor de 1993 a 1999.

se destaca a retomada de um projeto editorial sem fins lucrativos, cuja orientação já se havia consolidado, constituindo-se, assim, naquilo que se quis designar como uma “tradição”. O grupo, portanto, neste contexto específico, pretendendo dar continuidade ao que foi violentamente interrompido por força dos processos políticos uruguaios, autodefiniu-se como portador de uma tradição.

Figura VII – Carta de divulgação do aparecimento da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*


CEUAL
Centro
de Estudios
Uruguay-América Latina,
Asociación Civil

México, D.F., 2 de enero de 1979

Estimado compañero:

Varios uruguayos exiliados en México hemos considerado oportuno continuar y promover el estudio de los problemas de Uruguay y de América Latina. Con ese propósito hemos constituido una editorial que, sin ánimo de lucro, editará una revista y, en la medida de sus posibilidades, libros y folletos.

La publicación periódica continuará, en cuanto a su orientación y contenido, la tradición de los *Cuadernos de Marcha*. Llevará ese mismo nombre y estará dirigida por el compañero Carlos Quijano.

Inicialmente aparecerá cada dos meses, pero nuestra intención es lograr su publicación mensual.

El grupo editor está integrado, entre otros, por Teresa De Barbieri, Samuel Lichtensztejn, Carlos Martínez Moreno, Gustavo Melazzi, Nelson Minello, Carlos Quijano, José Manuel Quijano, Ruben Svirsky y Guillermo Waksman. Para la redacción de los trabajos esperamos contar con la colaboración de uruguayos y latinoamericanos que hoy viven en distintas partes del mundo y en sus propios países.

El número inicial de estos *Cuadernos de Marcha* aparecerá en los primeros meses del corriente año.

Para llevar adelante este proyecto necesitamos cierto capital y determinado número de suscripciones. Para lo primero estamos vendiendo bonos de 100 dólares con derecho a los seis primeros números de los *Cuadernos*. (El pago de estos bonos puede hacerse en dos cuotas.)

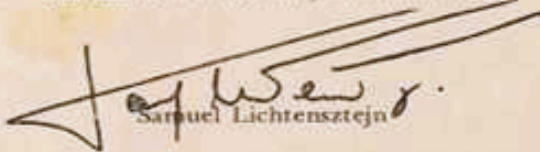
Quienes deseen cooperar en la viabilidad de este proyecto y estén en condiciones de hacerlo pueden enviar sus contribuciones directamente a nombre de CEUAL, AC, a la cuenta número 288221-5 (sucursal 241) del Banco Nacional de México (Banamex), o enviar cheque u orden de pago —con preferencia pagaderos en México— a la orden del mismo CEUAL, AC, a la siguiente dirección:


CEUAL, AC
Apartado postal 85-038
México 20, D.F., MEXICO


En ambos casos rogamos que se nos notifique por carta *separada*, dirigida al mencionado apartado postal, el envío de la contribución o del pago de la suscripción, con todos los datos necesarios para la remisión de la revista.

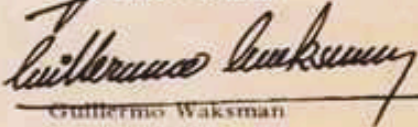
Agradecemos su colaboración con esta iniciativa, que puede no limitarse a lo económico; serán bienvenidas las sugerencias sobre contenido, suscriptores, colaboradores, etcétera.

Saludamos a usted muy atentamente.


Samuel Lichtensztejn


Ruben Svirsky


Carlos Quijano


Guillermo Waksman

Costo de la suscripción (seis números, correo aéreo)

Estados Unidos y Canadá	18 dólares EUA
Europa	15 dólares EUA
América Latina	12 dólares EUA
México (correo de superficie)	250 pesos mexicanos

Fonte: Coleção particular de Carlos Quijano (arquivo Carlos Quijano – código de referência UY 11000 AGN AH CAP CQ) doada por sua família ao Archivo General de la Nación de Uruguay, 10 de junho de 2010.

Assim, a publicação apareceu, no exílio, não como uma criação *ex nihilo*. Em vez de instituir um campo de reflexões sem antecedentes, preferiu inscrever-se na história de uma publicação previamente existente. Tencionava-se, de modo manifesto, pela organização da comunidade de intelectuais exilados, manter-se um projeto estabelecido, dirigido para a análise dos problemas nacionais (i.e., uruguaio) e latino-americanos, ou seja, o projeto cultural dos *Cuadernos de Marcha*. Percebe-se, igualmente, que o grupo ambicionava, de início, publicar com periodicidade mensal a revista, objetivo que não foi alcançado.

Figura VIII – Da esquerda para a direita: René Zavaleta, Pablo González Casanova, Julio Cortázar, Ariel Dorfman, Gabriel García Márquez, Jean Casimir, Carlos Quijano, Julio Scherer, Theotonio dos Santos. Morelos, México, agosto de 1980



Foto: Rogelio Cuéllar.

A segunda época dos *Cuadernos de Marcha* foi, então, editada no México pelo CEUAL, A. C.. Seus números tinham cerca de cento e vinte páginas. Aparecia no último dia de cada bimestre. Inicialmente, seu escritório esteve localizado na Avenida Revolución 1123, despacho 4, México 19, D. F.. Posteriormente, mudou-se para outros endereços: do segundo ao décimo segundo número, esteve em Avenida Universidad 1900, Edificio 19, Depto. 3, México 20, D. F.; do décimo terceiro ao vigésimo primeiro número, esteve localizado em Medicina 56, colonia Copilco-Universidad, Coyoacán, México, D. F.; no vigésimo segundo número o escritório esteve situado em Copilco 300, Edificio 1, Apartamento 3, colônia Copilco-Universidad, Coyoacán, México, D. F.; e, por fim, do vigésimo terceiro ao vigésimo sétimo número, o endereço permaneceu o mesmo, tendo mudado apenas o edifício e o apartamento. Embora esse último endereço tenha figurado sempre como provisório, nota-se

que, na prática, o escritório dos *Cuadernos de Marcha* aí esteve ao longo de um ano inteiro, de julho de 1983 até julho de 1984. De início, a segunda época dos *Cuadernos de Marcha* foi composta em Arte Sociedad Ideología e impressa em Talleres de Imprenta y Offset “Policromía”. Depois (décimo número), foi composta em Periodistas del Tercer Mundo, continuando a ser impressa em Talleres de Imprenta y Offset “Policromía”. Mais adiante (décimo terceiro número) foi composta e impressa em Talleres Gráficos Victoria, S. A.. Foi, também, (décimo nono número) composta e impressa em Editorial Somos, S. A.. Sua distribuição, no México, foi feita por Epsilon Editores.

Desde muito jovem, quando, com 17 anos, fundou, no Uruguai, o Centro Ariel,²⁵³ seguindo em Paris, onde, ao lado de Ángel Asturias, de Haya de la Torre, de Vasconcelos e de outros intelectuais, participou da criação, em 1925, da AGELA (Asociación General de Estudiantes Latinoamericanos), passando pela fundação da Editora Acción,²⁵⁴ nos anos trinta, até chegar ao estabelecimento, em 1969, da *Biblioteca de Marcha*, e, finalmente, do CEUAL, em 1979, Carlos Quijano foi um organizador de instituições culturais. Ao chegar exilado no México, quase octogenário, ainda conservava a iniciativa e o dinamismo criador juvenis. Ainda no exílio, duas semanas antes de desaparecer, quando já pensava no retorno ao Uruguai, escreveu para Hugo Alfaro: “Siempre me ha faltado tiempo.²⁵⁵” Conhecendo o entusiasmo do amigo, o mesmo Alfaro anotou: “A los 84 años, Carlos Quijano muere joven.²⁵⁶” Samuel Lichtensztejn, participante do Conselho Editorial da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, lembrou, já no momento em que a publicação circulava novamente no Uruguai, em sua terceira época (1985-2001), da forma como Carlos Quijano integrou-se na vida social, cultural e política do México:

Siguió su obra con Cuadernos de Marcha, editando libros y dictando clases en la Universidad Autónoma de México. Entre ambos constituímos el Comité de Solidariedad con Uruguay en México y en la medida de sus posibilidades fue un tenaz enemigo de la dictadura en el exterior y, también, – por qué no decirlo – de los oportunistas que fuera del país pretendieron usufructuar de su condición de víctimas.²⁵⁷

²⁵³ “O Centro *Ariel* fue creado por un grupo de jóvenes estudiantes entre los que se encontraban Quijano, el narrador Justino Zavala Muniz, el poeta Andrés Larena Acevedo, Eugenio Petit Muñoz e Ildefonso Pereda Valdés.” Ver nota de rodapé # 14 in FAZIO, Carlos. En la barca de Carlos Quijano y su *Marcha* fecunda. In: Centro Mexicano de Estudios Sociales A. C. (coord.). *Contribuciones al pensamiento social de América Latina*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007, p. 188.

²⁵⁴ A Editora Acción foi responsável pela edição do semanário *Marcha*.

²⁵⁵ QUIJANO apud ALFARO, 1984, p. 7.

²⁵⁶ *Ibid.*, p. 8.

²⁵⁷ LICHTENSZTEJN, Samuel. Don Carlos Quijano. *Cuadernos de Marcha*, México, tercera época, año VI, nº 56, p. 5, junio de 1990.

No ensaio de abertura do número inaugural da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, de maio/junho de 1979, intitulado “Los caminos de la liberación”, texto dedicado a Julio Castro, Carlos Quijano iniciou sua escritura do seguinte modo:

Junio tiene para nosotros connotaciones diversas: hace cuarenta años apareció *Marcha*; hace seis se instaló la dictadura en Uruguay. Ambos hechos se entrelazan y excluyen. *Marcha* fue un áspero y anticipado combate contra lo que encarna la dictadura, contra todas las fuerzas que la engendraron. Quizá no lo supimos cabalmente; pero creemos haberlo intuido: ese combate era implacable y no admitía transacción ni tregua. El honor de *Marcha* fue el de haber asumido ese su modesto cometido. Si lo hizo mal o bien, no corresponde a nosotros decirlo. Lo cierto es que para vivir se negó a perder su razón de vivir. Fue perseguida y acallada; pero el fin aún no ha llegado. Ahora en México, que nos dió trabajo y paz, reiniciamos la publicación de Cuadernos para servir a nuestro pago y a nuestra América. Todos los que escriben en este número viven en el exilio, como tantos y tantos cientos de orientales desparramados por el mundo. Muchos, la mayoría, fueron además colaboradores de *Marcha*. Ninguno de los convocados desoyó el llamado. A la hora del recuento sólo faltaron aquellos que están presos o fueron asesinados como Zelmar Michelini o murieron en la tortura como Julio Castro. Ellos, los ausentes, sin embargo, siempre estarán presentes. No acudieron a la cita; pero seguirán haciendo con nosotros el camino que hoy se reabre.²⁵⁸

O título desse ensaio pode ter sido inspirado, talvez, no subtítulo do filme, lançado dez anos antes, e chamado “Argentina, mayo de 1969: Los caminos de la liberación”.²⁵⁹ Depois dessa introdução, cujas palavras inscrevem o aparecimento dos *Cuadernos de Marcha* no próprio trajeto da publicação e no processo histórico em que estava inserida a América Latina, Carlos Quijano seguiu com uma análise sobre os conflitos entre proteccionismo e livre cambismo (Prebisch vs. Friedman) e sobre as implicações dessa polaridade para o desenvolvimento latino-americano: “Quizá, dadas ciertas circunstancias, convenga abrir las compuertas; mientras en otras, las más frecuentes, sea necesario mantenerlas bien cerradas.”²⁶⁰ Enfocada na situação econômica latino-americana, a primeira parte desse ensaio encerra com indagações sobre a viabilidade nacional de países pequenos, como o Uruguai, definidos com base em postulados de Simon Kuznets e de Carlos Real de Azúa. A segunda e conclusiva parte analisa a situação política latino-americana, estabelecendo a Revolução Cubana como referência inicial daquela conjuntura de fim dos anos setenta: “El período que

²⁵⁸ QUIJANO, Carlos. Los caminos de la liberación. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, n° 1, p. 3, mayo/junio de 1979.

²⁵⁹ Dirigido pelo grupo de cineastas designado “Realizadores de Mayo”, composto por Nemesio Juárez, Jorge Martín “Catú”, Humberto Ríos, Rúben Salguero, Eliseo Subiela, Pablo Szir, Mauricio Berú, Rodolfo Kuhn e Octavio Getino, este filme é um marco do cinema militante argentino e retrata o Cordobazo, o levante popular, ocorrido em 1969, e considerado como um dos fatores que incidiram na queda do governo ditatorial de Juan Carlos Onganía.

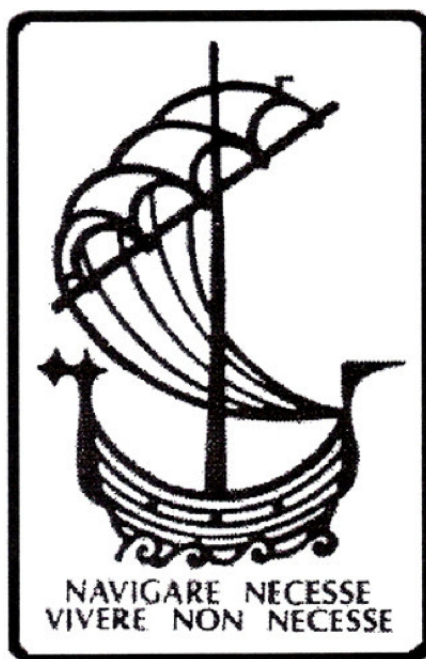
²⁶⁰ QUIJANO, op. cit., p. 3.

aún atravesamos, se inicia en 1959 con la revolución cubana. Desde entonces la política del imperio en América Latina estará determinada por ese acontecimiento.²⁶¹” As ditaduras no Brasil, no Chile, na Argentina e no Uruguai são consideradas, naturalmente, resultado dessa política: “La contrarrevolución en Uruguay no es original. Se inserta en la que se extendió por la mayor parte de América Latina.²⁶²” O que virá? Quais modelos seguir? Avesso ao conforto das certezas, Carlos Quijano não fez prognósticos e não apresentou panaceias, mas deixou claro o que impelia seu acionar e o que fundamentava o projeto ideológico dos *Cuadernos de Marcha* no novo começo da publicação uruguaia:

Democracia, integración, ruptura del molde capitalista, he ahí, según pensamos y creemos con angustia y esperanza, las metas de nuestro difícil y exultante quehacer. Otra América vendrá. ¿Cuál? No lo sabemos. No hay modelos. Los que seamos capaces de construir.²⁶³

A motivação do diretor dos *Cuadernos de Marcha*, lembrada por Hugo Alfaro, não poderia deixar de se manifestar no padrão iconográfico e no imaginário social que seus projetos culturais difundiram.

Figura IX – A barca de Pompeu (logotipo de *Marcha*)



Fonte: *Cuadernos de Marcha* (Escritos Políticos 1), número 28-29, p. 48, set./out. de 1984.

²⁶¹ Ibid., p. 9.

²⁶² Ibid., p. 8.

²⁶³ Ibid., p. 14.

A sentença “navigare necesse, vivere non necesse”²⁶⁴ e o desenho da barca, que aparecem na figura IX, foram emblemas de muitos dos projetos culturais dirigidos por Carlos Quijano. De acordo com Piñeyrúa,²⁶⁵ essa divisa começou a ser estampada no semanário *Marcha* no primeiro número de 1967, publicado no dia 13 de janeiro, e seu surgimento teve que ver com a ampliação do projeto editorial iniciado com o semanário em 23 de junho de 1939. Dessa ampliação fizeram parte a primeira época dos *Cuadernos de Marcha* (1967-1974) e a *Biblioteca de Marcha*, surgida em 1969. Piñeyrúa acrescentou que, inicialmente, a redação de *Marcha* não deu esclarecimentos sobre a criação do logotipo, observando que, no exemplar do dia 31 de março, apareceu publicada a carta de um leitor, algo bastante usual na publicação uruguaia, em que foi arguido o significado do dístico: “¿Qué quiere decir esa inscripción que ponen junto al nombre de *Marcha*?” A resposta foi dada nestes termos:

“Navegar es necesario, vivir no lo es”, dijo Pompeyo, según Plutarco, a unos marinos que no querían hacerse a la mar mientras no amainara la tempestad. La frase fue, en su forma latina, la divisa de la “Casa de Navegación” de Bremen desde su fundación a principios del siglo XVI. Podríamos haber puesto: marchar, militar es necesario, vivir no lo es.²⁶⁶

A máxima passou a estampar as capas de *Marcha* e a entranhar o projeto ideológico da publicação dirigida por Carlos Quijano. O mote teve origem na “Vida de Pompeu”²⁶⁷ (L, 2), de Plutarco (45-120 d. C.). De acordo com o filósofo e biógrafo de Queroneia, foi cunhado pelo general romano Gnaeus Pompeius Magnus (106-48 a. C.), para insuflar coragem nos seus marinheiros que, devendo transportar cereais da África, da Sardenha e da Sicília para Roma, se recusavam a navegar em mar tempestuoso, como explicou a redação de *Marcha* ao seu leitor curioso.

²⁶⁴ Entre as fontes que podem ser consultadas para o estudo desta sentença, figuram as seguintes: FUMAGALLI, Giuseppe. *Chi l'ha detto?* Milano: Hoepli Editore, 1904. p. 240; RENZO, Tosi. *Dizionario delle sentenze latine e greche*: 10.000 citazioni dall'antichità al rinascimento nell'originale e in traduzione con commento storico letterario e filologico. Milano: Rizzoli Libri S.p.A., 1991, p. 555; (s/a). *Bremen und seine bauten*. Bremen: Carl Schünemann, 1900, p. 689; BÜCHMANN, Georg; TORNOW, Walter Heinrich Robert; IPPEL, Eduard. *Geflügelte Worte*. Berlin: Haude & Spener, 1905, p. 539.

²⁶⁵ PIÑEYRÚA, Pilar. Las tapas y titulares del semanario *Marcha*: una puerta grande a la argumentación. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/2768/pineyruamarcha.pdf> Acesso em: 13 de setembro de 2012.

²⁶⁶ Idem.

²⁶⁷ No texto original, grego: “Πλεῖν ἀνάγκη, ζῆν οὐκ ἀνάγκη”. In: PLUTARCH. *Plutarch's Lives*. Vol. V. With an english translation by Bernadotte Perrin. Loeb Classical Library Edition. New York: G. P. Putnam's Sons, 1917, p. 246.

Figura X – Gravura de Luis Pollini, com motivo marítimo, estampada na segunda época dos *Cuadernos de Marcha*



Fonte: *Cuadernos de Marcha* (Escritos Políticos 1), número 28-29, p. 56, set./out. de 1984.

Depois, no medievo, o aforismo inspirou os comerciantes da poderosa Liga Hanseática, tendo sido gravado no Portal da Casa de Navegação da cidade de Bremen. No século XX, a máxima foi lembrada pelo escritor protofascista, Gabriele D’Annunzio,²⁶⁸ como exaltação da vida heroica e do fervor guerreiro, e, mais adiante, foi citada por Benito Mussolini.²⁶⁹ Posteriormente, Fernando Pessoa citou a divisa e a parafraseou em sua poesia. Caetano Veloso musicou o lema na canção “Os argonautas”, do disco editado na Bahia, em 1969, com Gilberto Gil, pouco antes do exílio dos músicos em Londres. A marinha da Venezuela, por sua vez, também rende tributo à sentença. Ulysses Guimarães, então líder do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), no discurso que lançou sua “anticandidatura”

²⁶⁸ D’ANNUNZIO, Gabriele. *La beffa di Buccari*. Con aggiunti La canzone del Quarnaro, Il catalogo dei trenta di Buccari, Il cartello manoscritto e due carte marine. Milano: Fratelli Treves, 1918, p. 8. A máxima aparece, também, nos primeiros versos do poema “Alle Pleiadi e ai Fati” in D’ANNUNZIO, Gabriele. *Laudi del cielo, del mare, della terra e degli eroi*. Milano: Fratelli Treves, v. 1, 1907, p. 1.

²⁶⁹ *Navigare necesse est* foi o título escolhido por Mussolini para um artigo que publicou no jornal *Il Popolo d’Italia*, no dia 1 de janeiro de 1920. *Il Popolo d’Italia* foi o periódico oficial dos *Fasci Italiani di Combattimento*, que, em 1922, originou o *Partito Nazionale Fascista*. Ver nota de rodapé # 288 in GENTILI, Emilio. *The origins of fascist ideology 1918-1925*. New York: Enigma Books, 2005, p. 124.

contra o general Ernesto Geisel, no ano de 1973, em sua “carta de marear”, recordou “o brado”, que atribuiu a Fernando Pessoa.²⁷⁰ Consta que o poeta português terá encontrado a frase nos escritos do poeta italiano Francesco Petrarca (1304-1374).²⁷¹

Embora existam, como sempre, zonas de convergência entre atitudes irreconciliáveis, não deixa de ser irônica a confluência, no lema de Pompeu, de um notório reduto de vociferação antifascista, *Marcha*, com a ideologia que o semanário uruguaio combateu logo ao nascer, o fascismo. Para Carlos Quijano e para *Marcha*, contudo, a imagem da barca e o lema de Pompeu não estavam associados ao culto de um heroísmo desabrido, mas, sim, ao entusiasmo pela incessante necessidade de sair em busca do novo e à inclinação para a dúvida em relação a tudo aquilo que se apresenta como um estar-aí-dado. Conforme Hugo Alfaro: “No se trata de vivir, en el sentido de durar, o de gastar los días sin rumbo [...], sino de navegar, de abrir el camino a lo nuevo, donde todo es cuestionado y todo nos cuestiona.”²⁷²

Tabela II – Conselho Editorial da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*

Teresa De Barbieri	socióloga
Samuel Lichtensztejn	economista
Carlos Martínez Moreno	escritor, ensaísta, advogado
Gustavo Melazzi	economista
Nelson Minello	sociólogo
Carlos Quijano	advogado, economista, ensaísta
José Manuel Quijano	economista
Ruben Svirsky	jornalista
Raúl Trajtenberg	economista
Guillermo Waksman	jornalista

Fonte: *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 1, mayo/junio de 1979.

Ainda que o campo de atividades dos integrantes do Conselho Editorial dos *Cuadernos de Marcha*, apresentado na tabela II, esteja reduzido, em geral, a somente um ofício, deve-se ter em conta que esse ofício, muitas vezes, foi ou é acompanhado, de modo horizontal, por outros misteres igualmente relevantes na biografia de cada um desses integrantes. Considere-se, por exemplo, Raúl Trajtenberg, que, além de economista, foi

²⁷⁰ GUIMARÃES, 1973 apud BELLE, 2004, p. 99.

²⁷¹ [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.uc.pt/informacao/estudantes/navegar>> Acesso em: 18 de setembro de 2012.

²⁷² ALFARO, Hugo R. . *Navegar es necesario*. Quijano y el Semanario “Marcha”. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1984, pp. 24-25.

destacado professor e pesquisador. No Uruguai, antes de se exilar, foi, durante parte dos anos setenta, diretor do Instituto de Economía de la Facultad de Ciencias Económicas y de Administración, da UdelaR. No México, esteve entre os fundadores do Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales (ILET), sendo o responsável pela División de Estudios Económicos (1977-1981). Reintegrou-se aos quadros da UdelaR, em 1986, tendo, nesse contexto, sido o fundador do Centro de Investigación y Posgrados en Ciencias Sociales (CEIPOS).

O Conselho Editorial da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, em comparação com o da revista *Encontros com a Civilização Brasileira* (ver Tabela I), foi demasiado restrito. Inicialmente com dez membros, passou a ter nove integrantes, com a saída de Guillermo Waksman, no quarto número, e, apenas um número a seguir, com a saída de Gustavo Mellazi, restaram oito participantes do grupo fundador.

Em termos de periodismo político cultural, quando se pensa no número de membros que integram o conselho editorial de uma publicação, o que pode ser considerado regra e o que pode ser entendido como exceção? Uma resposta generalizante, aqui, não seria, possivelmente, a mais satisfatória. Importa notar que esses conselhos são formados por afinidades ideológicas, pela comunhão de ideias políticas e estéticas e, ainda, por vínculos de amizade, por elos de afeto. Algumas vezes, são “igrejinhas”, outras, grandes comunidades ecléticas, como a revista *Encontros com a Civilização Brasileira* (ver Tabela I), com seu Conselho Consultivo integrado por quase cinco dezenas de intelectuais egressos de variadas facções da esquerda e de diferentes setores da sociedade: da universidade, do clero, do periodismo, das artes etc. Vale observar, porém, que a heterogeneidade dessa revista não foi totalmente irrestrita, pois, no que se refere ao gênero, daqueles quarenta e nove integrantes, apenas três²⁷³ eram mulheres: a economista Maria da Conceição Tavares, a pesquisadora e tradutora Maria Helena Kühner e a pesquisadora do cinema Maria Rita Galvão, número ínfimo, que atesta uma desmedida assimetria²⁷⁴ no meio intelectual brasileiro daquela época, particularmente aquele identificado com o pensamento de esquerda. Ainda assim, foi publicado um número especial de *Encontros com a Civilização Brasileira*, o vigésimo sexto, intitulado “Mulher hoje”, dedicado exclusivamente ao estudo da situação das mulheres nas relações de gênero. Os títulos dos textos publicados nesse número são: “As relações homem-

²⁷³ Mais tarde, Vanilda Pereira Paiva, pesquisadora em Educação, juntar-se-ia ao Conselho.

²⁷⁴ Sobre essa assimetria e sobre as hierarquias de gênero entre as esquerdas, ver o texto “O gênero da esquerda em tempos de ditadura”, de Cristina Scheibe Wolff. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). *Gênero, feminismo e ditaduras no Cone Sul*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010, pp. 138-155.

mulher”; “O problema da dominação masculina”; “Por uma antropologia da mulher”; “O futuro das relações entre os sexos”; “Mulheres e movimentos sociais urbanos no Brasil”; “Anistia, custo de vida e creches”; “Feminismo e freudismo”; “Uma proposta para o movimento feminista”; “Subverter os conceitos e as idéias vigentes”; “O fundo da imagem na questão feminina”; “Os marxistas e a elaboração teórica sobre a mulher”; “Quando as mulheres filmam”; “A mulher e a CLT”; “A questão da mulher na reprodução da força de trabalho”; “Trabalhadoras sem terra, um estudo de caso do trabalho feminino no campo”; “Três prefácios e uma orelha sobre liberdade e sexo”; “Mulheres na migração: redes de parentesco como uma estratégia de sobrevivência”; “Controle da natalidade, legalização do aborto e feminismo”; “Aborto: uma questão em debate”. Nisto, o Conselho dos *Cuadernos de Marcha* não se diferenciou, absolutamente. Entre os seus dez membros, houve somente uma mulher: a socióloga Teresa De Barbieri, que, vale enfatizar, tornou-se uma prestigiada pesquisadora das relações de gênero.

“Uno de los principales obstáculos a la hora de encarar el estudio de una revista cultural reside en la heterogeneidad de sus colaboraciones [...].²⁷⁵” Sendo assim, apesar de o Conselho dos *Cuadernos de Marcha* ter sido restrito, deve-se ter em conta que seus colaboradores foram numerosos.

A identificação do público leitor de uma revista político-cultural que deixou de circular costuma ser tarefa ingrata. Há indícios, porém, que têm a propriedade de poder revelar possíveis especificidades dos leitores de uma revista. Entre esses vestígios, contam-se as cartas que as revistas costumam receber de seus leitores, algumas delas publicadas circunstancialmente. Com efeito, Carlos Quijano tinha o hábito de disponibilizar documentos nas últimas páginas dos *Cuadernos de Marcha*, e, entre esses documentos, as cartas tiveram destaque.

Assim, no terceiro número dos *Cuadernos de Marcha*, o mesmo Carlos Quijano, provavelmente, terá sido o responsável pela escrita da nota de agradecimento dirigida àqueles leitores que, enviando saudações pelo relançamento dessa publicação, manifestaram, por meio de cartas, apoio aos integrantes de *Marcha* exilados no México: “No nos envanezcamos. De todas partes nos llegan cartas para instarnos a perseverar y para saludar el reencuentro. Damos algunas de esas cartas. A todos los corresponsales, muchas gracias.²⁷⁶” O conjunto epistolar

²⁷⁵ BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, Universidad del Zulia, Venezuela, año VIII, nº 20, p. 113, marzo de 2003.

²⁷⁶ CARTAS de los lectores. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 3, p. 125, septiembre/octubre de 1979.

enviado a Carlos Quijano em virtude do relançamento dos *Cuadernos de Marcha* não permite uma identificação precisa e cabal do público leitor dessa publicação. Ainda assim, esse conjunto de cartas poderá fornecer algumas indicações sobre quem estava atento à produção cultural uruguaia no exílio.

Da cidade sueca de Gotemburgo, a Casa del Uruguay, instituição em que se reuniam exilados políticos, evocando as simbologias marítimas associadas à *Marcha*, a barca e o lema de Pompeu, dirigiu-se a Carlos Quijano, em carta que aparece com o nome “De nuevo en el mar”, com estas palavras:

Señor director: El activo de Casa de Uruguay de Gotemburgo saluda la presencia de **Cuadernos de Marcha** como índice esperanzado del renacimiento de las mejores tradiciones culturales del Uruguay. [...] Expresa al ilustre compatriota y querido amigo don Carlos Quijano, y por su intermedio a todo el equipo de redactores de **Cuadernos**, el apoyo fraternal de los exiliados uruguayos agrupados en la Casa. El velero de nuevo está en el mar. ¡Feliz singladura!

Representando a delegação, no México, do Frente Amplio, partido de cuja fundação, em 1971, Carlos Quijano foi um importante artífice, Milte Radiccioni, Luis Echave, José Luis Blasina, em carta intitulada “Aislamiento del régimen y unidad de la oposición”, enfatizaram o significado da reaparição dos *Cuadernos de Marcha*:

Señor director: En cumplimiento de la resolución unánime de nuestro primer plenario de militantes, queremos hacerles llegar a Ud. – y por su intermedio a todos los compañeros de CEUAL – nuestras más sinceras felicitaciones por la feliz culminación de este primer esfuerzo para que **Cuadernos de Marcha** reapareciera en el exilio. Cuando nuestra patria atraviesa el momento más negro de su historia, no nos cabe duda de que la reaparición de **Cuadernos** significa uno de los logros importantes en aras de nuestro afán común por aislar al régimen fascista y unir las voluntades que se le oponen. Estamos ciertos que estas aseveraciones no sólo interpretan el sentir de todos los frenteamplistas, incluidos nuestro Presidente, el Gral. Liber Seregni, sino que trascienden hacia todo uruguayo digno de las tradiciones artiguistas. Maestro, bien sabemos que cometeríamos una irreverencia si le dijéramos: “¡adelante!”. Por ello nos limitamos a reiterarle nuestra solidaridad y respecto.

Milte Radiccioni foi mencionada no informe anual, de 1975, da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), da Organização dos Estados Americanos (OEA).²⁷⁷ Luis Echave foi dirigente estudantil e Secretário de Assuntos Internacionais da Federación de Estudiantes Universitarios del Uruguay (FEUU), sendo considerado

²⁷⁷ Informe anual, de 1975, da Comissão Interamericana de Direitos Humanos. OEA/Ser.L/V/II.37, Doc. 20 corr. 1, 28 de junho de 1976. Original em espanhol. Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.cidh.oas.org/annualrep/75sp/sec.3j.htm>> Acesso em: 1 de outubro de 2012.

responsável pela organização do discurso de Che Guevara²⁷⁸ no salão de atos da UdelaR, em Montevideu, na tarde de 17 de agosto de 1961, ocasião em que Che estava no Uruguai como representante do governo cubano na reunião do Conselho Interamericano Econômico e Social (CIES), na cidade de Punta del Este. José Luis Blasina solicitou asilo político, em setembro de 1976, na Embaixada do México, em Montevideu. Em outubro, com asilo concedido, partiu para o México, tendo lá permanecido, como representante do Partido Socialista uruguaio e membro da delegação do Frente Amplio neste país, até junho de 1985, quando retornou ao Uruguai e exerceu intensa atividade política.

Da capital da Catalunha, ponto de partida de muitos republicanos que, com a vitória franquista, procuraram, no passado, exílio no Uruguai, foram enviadas estas linhas:

Estimado doctor Quijano: Le escribo para transmitir a usted y a todos los integrantes del grupo editor mis felicitaciones por la reaparición de **Cuadernos de Marcha**. He comenzado a leer este primer número de la segunda época y, sinceramente, me pareció volver a sentirme en casa. Tengo el convencimiento de que este esfuerzo contribuirá a unirnos más en la lucha contra la dictadura y pensar más a fondo a nuestra patria chica, así como a la grande. La reaparición de **Cuadernos** es otra prueba más de que, pese a la derrota, al “encierro” y al “destierro”, no habrá posibilidad de que haya entierro para el pueblo de los orientales. Un abrazo a todos ustedes. Reinaldo Gargano

Antes de se exilar em Barcelona, Reinaldo Gargano foi Secretário Geral da FEUU, Secretário Geral e Presidente da Asociación de Funcionarios Judiciales del Uruguay (AFJU), fez parte da Mesa Representativa da Convención Nacional de Trabajadores del Uruguay (CNT). Como jornalista, Gargano foi diretor do semanário do Partido Socialista, *El Sol*, entre os anos de 1964 e 1967, e também de outro semanário socialista, *El Oriental*, entre 1970 e 1973. Integrou, ainda, os jornais *Epoca* (até dezembro de 1967) e *Última Hora* (até 1973). Teve, igualmente, e tem ainda, ativa participação na vida política uruguaia. Em 1956, entrou no Partido Socialista, ocupando, nos anos de 1958 e 1959, o cargo de Secretário Geral da Juventud Socialista. De 1959 até 1974, quando teve que se exilar, participou do Comitê Executivo Nacional do Partido Socialista. Foi membro, também, do Comitê Organizador do Frente Amplio no Exterior. No decurso do tempo em que esteve exilado, até 1984, colaborou com o ramo catalão do Partido Socialista Obrero Español (PSOE). Findo o longo período de

²⁷⁸ TAVARES, Flávio. *O Che Guevara que conheci e retratei*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2007.

exílio, foi designado como Secretário Geral pelo XIX Congresso Extraordinário do Partido Socialista do Uruguai, permanecendo no cargo por vários anos.²⁷⁹

De Montevideu, de um leitor que vivia o insílio, chegou uma carta anônima, como não poderia ter sido diferente, tendo em conta o contexto político: “Compañeros de **Cuadernos de Marcha**: Por un día llegó a mis manos un ejemplar de **Cuadernos**. No se imaginan lo que disfruté leyéndolo. Pensé que volvía atrás, una tarde de viernes, al regreso de la oficina.”

De Madrid, uma carta do exílio que menciona outra carta do exílio, aquela de 2 de janeiro de 1979 (ver Figura VII), em que o grupo editor dos *Cuadernos de Marcha* convocou o público leitor a colaborar com o empenho em relançar, no México, uma “revista” de uruguaios exilados:

Señor director: Un amigo me hace llegar vuestra carta circular de 2 de enero, en la que comunicáis la intención de volver a publicar **Cuadernos de Marcha** en ese México del exilio. Yo fui, durante años, suscriptora de **Marcha** y de **Cuadernos**. De la primera tengo la colección completa desde 1966; y de **Cuadernos**, todos los publicados. Todo lo pongo a vuestra disposición, ya que conozco la situación en que os dejaron los archivos y todos los materiales. En espera de celebrar un día la liberación de Uruguay y de todos los pueblos aplastados de América Latina, os abraza cordial y fraternalmente. Milagros Naval.

Do mesmo México do exílio, enviada de Xalapa, capital do estado de Veracruz, chegou esta carta, cujo título, “Ayer y hoy”, ressalta o sentido de intimidade existente entre seu remetente e o destinatário, bem como enfatiza a ideia de continuidade:

Señor director: Prácticamente devoré el primer y estupendo número de **Cuadernos de Marcha** en su segunda época. Estoy seguro de que tan importantes como fueron los números aparecidos en nuestro país serán los que aquí en México, segunda y provisoria patria, salgan gracias a su tesón inquebrantable. Un abrazo para Ud., Quijano, y para los compañeros de **Cuadernos**.

O leitor glutão, autor dessa entusiasmada missiva, foi um dos supostos “pornógrafos” envolvidos no empastelamento de *Marcha*, lembrados galhofeiramente naquela carta de Onetti que apareceu nas primeiras páginas do número de abertura da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*. Quem poderia ter sido o remetente dessa carta senão o prófugo Jorge Rufinelli? Sucessor de Ángel Rama na direção da seção literária do semanário *Marcha* (1968-1974), Rufinelli deixou o Uruguai em 1973, para assumir o cargo de Professor Adjunto de

²⁷⁹ A biografia de Reinaldo Gargano está disponível no Portal Oficial do Partido Socialista do Uruguai e pode ser encontrada em: <<http://www.ps.org.uy/?ID=273&Q=articulo>> Acesso em: 1 de outubro de 2012.

Literatura Latinoamericana da Universidad de Buenos Aires (UBA). Pouco depois, em 1974, emigrou para o México, tendo sido designado, então, Diretor do Centro de Investigaciones Lingüístico-Literarias da Universidad Veracruzana, onde permaneceu por doze anos, atuando, também, nessa mesma universidade, como Professor da Facultad de Letras. No México, Rufinelli fundou e dirigiu a revista *Texto Crítico*. Não retornou ao Uruguai após a redemocratização. Em 1986, foi apontado como Professor do Department of Spanish and Portuguese, da Stanford University. Desde 1987, tem dirigido, em Stanford, a revista *Nuevo Texto Crítico*, dedicada ao cinema e à literatura da América Latina.

No número seis, são publicadas mais cartas de leitores, enviadas de: Berlim, Jerusalém, Lima, Rio de Janeiro, Dakar, Nanterre, Paris, Montreal etc. O que todas essas cartas sugerem sobre os leitores da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*? Duas considerações, pelo menos, podem ser feitas.

Primeiramente, nota-se que a publicação uruguaia editada no México terá possuído uma rede de distribuição eficiente, pois leitores de várias partes do mundo eram capazes de acessá-la. Com efeito, essa rede existiu e teve amplitude, como a análise do esquema de assinaturas presente nas primeiras páginas do terceiro número permite notar. Além de poderem se dirigir ao CEUAL, no México, os leitores interessados em solicitar assinaturas podiam, também, enviar pedidos para a Asociación “Amigos del Uruguay”, sediada em Barcelona. Para aqueles que estivessem em outros países da Europa, era possível dirigir-se ao Grupo de Información y Solidaridad con el Uruguay (GRISUR), localizado na Suíça, na cidade de Genebra, onde vivia exilado um dos integrantes do Conselho Editorial dos *Cuadernos de Marcha*, o jornalista Guillermo Waksman.

Em segundo lugar, percebe-se que a publicação era lida, majoritariamente, pela comunidade de uruguaios exilados, tendo cumprido, portanto, ao servir como fórum e lugar de expressão, uma importante função social e política, o que foi possível, justamente, pelo empenho coletivo dessa comunidade e pelo esforço individual de cada um de seus integrantes em manter e intensificar, no exílio, a atividade política e cultural realizada antes do início, no Uruguai, do regime de exceção instalado por Bordaberry em 1973.

Figura XI – Charge elaborada por Francisco Graells, o Pancho



Fonte: *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 1, p. 142, mayo/junio de 1979.

2.5 *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina (1979-1981)

“Y es posible pensar que la recomposición de esas fuerzas por ahora derrotadas será tarea imposible si pretendemos seguir transitando el camino de siempre, si no alcanzamos a comprender que es necesario discutir incluso aquellos supuestos que creímos adquiridos de una vez para siempre para una teoría y práctica radicalmente transformadora de nuestra sociedad.”²⁸⁰”

Com formato de 34 x 24 cm, diagramação de María Cristina Oscos y Hugo Vargas C., coincidentemente os mesmos diagramadores da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, e periodicidade oscilante, ora mensal, ora bimestral, ora, ainda, trimestral, a revista *Controversia* foi editada por intelectuais argentinos exilados no México. Dirigida, do segundo ao último número, por Jorge Raúl Tula (1939-2008),²⁸¹ reunindo peronistas de esquerda e os autodenominados “gramscianos argentinos”, muitos deles participantes da Comisión Argentina de Solidaridad²⁸² (CAS): “En el seno de esta organización del exilio, militantes marxistas o socialistas y otros de extracción peronista habían impulsado una intensa discusión política como corolario de la cual surgió el proyecto de hacer una publicación.”²⁸³ Não se pode deixar de considerar, porém, que *Controversia* não foi uma publicação oficial da CAS. Além do mais, os líderes da CAS observaram com afastamento, de modo crítico, muitos dos posicionamentos da publicação.

Treze números, com aproximadamente quarenta páginas, foram editados entre o mês de outubro de 1979 e o mês de agosto de 1981. Curiosamente, no seu número de abertura,

²⁸⁰ EDITORIAL. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 1, p. 2, octubre de 1979.

²⁸¹ No depoimento que deu a Pablo Yankelevich (apud ROJKIND, 2004, p. 223), Héctor “Toto” Schmucler, um dos integrantes de *Controversia*, lembrou que, embora a publicação tivesse um diretor, Tula, as atribuições desse diretor eram meramente coordenativas, visto que todas as decisões sobre os temas e textos propostos eram tomadas pelo conjunto dos editores.

²⁸² A CAS foi uma organização do exílio argentino no México, sem vínculo formal com qualquer partido, caracterizada, antes, pela diversidade política e ideológica de seus participantes. Em 1979, estavam consolidadas, na CAS, três vertentes ideológicas principais: os “socialistas”, os “peronistas” e os “independentes”.

²⁸³ ROJKIND, Inés. La revista *Controversia*: reflexión y polémica entre los argentinos exiliados en México. In: YANKELEVICH, Pablo (org.). *Represión y destierro*. Itinerarios del exilio argentino. Colección Diagonios. La Plata: Ediciones al Margen, 2004, p. 224.

Controversia apareceu sem diretor, e Jorge Tula figurou no Conselho de Redação com o sobrenome trocado, alusivamente, para Tulli.

Figura XII – Jorge Tula



Fonte: *Página/12*, Buenos Aires, 31 de agosto de 2008.

Seu primeiro número entrou em circulação por \$ 35,00. O segundo e o terceiro números, publicados de modo conjunto, circularam por \$ 50,00. O quarto número valeu os mesmos \$ 35,00 do número de abertura. Do quinto ao oitavo número, *Controversia* circulou por \$ 45,00. Do nono ao duodécimo número, foram publicados dois números pares, vendidos por \$ 60,00. O último número, o décimo quarto, que na prática é o décimo terceiro, apareceu por \$ 50,00. Nota-se que a flutuação de preço foi irregular.

Quase trinta anos depois, no prólogo para a edição fac-similar da revista, elaborado por Jorge Tula e concluído, por gravação, em 21 de agosto de 2008, uma semana antes da morte do diretor de *Controversia*, o mesmo Tula procurou esclarecer, com duas anedotas: primeiro, a ausência de diretor, no lançamento da revista, e a presença dele, Tula, no número inicial da publicação, com o sobrenome mudado, no Conselho de Redação; e, segundo, o aparecimento de um número quatorze sem que houvesse sido posto em circulação um número treze:

En el primer número de la revista se advertirá que no se menciona al director de la publicación; si bien los integrantes del Consejo de Redacción habían coincidido en que yo fuera el director, la salida de ese número coincidía con el viaje a la Argentina que obligatoriamente debía realizar Ana María, mi mujer. Temerosos de que por portación de apellido pudiera ser víctima de la dictadura, decidimos que yo figurara como J. Tulli, curiosa y seguramente ingenua estrategia para engañar a los servicios de inteligencia.²⁸⁴

Elucidada a suspeitosa carência, logo no primeiro número da revista, de um diretor, e a intrigante presença de um membro do Conselho de Redação com um sobrenome idêntico ao

²⁸⁴ TULA, Jorge (et al.). *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina (Edição fac-similar). 1ª ed., Buenos Aires: Ejercitar la Memoria, 2009, p. 6.

do companheiro de cela de Antonio Gramsci, mencionado nos “Quaderni del carcere”, a saber, o ex-redator de *L’Unità*, o jornalista bergamasco Enrico Tulli (1898-1942), remissão bastante expressiva e seguramente não incidental, uma vez que o pensador sardo foi um componente-chave da genealogia “espiritual” de *Controversia*, Jorge Tula manteve em aberto, sem explicação, a publicação de um número quatorze sem que houvesse aparecido um número treze:

Si fue producto de superstición, o de un error a la hora de fijar el número en la tapa, todavía es motivo de debate. Esto dio pie para que nuestro querido Oscar Terán escribiera un relato en el que el protagonista es un investigador que un siglo más tarde no logra comprender porqué J. Tulli no escribió nunca más en *Controversia* y porqué recién en el número dos se incluyó a Jorge Tula como director. Además, ese imaginario investigador se fatiga revisando minuciosamente las bibliotecas en la búsqueda del ejemplar número 13, presuntamente agotado.²⁸⁵

Nesse relato de Oscar Terán, que, a propósito, é o conto que está incluído como epílogo da edição fac-similiar de *Controversia*, lembrado no prólogo de Jorge Tula, há uma hipótese sobre o imbróglho com os números. Oscar Terán, outro integrante do Conselho de Redação da revista, sugeriu, nesse conto, que a confusão com os números foi o “efecto de superficie de pugnas internas mal disimuladas”.²⁸⁶

Desde que apareceu, a revista de maior repercussão dos exilados argentinos no México assumiu uma identidade cindida. Ainda que seus editores avaliassem que a escolha do nome da publicação não tinha priorizado a originalidade, havia a convicção de que o nome selecionado manifestava, cabalmente, a razão de ser da publicação.

Uma rede de revistas de denúncia vicejava no contexto de circulação de *Controversia*, entre as quais se destacam: *Convocatoria*, do Movimiento Sindical Peronista (MSP); *Evita Montonera*, publicação promotora das ações armadas conduzidas pelos Montoneros; *El Combatiente*, do Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT) – Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP), com uma orientação semelhante à publicação dos Montoneros; outras revistas peronistas, como *Mensaje Peronista*, *Volveremos* e *Revolución Peronista*; *Noticias*, do grupo Montoneros “17 de octubre”; e *La República*, uma revista que diferiu das anteriormente citadas por não ter sido vinculada ao peronismo ou à esquerda revolucionária.

²⁸⁵ Idem.

²⁸⁶ TÉRAN, Oscar. Un cuento llamado Controversia. In: TULA, Jorge (et al.) . *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina (Edição fac-similar). 1ª ed., Buenos Aires: Ejercitar la Memoria, 2009, p. 1.

Controversia seguiu uma linha editorial própria, partindo da constatação de que o espaço para a denúncia contra a ditadura argentina, no México, encontrava-se impregnado, ou melhor, devidamente preenchido. Mais importante para a definição dessa linha editorial foi a compreensão de que o contexto político do exílio proporcionava condições para uma revisão do passado, ou seja, da teoria e da prática política que haviam encontrado um limite no banimento de muitos dos que as idealizaram e empregaram. Ademais, o exílio oferecia, também, a circunstância adequada para uma indagação sobre as atribulações do presente, marcado pela violência e pela resistência contra o isolamento, e, por fim, ensejava o momento de reflexão oportuno, o *kairós* para a construção de um projeto para o futuro, imbricado, necessariamente, com a democracia. Sobre o nome e a amplitude/difusão da revista *Controversia*, Héctor Schmucler, em entrevista, comentou o seguinte:

[...] recuerdo anécdotas muy concretas que nos llenaban de gozo [...] artículos que circulaban en fotocopias, no masivamente [...] hablamos de los diez o quince que podían leerlo o veinte, pero circulaba, quiero decir [la revista] no tenía un papel agitativo porque no estaba destinada a propagandizar algo que nosotros no queríamos que se difundiera como una verdad sobre Argentina, no era esto, por eso se llamaba *Controversia*.²⁸⁷

Idealizada, de início, pelo jornalista cordobês, Miguel Angel Picatto, que, por incompatibilidade de interesse, veio a retirar-se do grupo fundador da revista, *Controversia* teve, sempre, mesmo em seu nome, a marca do confronto de ideias, manifesto, basicamente, no choque de duas correntes ideológicas: o peronismo de esquerda, defendido por Rubén Sergio Caletti e por Nicolás Casullo; e o socialismo, em particular a sua extração gramsciana, representado pela quase totalidade dos seus outros participantes. Foram essas pugnas, fundamento da hipótese de Terán para a troca de números, que acabaram provocando a extinção da revista, em 1981:

La publicación fue el resultado de una actividad de reflexión que habían iniciado por separado tanto quienes provenían de una militancia de carácter marxista o socialista, como aquellos de origen peronista que en su momento se habían inclinado por una estrategia que contemplaba la lucha armada.²⁸⁸

Estiveram, entre os colaboradores de *Controversia*: Fernando Henrique Cardoso, Ángel Rama, Oscar del Barco, Néstor García Canclini, David Viñas, León Rozitchner, Norberto Colominas, Luis Gregorich, Julio Cortázar, Liliana Heker, Osvaldo Bayer, Rodolfo

²⁸⁷ SCHMUCLER apud YANKELEVICH, 2002, p. 297.

²⁸⁸ Ibid., p. 295.

H. Terragno, Vittorio Strada, Elena Casariego, Samir Amin, Javier Roberto Eliecer, Gregorio Kaminsky, Héctor Béjar etc.

Importa destacar que esse conjunto de colaboradores de *Controversia* abarca nomes de intelectuais que estiveram presentes, também, tanto na segunda época dos *Cuadernos de Marcha* como em *Encontros com a Civilização Brasileira*, seja na condição de participantes do Conselho Consultivo (Editorial), seja enquanto ensaístas ocasionais. Fernando Henrique Cardoso foi membro permanente do Conselho Consultivo de *Encontros com a Civilização Brasileira* e teve textos publicados na segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, como o ensaio “Después de Geisel. La fronda conservadora”, presente no oitavo número (julho/agosto de 1980), e também no dossiê dedicado à situação política e econômica brasileira, intitulado “Ni milagre económico ni apertura democrática”. Héctor Béjar escreveu nas páginas da revista dirigida, no exílio mexicano, por Carlos Quijano, e Ángel Rama foi um colaborador importante, regular, da publicação uruguaia. Havia, conclui-se, uma rede latino-americana de revistas, sendo que muitas delas do exílio.

A amplitude de *Controversia* foi relativamente expressiva. Além de ter sido muito lida no México, foi lida, igualmente, por exilados na Europa e nos Estados Unidos, tendo sido, porém, pouco ou nada difundida na Argentina, resultando no quase completo desconhecimento, no meio cultural do maior país platino, do projeto político e cultural da publicação dirigida por Jorge Tula e integrada por intelectuais cujas conceitualizações haviam ganho significativo prestígio na América Latina. Tal defasagem iria, no *ritorno in patria* desses intelectuais, deixar escandalizados muitos segmentos da esquerda política argentina, que, acostumados com as prédicas do grupo de *Pasado y Presente* na década de 1960 e meados da década de 1970, ficariam atônitos, quando não hostis, ao reconhecerem a saliente marca da mudança de perspectiva que havia sido operada nos longos anos de exílio. A propósito dessa aguda ruptura, seguramente exponenciada pela proscricção e pelo afastamento, Juan Carlos Portantiero, em entrevista realizada anos depois, viria a relatar que:

Nadie sabe, nadie tiene por qué saber qué estábamos discutiendo en México; no había por qué imaginar qué habíamos pensado durante esos 7 años. Ocurre que sobre lo que un grupo de gente pensó durante todo ese período hay testimonios, pero éste es un país que no recupera su memoria. Durante ese tiempo sacamos una revista, *Controversia*, con Casulo, Toto Schmucler, Caletti, yo, Emilio, Aricó. Todo ese debate aparece aquí cuando llegamos, pero nosotros ya lo habíamos procesado. Si, efectivamente, hay una sorpresa, es porque la fotografía mía y la de todo el grupo estaba congelada

en el 73; bueno, nadie tiene la culpa de que hayan pasado 11 años en los que hicimos la rediscusión de toda la cuestión política e intelectual argentina.²⁸⁹

Compondo-se de seções fixas, dossiês temáticos, traduções, entrevistas e uma seção bibliográfica, a publicação foi custeada com publicidade, com recursos provindos das assinaturas e, até mesmo, com contribuições pessoais de seus editores. Alguns, como José Aricó, tinham intenso trânsito no circuito editorial. Desde 1971, Aricó havia começado, na Argentina, uma fecunda atividade como editor da Siglo XXI. Com o exílio, essa atividade não foi interrompida, tendo sido retomada em 1976, quando Aricó dirigiu, também na Siglo XXI, a *Biblioteca del Pensamiento Socialista*.

Figura XIII – José María “Pancho” Aricó



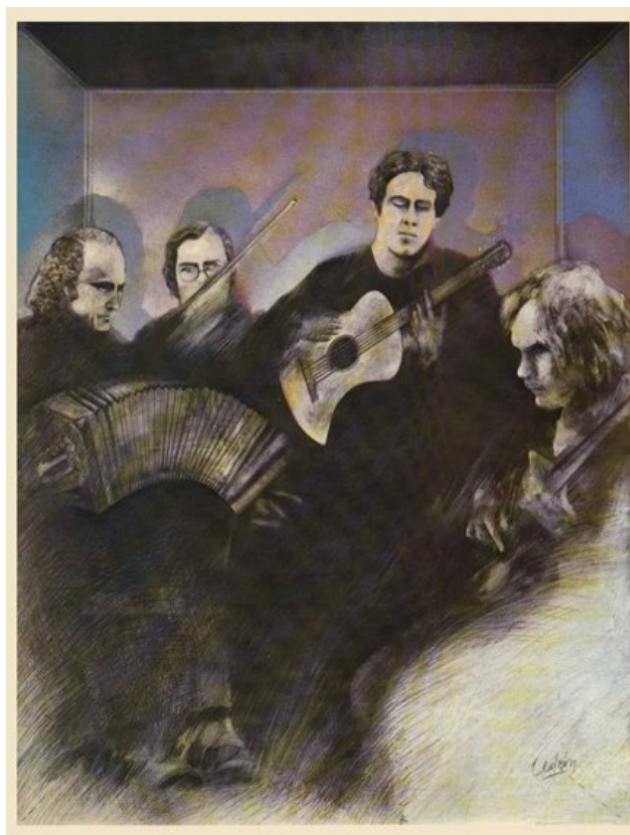
Fonte: Imagen extraída do documentário “José Aricó”, de Rafael Filippelli, concluído em agosto de 1991.

Controversia possuía, como observou Oscar Téran, “buenos grabados – cuyas vinculaciones con el texto se tornan enigmáticas – de aliviar al lector del espectáculo obsceno de las autocríticas”.²⁹⁰ Participaram, como ilustradores, Roberto Fontanarrosa, Raúl Soldi, Alberto Cédron, Alberto Diez, Carlos Zolla, Carlos Alonzo, Hermenegildo Sábat, Antonio Berni, Nicolás Amoroso, Roberto Páez e David Levine.

²⁸⁹ PORTANTIERO, 1991 apud BURGOS, 1999, p. 235.

²⁹⁰ TÉRAN, loc. cit.

Figura XIV – O Cuarteto Cédron, de músicos argentinos exilados/radicados na França, formado por Juan “Tata” Cedrón (violão e canto), Miguel Praino (viola), César Strocio (bandônion), e Jorge Sarraute (contrabaixo), desenhado pelo irmão de “Tata” Cédron, Alberto Cédron



Fonte: Capa do número 9-10 de *Controversia*.

“Muchos de nosotros pensamos, y lo decimos, que sufrimos una derrota atroz.²⁹¹” Foi desse modo que a revista *Controversia* abriu seu primeiro número, com editorial escrito sob o signo da “derrota”, derrota da via armada,²⁹² durante a última ditadura militar argentina (1976-1983), no combate cruento contra o poder exponencialmente superior das Forças Armadas. O Conselho de Redação de *Controversia* agrupou peronistas de esquerda e socialistas gramscianos.

O peronismo foi representado em *Controversia* por uma vertente crítica às organizações guerrilheiras. Por sua vez, o socialismo dessa publicação do exílio argentino no México distanciou-se, criticamente, das formulações dogmáticas do marxismo-leninismo. Ora, as duas posições, fundadas na “derrota”, hostilizavam o autoritarismo, fosse aquele identificado com regimes bonapartistas, fosse aquele institucionalizado nas burocracias

²⁹¹ EDITORIAL. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 1, p. 2, octubre de 1979.

²⁹² O bloco de forças políticas de esquerda inclinado à luta armada não foi homogêneo. Ideologicamente, o arco dessas forças era bastante irrisado, e seus matizes foram do peronismo ao marxismo-leninismo: Montoneros, Fuerzas Armadas Peronistas (FAP) e Fuerzas Armadas Revolucionarias (FAR); o Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT), de orientação trotskista, com um braço armado, o Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP).

estatais, fosse aquele outro próprio das organizações partidárias ou paramilitares. As duas posições também já não aturavam a ideia do “intelectual demiurgo”, não toleravam a petulante ideia de uma *intelligentsia* iluminada, portadora de um conhecimento singular da venerável teoria da revolução. Se a crítica do voluntarismo e da ortodoxia criou um rápido consenso, a reflexão sobre a democracia e sobre os direitos humanos logo mostrar-se-ia como provocadora de suscetibilidades.

Como formação intelectual, construiu-se ao redor de quatro eixos temáticos: em primeiro lugar, a derrota do campo popular, em especial do peronismo montonero, apresentando, não raro, uma crítica acérrima da experiência guerrilheira na Argentina; em segundo lugar, a análise da situação política e econômica da Argentina, por meio de uma orientação que articulou o revisionismo histórico²⁹³ com o estudo da especificidade das conjunturas concretas; depois, o tema da construção e do sentido da democracia, na tentativa de promover a revalorização de um assunto sensível e, não poucas vezes, ausente nos debates da esquerda marxista e peronista; e, por fim, mas não menos representativo, a crise do marxismo, que, em *Controversia*, esteve presente pela revisão de paradigmas clássicos, submetidos, de modo crítico, ao cruzamento com novas perspectivas, como ocorreu com o pensamento de Gramsci, com as propostas da social-democracia europeia e do comunismo italiano dos anos setenta e oitenta do século XX.²⁹⁴

Tabela III – Conselho de Redação de *Controversia*

Jorge Tula	filósofo
Sergio Bufano	escritor
Rubén Sergio Caletti	jornalista, sociólogo
Nicolás Casullo	filósofo, escritor
José Aricó	ensaísta, editor, tradutor
Juan Carlos Portantiero	sociólogo, escritor

²⁹³ Na Argentina, o revisionismo histórico tem um sentido bastante particular, tendo servido, amiúde, como cimento ideológico do peronismo. Movimento historiográfico nacionalista, busca reescrever a história da Argentina por meio da exaltação de Juan Manuel de Rosas, o caudilho do federalismo e opositor da tendência unitária, liberal, cuja historiografia teve em Bartolomé Mitre um de seus principais difusores. Raúl Scalabrini Ortiz, Fermín Chávez e Rodolfo Puiggrós, entre outros, foram historiadores que se destacaram na corrente revisionista. O revisionismo histórico manifesto em *Controversia*, contudo, apesar da presença de peronistas no Conselho Editorial da publicação, não teve nada que ver com esse movimento historiográfico nacionalista, mas, antes, teve relação com a revisão crítica promovida por alguns integrantes da formação dessa publicação, como Aricó e Portantiero, do pensamento marxista e da cultura de esquerda.

²⁹⁴ YANKELEVICH, op. cit., p. 297.

Héctor Schmucler*	sociólogo e semiólogo
Oscar Terán	filósofo
Ricardo Nudelman	economista
Carlos Abalo	jornalista

Fonte: *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 1, octubre de 1979.

Enquanto suporte para o exame da realidade argentina, realizado por um grupo de intelectuais cuja prática teórico-política havia, nos anos sessenta, defendido uma via revolucionária de transformação,²⁹⁵ *Controversia* foi uma publicação de crítica e de autocrítica de posições da esquerda argentina sobre os processos sociais e políticos do país platino. A revista fez juz ao nome, dando espaço privilegiado para discussões acerca de temas ainda hoje geradores de cisões na sociedade argentina, como os direitos humanos. Encarada em retrospectiva, a publicação teve uma função importante, na medida em que registrou o pensamento de um núcleo de exilados argentinos no México, fazendo do próprio exílio um dos seus objetos de reflexão.²⁹⁶ No quarto número, de fevereiro de 1980, um dossiê inteiro, “Los argentinos y el exilio”, foi dedicado ao exílio, composto pelos seguintes textos: “La Argetina de adentro y la Argentina de afuera”, de Héctor Schmucler; “Psicoanálisis y política: la lección del exilio”, de León Rozitchner; “Muchas actividades, inquietudes y mejores personas”, de Carlos Ulanovsky; “Carta a Controversia”, de Miguel Picatto; e “El privilegio del exilio”, de Rodolfo Terragno. Foram publicados, ainda: no primeiro número, “El exilio mexicano de Aníbal Ponce”, de Oscar Téran; no quinto número, “El exilio y el retorno”, de Carlos de Sá Rego; no sexto número, “Unidos y preparándonos”, de David Viñas; no sétimo número, “El hijo pródigo”, de Fernando Savater; e “Respuesta a Terragno”, de Osvaldo Bayer; no oitavo número, “A propósito del exilio y los retornos”, de Mario Molina y Vedia; por fim, no número par nove e dez, “Respuesta a Osvaldo Bayer”, de Rodolfo Terragno.

* Héctor Schmucler fundou e dirigiu até ao número 28, de setembro de 1972, a revista cultural *Los Libros* (1969-1976).

²⁹⁵ Com Roberto Quieto, Marcos Osatinsky e outros, Juan Carlos Portantiero integrou o grupo Vanguardia Revolucionaria (VR), núcleo político que teve existência breve, tendo editado duas revistas de número único, primeiro a revista *Táctica*, em 1964, e pouco depois, em 1965, a revista *Nueva Política*. Em 1967, Roberto Quieto e Marcos Osatinsky constituíram, para dar apoio à ação guerrilheira de Che Guevara, o Ejército de Liberación Nacional (ELN). Em 1973, o grupo de *Pasado y Presente*, agora reunido em Buenos Aires, e que no exílio formaria *Controversia*, construiu elos políticos com os Montoneros, mediados por Roberto Quieto. O grupo de *Pasado y Presente*, pelo casual contato estabelecido entre Oscar del Barco e Ciro Bustos, manteve, igualmente, vínculos com o Ejército Guerrillero del Pueblo (EGP), uma organização guerrilheira marxista que está entre as primeiras que surgiram na Argentina, instalada em 1963, na província de Salta, liderada pelo jornalista Jorge Ricardo Masetti, tendo sido derrotada em março de 1964. BURGOS, Raul. Os gramscianos argentinos. Cultura e política na experiência de Pasado y Presente. Campinas, 1999, Tese (Doutorado em Ciência Política) – Departamento de Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, pp. 70-76.

²⁹⁶ Idem.

Houve diversas contendas:²⁹⁷ a polêmica sobre o exílio entre Osvaldo Bayer e Rodolfo Terragno; um debate sobre o populismo e o socialismo; outro sobre a democracia; e, também, sobre a literatura no exílio. A querela que mais repercutiu foi aquela sobre os direitos humanos, ocupando as páginas de *Controversia* em vários números: 1, 2-3, 6, 7, 8, 9-10. Essa polêmica capital, que recaiu sobre um problema extremamente delicado, os “desaparecidos”, não produziu poucas desavenças e desagravos, como se verá no capítulo seguinte.

A incisiva força dos argumentos que se expuseram nos treze números da revista *Controversia* pode ter contribuído, com o retorno da democracia, para o rápido esquecimento da publicação. Recentemente, contudo, muitos dos temas que a revista tratou ganharam novamente espaço no debate público.²⁹⁸

²⁹⁷ “Polémica sobre el populismo y el socialismo”, de Emilio de Ipola, Juan Carlos Portantiero, Ernesto López, Nicolás Casullo e Ruben S. Caletti (*Controversia*, nº 14, México, agosto de 1981); suplemento “La democracia como problema”, de Oscar Téran, Rodolfo Saltalamacchia, Mónica Blanco, Cristina Bertolucci, José Aricó, Jorge Tula, Luis Bruschtein, Carlos Abalo, Juan Carlos Portantiero, Nicolás Casullo, Rubén Sergio Caletti, Elena Casariego, Emilio de Ipola, Giacomo Marramao, Sergio Bufano, Óscar del Barco, Adriano Guerra e José R. Eliashev (*Controversia*, nº 9-10, México, dezembro de 1980); e “Literatura y exilio”, de Julio Cortázar, Liliana Heker, David Viñas e Luis Gregorich (*Controversia*, nº 11-12, abril de 1981).

²⁹⁸ Ver nota # 1 in MALECKI, Juan Sebastián. Aricó, pensador de fronteras. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://blogs.ffyh.unc.edu.ar/teatropoliticounc/files/2009/07/arico-pensador-de-fronteras-por-juan-sebastien-malecki.pdf>> Acesso em: 10 de outubro de 2012.

Capítulo 3

Construção de hegemonia político-cultural no contexto da transição: Narrativas sobre democracia e direitos humanos em *Encontros com a Civilização Brasileira, Cuadernos de Marcha* (segunda época) e *Controversia*

“Es urgente hablar de los ausentes. Ya es tiempo de hablar de aquellos que se equivocan. Es importante interrogar los ausentes, aquellos que viven sin democracia en general. Es urgente hablar de los ausentes. Es urgente hablar de las ausencias [...]. Es urgente hablar de la libertad [...]. La democracia está siempre violada [...].”²⁹⁹

(Tony Gatlif)

3.1 Grandes relatos em tensão: Os nexos incertos entre democracia e socialismo

Na América Latina dos anos sessenta, tamanha magnitude foi alcançada pela “necessidade histórica” de uma ruptura revolucionária, instigada pela explosiva combinação de marasmo econômico, estrutura social tradicional e fervorosa mobilização social que, no Chile, até mesmo um partido de centro como a Democracia Cristã viu-se compelido a propor uma “revolução em liberdade”.³⁰⁰ As devastadoras investidas da contrarrevolução iriam provocar formidáveis inversões: “Si la revolución es el eje articulador de la discusión latinoamericana en la década del 60, en los 80 el tema central es la *democracia*. Al igual que

²⁹⁹ Trecho de *Manifeste*, do cineasta argelino Tony Gatlif, para o filme *Exils*, dirigido pelo mesmo Gatlif, uma produção francesa de 2004.

³⁰⁰ LECHNER, Norbert. De la revolución a la democracia. In: *Los patios interiores de la democracia*. Subjetividad y política. Santiago de Chile: FLACSO, 1988, p. 23.

en el período anterior, la movilización política se nutre fuertemente del debate intelectual.³⁰¹ Eis aí a grande virada no pensamento crítico latino-americano formado nas fileiras do marxismo, uma virada que foi do “louvor da revolução” ao “louvor da democracia”.³⁰²

Filão incontornável dos debates travados nos círculos intelectuais e nas organizações partidárias da América Latina durante o fim da década de 1970 e no transcurso da década de 1980, tempo de transição em diferentes esferas – socioeconômica, política e cultural – a “questão democrática” pertence ao campo semântico de uma categoria imprescindível para o estudo das revistas culturais latino-americanas desse período, qual seja, a democracia. Nesse contexto de transição e de acalorado debate político-ideológico, parte significativa da batalha das ideias, na América Latina e em outras regiões do Ocidente, estava centralizada na noção de democracia, reclamada por quase todas as vertentes ideológicas, fossem conservadoras, fossem progressistas.

Conforme o sociólogo britânico Paul Hirst (1947-2003), a democracia representativa passou a ser, na década de 1980, na Grã Bretanha e em todos os outros países ocidentais, o “[...] dominant idiom in political discourse”,³⁰³ uma ferramenta de legitimação insubstituível: “Everyone is a democrat irrespective of their other political views; and anyone with the slightest concern for political success carefully avoids criticising democracy for fear of the political wilderness.”³⁰⁴ Na América Latina, pelo menos expressamente, no momento em que as ditaduras começaram a desfalecer, poucos atrever-se-iam a aceitar outra designação que não fosse a de democrata convicto.

A aparente unanimidade em torno do conceito de democracia não estava livre, porém, de cismas. Naquele período, a definição dessa ideia foi, em parte, um tipo de índice do

³⁰¹ Ibid., p. 24. (grifo no original)

³⁰² BURGOS, Raul. Os gramscianos argentinos. Cultura e política na experiência de Pasado y Presente. Campinas, 1999, 337p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Departamento de Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas. passim. Embora o exaustivo estudo de Burgos esteja focado no “grupo de *Pasado y Presente*”, as tendências que incidiram sobre as posições teórico-políticas desse grupo estiveram inscritas em um contexto cultural que extravasa os avatares do marxismo argentino. De fato, como se poderá reconhecer neste capítulo, essa passagem foi parte de um amplo debate que ocorreu dentro da esquerda latino-americana como um todo, com repercussão nos grupos das três revistas que analiso neste estudo.

³⁰³ “[...] o idioma dominante no discurso político.” (tradução minha) HIRST, P. . Representative democracy and its limits. *The Political Quarterly*, Oxford, v. 59, issue 2, p. 190, April 1988.

³⁰⁴ “Independentemente de suas perspectivas, todos são democratas; e qualquer um com o mínimo de preocupação em obter sucesso político evita escrupulosamente criticar a democracia por temor ao ostracismo.” (tradução minha) Idem. Hostilizado por cientistas sociais conservadores e liberais e por marxistas, comprometido com a formulação de uma armadura conceitual para uma teoria da democracia associativista, Hirst, quando a democracia representativa estava no auge, atreveu-se a formular uma crítica ao “idioma dominante”: “To challenge the dominant idiom appears to be political suicide, but such a challenge needs to be mounted in the name of democracy.” “Desafiar o idioma dominante parece ser um suicídio político, mas tal desafio precisa ser feito em nome da democracia.” (tradução minha) Idem.

conflito pela hegemonia política e cultural, e até mesmo dentro dos estratos vinculados ao pensamento de esquerda da América Latina a definição da ideia de democracia produziu polêmicas e dissensões, com tremenda repercussão nas revistas político-culturais. Sobre esse contexto, no que concerne à Argentina, Roxana Patiño observou que:

El período que se abre en los inicios de la década del 80 en Argentina encuentra un escenario cultural enfrentado a dos desafíos: democratizarse y modernizarse. La problemática de la democratización no se restringe al ámbito de lo político sino que avanza hacia los modos de asimilación del paradigma democrático como horizonte desde el cual pensar las relaciones entre cultura y política. Y aún más: como modo de pensar la cultura en su propia especificidad. Este debate se detecta desde los primeros indicios de la apertura política en 1981, alcanza su punto de mayor intensidad y polémica durante la transición democrática entre 1982 y 1984, y se cruza con otros en los años siguientes.³⁰⁵

Em virtude do sentimento de derrota resultante da repressão feroz dos movimentos contestatários e populares e do conseqüente arrefecimento dos projetos revolucionários conduzidos pelas guerrilhas armadas urbanas e rurais que se haviam espalhado em vários focos pela América Latina, ganharam relevo, no pensamento político das esquerdas latino-americanas, discussões impulsionadas pela preocupação com o desenvolvimento e com a reformulação de conceitualizações teóricas capazes de dar suporte e alento a uma nova cultura política nucleadora:

La última década, particularmente terrible para la América Latina por el saldo de derrotas populares que ella envuelve en tantos países, ha permitido despertar el interés y la pasión de la discusión de la democracia en diversas fuerzas políticas de la región y ello es una de las razones que explican el crecimiento de la socialdemocracia en América Latina.³⁰⁶

Para as esquerdas, o processo implicou inflexões ideológicas: “La experiencia del autoritarismo impactó profundamente la visión de la izquierda acerca de la democracia.³⁰⁷” Foi o projeto democrático aquele para o qual convergiram muitos intelectuais que se confrontaram com o esgotamento do compromisso revolucionário e com o desengano provocado pelos abusos do “socialismo real”. Com a revolução fora da ordem do dia e a necessidade de “modernização” imposta pela derrota do campo popular, qual ideia de

³⁰⁵ PATIÑO, Roxana. Democratizar/Modernizar. Los suplementos culturales en la transición argentina. *Hispanica*, Año XXVI, nº 78, p. 3, diciembre de 1997.

³⁰⁶ ELIASCHEV, José R. . Una nueva ecuación para América Latina. *Controversia*. Para el examen de la realidad Argentina. México, año II, nº 9-10, p. 41, diciembre de 1980.

³⁰⁷ CAETANO, Gerardo & GARCÉ, Adolfo. Ideas, política y nación en el siglo XX. In: TERÁN, Oscar (coord.). *Ideas en el siglo*. Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004, p. 354.

democracia, em *Encontros com a Civilização Brasileira, Cuadernos de Marcha* (segunda época) e *Controversia*, fez-se valer?

O periodismo político-cultural não ficou alheio, obviamente, aos processos políticos e sociais que marcavam esse momento transicional. Como sugeriu Denise Rollemberg: “O tema da revolução, que povoara a imaginação da esquerda e sobressaía nas páginas da imprensa, vai pouco a pouco cedendo lugar ao grande tema do fim dos anos 1970: a democracia.³⁰⁸” Núcleos teórico-ideológicos e instrumentos de atuação política e cultural, a revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, a segunda época dos *Cuadernos de Marcha* e a revista *Controversia* circularam nesse período em que a “questão democrática” se tornou uma tópica inevitável, tendo marcado profundamente, em especial, os debates da esquerda latino-americana, o que não foi exatamente uma especificidade regional, mas, antes, uma tendência que surgiu sobretudo na Europa ocidental e, posteriormente, se alastrou por outras regiões. Produtos de um contexto transicional, essas três revistas, de modo semelhante ao que ocorreu com as coetâneas *Punto de Vista* e *Novos Estudos do CEBRAP*, analisadas por Ana Cecília Arias Olmos:

[...] respondieron a los lineamientos éticos e ideológicos de una izquierda democrática para reclamar la efectivización de los derechos civiles y asumir la tarea de recuperar un ejercicio de ciudadanía que había sido sustraído por severos y prolongados regímenes autoritarios.³⁰⁹

José María Aricó (1931-1991), que, no exílio, viria a integrar o Conselho de Redação de *Controversia*, desde os anos sessenta, na revista *Pasado y Presente*, e depois em *Cuadernos de Pasado y Presente*, já desenvolvia a reflexão sobre os elos incertos e difíceis entre democracia e socialismo. Mais adiante, nos primeiros anos da década de 1980, o mesmo Aricó, com sua peculiar inclinação para defender e reivindicar a potência crítica do marxismo, contanto que o pensamento de Marx fosse colocado permanentemente em diálogo e confronto com diferentes realidades nacionais e com outras tradições do pensamento social e político, passou a preconizar o entendimento da democracia como um “valor universal”, como se pode atestar neste trecho da entrevista, emblematicamente intitulada “América Latina: el destino se llama democracia”, concedida, em 1983, a Horacio Crespo:

En esta desaparición de las fronteras fijas entre democracia radical y socialismo, el mito de la democracia, de la invención democrática, puede convertirse talvez en *el mito laico que unifique a las fuerzas sociales* en pro

³⁰⁸ ROLLEMBERG, Denise. *Exílios: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 200.

³⁰⁹ OLMOS, A. C. A. . Práctica intelectual y discurso crítico en la transición. *Punto de Vista y Novos Estudos del CEBRAP. Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. LXX, nº 208-209, p. 940, julio/diciembre de 2004.

de su recomposición. Pienso que la conquista de la democracia como un elemento sustantivo en sí mismo, como un objetivo ideal que se agote en sí mismo debe tender a transformarse en el nudo central de la *actual reconstrucción* de la cultura de izquierda en América Latina.³¹⁰

Depois dos sucessivos estremecimentos que afetaram o “socialismo real” no decorrer da segunda metade do século XX, entre os quais o controverso Relatório Khrushchev (1956) sobre os crimes do estalinismo, a invasão da Hungria pelos tanques soviéticos (1956), a Primavera de Praga (1968), o caso Padilla (1971), a revelação da realidade sinistra do *Gulag*³¹¹ e as atrocidades cometidas, no Camboja, pelo Khmer Vermelho (1975-1978),³¹² o dogmatismo marxista-leninista passou a ser intensamente questionado, cedendo lugar ao fortalecimento de um socialismo de cunho heterodoxo, secular, mais reformista, menos propenso a buscar fundamentos em perspectivas radicais de ação política e, possivelmente, mais aberto ao diálogo com intelectuais identificados com tradições do pensamento político liberal, como Max Weber, Carlo Rosselli, Piero Gobetti e Norberto Bobbio. A ideia de tradução poderia ser considerada como um gesto ordenador desse socialismo.³¹³ Basta pensar em José Aricó e no seu empenho em produzir um marxismo latino-americano, vernacular, traduzindo diversas fontes do pensamento marxista e submetendo essas fontes a um rigoroso confronto com as realidade nacionais da América Latina, uma tradução teórico-política no sentido mais lato, preocupada, sobretudo, com as especificidades históricas, econômicas, socioculturais etc. Aricó leva ao extremo esse gesto, chegando até mesmo a imiscuir-se nas ideias do pensador antiliberal alemão, o intelectual filonazista Carl Schmitt, traduzindo *Der*

³¹⁰ ARICÓ, José María. El destino se llama democracia. In: CRESPO, Horacio (ed.). *José Aricó*, Entrevistas (1974-1991). Córdoba: Ediciones del Centro de Estudios Avanzados, Universidad Nacional de Córdoba, 1999, p. 29. (sem grifos no original)

³¹¹ Do russo “ГУЛАГ”. Acrônimo de: Administração Geral dos Campos de Trabalho Correccional e Colônias. Tendo funcionado de 1930 a 1960, na ex-União Soviética, o *Gulag* foi um sistema concentracionário onde estiveram aprisionadas multidões de dissidentes políticos, dos quais muitos pereceram de frio, fome, doenças e exaustão. Publicado em 1973, “Arquipélago Gulag”, do escritor russo Alexandre Soljenitsin, deixou aterrada a opinião pública do Ocidente. Galardoado com o Nobel de Literatura, em 1970, Soljenitsin foi um sobrevivente do *Gulag*, onde esteve preso por vários anos. Em “Arquipélago Gulag”, o escritor, baseado na própria experiência e em mais de duas centenas de relatos de outros prisioneiros, descreveu o *Gulag* como um sistema de massacre serializado, de morte em escala industrial.

³¹² Jorge Barreiro, nos *Cuadernos de Marcha*, enumerou outros eventos que tiveram relação com a história do “socialismo real”: “consolidación de un régimen autoritario en la mayor parte de los países del Pacto de Varsovia con persecución interior a todo tipo de oposición; política exterior china de apoyo a los regímenes más reaccionarios de América Latina; invasión de China a Vietnam; invasión de Vietnam a Camboya; importantes corrientes emigratorias de Cuba; formación de sindicatos obreros independientes y contrarios al partido y gobierno en Polonia; invasión de la URSS a Afganistán; excelentes relaciones políticas (no sólo comerciales) y silencio absoluto sobre la represión, en Argentina, en el caso de Cuba y la Unión Soviética y en China en el caso de China.” BARREIRO, Jorge. Nuestra izquierda y el “socialismo real”. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año III, nº 16, p. 44, noviembre/diciembre de 1981.

³¹³ CORTÉS, Martín. Entre Benjamin y Schmitt: el rompecabezas de José Aricó para pensar América Latina. *Nómadas*. Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas, Universidad Complutense de Madrid, nº especial: América Latina, p. 16, 2011.

Begriff des Politischen, texto incluído na coleção “El tiempo de la política”, da Folios, a editora socialista fundada e dirigida em 1981, no México, pelo economista Ricardo Nudelman, outro integrante da revista *Controversia*.

Vale lembrar que Bobbio, cujo pensamento difundiu-se, ao menos na Argentina, desde os anos quarenta do século XX, foi, décadas adiante, em contexto de aguda instabilidade na Itália, um notório defensor não de uma síntese, mas de um “compromisso” entre o liberalismo político e o socialismo econômico. Na América Latina, nos anos oitenta, circunstância em que as ditaduras se empenhavam em manter legitimidade no enfrentamento com movimentos sociais gradativamente mais organizados, o pensamento de Bobbio alcançou importante repercussão.

No auge da Guerra Fria, entre 1976 e 1978, quando a jovem república italiana passava por um momento de forte agitação política e de crise econômica que se prolongaria até à década seguinte, período que veio a ser caracterizado como *anni di piombo*,³¹⁴ Aldo Moro, jurista e destacado político católico, influente nos círculos doroteanos, buscava reabilitar a “saída histórica” defendida por Enrico Berlinguer em 1973, isto é, uma composição entre os legatários de Palmiro Togliatti, os comunistas, e os seguidores da democracia cristã. Tratava-se, em síntese, de um entendimento das principais forças políticas italianas de então em um bloco de poder situado entre as extremidades, um *compromesso storico* de centro-esquerda. Buscando deslegitimar o Partido Comunista Italiano (PCI), que naqueles anos gozava de grande prestígio, a *Operazione Gladio*, rede anticomunista de inteligência da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), com o intuito de manter a “estratégia da tensão”, apoiada pelos Estados Unidos e pela máfia italiana, envolveu-se no assassinato de Aldo Moro, perpetrado por membros das obscuras Brigadas Vermelhas. Bobbio, o politólogo e filósofo de inspiração liberal, foi um notório defensor desse *compromesso storico*, impedido de se realizar devido às contingências geradas pela Guerra Fria, quando a Itália parecia pronta para conduzir um projeto de desenvolvimento nacional. Outro italiano, Lelio Basso (1903-1978), presidente do Partito Socialista Italiano di Unità Proletaria (PSIUP), integrante, em 1967, do Tribunal Russell, conhecido também como Tribunal Internacional para julgar Crimes de Guerra ou Tribunal Russell-Sartre, escrevia em meados da década de 1970, em texto posteriormente traduzido e publicado na revista

³¹⁴ Esta caracterização foi inspirada no filme de Margarethe von Trotta, *Die Bleierne Zeit* (Os Anos de Chumbo), pertencente à safra do que foi caracterizado como o “novo cinema alemão”. Galardoado com o Leão de Ouro do Festival de Cinema de Veneza de 1981, o filme esteve em cartaz em São Paulo no ano de 1983.

Encontros com a Civilização Brasileira, aquilo que pensava sobre o conceito de democracia preconizado por Bobbio:

Tive a impressão de que as respostas dos marxistas às críticas ao marxismo impulsionadas por Bobbio foram débeis e que, em geral, predominou uma tendência a alinhar-se nas mesmas posições do crítico, aceitando suas proposições sobre a democracia, mas o conceito de democracia defendido por Bobbio é a concepção da “democracia burguesa”, ou, em outras palavras, a democracia meramente representativa e parlamentar.³¹⁵

Defenestrado, na década de 1960, com José María Aricó, depois do lançamento da revista *Pasado y Presente*, dos quadros do PCA, por “defecção” ideológica – devendo-se considerar, ainda, como motivador desse alijamento, certa propensão jdanovista³¹⁶ existente na direção do PCA³¹⁷ –, um dos responsáveis pela introdução do pensamento de Gramsci na Argentina, Juan Carlos Portantiero (1934-2007), no desarraigamento do exílio argentino no México, relativizando o juízo crítico que parte do pensamento de esquerda latino-americano tivera por muito tempo sobre a democracia, declarou o seguinte:

La tragedia que vivían nuestros pueblos nos obligaba a pensar de otra manera: las subestimadas “libertades burguesas” eran una valla que separaba la muerte de la vida. Confirmando esa dura verdad que la experiencia nos proporcionaba, aparecían unas sugestivas voces teóricas. Por ejemplo, la de Enrico Berlinguer quien en 1977 y en Moscú, en ocasión del 60º aniversario de la Revolución de Octubre, decía: “La democracia no es hoy apenas terreno al cual el adversario es obligado a retroceder; es el valor históricamente universal sobre el cual fundar una original sociedad socialista.” La democracia como valor universal. Detrás de la frase, pronunciada en pleno centro del hielo brezhneviano, se abrían múltiples caminos de indagación. Por lo pronto, la abstracta separación, tantas veces

³¹⁵ BASSO, Lelio. Democracia e socialismo na Europa ocidental. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 24, p. 107, junho de 1980.

³¹⁶ O Jdanovismo tem origem no nome de seu principal artífice e instigador, Andrei Alexandrovitch Jdanov (1896-1948), e consistiu na ingerência das autoridades soviéticas sobre a cultura. Até a sua morte, Jdanov dedicou-se a restringir todas as liberdades dos produtores culturais. O Jdanovismo desenvolveu-se sistematicamente após a Segunda Guerra Mundial. Entre suas vítimas, estiveram os escritores Mikhail Zoshchenko (1894-1958) e Anna Akhmatova (1889-1966) e os músicos Dmitri Shostakovitch (1906-1975) e Serguei Prokofiev (1891-1953). Jdanov foi considerado o carrasco cultural de Stalin. O ponto de partida do Jdanovismo foram os ataques obscenos, em 1946, contra as revistas literárias *Zvezda* e *Leningrad*, penalizadas pelo Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) por terem servido como plataforma para os textos de Zoshchenko e de Akhmatova. Na música, o censor dessa política cultural de cerceamento foi o compositor Tikhon Khrennikov (1913-2007), derivando disso o termo Khrennikovismo. Esta definição do Jdanovismo pode ser encontrada em: DORION, Henri; TCHERKASSOV, Arkadi. *Le russionnaire: petite encyclopédie de toutes les Russies*. Québec: Éditions MultiMondes, 2001, p. 119.

³¹⁷ De acordo com o historiador argentino Horacio Tarcus, esse tipo de prática “expurgatória”, pelo menos na Argentina, não foi exclusivo do comunismo ortodoxo, uma vez que os partidos críticos à ortodoxia, como os trotskistas, maoístas e guevaristas, fundavam-se sobre uma estrutura centralista e verticalista, altamente hierarquizada. Nas palavras do próprio Tarcus, baseavam-se em “una cultura interna sofocante que si bien vive de los pleitos internos, al mismo tiempo ha sido históricamente intolerante con los disidentes”. TARCUS, Horacio. Notas para una crítica de la razón instrumental. A propósito del debate en torno a la carta de Oscar del Barco. *Políticas de la Memoria*, Buenos Aires, CeDInCI, nº 6-7, p. 24, Verano 2006/2007.

utilizada entre “democracia formal” y “democracia real” (la primera, obviamente, la capitalista; la segunda, socialista) perdía su rigidez [...]. El mínimo de democracia está constituido por la democracia política, sin la cual no existe como tal, por más espíritu de equidad que procure albergar.³¹⁸

Não foi casual a referência que fez Portantiero ao secretário-geral do PCI, Enrico Berlinguer. Assim como a difusão do pensamento político liberal, a influência do pensamento crítico italiano vinculado com correntes de esquerda era forte na Argentina, e vice-versa, uma vez que na Itália a produção teórico-crítica argentina tinha recepção, como aconteceu com a revista *Controversia*, que, traduzida, lida e discutida, adquiriu prestígio na cultura política italiana, como sugeriu Alberto Filippi.³¹⁹

Talvez não seja lícito afirmar que essa influência, na Argentina, fosse ampla e irrestrita, pois as correspondentes organizações partidárias locais inclinavam-se a defender concepções diferentes, algumas vezes irreconciliáveis. A rigidez da abstrata separação entre “democracia formal” e “democracia real”, que Portantiero ansiou haver sido superada, permanecia, todavia, operante em perspectivas de alguns setores da esquerda intelectual argentina: “¿Qué es lo que esperamos? La democracia burguesa, que nos permita realizar lo que nosotros queremos: la lucha ideológica.³²⁰” Para aqueles que assumidamente preconizavam posições marxistas-leninistas, como David Tieffenberg, exilado em Barcelona, havia uma nítida distinção entre, pelo menos, dois tipos de democracia, sendo que um desses tipos não poderia ser pensado como “valor em si mesmo”, como fim, apenas como meio:

[...] claro que es un instrumento [a democracia burguesa], nunca es un fin. Lo que es un fin es la democracia social, autogestionaria. Ahí está el contenido que yo le doy a esa palabra. Pero para llegar a la democracia autogestionaria hay que andar mucho, mucho. Incluso hay que terminar con el estado, un poco lo que quieren los anarquistas, pero que el marxismo plantea con la etapa previa de la toma del poder, etapa indispensable, imprescindible.³²¹

Em parte dos anos setenta e oitenta, as condições propícias oferecidas pelo contexto do exílio latino-americano no México não estimularia apenas tendências de renovação conceitual, como aconteceu com a formação reunida em *Controversia*. Em 1973, quando participava de um congresso no México, impossibilitado de regressar para o Chile, país onde

³¹⁸ PORTANTIERO apud CAETANO & GARCÉ, op. cit., pp. 354-355.

³¹⁹ FILIPPI, Alberto. *La cultura política latinoamericana en la segunda mitad del siglo XX*. Las contribuciones de José Aricó entre marxismos teóricos y socialismos reales. Córdoba, 26 de setembro de 2011. Conferência proferida na abertura das Jornadas Internacionales José María Aricó e realizada no Pabellón Residencial, Facultad de Filosofía y Humanidades, Ciudad Universitaria, Universidad de Córdoba, Argentina.

³²⁰ GIARDINELLI, Mempo. David Tieffenberg: el socialismo que está solo y espera. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, nº 4, México, p. 11, febrero de 1980.

³²¹ Idem.

estava exilado desde 1972, o sociólogo equatoriano Agustín Cueva (1937-1992) veio a unir-se à plêiade de intelectuais que, banidos, haviam encontrado refúgio naquele que fora o único país membro da OEA que rejeitara as sanções contra Cuba, tendo sido integrado ao corpo docente da Facultad de Ciencias Políticas y Sociales da UNAM. Envolvido em incessantes polêmicas com trotskistas, formado no maoísmo³²² e ligado à autodenominada esquerda “revolucionária”,³²³ no exaustivo estudo de síntese que fez sobre o desenvolvimento do capitalismo na América Latina, realizado nesse contexto de exílio, a ideia de democracia parece ser apresentada como subsumida ao socialismo:

O problema do fascismo e em geral dos regimes autoritários que assolam o subcontinente coloca o movimento popular diante de uma tarefa imediata, que é a da luta pela democracia. A questão parece clara, mas no próprio momento de enunciá-la surge a pergunta-chave: de que democracia se está falando? Neste espaço de contornos indefinidos, é óbvio que cada um coloca o conteúdo que mais lhe convém: a democracia pela qual Carter diz lutar ou a que nos propõe como “alternativa” à social-democracia internacional são uma coisa; a democracia avançada que o proletariado e os demais setores progressistas buscam estabelecer, como etapa conducente ao socialismo, indubitavelmente é outra.³²⁴

No Brasil, o contexto era semelhante. A perspectiva “instrumental” e “taticista” sobre a democracia dominou por muito tempo a orientação de significativos setores da esquerda, como o PCB, mas, nos anos setenta, começou a perder primazia. De acordo com a análise de Daniel Pécaut sobre a evolução política dos intelectuais brasileiros no período entre o ano de 1974 e os primeiros anos da década de 1980:

O fenômeno mais importante que caracteriza a evolução política dos intelectuais – a descoberta da sociedade civil e da *democracia política* – enraíza-se talvez na crise de referências que serviam antes para garantir sua identidade: o nacionalismo, o populismo, a configuração da sociedade pela via estatal.³²⁵

O editor Ênio Silveira e o crítico Carlos Nelson Coutinho estavam, também, atentos às tendências que surgiam na Europa, e a ideia defendida por Berlinguer em Moscou, no ambiente solene, grave e não raro asfíxiante que costumava caracterizar as cerimônias organizadas pelo PCUS, ideia de acordo com a qual a democracia deveria ser entendida como

³²² PRADO, Maria Lígia C.. A trajetória de Agustín Cueva. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 6, nº 16, p. 205, setembro/dezembro de 1992.

³²³ BURGOS, op. cit., p. 193.

³²⁴ CUEVA, Agustín. *O desenvolvimento do capitalismo na América Latina*. 1ª edição. São Paulo: Global, 1983, p. 211.

³²⁵ PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática S. A., 1990, pp. 281-282. (sem grifos no original)

um “valor historicamente universal”, repercutiu no Brasil por meio da revista *Encontros com a Civilização Brasileira*:

Ao insistir nos aspectos formais da luta pela restauração das liberdades democráticas o editor dá sinais de que efetivamente o faz não somente enquanto artifício tático, conforme aparece nos documentos do Partido Comunista. Ênio Silveira, desta forma, antecipa, no Brasil, a concepção de uma democracia como “valor universal”, conforme expressão utilizada por Carlos Nelson Coutinho em artigo publicado originalmente na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, em 1979, valendo-se da crise, que se intensificava, do modelo teórico marxista-leninista.³²⁶

No Brasil, estava “descoberta”, como anotou Daniel Pécaut, a “democracia política”. A despeito da reação crítica³²⁷ que o artigo de Carlos Nelson Coutinho provocou, como as objeções de José Paulo Netto manifestas no texto “Notas sobre a democracia e a transição socialista”, publicado no sétimo número da revista uspiana de professores e pós-graduandos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, a revista *Temas de Ciências Humanas*, houve, naquele momento de rupturas, no pensamento político de grupos influentes da esquerda intelectual brasileira, uma importante inflexão: “Para significativos setores da esquerda, a defesa da democracia não deve ter mais um valor tático, mas adquirir um valor estratégico, um *valor em si mesmo*.”³²⁸

³²⁶ VIEIRA, Luiz Renato. op. cit., p. 193.

³²⁷ Além das objeções de José Paulo Netto, o texto publicado em *Encontros com a Civilização Brasileira*, “A democracia como valor universal”, valeu ao autor, conforme o próprio Carlos Nelson Coutinho lembra depois de vinte anos, no prefácio que escreveu em livro que reúne seus ensaios sobre a conturbada relação entre democracia e socialismo, duras críticas, tanto das correntes marxistas-leninistas como de reputados liberais. Na segunda nota desse prefácio, são referidos os seguintes textos: do lado marxista-leninista, o panfleto de Octávio Rodrigues, *Contra o revisionismo*, s.l, s.e, 1979, 55 p., e o ensaio de Adelmo Genro Filho, irmão de Tarso Genro, intitulado “A democracia como valor operário e popular”, publicado também na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, no décimo sétimo número, de novembro de 1979, pp. 195-202; do lado liberal, os dois ensaios do diplomata e crítico José Guilherme Merquior: “Marxismo e democracia”, republicados em Id., *As idéias e as formas*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, pp. 232-240.

³²⁸ TOLEDO, Caio Navarro de. A modernidade democrática da esquerda: adeus à revolução? *Crítica Marxista*, São Paulo: Ed. Brasiliense, nº 1, p. 28, 1994. (grifos no original)

Figura XV – Cerimônia comemorativa do sexagésimo aniversário da Revolução de Outubro, realizada em Moscou, no dia sete de novembro de 1977



Fonte: Imagem de arquivo.

Nos anos de derrocada do regime militar, quando o clamor pela democratização recrudescia entre os diversos segmentos da sociedade brasileira, a publicação dirigida por Ênio Silveira e citada por Vieira, a revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, embora sofresse os efeitos dos deslocamentos ideológicos das frações do pensamento crítico envolvidas com a resistência contra a ditadura, foi corresponsável pela difusão, no Brasil, de uma nova concepção de democracia, de um paradigma que se tornaria preponderante na orientação política de grupos prestigiosos da esquerda brasileira.³²⁹ Em um contexto social turbulento, marcado pela busca de autonomia do Estado tanto pela burguesia como pelo movimento operário, o pensamento de esquerda brasileiro, influenciado pelas formulações que vinham ganhando destaque na Europa, iniciou uma nova fase de revisões críticas:

Em oposição à ditadura, *a esquerda teve que incorporar*, como nunca o fizera, o tema da democracia e também empreender o esforço de melhorar o conhecimento da realidade brasileira, criando e incorporando novas formulações teóricas.³³⁰

Intitulado “A democracia como valor universal”, o artigo de Carlos Nelson Coutinho foi dividido em duas porções: “Algumas questões de princípio sobre o vínculo entre socialismo e democracia política” e “O caso brasileiro: a renovação democrática como alternativa à via prussiana”. Transcorridas duas décadas, Coutinho, ao contextualizar o uso da expressão do secretário-geral do PCI no título de seu ensaio, observou que a intenção que o

³²⁹ Não se pode deixar de mencionar, também, como núcleo ideológico de renovação da cultura marxista brasileira nos anos setenta, a revista *Temas de Ciências Humanas* (1977-1979), cujo editor foi Raul Mateos Castell. DEL ROIO, M. . Leandro Konder e um capítulo da história dos intelectuais. In: PINASSI, M. O.. (org.). *Leandro Konder: a revanche da dialética*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 131.

³³⁰ DEL ROIO, M., op. cit., p. 130. (sem grifos no original)

animara foi empregar a ideia de Berlinguer “– naquele momento de simultâneo combate contra a ditadura e contra o dogmatismo ‘marxista-leninista’ – como bandeira de luta”.³³¹ Herege do pensamento marxista brasileiro, Coutinho, em retrospectiva, definiu o texto desta maneira: “Tratava-se de um ensaio contra a corrente, tanto que gerou intensas polêmicas, provocando dissensos e consensos.”³³²

Na passagem da década de 1970 para a de 1980, abalados pela angústia acumulada em anos seguidos de sistemática e institucionalizada violência disseminada na América Latina pelo terrorismo de Estado e pressentindo, talvez, o inglório desenlace que o colapso da ordem soviética produziria no campo socialista internacional, grupos da esquerda latino-americana buscavam meios de renovação. Por um lado, avaliava-se que, para compensar os efeitos da falência do “socialismo real”, a modernização era imperiosa. Por outro, muitos deixaram de perceber a democracia unicamente como um conjunto de ideias, uma superestrutura indissociável da etapa burguesa do capitalismo monopolista. Para Coutinho, o ensaio, escrito nesse contexto, teve um “papel no processo de reavaliação da democracia pela esquerda brasileira, reavaliação que, diga-se de passagem, possibilitou a alguns dos seus segmentos enfrentarem com razoável serenidade, ou pelo menos sem abalos traumáticos, a crise terminal do chamado ‘socialismo real’”.³³³

3.2 Adeus Lenin: Da revolução à democracia

Deixou-se de aceitar uma identificação necessária da democracia política e de seus institutos com os valores burgueses, a mesma associação, vale notar, que já na virada do século XIX para o XX suscitava acirradas polêmicas, como a que dividiu “ortodoxos” e “revisionistas” da II Internacional. Ao contrário, rejeitou-se a identificação estrita da democracia com sua forma estatal (burguesa ou proletária) e contestou-se a concepção instrumentalista do Estado, seja como instrumento neutro (acima das classes), seja como

³³¹ COUTINHO, C. N. . Democracia: um conceito em disputa. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.socialismo.org.br/portal/filosofia/155-artigo/699-democracia-um-conceito-em-disputa->> Acesso em: 21 de novembro de 2012. O ensaio de Carlos Nelson Coutinho publicado na revista *Encontros com a Civilização Brasileira* foi considerado por Marco Aurélio Nogueira e por Marcos Del Roio (op. cit., p. 132), como um “divisor de águas” para o marxismo brasileiro. Conforme Nogueira (apud TOLEDO, op. cit., p. 29, nota # 5), o texto de Coutinho “impulsionou realinhamentos teóricos fundamentais e, sobretudo, ajudou a consolidar, entre muitos revolucionários, uma cultura política democrática e uma visão moderna de socialismo”.

³³² COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 9.

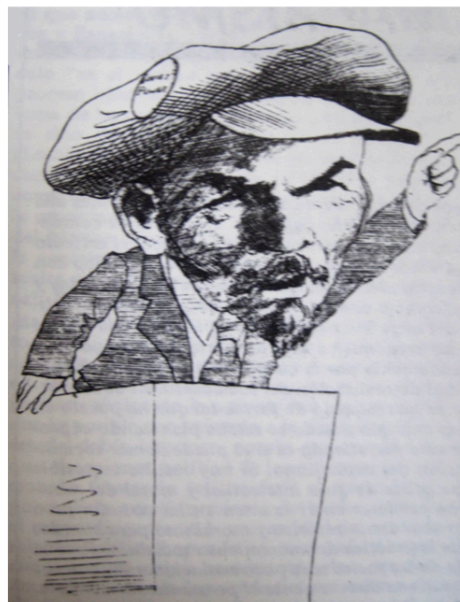
³³³ *Ibid.*, p. 10.

sustentação de um aparato coercitivo desprovido totalmente de autonomia, manejado ao bel-prazer de uma classe dominante que o utilizaria em benefício exclusivo.

De acordo com a análise desenvolvida pelo crítico baiano na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, aquela identificação provinha de uma visão “estreita”, baseada em equivocada concepção da teoria marxista do Estado, e tinha origem, principalmente, em um distorcido entendimento das “tarefas” que deveriam ser realizadas pelas forças populares brasileiras no contexto da transição alavancada pelo enfraquecimento do regime de exceção que vigorava no Brasil desde os anos sessenta, pela extenuação do reconhecimento internacional desse regime e pela crescente mobilização das forças sociais. Tais tarefas supunham o choque entre duas concepções acerca da via conveniente para o socialismo: aquela que fazia meio de uma

“guerra de posições”; e outra, em contraste, que defendia o recurso a uma “guerra de movimentos”. Enquanto esta sustentava o confronto imediato pelo socialismo, o assalto ao poder, aquela apoiava um investimento longo, no interior do Estado, para a construção dos pressupostos políticos, econômicos e ideológicos suscetíveis de consolidar o estabelecimento paulatino do socialismo brasileiro. “La gran enseñanza de los golpes militares es que el socialismo no puede (no debe) ser un golpe.³³⁴” A concepção da “guerra de posições” preconizava um entendimento unidirecional da política, uma vez que se baseava na premissa de que a condução estratégica do assalto ao poder seria concentrada, dependendo exclusivamente de uma organização – partido ou movimento –, expropriando o poder de decisão da participação popular. A democracia, desse modo, teria somente uma qualidade instrumental e tática, e as experiências de democratização dos variados espaços em que acontece a micropolítica, os pequenos êxitos da realidade cotidiana dos setores populares teriam menor importância. Sobre a ideia de democracia como mera forma de governo a ser superada pelo socialismo, Aricó, ironizando o que era costumeiro na Terceira Internacional

Figura XVI – Caricatura de Lenin, do ilustrador David Levine



Fonte: *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 1, p. 14, octubre de 1979.

³³⁴ WEFFORT, 1984 apud LECHNER, 1988, p. 26.

desde sua fundação até ao ano de 1935, comentou o seguinte: “Aferrados al mito del socialismo como superador de la democracia, los comunistas acabaron instalando una autocracia. Lo que quedó fue cualquier cosa, pero nunca socialismo.”³³⁵ A crítica do intelectual cordobês não se restringe aos comunistas. Aricó não poupa, também, os social-democratas: “Tratando de no abandonar el campo de la democracia, los socialdemócratas olvidaron el socialismo.”³³⁶

Para Coutinho, claramente fiel à primeira concepção, a esquerda brasileira deveria assimilar, cabalmente, as novas referências teóricas que se vinham desenvolvendo no movimento socialista europeu, especialmente o italiano, um conjunto de propostas e conceitos que estavam sendo formulados no arcabouço teórico do que, então, designou-se como eurocomunismo.³³⁷ A transição por que passava o Brasil deveria integrar, assim, uma lenta “guerra de posições” dentro dos marcos da síntese político-ideológica que começava a ser estimulada entre socialismo e democracia:

[...] o valor da democracia não se limita a áreas geográficas. Pois se há por sua vez algo de universal nas reflexões teóricas e na prática política do que é hoje chamado de eurocomunismo, esse algo é precisamente o modo novo – um modo *dialeticamente* novo, não uma novidade metafisicamente concebida como *ruptura absoluta* – de conceber essa relação entre socialismo e democracia.³³⁸

Sobre o propósito que o motivou a escrever aquele ensaio iconoclasta, Coutinho observou que:

Na conjuntura de 1979, quando ainda eram incertos os caminhos dessa transição e a esquerda brasileira vivia sérios dilemas de identidade [...], sublinhar a ineliminável dimensão democrática do socialismo aparecia, certamente, como uma tarefa prioritária. Naquele momento, era preciso acentuar com ênfase que, *sem democracia, não existe socialismo* [...].³³⁹

³³⁵ ARICÓ, José María. Ni cinismo ni utopia. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, año II, nº 9-10, p. 15, diciembre de 1980.

³³⁶ Idem.

³³⁷ Marcos Del Roio apresenta a seguinte definição: “A expressão ‘eurocomunista’ tem origem na publicística do debate político italiano, referindo-se à estratégia desenvolvida pelo então secretário-geral do PCI, Enrico Berlinguer, conhecida como ‘compromisso histórico’. Simplificadamente, constituía um projeto de aliança entre massas comunistas e católicas no marco da defesa e aprofundamento da democracia. O respaldo teórico era oferecido por uma certa leitura de Gramsci, que colocava a *questão democrática* no centro da ação político-cultural dos comunistas. [...] O que se buscava era *um novo nexu estratégico* entre democracia e socialismo.” (op. cit., p. 133, sem grifos no original)

³³⁸ COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia como valor universal. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 9, p. 34, 1979. (grifos no original)

³³⁹ COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra a corrente*: ensaios sobre democracia e socialismo. São Paulo: Cortez, 2000, p. 12. (grifos no original)

Entretanto, havia, no Brasil, correntes de pensamento, como facções do PCB, que continuavam a entender a democracia única e simplesmente como instrumento de corrosão da ordem burguesa, como etapa antecedente ao socialismo, ou, ainda, reconheciam a democracia meramente como obstáculo a ser transposto pelas forças de uma elite revolucionária, uma vanguarda esclarecida de “intelectuais demiurgos”. Até mesmo o fiasco da invasão soviética do Afeganistão, no dia 25 de dezembro de 1979, não demoveu essas correntes da esquerda tenentista brasileira, para as quais o eurocomunismo poderia ser entendido apenas como abandono do socialismo, ou, possivelmente, do mesmo modo como sugeriu o líder comunista albanês, Enver Hoxha (1908-1985), isto é, como anticomunismo.³⁴⁰ Ao dar apoio incondicional às considerações de Berlinguer em Moscou, Coutinho, que estivera exilado em Bolonha e depois em Paris, no ensaio publicado na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, fustiga alguns postulados do PCB:

[...] há correntes e personalidades que revelam ter da democracia uma visão estreita, instrumental, puramente tática; segundo tal visão, a democracia política – embora útil à luta das massas populares por sua organização e em defesa dos seus interesses econômico-corporativos – não seria mais, em última instância e *por sua própria natureza*, do que uma nova forma de dominação da burguesia, ou, mais concretamente, no caso brasileiro, dos monopólios nacionais e internacionais.³⁴¹

Inserindo-se no debate sobre a democracia insuflado pela transição política que paulatinamente ganhava forma e representando, em parte, a posição da revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, o crítico polemizou com algumas perspectivas teóricas do PCB, partido de que era um quadro destacado, vinculado à tendência conhecida como “renovadora”, de Armênio Guedes e Davi Capistrano da Costa. Em 1982, em virtude do enfraquecimento dessa tendência nas orientações do partido, o crítico e tradutor de Gramsci abandonou o PCB. Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder e outros intelectuais da tendência “renovadora” foram qualificados, de modo depreciativo, como “direitinha”, pelos grupos do PCB terminantemente hostis ao revisionismo.

Desde que foi fundado na década de 1920, até ao momento em que se dividiu, na década de 1990, com a criação do Partido Popular Socialista (PPS), que representava uma facção dissidente, o PCB existiu mergulhado no conflito de correntes internas, umas mais reformistas, pejorativamente qualificadas como revisionistas, e outras mais radicais, identificadas com o bolchevismo e o leninismo. Quando o arco desse conflito atingiu o seu

³⁴⁰ HOXHA, Enver. *O eurocomunismo é anticomunismo*. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1983. passim.

³⁴¹ COUTINHO, Carlos Nelson, loc. cit. (grifos no original)

ponto de envergadura máximo, em 1992, tendo ficado evidente a impossibilidade de renovação, surgiu o partido liderado, naquele momento, por Roberto Freire, do grupo reformista. A outra corrente, radical, não mais atuando na clandestinidade, acentuou o programa e o caráter revolucionário da tradicional organização partidária, existente até aos dias correntes sob o signo da razão revolucionária. Naquele contexto, as intervenções fulminantes de Carlos Nelson Coutinho dirigiram-se, de modo geral, como o próprio crítico veio a referir, à compreensão de correntes de pensamento ligadas ao marxismo-leninismo sobre a relação da democracia com a transição política brasileira e com o devir do socialismo no Brasil:

Qualquer tentativa de impor modificações radicais por meio da ação de minorias (militares ou não) levará as forças populares a grandes desastres políticos [...]. O “golpismo de esquerda” – que infelizmente marcou boa parte do pensamento e da ação política das correntes populares no Brasil – é apenas uma resposta equivocada e igualmente “prussiana” aos processos de direção “pelo alto” de que sempre se valeram as forças conservadoras e reacionárias em nosso País. Quanto mais se torne efetiva a socialização da política, tanto menos será possível invocar a justificação relativa de processos desse tipo.³⁴²

Carlos Nelson Coutinho desenvolveria, posteriormente, com outros intelectuais, como Leandro Konder, esse conceito de democracia no jornal semanário do PCB, *Voz da Unidade* (1980-1991), uma vez que também havia simpatizantes do eurocomunismo no partido fundado por Astrojildo Pereira. Sobre a *Revista Civilização Brasileira*, Daniel Pécaut reconhece que: “O grupo que se reúne em torno da *Civilização Brasileira* é uma esquerda ‘possibilista’, ao contrário da esquerda majoritariamente estudantil que desde 67-68 adota a perspectiva da derrubada do poder pela força.³⁴³” Embora distem mais de dez anos entre o período em que circulou a coleção dos anos sessenta e a revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, os principais mobilizadores de uma e de outra permaneceram os mesmos, o que leva a pensar que o adjetivo “possibilista” seja adequado para qualificar a esquerda que se reuniu na coleção dos anos setenta, pelo menos parte dela.

Pode ser interessante lembrar da nota informativa que habitualmente aparecia logo depois de cada sumário da revista *Encontros com a Civilização Brasileira*. A indefectível nota registrava o que segue: “sempre visando o diálogo e o debate sobre problemas do humanismo contemporâneo, [Encontros] é uma publicação aberta a várias correntes da cultura internacional [...]” Pois bem, raciocinando metonimicamente, pode-se concluir que a revista,

³⁴² Ibid., p. 45.

³⁴³ PÉCAUT, op. cit., p. 211.

uma vez que se considerava “aberta a várias correntes da cultura internacional”, também o seria em relação à cultura nacional. Como a coleção dos anos sessenta, cujos responsáveis pretendiam “oferecer uma tribuna a todas as tendências de esquerda e inspirar-se no exemplo de *Les Temps Modernes*”,³⁴⁴ *Encontros* mostrava-se cosmopolita, heterodoxa. Com efeito, pelo menos no que teve que ver com o debate sobre a democracia, essa manifesta posição da revista foi respeitada. Do contrário, não haveria espaço para o ensaio de Adelmo Genro Filho, “A democracia como valor operário e popular”,³⁴⁵ escrito, conforme o próprio autor refere, como “resposta a Carlos Nelson Coutinho”.

Em nome de uma “ontologia humanista” e de uma “ética revolucionária” sobre a plataforma teórica do marxismo – marxismo-leninismo, diga-se de passagem –, Adelmo Genro Filho pretende refutar o enfoque do ensaio de Carlos Nelson Coutinho, a começar pelo título, “A democracia como valor universal”, “síntese mais perfeita” do “equivoco” desse enfoque, sugerindo, pelo emprego de uma visível paródia, um novo título e uma nova tese: “A democracia como valor operário e popular”.³⁴⁶ Para Coutinho, tendo a “questão democrática” como foco de análise, tratava-se, antes de mais nada, “de conquistar e depois de consolidar um regime de liberdades fundamentais”,³⁴⁷ o que permitiria, paulatinamente, pela aliança dos interessados segmentos da sociedade, o aprofundamento de uma “democracia organizada de massas”.³⁴⁸ Ora, por contraste, para Adelmo Genro Filho, tais proposições pareciam demasiadamente “simplistas” e, talvez, até mesmo ingênuas:

Quais as forças interessadas na conquista e *na permanência* das “regras do jogo” da democracia liberal – burguesa? Absolutamente nenhuma. A burguesia no Brasil já fez sua revolução. O bloco hegemônico aposta na abertura como uma jogada de recuo tático, aliás, uma “abertura” a seu modo. [...] Os trabalhadores e as demais classes populares igualmente não estão interessados *na permanência* das “regras do jogo” da democracia formal. Estas, são apenas aspectos das reivindicações potencializadas objetivamente pela estrutura econômica existente.³⁴⁹

Refratário a qualquer tipo de política de aliança, seja ampla, seja restrita, seja flexível, com setores da burguesia, a mesma que levava o PCB, nos anos anteriores ao golpe de abril de 1964, a apostar em um pacto com a “burguesia progressista”, com o mérito de

³⁴⁴ PÉCAUT, op. cit., p. 207.

³⁴⁵ GENRO FILHO, Adelmo. A democracia como valor operário e popular. *Encontros com a Civilização Brasileira*, nº 17, pp. 195-202, novembro de 1979.

³⁴⁶ *Ibid.*, p. 196.

³⁴⁷ COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia como valor universal. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 9, p. 45, 1979.

³⁴⁸ *Ibid.*, p. 46.

³⁴⁹ GENRO, op. cit., p. 197. (grifos no original)

haver sido uma política eficaz nas ações que resultaram na posse de João Goulart, embora tenha contribuído depois para o sucesso das forças golpistas, Adelmo Genro Filho reconhece que os setores burgueses não hegemônicos buscam, no máximo, uma parcela de influência no bloco de poder, sempre levando em consideração a “inviabilidade histórica de um desenvolvimento capitalista autônomo no quadro das relações econômicas internacionais”.³⁵⁰ Como decorrência dessa premissa, a avaliação de Adelmo Genro Filho assume, de maneira implícita, que o caráter da burguesia brasileira, com sua revolução já realizada, seria fundamentalmente bonapartista. Associando a abordagem de Coutinho a outro enfoque divulgado também na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, ou seja, a perspectiva defendida pelo dirigente comunista italiano, Lucio Lombardo Radice, no texto “Um socialismo a ser inventado”,³⁵¹ Genro Filho sugere que essas duas orientações teóricas são, na prática, reformistas. Lombardo Radice era, naquele momento, um apoiador do eurocomunismo, tendência na qual reconhecia um paradigma de superação tanto do modelo soviético como do modelo social-democrata. Ambas as formulações incorrem em erro, na avaliação de Genro Filho, na medida em que renunciam à categoria “revolução”, suplantada pela confiança na busca da hegemonia enquanto processo contínuo:

O reformismo, entre os marxistas, via de regra não é uma postura consciente, é um espaço que fica entre a análise e a realidade. Coutinho instaura esse espaço em seu artigo quando não capta a complexidade das potências que contém a sociedade brasileira. Mas a origem do erro é produto de um tipo de marxismo muito conhecido na Europa, especialmente no seu horror à categoria “revolução” quando se trata de política.³⁵²

Irredutível, Genro Filho não aceita abandonar, de jeito nenhum, os esquemas que haviam sido norteadores inquestionáveis de segmentos nada insignificantes do movimento socialista latino-americano e brasileiro durante parte considerável do século XX: “Indicada a ruptura como essencial, a revolução como categoria imprescindível do marxismo, só então pode-se colocar a possibilidade de que o novo Estado mantenha certas *formas* da democracia burguesa.”³⁵³ Com uma interpretação que toca as raízes do purismo, conclui:

[...] falar de “socialismo” com “democracia política” é uma postura teórico-metodológica por demais conhecida na história das lutas operárias, que não faz avançar um centímetro sequer as questões reais do exercício de poder no

³⁵⁰ Idem.

³⁵¹ O texto publicado em *Encontros com a Civilização Brasileira* é uma adaptação do livro homônimo publicado no mesmo ano na Itália. LOMBARDO RADICE, Lucio. *Un socialismo da inventare*. Roma: Editori Riuniti, 1979.

³⁵² Ibid., pp. 198-199.

³⁵³ Ibid., p. 202. (grifos no original)

socialismo. Ao contrário, elide o problema da verdadeira e original democracia operária e popular por construir. Portanto, a perspectiva da análise marxista coloca exatamente o problema da “democracia como valor operário e popular” e não como “Valor Universal”.³⁵⁴

Para Aricó e outros integrantes de *Controversia*, como Portantiero, a tradicional dicotomia entre democracia política, “formal”, e democracia econômica e social, “real”, recorrentemente afirmada pela intelectualidade de esquerda, era uma separação vaga, contraproducente naquele contexto. De acordo com Portantiero, convinha “[...] apreciar la cuestión democrática como un bien valioso en sí mismo para una sociedad gravemente enferma de autoritarismo”.³⁵⁵

Mais do que insistir em deficiências e limitações da democracia política e em supostos potenciais prodigiosos de uma democracia econômica e social, mais do que superestimar as responsabilidades de segmentos sociais dominantes e de fatores político-econômicos exógenos, importava buscar nas próprias ações e no pensamento dos movimentos populares as contradições que poderiam debilitar o irrestrito desenvolvimento da democracia:

[...] discutir sobre democracia no puede significar mostrar la responsabilidad de los militares, el imperialismo, la oligarquía y la gran burguesía, por su falencia, sino indagar en la propia realidad de las clases populares, en su propia interioridad, para encontrar allí las razones de su debilidad: *mostrar su presencia en su propia fuerza*, en las organizaciones sociales en que se organiza, en las fuerzas políticas en que se expresa, en las ideologías a partir de las cuales conoce a la sociedad y a sí mismas. [...] Se trataría, como disse Tomás Borge, de buscar el monstruo en nosotros mismos, y no ya fuera de nosotros.³⁵⁶

Convidado por Jorge Tula, o filósofo Oscar del Barco, outro intelectual que também teve participação importante na introdução do pensamento de Gramsci na Argentina, um dos dirigentes da revista *Pasado y Presente* nos anos sessenta, pelo que igualmente acabou expulso do PCA, em carta publicada em *Controversia* no suplemento especialmente dedicado ao tema da democracia, pronunciou-se desta maneira:

Ante todo sería bueno que comenzáramos sincerándonos, reconociendo que si algo ha caracterizado la historia de la “izquierda” es su profunda y constante falta de democracia. Todos sabemos que detrás de la palabra “democracia” se oculta una carnicería: tanto la llamada “democracia burguesa” como la “democracia proletaria” han hecho de la violencia y la masacre su *habitat*. No quiero insistir aquí sobre Lenin, Trotski, Stalin y *tutti*

³⁵⁴ Idem.

³⁵⁵ PORTANTIERO, Juan Carlos. Transición a la democracia en Argentina: ¿un trabajo de Sísifo? *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año IV, n° 22, p. 16, julio de 1983.

³⁵⁶ ARICÓ, José María. Ni cinismo ni utopía. *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, año II, n° 9-10, p. 17, diciembre de 1980. (grifos no original)

quanti, quienes pusieron en práctica una “democracia” que hoy culmina en los “manicomios socialistas”, para no hablar de los “campos”, las torturas y las ejecuciones de los rusos en Hungría-Checoslovaquia-Afganistán, de los chinos en Vietnam, de los vietnamitas en Camboya y de los camboyanos en sí mismos. ¡Una suerte de infierno dantesco a la enésima potencia!³⁵⁷

Como referiu o historiador argentino Horacio Tarcus,³⁵⁸ essa crítica de Oscar del Barco, feita no fim de 1980, veio à baila muito antes da derrocada dos regimes do Leste europeu e da fragorosa queda do Muro de Berlim, não se esgotando no questionamento da história da esquerda como uma impalpável abstração, confrontando, ao invés disso, as escolhas das organizações políticas das quais ele próprio, Oscar del Barco, havia sido integrante:

[...] me permito dudar de nuestra particularidad *democrática*. Si analizamos las estructuras y las prácticas de nuestras organizaciones de izquierda, ya se llamen PC, Montoneros, ERP, PCR o cualquiera de las tantas siglas que andan sueltas por ahí, no puede dejar de correr nos un “frío por la espalda” – como decía Robert Paris – si los imaginamos en el poder (digo de las organizaciones de “izquierda”, dejando de lado al peronismo, pues éste siempre hizo gala de su estructura “verticalista” y de la preponderancia absoluta del “líder”).³⁵⁹

Para concluir a carta enviada para Jorge Tula, o filósofo propõe a seguinte pergunta: “¿Y si alguien saca como conclusión de este texto que tengo mala conciencia me dará por bien pagado; efectivamente, la tengo; y me pregunto ¿cómo no tenerla en un mundo donde la derecha y la ‘izquierda’ compiten en el manejo del más siniestro despotismo?”³⁶⁰

Referindo-se ao ano de 1983, na Argentina, no qual ocorreu a transição do regime ditatorial para a democracia, Roxana Patiño identificou a formação de um quadro discursivo hegemônico no suplemento cultural do jornal *Clarín*: “es perceptible la absoluta homogeneización del discurso cultural sobre el horizonte democrático.”³⁶¹ Apesar da evidente identificação de *Clarín* com as classes médias argentinas e da inegável influência que sobre elas exercia (e segue exercendo), não se deve pensar, de todo, que a “questão democrática” ficou limitada ao território discursivo dessas amorfas classes médias urbanas, visto que seu raio de propagação também teve incidência, como observado previamente, sobre o campo intelectual de esquerda argentino e latino-americano. Embora a maioria desse campo provenha dessas mesmas classes médias, sua seiva ideológica dificilmente tem encontrado

³⁵⁷ DEL BARCO, Oscar. Desde el fragor del mundo. *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, año II, nº 9-10, p. 37, diciembre de 1980.

³⁵⁸ TARCUS, Horacio. op. cit., p. 17.

³⁵⁹ DEL BARCO, loc. cit.

³⁶⁰ Ibid., p. 38.

³⁶¹ PATIÑO, Roxana, op. cit., p. 6.

eco no conjunto de práticas e crenças do senso-comum, conjunto que ocupa, de forma usual, espaço destacado na geografia da comunicação, como ocorre com *Clarín*. Mesmo que o comentário de Patiño tenha sido sobre o ano de 1983, ano seguinte ao do fechamento da revista *Controversia*, pode-se pensar que ao longo do período em que a publicação dirigida por Jorge Tula circulou, de 1979 a 1981, já vigorava igualmente a “homogeneización del discurso cultural sobre el horizonte democrático”.

Como quer que seja, pode-se considerar que o contexto político e social em que circularam as três revistas aqui estudadas impunha, como já referido, a “questão democrática” como objeto de discurso inevitável, ou seja, para não serem relegados ao limbo discursivo, os lugares de enunciação não a poderiam elidir. No prefácio de seu livro sobre a história da esquerda na Europa, Geoff Eley, em registro autobiográfico, declarou:

A crise do socialismo dos anos 1980 não somente impôs repensar as fronteiras e os significados da esquerda, *as necesidades da democracia* e a própria natureza da política em si, mas também compeliu os historiadores a levar as mesmas questões de volta ao passado.³⁶²

Ainda que Eley, nesse livro, se tenha restringido a estudar exclusivamente, com uma nota revisionista, as vicissitudes da esquerda europeia, guardadas as particularidades de cada contexto, o seu argumento retém validade quando projetado sobre a tela de fundo dos dilemas por que passava a esquerda latino-americana na mesma época. Com efeito, naquele momento, a reflexão sobre o modo pelo qual a via institucional poderia provocar mudanças sociopolíticas irrompeu com veemência no terreno discursivo do segmento intelectual de esquerda da América Latina.

No lado ocidental do Muro de Berlim, seja nos domínios de John Bull, seja na orgulhosa república de Marianne, o *Welfare State* amargurava estado de crise e começava a ser assediado pelo Consenso de Washington e pela emergente ortodoxia neoliberal que acelerou o ocaso dos “trinta anos gloriosos” (1945-1973). Com inspiração ideológica no conhecido *slogan* de Margaret Thatcher de acordo com o qual “Não Há Alternativa” (TINA, nas iniciais em inglês),³⁶³ a reação liberal-conservadora investiu implacavelmente contra aquilo que seus ideólogos designavam como “capitalismo estatal”, que, para essa reação, não passava de um êmulo caricato do socialismo, revestido por uma couraça formal de tipo capitalista. Enquanto o refluxo da “Era de Ouro” do capitalismo fordista-keynesiano

³⁶² ELEY, Geoff. Prefácio. In: ELEY, Geoff. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. (sem grifos no original)

³⁶³ ARRIGHI, Giovanni. Globalização e desenvolvimento desigual. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, v. 1, nº 1, p. 1, ago./dez. 2007.

ameaçava as conquistas da social-democracia europeia, e já se anteviam os sinais do desmoronamento social e econômico que tomaria lugar nas “décadas de crise”,³⁶⁴ na América Latina o vagalhão da história arremetia contra as ditaduras.

De certa forma, seria válido considerar que a nova fase de desenvolvimento do capitalismo, cujo ciclo entrava no momento de financialização do capital,³⁶⁵ tornou essas ditaduras obsoletas, pois o chauvinismo militar, com seus arroubos nacionalistas, não mais interessava à dinâmica do sistema, que, tendo como lema a flexibilidade, não queria saber, absolutamente, de constrangimentos para a livre circulação e reprodução do capital: “discipline imposed by the military became incompatible with the global economy that demanded freedom of movement [...]”.³⁶⁶ Tanto melhor e mais conveniente se mostrava a possibilidade de liquidar também o homólogo latino-americano do *Welfare State* e do *New Deal*, o Estado nacional-desenvolvimentista, ao qual, à sua maneira, por certo algumas vezes megalômana, os militares haviam dado continuidade, com projetos de envergadura dirigidos pelo Estado, principalmente grandes projetos de infraestrutura, como usinas hidroelétricas, usinas nucleares, vias férreas, extensas rodovias etc. Democracias dóceis e desprovidas de achaques nacionalistas – “viáveis, governáveis ou restringidas” segundo o parecer do Departamento de Estado dos Estados Unidos – eram mais palatáveis e ajustáveis às novas tendências da racionalidade emergente, os liberais-democratas primeiro, os neoconservadores em seguida.³⁶⁷

O problema do fascismo e em geral dos regimes autoritários que assolam o subcontinente coloca o movimento popular diante de uma tarefa imediata, que é a da luta pela democracia. A questão parece clara, mas no próprio momento de enunciá-la surge a pergunta-chave: de que democracia se está falando? Neste espaço de contornos indefinidos, é óbvio que cada um coloca o conteúdo que mais lhe convém: a democracia pela qual Carter diz lutar ou a que nos propõe como “alternativa” à social-democracia internacional são uma coisa; a democracia avançada que o proletariado e os demais setores progressistas buscam estabelecer, como etapa conducente ao socialismo, indubitavelmente é outra.

³⁶⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 253.

³⁶⁵ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 308.

³⁶⁶ “a disciplina imposta pelos militares tornou-se incompatível com a economia global que requeria liberdade de movimento [...]” (tradução minha) FRANCO, Jean. *The decline and fall of the lettered city: Latin America in the Cold War*. Cambridge/London: Harvard University Press, 2002, p. 13.

³⁶⁷ BORÓN, Atilio A. . La teoría neoconservadora de la democracia. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año II, nº 12, pp. 37-44, marzo/abril de 1981.

A onda de protestos interna motivada pela derrota no Vietnã, a veiculação, nos Estados Unidos, das denúncias de violação de direitos humanos ocorridas no Brasil, que o senador Edward Kennedy havia recebido de Marcio Moreira Alves e da estilista Zuzu Angel, casada com Norman Angel Jones, comerciante canadense que se tornou cidadão estadunidense, cujo filho, Stuart Angel, fora submetido à tortura, no Brasil, e assassinado pelos militares, e a posterior vitória de Jimmy Carter na sequência do caso *Watergate* contribuíram para a reformulação da política exterior estadunidense. Esse foi um momento muito particular nas relações internacionais. Inscreve-se nesse contexto a exaustão que pôde ser observada, durante a década de 1970 e no decurso do decênio seguinte, do reconhecimento internacional dos regimes militares da América Latina. Sobre a vagarosa transição e a democratização que se seguiu, Ruy Mauro Marini observou o seguinte:

Nesse contexto [...] se situam as conversações entre o então chefe do gabinete civil da presidência da República, ministro Leitão da Cunha, e o professor Samuel Huntington, de Harvard, membro da equipe de Carter e autor do livro *Political Order in Changing Societies*; daí resultou o documento elaborado por este, com o título *Abordagem da descompressão política*, que preconizava a ampliação gradual da participação cidadã.³⁶⁸

Poucos meses antes de sair o primeiro número de *Controversia*, publicação da qual faria parte, Portantiero escreveu, na segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, como colaborador temporário, em um número inteiro dedicado à situação na Argentina, sobre as transformações macropolíticas do capitalismo e seus efeitos na América Latina:

La reorganización en curso del capitalismo mundial afecta de manera muy especial a aquellas naciones que pertenecen al tipo que Wallerstein llama “semiperiféricas”, es decir, que ocupan una posición intermedia en la división internacional del trabajo y que, en momentos de crisis de la economía mundial, resultan particularmente sensibles a la necesidad de reubicación en el sistema. Y ese es el caso de nuestras burguesías.³⁶⁹

A recomodação à que aludiu Portantiero, o *aggiornamento* da superestrutura decorrente das metamorfoses econômicas produzidas pela emergência de um novo ciclo histórico no desenvolvimento do capitalismo requeria mudanças políticas. Nos países centrais, a revolução científico-tecnológica também já havia libertado forças históricas de transformação. Se a arena de lutas sociais que se descortinava era construída dentro dos marcos da democracia liberal e do Estado de Direito, fazia-se necessária, para o campo da

³⁶⁸ MARINI, Ruy Mauro. Brasil: da ditadura à democracia, 1964-1990. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.marini-escritos.unam.mx/033_brasil_ditadura_port.htm> Acesso em: 3 de janeiro de 2013. (grifos no original)

³⁶⁹ PORTANTIERO, Juan Carlos. De la crisis del país popular a la reorganización del país burgués. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año 1, nº 2, p. 12, julio/agosto de 1979.

intelectualidade crítica latino-americana, a reflexão sobre as posições políticas e os paradigmas teóricos que deveriam ser defendidos na nova conjuntura, como se pode inferir destas observações de Portantiero, excerto de ensaio publicado no primeiro número da revista *Controversia*:

El golpe militar de marzo de 1976 replantea ahora toda la cuestión y coloca las bases para una redefinición profunda de la problemática aquí esbozada [“questão democrática”]. Por un lado, la democracia formal ya no aparece como un puro reclamo liberal. Por el otro, la hondura de la crisis y el monto de los cambios que el grupo dominante quiere efectuar en la Argentina, obligan a pensar en cuáles serían las bases para la estructuración de un proyecto democrático que sea a la vez político y social, formal y fundamental. [...] a partir de un examen de la discusión que sobre la democracia tiene lugar hoy en la Argentina habría que ver cuáles son en esta hora las condiciones sociales que pueden hacer posible a la democracia; qué “estilo de desarrollo” le es afín y cuál le es irremediamente hostil.³⁷⁰

Ciente de que a transição democrática seria um processo conduzido pelo bloco hegemônico, por representantes das forças sociais que haviam dado sustentação política ao regime ditatorial – uma “modernização” da sociedade e do Estado, organizada pelo próprio Estado – Portantiero expressou nessas observações reservas análogas àquelas manifestadas por Carlos Quijano neste fragmento do texto que abriu o número de estreia da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*: “Sin duda el ‘restablecimiento de la democracia’ tiene prioridad. Pero ¿de qué democracia se trata? O, si se prefiere, ¿de qué instituciones democráticas se trata?”³⁷¹ Tanto o sociólogo argentino, como o economista uruguaio, ambos pertencentes à rede de intelectuais platinos exilados no México após a ascensão dos regimes militares ao poder nos países do Cone Sul, parecem antever os rumos que a política latino-americana iria percorrer nos albores da transição que se insinuava. Entre o assombro e a esperança, Carlos Quijano, *enfant terrible* do periodismo político-cultural latino-americano, parece manifestar, neste trecho, a percepção de que o contexto requeria sínteses em vez de opções insuladas, de falsas bifurcações:

Democracia, integración, ruptura del molde capitalista, he ahí, según pensamos y creemos con angustia y esperanza, las metas de nuestro difícil y exultante quehacer. Otra América vendrá. ¿Cuál? No lo sabemos. No hay modelos. La que seamos capaces de construir.³⁷²

³⁷⁰ PORTANTIERO, Juan Carlos. La democracia difícil. Proyecto democrático y movimiento popular. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 1, p. 7, octubre de 1979.

³⁷¹ QUIJANO, Carlos. Los caminos de la liberación. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año 1, nº 1, p. 3, mayo/junio de 1979.

³⁷² *Ibid.*, p. 13.

A crise teórica que se abateu sobre o movimento socialista internacional e sobre o pensamento de esquerda latino-americano, na esteira da dissolução e da derrota militar do campo popular, das guerrilhas armadas, fez com que o antagonismo excludente socialismo versus barbárie, de Rosa Luxemburgo, fosse substituído pela busca de conciliação entre duas correntes de ideias que se vinham digladiando há quase duzentos anos: a democracia e o socialismo. No limite das possibilidades de transformação que se apresentavam, sem haver espaço para rupturas bruscas, o mais plausível era supor que a produção de novas relações sociais poderia ser construída sob regimes democráticos e dentro de marcos institucionais. Ganhou alento, assim, o reformismo democrático, a confiança no sucesso das grandes frentes, das alianças. Mais do que mera decorrência dos “encaixes” e “modernizações” alavancados pela superestrutura emergente, a democracia, naquele momento, foi, como defendeu Portantiero, um conceito que esteve embutido no centro dos dilemas por que passava o marxismo:

[...] la relación entre *democracia y socialismo* está en el mismo centro de la polémica actual del marxismo contemporáneo. (Más aún: quisiera decir que si el marxismo no resuelve esa dificultad de la interacción entre ambos términos estará agotado como programa de la revolución contemporánea y quedará confinado como una teoría estatista de la acumulación del capital en sociedades atrasadas.³⁷³

O revigoramento do movimento socialista, como potência histórica de transformação, como “força mítica”, dependia, por conseguinte, da relação que se deveria buscar estimular, de acordo com o que se pode ler neste trecho escrito por José Aricó, entre as ideias de “socialismo” e de “democracia”:

Sobre los pilares de las ideas de “socialismo” y de “democracia” (y de democracia formal, acentuaría) puede constituirse esa *síntesis* de la que requiere hoy el movimiento socialista para reconquistar la unidad entre teoría y práctica, ética y política, ser y deber ser que constituyó durante muchos años la razón de su capacidad expansiva y transformadora, el secreto de su fuerza mítica.³⁷⁴

A síntese entre essas duas ideias, portanto, de cuja conciliação se esperava encontrar instrumentos capazes de oferecer respostas à crise que se abatia sobre o marxismo, sobre os intelectuais e sobre a esquerda, consistiu no principal desafio a que se propôs o pensamento independente latino-americano ao longo do período em que circularam as três publicações

³⁷³ PORTANTIERO, Juan Carlos. De la crisis del país popular a la reorganización del país burgués. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año 1, nº 2, p. 12, julio/agosto de 1979. (sem grifos no original)

³⁷⁴ ARICÓ, José María. La crisis del marxismo. *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, nº 1, p. 13, octubre de 1979. (sem grifos no original)

que compõem o objeto desta tese.³⁷⁵ Essa síntese ocorreu, principalmente, sob a influência do pensamento de Gramsci, como assinalou Rollemberg: “O conceito de democracia foi ampliado em segmentos da esquerda. Gramsci aparece como importante referência.³⁷⁶” Em suma, o alargamento do conceito de democracia implicou a assimilação de um entendimento da política como zona de permanente conflito e o abandono, crítico, da “antigua concepción de lo político como unidad sin fisuras, es decir, la vieja idea de la sociedad socialista sin contradicciones”.³⁷⁷ A conquista da hegemonia, uma vez que mediada irresistivelmente pela política, agora compreendida como lugar de incessante conflito, passa a ser concebida como realização contínua. Tanto melhor para os contendores inscreverem esse conflito em um quadro geral de regras compartilhadas.

Figura XVII – Caricatura de Gramsci, do ilustrador David Levine



Fonte: *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 1, p. 15, octubre de 1979.

³⁷⁵ Entre a grande quantidade de publicações, nucleadoras de formações de esquerda, como *Encontros com a Civilização Brasileira*, a segunda época dos *Cuadernos de Marcha* e *Controversia*, constituintes da constelação de periódicos político-culturais latino-americanos que circularam no contexto da transição democrática, duas delas, uma argentina e uma brasileira, *Punto de Vista* e *Novos Estudos do CEBRAP*, foram analisadas por Ana Cecilia Arias Olmos, de acordo com quem: “En efecto, en el contexto de la transición, ambas publicaciones respondieron a los lineamientos éticos e ideológicos de una izquierda democrática para reclamar la efectivación de los derechos civiles y asumir la tarea de recuperar un ejercicio de ciudadanía que había sido sustraído por severos y prolongados regímenes autoritarios.” (op. cit., p. 940) Essa constelação de periódicos e as redes que a compuseram, ora convergentes, ora divergentes, orbitaram o conceito de democracia.

³⁷⁶ ROLLEMBERG, op. cit., p. 200.

³⁷⁷ REANO, Ariana. *Controversia y La Ciudad Futura: democracia y socialismo en debate*. *Revista Mexicana de Sociología*, México, v. 74, nº 3, p. 494, jul./sept. 2012.

3.3 Direitos humanos: Nominalismo crítico versus universalismo ideológico

“Deberíamos comenzar a reconocer palabras sin los prejuicios que una retórica política cargada de metafísica ha desvirtuado. Deberíamos poder mencionar hechos sin que escandalicen.”³⁷⁸”

(Héctor Schmucler)

Rebentos da “Era das Revoluções” (1789-1848), tanto a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, como a Declaração de Direitos Americana que a precedeu e inspirou, embora tenha sido ratificada apenas em 1791, preconizaram a universalidade dos direitos humanos, ainda que, paradoxalmente, não tenham estendido seus efeitos legais sobre os milhares de escravos negros dos territórios sob jurisdição dos Estados que as criaram. Ambas as Declarações, consagradas como as certidões de nascimento dos direitos humanos,³⁷⁹ baseiam-se na tradição do jusnaturalismo, segundo a qual há direitos imutáveis e universais, legítimos em qualquer tempo e espaço, um bloco monolítico, imune aos influxos de fatores culturais e históricos. Em resumo, os direitos humanos constituiriam, assim, a expressão cabal dos ideais mais valorosos da humanidade. Como quer que seja, não faltam ressalvas sobre os inesgotáveis enviesamentos político-ideológicos que estão na própria origem dos direitos humanos:

A fabricação do “universal” foi excêntrica, para não dizer caótica. Nasceu a partir de projetos múltiplos, e até mesmo inconciliáveis, que culminaram na Declaração dos Direitos do Homem de 1789. Objeto de intermináveis negociações e compromissos, o texto final é uma associação de fragmentos colhidos de diversos lados. Um termo aqui, uma frase acolá, artigos corrigidos, desmembrados e reescritos inúmeras vezes. Pronta, a Declaração foi reconhecida e aprovada por seus próprios autores como uma obra “não terminada”.³⁸⁰

Em meados dos anos setenta, a esquerda intelectual latino-americana absorveu, relativamente aos direitos humanos, e de modo geral, uma linguagem política usualmente

³⁷⁸ SCHMUCLER, Héctor. Testimonio de los sobrevivientes. *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, año II, nº 9-10, p. 4, diciembre de 1980.

³⁷⁹ COMPARATO, 2001 apud REIS, 2011, p. 101.

³⁸⁰ JULLIEN, François. Os direitos do homem são mesmo universais? *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, Instituto Pólis, ano 1, nº 7, p. 30, fevereiro de 2008.

associada ao discurso liberal e anticomunista da Guerra Fria e significativamente afastada da retórica revolucionária que definira a linguagem preponderante dessa esquerda até ao fim da década de 1960. Quando a razão revolucionária ainda não havia sido derrotada, política e militarmente, e o pavoroso saldo de desaparecidos não tinha começado a ser revelado, a maioria da esquerda da América Latina, segundo Vania Markarian, somente concebia os direitos humanos como “una forma de extender la influencia del modelo político y social del capitalismo occidental, un lenguaje contrario a cualquier proyecto emancipador de carácter socialista”.³⁸¹ Houve exceções, como é possível observar nos ensaios da revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, que não parece ter matizado o discurso. Um segmento expressivo da esquerda latino-americana, contudo, seguiu a tendência identificada pela análise de Vania Markarian.

Tal mudança de discurso terá sido resultado das violentas condições criadas pela escalada repressiva. De modo particular, a comunidade exilada uruguaia dessa esquerda intelectual terá sido levada por essas condições, mais do que por escrúpulos ideológicos, a integrar-se às redes transnacionais de direitos humanos, dominando, em pouco tempo, o conhecimento dos mecanismos jurídicos existentes e aplicáveis ao contexto latino-americano. Para Markarian, aquela nova linguagem cumpria a função de denúncia, articulada internacionalmente nas organizações e nos fóruns de referência, para combater a vaga de ditaduras de direita instaladas na América Latina. “Los intelectuales no luchan en defensa de un proyecto, sino por el derecho a la vida de todos.”³⁸² Este foi o momento em que Lelio Basso promoveu o Tribunal Russell II, com o intuito de investigar violações contra os direitos humanos na América Latina, particularmente no Chile, na Argentina e no Brasil. A nova linguagem reconhecida por Markarian não se orientava propriamente para a criação de fundamentos de um inédito programa emancipatório, e a intensa mobilização dos militantes organizados principalmente no exílio, promovendo a denúncia sistemática dos sinistros incidentes que eram corriqueiros na realidade do subcontinente naquele contexto representou uma capital contribuição para o desenvolvimento de uma jurisprudência internacional sobre os desaparecidos e do reconhecimento do desaparecimento forçado como crime de lesa humanidade:

[...] estos militantes unieron esfuerzos con grupos como Amnistía Internacional y la Washington Office for Latin America para *condenar las*

³⁸¹ MARKARIAN, Vania. Los exiliados uruguayos y los derechos humanos: ¿un lenguaje de denuncia o un programa emancipatorio? *Políticas de la Memoria*, Buenos Aires, CeDInCI, nº 4, p. 162, Verano 2003/2004.

³⁸² LECHNER, 1988, p. 26.

prácticas represivas en sus países frente a gobiernos extranjeros y organismos internacionales. Esta colaboración dio origen a una red transnacional de denuncia que cumplió un papel esencial en la consolidación del sistema internacional de derechos humanos tal como lo conocemos hoy en día.³⁸³

De que maneira o tema dos direitos humanos esteve presente em *Encontros com a Civilização Brasileira*, *Cuadernos de Marcha* (segunda época) e *Controversia*? Os títulos de alguns ensaios publicados nessas três revistas permitem que se estime a importância que se deu ao tema e um pouco do viés com que foi tratado: “Derechos humanos” (*Controversia*, nº 1, outubro de 1979); “Polémica: derechos humanos” (*Controversia*, nº 2-3, dezembro de 1979); “Os direitos de Carter e os direitos de Chomsky” (*Encontros com a Civilização Brasileira*, nº 2, agosto de 1978); “Antropologia e direitos humanos” (*Encontros com a Civilização Brasileira*, nº 1, julho de 1978).

Em ensaio intitulado “O significado dos direitos humanos para os países capitalistas desenvolvidos”, publicado no décimo número de *Encontros com a Civilização Brasileira*, Norbert Lechner (1939-2004), sublinhando o ineditismo da campanha pelos direitos humanos como um assunto internacional, lança as seguintes perguntas: “Para que renovar aquele ideário humanista depois de 200 anos de dominação burguesa? O que motiva os países capitalistas desenvolvidos a içarem a bandeira dos direitos humanos? [...] à qual situação responde esta ofensiva ideológica?”³⁸⁴ Às perguntas propostas por Lechner não seria desapropriado somar outra, que o próprio desenvolvimento de seus argumentos adiante tratam de responder: Por que, naquela conjuntura, o autoritarismo, *gendarme* e ponta de lança de interesses político-econômicos transnacionais, deixou de ser um atrativo para os portadores desses interesses? Para Lechner, havia uma “crise de hegemonia” político-cultural, cujos desdobramentos poderiam fortalecer alternativas socialistas:

A estratégia do autoritarismo oferece uma solução de força, quando o problema para os países desenvolvidos é de *hegemonia*, isto é, a construção da direção do capital – em representação legítima da humanidade – sobre o conjunto da “sociedade mundial”. O mérito da burguesia liberal reside em haver reconhecido este fato. O domínio do capital não está em perigo no interior dos países capitalistas desenvolvidos. Se, apesar disso, podemos falar em crise de hegemonia, isto se dá em referência ao sistema internacional. A mesma internacionalização das relações capitalistas de produção atualiza a ameaça de uma alternativa socialista.³⁸⁵

³⁸³ Idem. (sem grifos no original)

³⁸⁴ LECHNER, Norbert. O significado dos direitos humanos para os países capitalistas desenvolvidos. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 10, p. 20, abril de 1979.

³⁸⁵ Ibid., p. 24. (sem grifos no original)

O uso político dos direitos humanos, a abordagem flutuante de seus pressupostos de acordo com conveniências conjunturais, o *double standard* a que se referiu Slavoj Žižek³⁸⁶ são aspectos fartamente presentes nas análises críticas desse tema. O jovem Marx, no fim da primeira metade do século XIX, com algum ceticismo, questionou seus efeitos e aplicação.³⁸⁷ Em recente entrevista, Hobsbawm, de maneira acrimoniosa, associou o humanitarismo ao que definiu como imperialismo dos direitos humanos.³⁸⁸ A propósito da construção do conceito de direitos humanos, François Jullien observa o seguinte:

O ocidente tenta impor para todos os povos do mundo, independente de sua cultura, o conceito de direitos humanos. Exige que eles se adequem aos seus preceitos, sem exceção ou brechas. E esquece que essa mesma construção ideológica foi forçada goela abaixo dos próprios europeus.³⁸⁹

Instrumento ideológico de grande eficácia, porquanto produtor de capital simbólico e, por conseguinte, de força de persuasão, os direitos humanos são evocados amiúde para legitimar o intervencionismo político. Como sugere Henrique C. de Lima Vaz, na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*:

[...] a história das sociedades políticas nos mostra que o exercício do poder não se manifesta nelas como pura violência a não ser em situações extremas e desesperadas. A busca de legitimação ou a referência a um horizonte universal de direito é uma característica inerente à dialética do poder nas sociedades políticas. Ela se acentua e se impõe de maneira aparentemente irreversível no mundo moderno, não obstante o aparecimento de novos instrumentos de poder imensamente mais eficazes do que aqueles conhecidos pelas sociedades antigas.³⁹⁰

A propósito, vale pensar, de passagem, na tipologia do poder inventada pelas sociedades modernas referidas por Lima Vaz. A teoria política moderna, com Maquiavel, tem na tentativa de formulação dessa tipologia os seus próprios fundamentos. Maquiavel postula pela primeira vez a separação entre política e moral, ou seja, a *raison d'État* cara ao pensador florentino desconhece constrangimentos políticos, empecilhos morais, pois sua “dialética de poder” em lugar de buscar legitimidade em um “horizonte universal de direito”, ampara-se somente no exclusivo interesse do Estado. Contudo, a despeito da apressada e simplista

³⁸⁶ ŽIZEK, Slavoj. Direitos humanos e ética perversa. Cadernos Mais!, *Folha de São Paulo*, pp. 13-14, 01 de Julho de 2001. passim.

³⁸⁷ WOLKMER, Antonio Carlos. Marx, a questão judaica e os direitos humanos. *Seqüência*, Publicação do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFSC, vol. 25, nº 48, pp. 11-28, 2004. passim.

³⁸⁸ HOBBSAWM, Eric. World distempers. *New Left Review*, nº 61, pp. 133-150, January/February 2010. passim.

³⁸⁹ JULLIEN, François, loc. cit.

³⁹⁰ VAZ, Henrique C. de Lima. Antropologia e direitos humanos. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 01, p. 36, julho de 1978.

permissividade que se possa depreender do pensamento de Maquiavel, sua teoria do poder deve ser matizada, pois as ações do seu “Príncipe”, ao contrário do que ocorria nas associações primitivas pré-políticas, em que o exercício do poder era regido pela violência pura, não podem prescindir da *virtú*. O poder, portanto, para manifestar-se, busca algum tipo de esteio que o possa validar. Lima Vaz sublinha a relação entre direito, política e poder: “O aparecimento e o desenvolvimento histórico da ideia de Direito repousam sobre dois fatores fundamentais que são a constituição da sociedade política e, nela, o exercício do poder.³⁹¹” Assim, com Lima Vaz, é possível perceber que: “a sociedade política vê-se inevitavelmente face a face com o problema da legitimação do poder que venha garantir sua unidade e sua sobrevivência.³⁹²”

Joseph Nye, reputado teórico das relações internacionais, ligado à corrente neoliberal, cujos pressupostos fundadores contaram com suas contribuições, e um dos pensadores do *establishment* estadunidense, examinou distintas formas de projetar poder usadas pelos principais atores internacionais, em especial, pelos Estados nacionais.³⁹³ Entre essas formas, destacou as militares e não-militares. Estas, segundo Nye, consubstanciam o que designa como *soft power*; aquelas, o *hard power*. Enquanto o primeiro recorre aos meios diplomáticos, o segundo procura seus fundamentos nas leis de Clausewitz, mobilizando a maquinaria de guerra. “Com efeito”, acrescenta Lima Vaz, “desde o momento em que faz sua aparição histórica, a sociedade política vê o poder que nela se exerce oscilar entre a legitimação e a violência.³⁹⁴” Como quer que seja, nas sociedades políticas modernas, até mesmo o *hard power* deve estribar, ainda que vagamente, sobre algum princípio legitimador, como a intervenção humanitária e a legítima defesa preventiva.

Muito antes de serem desenvolvidas as sistematizações teóricas de Joseph Nye, Jimmy Carter, assessorado por Zbigniew Brzezinski e pelo velho *realpolitiker*, Samuel Huntington, envidou esforços para aumentar o poder de deterência dos Estados Unidos, mediante o fortalecimento de diferentes estruturas hegemônicas, quer militares e econômicas, quer diplomáticas e culturais. Em réplica ao texto publicado por Walter Russell Mead na revista *Foreign Policy*,³⁹⁵ Carter mencionou a estratégia que empregou para ampliar a

³⁹¹ Ibid., p. 33.

³⁹² Ibid., p. 34.

³⁹³ NYE, Joseph. *Bound to lead: The changing nature of American power*. New York: Basic Books, 1991. *passim*.

³⁹⁴ VAZ, Henrique C. de Lima, *op. cit.*, p. 34.

³⁹⁵ MEAD, Walter Russel. The Carter syndrome. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.foreignpolicy.com/articles/2010/01/04/the_carter_syndrome> Acesso em: 14 de janeiro de 2013.

influência global dos Estados Unidos durante a *détente* e referiu a cooptação de aliados por meio da defesa dos direitos humanos:

I also commissioned comprehensive reviews of comparative U.S. and Soviet military and nonmilitary capabilities (undertaken by Brzezinski and Professor Samuel Huntington). On this basis, I decided to modernize our deterrent capabilities, knowing that the United States had great advantages over the Soviet Union in nonmilitary competition. Accordingly, I decided to exploit these Soviet vulnerabilities, peacefully and quietly. One by one, we reached out to nonaligned nations, with the help of Ambassador to the United Nations Andrew Young and others, *promoting the attractive appeal of peace, freedom, democracy, and human rights*. In these places, where U.S. leaders of previous administrations had not been welcome, we established close and binding friendships, thereby weakening the Soviets.³⁹⁶

Como se pode concluir pela leitura das declarações do ex-presidente dos Estados Unidos, no contexto em que circularam as três publicações analisadas nesta tese, marcado pela Guerra Fria, a tópica dos direitos humanos, porque possuidora de um “atrativo apelo”, ocupava espaço proeminente na retórica política, tendo sido bastante instrumentalizada por Washington:

Ao longo da Guerra Fria, o tema dos direitos humanos foi instrumentalizado e atrelado frequentemente aos interesses da política externa norte-americana, tanto no plano das relações com os países que compunham o bloco soviético, como também em relação aos países da América Latina, o que contribuiu para que o regime de direitos humanos fosse visto com bastante ceticismo por observadores atentos.³⁹⁷

Seu caráter, relevância e contradições não escaparam do crivo do meio intelectual ligado aos grupos que formaram as três publicações que estudo. Parafraseando uma expressão de Richard J. Barnet, e situando a cruzada pelos direitos humanos promovida pelo governo Carter no âmbito de uma “competição ideológica”, o jornalista Sérgio Augusto, em ensaio que publicou no segundo número de *Encontros*, observou o seguinte: “Ninguém mais tem

³⁹⁶ “Solicitei abrangentes estudos comparativos sobre as capacidades militares e não-militares dos Estados Unidos e da União Soviética (estudos que ficaram a cargo de Brzezinski e do Professor Samuel Huntington). Decidi modernizar nossos poderes de dissuasão, sabendo que os Estados Unidos tinham grandes vantagens sobre a União Soviética no aspecto não-militar de sua competição. Em consonância com essas considerações, decidi explorar, pacífica e discretamente, essas vulnerabilidades Soviéticas. Aproximamo-nos paulatinamente das nações não-alinhadas, com o apoio do Embaixador para as Nações Unidas Andrew Young e de outros, promovendo o atrativo apelo da paz, da liberdade, da democracia e dos direitos humanos. Nesses lugares, onde líderes estadunidenses de administrações anteriores não eram bem-vindos, estabelecemos novos laços de amizade e cooperação, enfraquecendo por esses meios os Soviéticos.” (tradução minha) CARTER, Jimmy; BRZEZINSKI, Zbigniew. Presidential debate. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.foreignpolicy.com/articles/2010/02/22/presidential_debate> Acesso em: 14 de janeiro de 2013. (sem grifos no original)

³⁹⁷ REIS, R. R., op. cit., p. 113.

dúvida que o *alvo principal* da cruzada pelos direitos humanos é a URSS.³⁹⁸ Para Henrique C. de Lima Vaz, “se o homem é o sujeito do Direito (como indivíduo ou como grupo), é evidente que uma certa concepção do homem deverá estar subjacente à idéia do Direito.³⁹⁹” A proposição de Lima Vaz, portanto, com sua premissa e conclusão, publicada no primeiro número de *Encontros*, nada mais ambiciona senão problematizar uma noção niveladora, abstrata, universalista de Direito. Com esse fito, acrescenta: “É impossível, pois, pensar o problema dos direitos humanos sem se referir à filosofia do homem que dá razão desses direitos na sociedade política em que eles são reconhecidos, se não efetivamente respeitados.⁴⁰⁰”

Nota-se uma especificidade no conteúdo das análises sobre o tema dos direitos humanos que apareceram na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*. No que diz respeito à abordagem sobre os direitos humanos, aquela absorção de uma linguagem política usualmente associada ao discurso liberal e anticomunista da Guerra Fria, observada por Markarian⁴⁰¹ particularmente no universo discursivo da comunidade uruguaia de exilados, não ocorreu na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, que manteve preferencialmente a retórica revolucionária fundamentada na interpretação de Marx em “Sobre a questão judaica”, que estabelece um nexos indissolúvel entre direitos humanos e ideologia liberal:

Ao apresentar os direitos humanos como um *issue* da política internacional, os países capitalistas desenvolvidos respondem à crise política. No quadro de uma estratégia anti ou contra-revolucionária, *a defesa dos direitos humanos é fundamentalmente uma defesa da ordem burguesa*. O objetivo é o de restituir a coesão social: integrar o sistema capitalista mundial através de uma legitimidade comum. Trata-se de renovar os fundamentos da prática política, restabelecendo um novo “sentido comum” à ordem burguesa.⁴⁰²

Entre o fim da década de 1970 e o começo da década seguinte, toda a abordagem que se quisesse fazer sobre os direitos humanos na América Latina estaria envolta, inevitavelmente, pelo calor dos acontecimentos, e a revista *Controversia* não se eximiu de tratar, nem sempre com independência e objetividade, desse tema melindroso, não conseguindo evitar, portanto, furibundas reprimendas, tendo chegado, inclusive, a ser alvo de

³⁹⁸ AUGUSTO, Sérgio. Os direitos de Carter e os direitos de Chomsky. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, nº 2, p. 35, agosto de 1978. (sem grifos no original)

³⁹⁹VAZ, Henrique C. de Lima. op. cit., p. 33.

⁴⁰⁰ Ibid., p. 34.

⁴⁰¹ MARKARIAN, Vania, op. cit., p. 162.

⁴⁰² LECHNER, Norbert, op. cit., p. 24. (sem grifos no original)

patifarias, como a extravagante acusação de representar um órgão financiado e dirigido pelos serviços de inteligência do governo argentino.⁴⁰³

Certo é que o tema dos direitos humanos, naquele contexto, era ingrato, mas é necessário ter em consideração que a elevada temperatura dos acontecimentos não era uniforme. Logo, tratar dos direitos humanos no âmbito do exílio argentino e uruguaio daquele período e fazer a mesma coisa dentro do Brasil no contexto da anistia terá, circunstancialmente, implicado interpretações bastante distintas. Ora, enquanto muitos desses exilados platinos eram sobreviventes da recente e contínua dizimação das guerrilhas, amargando a derrota e enfrentando não poucas vezes a carga de culpa que a sobrevivência pode representar quando se é poupado no mesmo instante em que perecem em combate inúmeros correligionários, no Brasil, o intelectual que escreveu na revista *Encontros com a Civilização Brasileira* foi algumas vezes o opositor do regime, banido pelo rolo compressor da repressão, que, promulgada a anistia, pôde retornar ao país aclamado pelos aliados e simpatizantes como herói revolucionário, ao som da marcante voz de Elis Regina, cantando a celebração da volta dos exilados escrita por Aldir Blanc, “O bêbado e a equilibrista”.

Raul Burgos, em seu estudo sobre os gramscianos argentinos de *Pasado y Presente*, os mesmos que, junto com peronistas de esquerda, formaram o grupo de *Controversia*, caracterizou os integrantes desse grupo como “profetas em terras alheias”, cuja intervenção teórico-política, no México, produzida em um contexto em que florescia um processo de renovação cultural, tinha, segundo Burgos, “escassa incidência na Argentina”, onde, após os fatídicos anos de intensa repressão, entre 1975 e 1982, ocorreu um “irreversível retrocesso cultural de massas”.⁴⁰⁴ Assim, ao contrário da experiência brasileira, caracterizada pela promulgação da Lei da anistia e pela crescente influência do pensamento de Gramsci no meio intelectual e no âmbito político-partidário, foi mais do que árduo, na chegada, o *desexílio* vivido pelo grupo de *Controversia*, definido pelo surgimento de uma fissura entre um projeto intelectual renovado porque submetido à rigorosa autocrítica de formulações que haviam sido derrotadas e as ideias de uma esquerda política tremendamente asfíxiada, mas pouco disposta a abandonar suas posições “revolucionárias”. Na chegada, constatou-se a real dimensão do abismo teórico-político que havia surgido entre os que viveram o exílio e muitos daqueles que amargaram o insílio:

⁴⁰³ TÉRAN, Oscar. Un cuento llamado Controversia. In: TULA, Jorge (et al.) . *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina (Edição fac-similar). 1ª ed., Buenos Aires: Ejercitar la Memoria, 2009.

⁴⁰⁴ BURGOS, op. cit., p. 233.

Os ‘gramscianos argentinos’, que saíram do país como ‘revolucionários’, voltavam ao país pós-ditadura como ‘reformistas’ e ‘alfonsinistas’, como predicadores do ‘realismo político’, da luta pelo ‘possível’ frente a um movimento social que simpatizava crescentemente com as posições das Madres de Plaza de Mayo, as quais não se conformavam com o ‘possível’, mas exigiam o irreal, o ilusório, o ‘impossível’: ‘*aparición con vida de todos los desaparecidos*’, daqueles que, poucos duvidavam, já não existiam senão como bandeiras de luta.⁴⁰⁵

Houve uma diacronia produzida por contextos políticos semelhantes – com especificidades, claro –, mas em fases diferentes. Pode-se observar, na revista brasileira dirigida por Ênio Silveira, um tratamento mais convencional do tema dos direitos humanos, tendo em conta o enfoque preponderante no discurso da esquerda, em especial, na vulgata marxista, que reafirma a validade dos antigos esquemas. Em *Controversia*, é possível notar-se uma abordagem mais visceral, que ora revela transigir com ambiguidades, ora dá sinais de intolerância. Com efeito, algumas das contribuições que apareceram nas polêmicas de *Controversia* estiveram mediadas pelo envolvimento pessoal, como aconteceu com Héctor Schmucler e com Luis Bruschtein. Foi provavelmente em consequência desse envolvimento que se desencadeou uma maré de imposturas contra Schmucler quando se publicou, já no primeiro número, o ensaio intitulado “Actualidad de los derechos humanos” e, depois, no número 9-10, “Testimonio de los sobrevivientes”. A polêmica provocada pela publicação desses dois textos, com seus desdobramentos, continua acesa na memória de argentinos que estiveram exilados no México naquele contexto. Na segunda época dos *Cuadernos de Marcha* o tema apareceu de maneira menos enfática, tangencial, ou como extravasamento de tensões iniciadas alhures, gerando repercussões nada fleumáticas, como se verá adiante.

Quase no mesmo momento em que estive na Argentina a CIDH, para recolher depoimentos sobre a repressão militar, foi promulgada, em 12 de setembro de 1979, a Lei nº 22.068, conhecida como “lei sacrílega”, que tornou pública a posição da Junta Militar sobre os “desaparecidos”, considerados evadidos clandestinamente do país, “supostamente” mortos no enfrentamento com as Forças Armadas, ou exercendo, em “organizações terroristas, atividades subversivas” contra a segurança do Estado. No mesmo contexto, exilados integrantes da CAS, no México, tinham preparado uma rede de informação com organizações europeias. Surgiram, então, as primeiras declarações de sobreviventes dos campos de extermínio da ditadura e, com essas declarações, evidências de que muitos dos “supostos

⁴⁰⁵ Ibid., p. 237. (grifos no original)

desaparecidos” tinham sido barbaramente assassinados. Nesse cenário de intensa polarização, qualquer posicionamento implicava inevitável conflito.⁴⁰⁶

Os dois textos de Schmucler projetaram-se nesse espaço de rupturas, procurando, sem êxito, uma almejada, mas inexistente zona intermédia. Sua “moderação” foi logo atacada, considerada inoportuna: “[...] en esta actividad solamente hay posiciones ‘correctas’ o ‘incorrectas’, de ninguna manera puede haber posiciones ‘moderadas’.⁴⁰⁷” Schmucler condenou a retórica criminal da “lei sacrílega”, confiante em que o problema dos “supostos desaparecidos” poderia ser resolvido quando fossem considerados mortos. O pragmatismo de Schmucler poderá ter sido estimulado por uma possível avaliação do que era o estatuto jurídico de um desaparecido naquele contexto. Juridicamente, um desaparecido não era nada. Considerá-los mortos, portanto, poderia contribuir para facilitar o ajuizamento dos responsáveis, não na Argentina, obviamente, mas em cortes internacionais.

As reivindicações dos familiares dos desaparecidos, motivadas pela visita da comissão da OEA, e a concomitante publicação de um anúncio da Liga Argentina de las Víctimas del Terrorismo deram azo a que Schmucler, cujo próprio filho, Pablo Schmucler, guerrilheiro ligado à organização Montoneros, estava entre esses desaparecidos, lançasse, em um gesto de audácia, as seguintes perguntas:

¿Los derechos humanos son válidos para unos y no para otros? ¿Existen formas discriminatorias de medir que otorgan valor a una vida y no a otra?
¿Los llamados derechos humanos evocan valores ecuménicos y transhistóricos o es necesario situarlos en una visión política donde los valores se dirimen de acuerdo a la relación de fuerzas con los sectores sociales en conflicto?⁴⁰⁸

Pode parecer, de início, que Schmucler tentava defender um critério de equivalência moral. Talvez, em parte, fosse mesmo o que o motivava. Nesse debate, porém, havia outra intenção mais saliente que o estimulava. Schmucler, antes de tudo, pretendia criticar o uso que os grupos guerrilheiros, em particular os Montoneros, faziam dos direitos humanos:

Lamentablemente, la guerrilla [Montoneros] ha pasado a confundir su imagen con la del propio gobierno en la medida en que ha cultivado la muerte con la misma mentalidad que el fascismo privilegia la fuerza en nombre de la lucha contra la opresión, ha edificado estructuras de terror y de

⁴⁰⁶ YANKELEVICH, Pablo (coord.). *México, país refugio: la experiencia de los exilios en el siglo XX*. México, D. F.: Plaza y Valdés, 2002, p. 298.

⁴⁰⁷ BONAPARTE, Luis Bruschtein. Derechos humanos: sin abstracciones ni equidistancias. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, año I, nº 2-3, p. 2, diciembre de 1979.

⁴⁰⁸ SCHMUCLER, Héctor. La actualidad de los derechos humanos. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 1, p. 3, octubre de 1979.

culto a la violencia ciega. Ha reemplazado la voluntad de las masas por la verdad de un grupo esclarecido. Nada de esto la coloca en posición favorable para reivindicar los derechos humanos.⁴⁰⁹

A ousadia de Schmucler acabou rendendo-lhe uma enxurrada de críticas e a associação do conjunto de argumentos que introduzia no debate com a chamada, de maneira nada abonadora, “teoría de los dos demonios”, que atribui responsabilidades pelas violações aos direitos humanos tanto à ação das forças armadas como à da guerrilha. Antigo quadro orgânico dos Montoneros, exilado no México, onde viria a ser redator do periódico *La Jornada*, o jornalista Luis Bruschtein Bonaparte, filho de Laura Bonaparte, psicanalista e fundadora de Madres de Plaza de Mayo, cuja família foi dizimada pelo terror de Estado, baseado no texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), que afirma “el legítimo derecho de los pueblos al levantamiento armado contra la opresión y la tiranía”,⁴¹⁰ questiona a posição crítica de Schmucler em relação à violência política na Argentina: “Una cosa es criticar la práctica militar nacida de una visión distorcionada de la realidad y otra muy distinta es negarle al pueblo el derecho legítimo de defenderse de la agresión despiadada de que es objeto.”⁴¹¹

O contexto do recente exílio argentino não ficou impermeável às fraturas que dividiam a esquerda argentina, e sobre o principal pomo da discórdia entre os exilados do maior país platino, Emiliano Álvarez sugere que: “La crítica o el apoyo a la lucha armada dividiría las aguas de los exiliados de izquierda en todas partes.”⁴¹² Vale lembrar que Luis Bruschtein, acompanhado de Jorge Bernetti, Nicolás Casullo, Sergio Caletti e Ernesto López, vieram a formar uma parte da dissidência do Comité de Solidaridad con el Pueblo Argentino (COSPA), fundado por Rodolfo Puiggrós, em 1976, constituindo uma agrupação heterogênea, denominada Mesa Peronista, criada em 1979, composta por cerca de oitenta participantes,

⁴⁰⁹ Idem.

⁴¹⁰ BONAPARTE, op. cit., p. 3. Para um estudo da formação da doutrina do direito de resistência, pode ser proveitosa a consulta dos segmentos 7 e 11, “Os Monarcomaci” e “John Locke”, respectivamente, do primeiro capítulo do livro de Norberto Bobbio sobre as teorias do direito e do Estado no pensamento de Kant. Os *monarcomaci* e John Locke estariam, de acordo com Bobbio, entre as primeiras fontes dessa doutrina. De acordo com o politólogo de Turim, os *monarcomaci* foram “escritores políticos calvinistas que, no período das guerras religiosas, afirmaram o direito de resistência contra o príncipe injusto ou ilegítimo (tirano), e fundamentaram esse direito no conceito de que o poder do príncipe é limitado e deriva do consenso popular”. No “Segundo tratado sobre o governo civil”, de 1690, Locke defendeu energeticamente, fundamentado nas premissas do jusnaturalismo, o direito de resistência. BOBBIO, Norberto. *Direito e estado no pensamento de Emanuel Kant*. São Paulo: Mandarim, 2000, pp. 39-64.

⁴¹¹ BONAPARTE, op. cit., p. 3.

⁴¹² ÁLVAREZ, Emiliano. Controversia: transformación intelectual en el exilio mexicano. [online] Disponível na Internet via WWW. URL:<<http://www.cedinci.org/jornadas/3/M4.pdf>> Acesso em: 24 de março de 2013. Sobre as divisões provocadas, no recente exílio argentino, pelas diferentes posições acerca da luta armada, podem ser consultados: YANKELEVICH, 2002, p. 284; YANKELEVICH, 2007, p. 71.

cujas reuniões eram realizadas na primeira sexta-feira de cada mês na CAS.⁴¹³ A formação dessa dissidência terá sido motivada pela crise que se abateu, entre 1979 e 1980, sobre o COSPA, depois da fratura dos Montoneros e da morte, em Havana, de Puiggrós. Tendo abandonado o COSPA, principal organização dos Montoneros no exílio, os integrantes da Mesa Peronista uniram-se ao grupo da CAS, que veio a se tornar a organização mais forte do exílio argentino no México. Como observado no segundo capítulo, a CAS possuía três vertentes ideológicas dominantes: os “socialistas”, os “peronistas” e os “independentes”. Do mesmo modo como fizeram os “peronistas”, os “socialistas” constituíram, em julho de 1980, um grupo, o GDS, cujos integrantes também se reuniam na CAS, porém na última sexta-feira de cada mês.⁴¹⁴ Foi do núcleo das duas primeiras vertentes que surgiu a revista *Controversia*. Embora tenha deixado o COSPA, Luis Bruschtein permanecia inclinado a defender propósitos que haviam sido muito característicos da organização política e intelectualmente liderada por Puiggrós, como se nota no fecho de sua crítica a Schmucler:

Ninguna de las fuerzas políticas que hoy enfrentan, cada una a su modo, a la dictadura, tiene derecho a abrogarse una autoridad moral que impida a otra de ellas, incluyendo las *organizaciones guerrilleras* a participar activamente en la denuncia de la violación de los derechos humanos en Argentina.⁴¹⁵

No fim de 1979, pouco depois da publicação do polémico ensaio de Schmucler, em entrevista concedida para o jornal *Clarín*, o general Jorge Rafael Videla pretendeu definir, convenientemente, o seu próprio conceito de “desaparecido”:

¿Qué es un desaparecido? En cuanto éste como tal, es una incógnita el desaparecido. Si reapareciera tendría un tratamiento X, y si la desaparición se convirtiera en certeza de su fallecimiento tendría un tratamiento Z. Pero mientras sea desaparecido no puede tener ningún tratamiento especial, es una incógnita, es un desaparecido, no tiene entidad, no está, ni muerto ni vivo, está desaparecido.⁴¹⁶

A declaração de Videla surgiu em resposta à visita da CIDH à Argentina. Nesse ambiente tensionado, *Controversia* chegou a ser acusada de adotar um posicionamento político de resignada conciliação com a ditadura. Segundo Yankelevich,⁴¹⁷ a revista publicou todas as respostas que chegaram à redação. As coisas não foram bem assim.

⁴¹³ YANKELEVICH, 2007, p. 77 (e nota # 9, p. 79). Pode-se consultar, ainda: MESA PERONISTA, *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, nº 7, p. 31, julio de 1980.

⁴¹⁴ GRUPO de discusión socialista. *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, año II, nº 8, p. 31, septiembre de 1980.

⁴¹⁵ Idem. (sem grifos no original)

⁴¹⁶ VIDELA, Jorge Rafael. Los desaparecidos. *El Clarín*, Buenos Aires, 14 de diciembre de 1979.

⁴¹⁷ YANKELEVICH, op. cit., p. 299.

A polêmica gerada pela publicação dos ensaios de Schmucler não se esgotou em *Controversia*. O texto “Testimonio de los sobrevivientes” incitou uma réplica de Mempo Giardinelli, sarcasticamente intitulada “Los sobrevivientes de los testimonios”, surgida nas páginas do número 11 da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, publicado em janeiro/fevereiro de 1981. Conforme Giardinelli,⁴¹⁸ os editores de *Controversia* recusaram-se a aceitar essa contestação. Publicada, afinal, na divisão intitulada “Carta de los lectores” da revista dirigida por Carlos Quijano, possivelmente o destinatário a quem Giardinelli se dirige como “querido amigo”, expôs uma linha argumentativa que tencionou questionar, no âmbito do debate sobre os direitos humanos, a suposta morte dos desaparecidos e os significados que foram atribuídos por Schmucler à “derrota” dos guerrilheiros. Giardinelli, antes, havia sido duas vezes, com entrevistas, colaborador da revista dirigida por Jorge Tula. Primeiro, com o secretário geral da Casa Argentina de Barcelona, David Tieffenberg, e, depois, com Andrés López Acotto, ligado à Casa Argentina de Madrid. Instalada a polêmica, o nome de Giardinelli não mais figurou nas páginas de *Controversia*. Giardinelli recusou-se a considerar o relato dos sobreviventes como requisito para formação de evidências que pudessem trazer à baila os equívocos de uma “política catastrófica”. Estava a ser travada, como derivação do debate sobre os direitos humanos, uma acirrada disputa entre interpretações da “derrota”.

Essa recusa não foi resultado de um posicionamento isolado. O escritor argentino, previamente, já demonstrara, até mesmo nas páginas de *Controversia*, que era uma voz dissidente no exílio argentino, com algumas avaliações contrárias àquelas do grupo da revista, o que não pode ser tido como extraordinário, pois é notório que o consenso esteve muitíssimo longe de existir dentro da comunidade de exilados argentinos, nem mesmo dentro de *Controversia*, exceção feita à comunidade de exilados da cidade catalã de Barcelona, que teve maior coesão. Logo de saída, a própria condição de exilado foi um tema produtor de discordância. Enquanto alguns julgavam que essa condição era sem dúvida algo muito provisório, pois o regresso só podia ser iminente, havendo, portanto, uma urgência em organizar os grupos de resistência para voltar rapidamente à carga, como muitos efetivamente fizeram, outros defendiam a valorização de um distanciamento crítico e a compreensão de que se fazia necessária a busca de novas conceitualizações, como premissa para um retorno regido pela imprescindível atualização da maneira de se conceber a realidade argentina e a função

⁴¹⁸ Considerações sobre a carta de M. Giardinelli podem ser encontradas, também, no seguinte estudo: ROJKIND, Inés. La revista *Controversia*: reflexión y polémica entre los argentinos exiliados en México. In: YANKELEVICH, Pablo (org.). *Represión y destierro*. Itinerarios del exilio argentino. Colección Diagonios. La Plata: Ediciones al Margen, 2004, pp. 223-251.

social dos produtores de cultura, os intelectuais, na construção, desenvolvimento e transformação dessa realidade.

Giardinelli repreendeu algo que identificou como um argumento corriqueiro no âmbito do exílio argentino, argumento utilizado por quem pretendia fazer, nas palavras dele, “buena letra”, isto é, corresponder àquilo que um determinado espaço discursivo dava valor. A linha de pensamento que pretendia contestar, qualificando-a, de permeio, de politicamente correta (“buena letra”), considerava que “la derrota se produjo por los errores propios y no por el horror sembrado por los ajenos.⁴¹⁹” Pode-se entender essa crítica não como uma objeção seletivamente direcionada ao texto de Schmucler, mas como uma reserva a um dos pontos mais importantes do projeto ideológico da revista *Controversia*, ou seja, a autocrítica formulada, desde uma posição autoatribuída de derrota, por um grupo de intelectuais que muito frequentemente possuiu vínculos estreitos com a luta armada. Sem atacar a intenção que fundamentava o projeto de *Controversia*, reconhecendo, ao invés disso, relevância nesse propósito, não se poupou em desferir um golpe contra uma conduta presumivelmente geradora de apatia: “Autocrítica sí, y este exilio viene haciendo muchísima, pero autoflagelación y autosatanización, no. Fundamentalmente, porque es la fórmula del inmovilismo.⁴²⁰”

Qual poderá ter sido a motivação de Giardinelli ao decidir reverter a ordem do título do texto de Schmucler? A inversão do argumento do interlocutor revela o ânimo polêmico do escrito recusado pelos editores de *Controversia*. A discrepância central que residia entre os dois lados do debate era o problema dos desaparecidos:

Yo pienso que los desaparecidos están desaparecidos. No muertos. Para que haya una muerte, hace falta un cadáver, una causa de fallecimiento, o un asesino. Hace falta que se dé una explicación, que se diga cómo murió, cuándo, de qué, quién lo mató y, naturalmente, que haya un juicio y una sentencia. Si no hay nada de esto, el que desapareció está desaparecido. No está muerto (aunque uno, íntimamente, pueda tener fundadas sospechas – y los testimonios las avalan – de que muchos sí están muertos).⁴²¹

⁴¹⁹ GIARDINELLI, Mempo. Los sobrevivientes de los testimonios. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año II, nº 11, p. 98, enero/febrero de 1981.

⁴²⁰ Este posicionamento crítico de Giardinelli é equivalente àquele expresso por Ernesto López, também em *Controversia*. As duas posições têm similitude na medida em que insistem na importância da análise das dimensões fundantes da “derrota”. Os dois criticaram a tendência que havia em “demonizar” a ação política dos Montoneros: “No se trata de ‘absolver’ a los Montoneros sino de no *satanizarlos*. De no convertirlos en el chivo expiatorio, en el exclusivo culpable del fracaso. Pues los riesgos están a la vista.” (grifos no original) LÓPEZ, Ernesto. Discutir la derrota. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, nº 4, p. 13, febrero de 1980.

⁴²¹ GIARDINELLI, Mempo, op. cit., p. 99.

O objetivo dos dois lados da polêmica parece ter sido, a rigor, o mesmo: encontrar responsáveis e aplicar-lhes uma punição proporcional ao crime que haviam cometido. Tendo como critério, entre outros, o repúdio à Junta Militar, o apoio à solicitação das Madres de la Plaza de Mayo para que fossem desautorizados os testemunhos que consideravam mortos os desaparecidos, e o que Adolfo Pérez Esquivel, laureado com o Nobel da Paz no ano de 1980, designou como “feridas não cicatrizadas”, Giardinelli buscava, aparentemente, a criação de um precedente jurídico: “[...] *no es lo mismo ‘pedir cuentas’ por los muertos de ayer, que reclamar y exigir la aparición con vida – o la explicación de su muerte, y la sanción a los responsables – de los desaparecidos de hoy.*”⁴²²

Ora, Videla havia declarado que um desaparecido era uma incógnita. O ordenamento jurídico argentino, então controlado pela Junta Militar, não incluía os desaparecidos em qualquer regime legal. A aplicação de sanções somente poderia ser realizada, por conseguinte, mediante a constituição de um precedente, pois a condição de desaparecido apenas existia dentro de um insólito vácuo jurídico, mais precisamente dentro de uma indefinição jurídica absoluta. Não surpreende, então, considerando as condições políticas daquele contexto, a posição pragmática de Schmucler. Giardinelli, tencionando, pela citação de outras ramificações do discurso de *Controversia*, dar maior consistência para o argumento que propunha, trata de enumerar aquilo que considerava como critérios políticos para a reivindicação do aparecimento com vida – ou a explicação das circunstâncias em torno da morte – dos desaparecidos:

1) implica, como dice Osvaldo Pedrozo en el número 7 de *Controversia*, luchar por los que todavía están vivos y mantienen “su única esperanza y posibilidad cierta de recuperar algún día la libertad”; y 2) implica mantener viva no sólo nuestra conciencia, sino también la conciencia criminal de los torturadores, y de los responsables de los torturadores. Implica, vamos, no dejar dormir tranquila a la junta militar.⁴²³

Tal inventário foi apresentado como resposta à desafiadora pergunta de Schmucler: “¿Desde qué criterios políticos se estimulan semejantes ideas?”⁴²⁴ Por sua vez, essa provocativa interpelação também foi, de certa forma, um revide às difamatórias insinuações que vinham sendo feitas contra a linha de pensamento preconizada por, entre outros, o próprio Schmucler, que, por considerar os testemunhos dos sobreviventes como um substancial

⁴²² Ibid., p. 100. (grifos no original)

⁴²³ Idem.

⁴²⁴ SCHMUCLER, Héctor. Testimonio de los sobrevivientes. *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, año II, nº 9-10, p. 4, diciembre de 1980.

indício de que os militantes desaparecidos haviam sido mortos, foi estigmatizado como cúmplice do terrorismo de Estado:

Digamos, por ejemplo, que según los testimonios la inmensa mayoría de los desaparecidos ya no existe: están muertos. Estas declaraciones han molestado a alguna gente. Hasta se ha sugerido que quienes declaran en este sentido son agentes de la junta militar argentina pues tienden a desmovilizar a los grupos que reclaman por los secuestrados.⁴²⁵

Mais do que procurar alcançar um nível de análise que permitisse avaliar com objetividade a maior razoabilidade de um ou de outro lado da contenda, o que muito provavelmente seria impraticável, visto que em cada argumento há sempre um condicionamento histórico-político, interessa identificar a motivação dos diferentes posicionamentos, mesmo com o risco de se estar a cometer simplificações. Pois bem, se Giardinelli, ao que parece, pretendia incentivar a criação de um precedente jurídico e incitar o confronto direto e inadiável contra o *establishment*, Schmucler possivelmente pretendia apropriar-se dos ritos de quem ditava as regras para, quem sabe, “rir por último”: “Los desaparecidos dejan de ser entelequias en la reconstrucción de los testimonios de los sobrevivientes. Empiezan a tener existencia. Al materializarlos en cuerpos concretos se inicia la develación de lo macabro.”⁴²⁶

Alvo de grosseiras imposturas, Schmucler defendia uma saída pragmática para o problema dos desaparecidos, e o idealismo de Giardinelli soava-lhe, naquele contexto determinado por relações de poder extremamente assimétricas, como um meio inócuo de resolver o impasse. Schmucler mostrava disposição de revelar, pela leitura dos testemunhos dos sobreviventes, até mesmo supostos dilemas morais dos torturadores, ou seja, as contradições do inimigo. Giardinelli não se dispunha a fazer concessões, recusando-se terminantemente a encarar o tétrico espetáculo latino-americano, regido pelos militares, como miserável produto de algo humano. Era inadmissível minimizar a culpa dos algozes e atribuir-lhes humanidade. “Para Giardinelli, ante los militares asesinos sólo cabía la intransigencia. La exigencia de Justicia no era negociable, ni admitía dilaciones.”⁴²⁷ Não se deve inferir, porém, do posicionamento de Schmucler sobre os direitos humanos e os desaparecidos, que sua avaliação tenha sido livre de contingências. Tenha-se em conta o trágico fim de seu filho, Pablo. De qualquer maneira, mesmo que não seja razoável considerar essas avaliações como suma da posição de *Controversia*, pois houve variantes, como a perspectiva de Osvaldo

⁴²⁵ Idem.

⁴²⁶ Idem.

⁴²⁷ JENSEN, Silvina. *Los exiliados*. La lucha por los derechos humanos durante la ditadura. Buenos Aires: Sudamericana, 2010, p. 185.

Pedrozo, lembrada oportunamente por Giardinelli, e a abordagem de Luis Bruschtein Bonaparte, parece claro que a recusa dos editores de *Controversia* em publicar a réplica do escritor argentino, antigo colaborador dessa revista, pode ter relação com uma prática que talvez não tenha sido invulgar na história da formação intelectual de *Controversia*.

No frio e chuvoso dia 28 de fevereiro de 1980, em Washington,⁴²⁸ a apenas um ano da polêmica entre Schmucler e Giardinelli, Ángel Rama, com sua inerente preocupação política, registrava, no diário que manteve entre 1974 e 1983, desgostosas reflexões sobre os rumos de um ensaio que escrevera muitos anos antes. Quando foi elaborado, esse texto era ainda desdobramento de um episódio que tivera repercussões internacionais. Rama havia escrito em *Marcha* a pouco tempo do fechamento do semanário sobre esse episódio que veio a produzir divisão e abatimento nos setores de esquerda de todo o mundo, o “caso Padilla”. O foco de suas reflexões já não era, porém, o autor do incendiário “Fuera del juego”. A mirada analítica do crítico uruguaio voltava-se, nesse texto, sobre outro escritor cubano, Norberto Fuentes, citado por Heberto Padilla, com outros nomes, como intelectual contrarrevolucionário, no duvidoso ato de contrição que Padilla havia protagonizado, causando um severo dano à reputação internacional do regime cubano.

Rama percebeu no inconivente gesto que Fuentes manifestara, recusando-se a participar da patética retratação coletiva, o energético protesto pela manutenção da liberdade de criação dentro do regime cubano, cujo poder dava sinais de crescente intolerância e dogmatização. O ensaio foi recusado depois de ter sido enviado para a revista *Pasado y Presente*,⁴²⁹ dirigida, então, por Héctor Schmucler, pivô, mais uma vez, de um incidente que resultou na censura contra um intelectual identificado com o pensamento de esquerda.

Nas anotações que deixou em seu diário naquele dia enevoado de fevereiro, Rama repreendeu uma prática que reconheceu como constante na esquerda:

[...] escribí entonces un largo ensayo sobre Norberto Fuentes y su actitud en el caso Padilla, porque lo conocía y apreciaba, sabía de su posición auténtica y además tuvo cojones para pararse en aquella grotesca comedia y decir ‘no, yo no tengo que hacer ninguna autocrítica, soy revolucionario y tengo derecho a mis opiniones críticas’. Y envié ese artículo a una revista

⁴²⁸ Condições climáticas fornecidas pelo National Climatic Data Center (NCDC). [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.ncdc.noaa.gov/>> Acesso em: 17 de fevereiro de 2013.

⁴²⁹ PEYROU, Rosario. Prólogo. In: RAMA, Ángel. *Diario 1974-1983*. Montevideo: Trilce, 2001, p. 16. Apesar de que Schmucler foi Secretário de Redação da primeira fase de *Pasado y Presente*, a revista que dirigiu, na verdade, foi *Los Libros*. Peyrou indica *Pasado y Presente*, talvez, em virtude da percepção comum, então, entre alguns intelectuais, que, conforme Raul Burgos, consideravam *Los Libros* como empreendimento do grupo *Pasado y Presente*. Burgos sugere que a revista *Los Libros* deve ser tomada como parte da experiência editorial de *Pasado y Presente*. Cf. BURGOS, op. cit., p. 130.

argentina de la izquierda que dirigía Schmucler y me pedía colaboración, quien lo rechazó. Entonces lo encajoné [...] No tenía sentido decir esa verdad, que sólo valía para la izquierda pero que ésta no quería escuchar (casi nunca quiere escuchar y entablar el debate en el presente de los hechos. Sólo está dispuesta a admitir retrospectivamente, en el pasado, cuanto más lejano mejor, el error, el cual sin embargo sigue operando a través del tiempo y enturbia aún ese tiempo en que se reconoce la equivocación de antaño. Ese artículo sigue sin publicarse: no sé si llegará el tiempo en que pueda aparecer [...] Me temo que no, la autocrítica, en el universo comunista, es la tarea de los vencidos, es parte de la revancha y la humillación, no del mejor conocimiento.⁴³⁰

O ensaio rejeitado por *Pasado y Presente* e deixado na gaveta por cerca de una década foi finalmente publicado em 1983, mesmo ano do trágico accidente aéreo, nas cercanías de Madrid, que vitimou Ángel Rama e Marta Traba. O título... “Norberto Fuentes: el narrador en la tormenta revolucionaria”.⁴³¹

⁴³⁰ RAMA, Ángel. *Diario 1974-1983*. Montevideo: Trilce, 2001, pp. 130-131.

⁴³¹ RAMA, Ángel. Norberto Fuentes: el narrador en la tormenta revolucionaria. In: *Literatura y clase social*. México: Folios, 1983, pp. 231-261.

Capítulo 4

“El exilio, entre la nostalgia y la creación”*: Crise e renovação da esquerda latino-americana no exílio

“[...] bisogna fare una spietata autocritica della nostra debolezza, bisogna incominciare dal domandarsi perché abbiamo perduto, chi eravamo, cosa volevamo, dove volevamo arrivare. Ma bisogna prima fare anche un'altra cosa (si scopre sempre che l'inizio ha sempre un altro inizio): bisogna fissare i criteri, i principi, le basi ideologiche della nostra stessa critica.”⁴³²”

(A. Gramsci)

4.1 Da agonia da razão militante à busca de um novo projeto emancipador

O feroz sufocamento da resistência armada tanto nos centros urbanos como nos ermos do interior, as devassas, censuras, perseguições, a derrota e posterior diáspora, arrebataram aos reduzidos setores sociais organizados e radicalizados que se haviam mobilizado para combater a ditadura militar o exíguo espaço de iniciativa que mantinham,

* GALEANO, Eduardo. “El exilio, entre la nostalgia y la creación”. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año 1, n° 1, mayo/junio de 1979, pp. 83-86. Ainda que o título do artigo de Galeano, publicado no primeiro número da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, seja um ótimo mote para o argumento central que tento desenvolver neste capítulo, motivo pelo qual o cito, devo esclarecer que os primeiros textos que me incitaram a refletir sobre as ambiguidades da experiência do exílio e sobre suas relações com o periodismo político-cultural latino-americano no contexto da Guerra Fria foram os estudos de Denise Rollemberg (1999; 2007).

⁴³² “[...] é necessário fazermos uma autocrítica rigorosa de nossa fragilidade, é necessário começar perguntando-nos por que perdemos, quem éramos, o que queríamos, onde queríamos chegar. Mas, antes, é necessário também fazermos outra coisa (sempre se descobre que o início tem outro... início): é necessário fixarmos os critérios, os princípios, a base ideológica da nossa própria crítica.” (tradução minha) Fragmento de carta escrita por Gramsci, intitulada “Che fare?”, assinada com o pseudônimo Giovanni Masci e publicada no periódico juvenil *La Voce della Gioventù*, em Milão, no dia 1 de novembro de 1923. MARTINELLI, Renzo; MASCI, Giovanni. Il “Che fare?” di Gramsci nel 1923. *Studi Storici*, Roma, anno 13, n° 4, pp. 803-804, Oct./Dec., 1972.

ainda que na clandestinidade, dentro das esferas nacionais de atuação. O imperativo revolucionário fora o grande dínamo propulsor da vaga de contestação que, dos sucessos de Cuba à febril apoteose das barricadas de Maio de 1968, agitara a cultura política da esquerda latino-americana e mundial. O ímpeto revolucionário, o acionar guerrilheiro, fertilizado pelo húmus ideológico das metanarrativas modernas, fora a tônica dos discursos da esquerda na América Latina, mas, com o abatimento provocado pela escalada de violência das forças de repressão, entrou em declínio, mesmo que tenha perseverado na Nicarágua, com a Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN), e em El Salvador, com a Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional (FMLN), e a necessidade de construir uma cultura política à altura do espírito da época e das condições sociais existentes tornou-se imperiosa:

Junto con una manifiesta declinación de la cultura autoritaria – presente, no obstante, hasta en los microcontextos de la sociedad –, la transición volvió hegemónicas las problemáticas de una cultura política emergente, de naturaleza democratizante, y tornó residuales aquéllas que se nucleaban en torno a la cultura política revolucionaria, centrada en la ruptura violenta del orden democrático, hegemónica durante los años 60 y parte de los 70.⁴³³

Para as formações de esquerda nucleadas nas três revistas de que trato nesta tese, seguramente para umas mais, para outras menos, levando em conta as particularidades de cada formação, o assertivo influxo das contingências históricas e das correspondentes tendências político-culturais consolidava de modo clamoroso uma mudança na cultura política, como aparece no comentário de Ariana Reano sobre o modificado entendimento de José Aricó do conceito de política: “Se trataba de articular productivamente su tradicional cultura contestataria, centrada en las prácticas de resistencia, con una nueva cultura que contribuyera a la *construcción del orden democrático*.⁴³⁴” As razões pelas quais o pensamento de esquerda latino-americano – e mundial, deve-se assinalar – entraram em crise não se restringiram apenas ao desalento provocado pela *débacle* dos projetos revolucionários. Como mencionei no capítulo anterior, o relatório Krushev, a revelação do horror do *Gulag*, o avanço das forças do Pacto de Varsóvia sobre Budapeste para deter a sublevação húngara, a aniquilação do movimento reformista iniciado por Alexander Dubček na Tchecoslováquia, os desmandos e banimentos da revolução cultural chinesa, a marcha sangrenta do Khmer Vermelho de Pol Pot no Camboja, entre outros, foram eventos que abalaram a legitimidade do

⁴³³ PATIÑO, Roxana. Culturas en transición: reforma ideológica, democratización y periodismo cultural en la argentina de los ochenta. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://educocoea.org/portal/bdigital/contenido/rib/rib_1998-2/articulo12/index.aspx?culture=pt&navid=230> Acesso em: 5 de abril de 2011.

⁴³⁴ REANO, Ariana. Controversia y La Ciudad Futura: democracia y socialismo en debate. *Revista Mexicana de Sociología*, México, v. 74, nº 3, p. 494, jul./sept. 2012. (sem grifos no original)

chamado “socialismo realmente existente” e infligiram pesados danos, de modo geral, ao movimento socialista, cuja continuidade e reorganização exigiram de seus ativistas e defensores um esforço de autocrítica.

De acordo com Rollemberg, que se dedicou ao estudo da trajetória de exilados brasileiros durante os anos da ditadura militar até à concessão da anistia política em 1979, “a ‘autocrítica’, segundo o jargão da época, da luta armada motivou o surgimento de muitas revistas”.⁴³⁵ A autocrítica não ficou adstrita, porém, aos exilados brasileiros. Tampouco esgotou-se em si mesma. Tendo a luta armada marcado, de modo geral, os processos políticos latino-americanos, a autoanálise sobre o desfecho da ação guerrilheira definiu amplamente o contexto político-ideológico em que as três revistas que analiso circularam. Para significativos setores da esquerda, sobretudo para as frações que experimentaram o exílio, tornou-se mandatário, naquela conjuntura de transição, esconjurando os fantasmas da esquerda totalitária, como se pode notar nestas ponderações de José Aricó:

El debate actual parte de la trágica realidad de un proyecto que se ha realizado de forma tal que ha puesto en cuestión el significado mismo del socialismo. Si a fines del siglo pasado se estaba planteando el problema de la “transición al socialismo”, lo que hoy se está discutiendo es si se puede llamar socialismo a las sociedades surgidas de la aparente destrucción del capitalismo. Si hoy resulta imposible formular una idea deductiva del socialismo, para que oficie de guía intelectual y moral del movimiento, si el socialismo por el que combatimos debe validarse en el examen en las virtudes pero también en las lacras del socialismo “real”, es preciso abandonar retórica y moralismo para abordar serenamente los efectos de una crisis de la teoría y de la práctica del movimiento socialista.⁴³⁶

O fim do “delírio militante” aplastado brutalmente pela “loucura repressiva”, para usar hiperbólicas expressões de Benedetti,⁴³⁷ e o conseqüente aparecimento da necessidade de reformulação dos paradigmas que vinham conduzindo a linha de ação política dos setores subalternos radicalizados, bem como dos modelos que vinham delimitando o enfoque das análises teóricas formuladas pelo pensamento crítico de esquerda, surgem evidentes nos textos publicados nas três revistas que analiso e, à parte, sinalizam o dramático momento por que passava a *intelligentsia militans* da América Latina. Exilado no México, o grupo de intelectuais argentinos que fundou a revista *Controversia* expressa de maneira explícita e

⁴³⁵ ROLLEMBERG, Denise. *Exilios: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 205.

⁴³⁶ ARICÓ, José María. La crisis del marxismo. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 1, p. 13, octubre de 1979.

⁴³⁷ BENEDETTI, Mario. Geografías. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año IV, nº 19, p. 63, mayo/junio de 1982.

pungente, no editorial do primeiro número da publicação, essa necessidade de autocrítica e de revisão de princípios, de concepções sobre a política:

Muchos de nosotros pensamos, y lo decimos, que sufrimos una derrota, una derrota atroz. Derrota que no sólo es la consecuencia de la superioridad del enemigo sino de nuestra incapacidad de valorarlo, de la sobrevaloración de nuestras fuerzas, de nuestra manera de entender el país, de nuestra concepción de la política. Y es posible pensar que la recomposición de esas fuerzas por ahora derrotadas será tarea imposible si pretendemos seguir transitando el camino de siempre, si no alcanzamos a comprender que es necesario discutir incluso aquellos supuestos que creímos adquiridos de una vez para siempre para una teoría y práctica radicalmente transformadora de nuestra sociedad.⁴³⁸

A “derrota atroz” que a formação de *Controversia* relatou ter sofrido não aconteceu dentro de um vácuo histórico, e a opção pelo enfrentamento armado também não transcorreu em uma dimensão supra-histórica. Houve, na Argentina dos anos sessenta e setenta, um contexto com características muito próprias, sempre influenciadas pela forte repressão conduzida pelas Forças Armadas contra os opositores segmentos sociais organizados. Deve-se ter em consideração, portanto, que a história da guerrilha argentina não foi excepcional. Essa história inscreveu-se em um processo político-social de radicalização muito mais abrangente, sucedido em escala regional e internacional.

Na Argentina, em especial, a violência política levada a cabo por guerrilheiros motivados por um projeto emancipatório, com fundamentos na luta armada, pode ser melhor compreendida quando tidos em conta dois precedentes distintos, mas intimamente relacionados e igualmente importantes. Por um lado, deve-se considerar a volátil estrutura político-institucional, ou seja, as frequentes oscilações no poder da década de 1930 em diante, com golpes militares e governos espúrios, sem legitimidade uma vez que resultantes de eleições conduzidas em um contexto de perseguição levada a efeito pelo peronismo, tudo isso ao mesmo tempo em que apareciam mudanças na estrutura econômica e social, seguidas de transformações significativas na classe trabalhadora e nos setores estudantis. Deve-se levar em consideração, por outro lado, as influências do cenário internacional, mais ainda aquelas que tiveram relação com os países do que era considerado, no período da Guerra Fria, o Terceiro Mundo, como os processos de radicalização que estavam a acontecer no contexto de descolonização da África e a destruição violenta, no Chile, com o assassinato de Allende, em setembro de 1973, do socialismo pela via democrática. Outro bom exemplo são os movimentos de libertação nacional latino-americanos, cujo epicentro foi a Revolução Cubana.

⁴³⁸ EDITORIAL. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 1, p. 2, octubre de 1979.

Movimentos análogos também estavam a ocorrer no âmago do que era considerado o Primeiro Mundo, como as ações do grupo Baader-Meinhof na Alemanha ocidental.

Portanto, quando se pensa na derrota dos setores da esquerda argentina referidos no editorial de *Controversia*, há que se ter em conta que as organizações guerrilheiras argentinas surgiram e proliferaram quando totalmente esgotados os meios institucionais de participação democrática, anulados pela repressão social, política e cultural, e quando, também, em um momento de intensa comoção social, fazia-se sentir a influência de outros movimentos radicalizados no contexto internacional, seja nos países periféricos, seja nos países centrais.⁴³⁹ De todo modo, convém ressaltar que o *deficit* democrático terá sido uma razão menor entre os fatores que motivaram a formação e a ação dos movimentos guerrilheiros na Argentina, considerando a compreensão desacreditada que esses grupos tinham da democracia. As razões político-ideológicas do desdém de frações da esquerda peronista argentina pela perspectiva democrática foram identificadas, em parte, neste trecho da análise de Jorge Bernetti, publicada na segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, no número dedicado especialmente à situação argentina:

Al revisar el accionar de la izquierda peronista en ese momento resulta necesario consignar el carácter puramente instrumental que revistió la *etapa democrática* para su estrategia. En el peronismo, este proceso de menosprecio de la perspectiva democrática reconoce históricas razones políticas e ideológicas. El derrocamiento del primer gobierno peronista, en 1955, se hizo en nombre de la *democracia liberal* contra el *totalitarismo populista*. Era común a la derecha argentina entonces comparar a Perón con Stroessner, Trujillo o Somoza. Las proscripciones político-electoral del peronismo, vigentes en líneas generales hasta 1973, se hicieron utilizando la misma muletilla ideológica: la lucha contra el retorno de la tiranía.⁴⁴⁰

Controversia foi o resultado de uma série de reflexões que iniciaram dentro de círculos marxistas e socialistas e de facções do peronismo de esquerda, provindos da comunidade de exilados argentinos no México, cujas relações com a luta armada, em um passado bastante próximo, haviam sido estreitas. Seu próprio nome evidencia a última palavra sobre todo o seu projeto político-cultural, que consistiu na tentativa de publicar reflexões críticas sobre a derrota de projetos políticos com que seus integrantes estiveram comprometidos, bem como sobre o marxismo, sobre o populismo argentino, sobre o socialismo nos países do Pacto de Varsóvia etc. Ao longo dos três anos em que foi publicada,

⁴³⁹ BASUALDO, Victoria. Derivaciones posibles de la polémica iniciada por Oscar del Barco: reflexiones para una agenda de investigación. *Políticas de la Memoria*, Buenos Aires, CeDInCI, nº 6-7, p. 10, Verano 2006/2007.

⁴⁴⁰ BERNETTI, Jorge Luis. Izquierda: derrota y proceso democrático. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 2, p. 84, julio/agosto de 1979. (grifos no original)

expôs discussões acerca de temas centrais que continuam a afetar a sociedade argentina.⁴⁴¹ Em entrevista recente, realizada no âmbito da cerimônia de apresentação da edição fac-similar de *Controversia*, Sergio Bufano explicou desta forma a motivação do grupo de intelectuais cordobeses exilados que a fundou, em outubro de 1979:

La revista surgió en México a partir de la propuesta de Miguel Angel Picatto, un periodista cordobés y radical. Nos convocó a unas quince personas y, a partir de ahí, empezó un proceso de discusión sobre qué carácter debía tener la publicación. Picatto proponía un periódico que denunciara la dictadura. Pero algunos empezaron a pensar en profundizar qué estaba pasando con el peronismo y con la izquierda en Argentina, sobre todo en los grupos armados, y qué estaba pasando con el marxismo a nivel mundial. Nos parecía que ya había muchas publicaciones de denuncia sobre la dictadura.⁴⁴²

O índice do quarto número de *Controversia*, publicado em fevereiro de 1980, trouxe, entre outras, uma seção intitulada “Documentos”, na qual se apresentou uma pequena compilação de cinco textos escritos por Rodolfo Walsh entre agosto de 1976 e janeiro de 1977. Não fosse sua reprodução em *Controversia*, o conhecimento de seu conteúdo poderia ter ficado restrito à esfera estritamente organizacional para a qual foi originariamente concebido, posto que se tratavam de textos com teor programático, “orgânico”, elaborados com o objetivo de formar diagnósticos e estabelecer linhas condutoras para o acionar de seu destinatário preciso, qual seja, a organização guerrilheira Montoneros.

Apesar do nítido interesse que esses textos de Walsh possam ter tido para o público leitor do periódico publicado por exilados argentinos no México, aquilo que mais vale indagar sobre eles não são suas considerações internas, tomadas isoladamente. As motivações para o deslocamento de seu espaço original de enunciação é o que vale perquirir. Importa saber em que condições o pensamento de Walsh é exposto, ou melhor, qual o contexto de sua nova enunciação em *Controversia*? À que se poderia adjudicar a sua presença na publicação dirigida por Jorge Tula?

Para além de seus sentidos mais evidentes, desbordando aquilo que eles revelam por si mesmos, há interesse em conhecer como eles eventualmente foram apresentados pelos colaboradores de *Controversia* no espaço reservado para a sua apreciação. Que importâncias lhes são atribuídas?

⁴⁴¹ ROJKIND, Inés. La revista *Controversia*: reflexión y polémica entre los argentinos exiliados en México. In: YANKELEVICH, Pablo (org.). *Represión y destierro*. Itinerarios del exilio argentino. Colección Diagonios. La Plata: Ediciones al Margen, 2004, pp. 223-251. passim.

⁴⁴² BUFANO, Sergio. Reeditan la colección completa de la revista *Controversia*. *Página/12*, Buenos Aires, 16 de septiembre de 2009. Entrevista concedida a Javier Lorca.

Una de las importancias de estos textos, es que exponen las gruesas equivocaciones cometidas por una política y, desde esa mirada, de muchas maneras vislumbran su disolución. Otra de sus trascendencias – como documentación para una historia – reside en que esa visión de Walsh no es la que prevaleció en la vida interna del montonerismo. Pero, como otros testimonios que registran discusiones de este tipo, esta suerte de “dobles derrotas” que sufre un pensamiento, atesora luego los elementos más valiosos para comprender el por qué de un proyecto político vencido.⁴⁴³

De maneira semelhante, essa crítica às linhas de ação paramilitar, cujo apelo fora inebriante nas décadas anteriores, evidenciou-se também nos *Cuadernos de Marcha*, como se pode perceber neste comentário feito pelo poeta Juan Gelman em entrevista a Marco Antonio Campos, quando a publicação voltou a ser publicada em Montevideo: “Tuve un período como de tres o cuatro años sin escribir. Sólo conseguí hacerlo cuando rompí con Montoneros en 1978. En ese momento estaban llevando una política suicida.” E, ao ser perguntado como foi sua ruptura com os Montoneros, o poeta respondeu assim: “Fue la culminación de un proceso. Montoneros plantea la política de la contraofensiva militar cuando el movimiento popular está derrotado; me negué a seguir adelante.⁴⁴⁴” Com um filho assassinado e desaparecido, Gelman bem sabia que não havia um equilíbrio de forças, de todo. Havia, sim, um conflito militar extremamente assimétrico, uma “guerra suja”, que não se parecia em nada com uma guerra convencional, como os militares queriam fazer crer, e o engajamento nesse conflito, no lado ostensivamente mais fraco, só poderia derivar na autosabotagem. Héctor Schmucler, em *Controversia*, também não poupou a ala mais radical da esquerda peronista:

La anécdota montonera tiene validez en la medida que refleja una forma de pensar la política por parte de las fuerzas que se llaman revolucionarias. ¿A partir de qué principios se piensa lo político? ¿A qué realidad remite? Aun en nombre del materialismo la izquierda, con frecuencia, genera su práctica desde esquemas estrictamente imaginarios. No es la realidad, si no construcciones ideales lo que preside su política.⁴⁴⁵

⁴⁴³ CASULLO, Nicolás. Walsh y su pensamiento político en 1976. *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, n° 4, p. 19, febrero de 1980.

⁴⁴⁴ GELMAN, Juan. La pérdida del sueño y la utopía. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, tercera época, año IX, n° 91, pp. 55-58, enero de 1994. Entrevista concedida a Marco Antonio Campos.

⁴⁴⁵ SCHMUCLER, Héctor. Testimonio de los sobrevivientes. *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, año II, n° 9-10, p. 4, diciembre de 1980.

4.2 O *desideratum* do momento: Consenso

Assumida a derrota pela crítica às linhas de ação política escolhidas, restava definir quais seriam os novos rumos a traçar e seguir. No interior de expressivos segmentos do meio intelectual latino-americano ideologicamente ligado à esquerda, percebeu-se que, enquanto os projetos sociopolíticos dos movimentos contestatários não estribassem sobre o conjunto de práticas e de crenças que povoavam o imaginário de estratos mais abrangentes e heterogêneos da rudimentar, mas com protagonismo crescente, sociedade civil, enquanto não tivessem base social, permaneceriam escassas as possibilidades de êxito e reduzidas as capacidades de catalisar transformações. À esquerda latino-americana daquela época cumpria, pois, a tarefa de mobilizar novas ideias, ou seja, fazia-se necessário constituir abordagens “capazes de despertar la adhesión de amplios sectores sociales”.⁴⁴⁶ Sob a incidência cada vez mais forte do pensamento de Gramsci, conquistou espaço progressivo no debate, em detrimento da ideia de “revolução”, o conceito de “hegemonia”, que, no marco da democracia política, deveria ser plasmada mediante a adesão da maioria da população: “Se trata [...] de repensar un proyecto de transformación social con el cual se puedan identificar las amplias mayorías.”⁴⁴⁷ O partido político, “o príncipe moderno”, teria uma responsabilidade significativa na elaboração desse projeto:

Hace ya tiempo que me preocupa la vinculación entre el partido y las masas. No sólo el vínculo con sus militantes, sino, y quizás en mayor medida, la relación entre el partido, los grupos dominados y las capas intermedias de la sociedad. El problema, es claro, consiste en la construcción de la *hegemonía*.⁴⁴⁸

Ainda que a observação que segue esteja relacionada com o contexto político-cultural argentino do período da redemocratização, seu conteúdo e significado também são válidos para explicar o estado de espírito em que se encontravam tanto os intelectuais ligados ao grupo dos *Cuadernos de Marcha*, quanto aqueles vinculados ao grupo da revista *Encontros*

⁴⁴⁶ BÉJAR, Héctor. La izquierda latinoamericana ayer y hoy. *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina México, año II, nº 6, p. 21, mayo de 1980.

⁴⁴⁷ LECHNER, op. cit., pp. 42-43.

⁴⁴⁸ MINELLO, Nelson. El partido y su relación con las masas. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año II, nº 13, p. 25, mayo/junio de 1981. (sem grifo no original)

com a Civilização Brasileira: “Hay que construir el consenso; éste parece ser el *desideratum* del momento, aun para el campo intelectual.⁴⁴⁹”

Embora a ideia de “revolução”⁴⁵⁰ tenha sido ao longo de muitos anos o epítome da utopia de esquerda latino-americana, farol e “mito” incendiário das paixões que desencadeou, potência animadora do voluntarismo visionário daqueles que a abraçaram incondicionalmente, seu irresistível poder histórico de arrebatamento havia arrefecido; seu *páthos*, esmorecido. Foi perdido, assim, o sentido mítico (e místico) da missão da esquerda latino-americana. Tendo deixado de se considerar como uma vanguarda da virtude cívica, a esquerda perdeu, mais do que aquele sentido mítico que a guiara, a convicção de que detinha uma verdade. No lugar dessa convicção surgiu a dúvida, o “*che fare?*” gramsciano.

Estava gerado, portanto, o antecedente necessário para um entendimento variado sobre os diferentes agentes de intervenção política: “La vía del cambio social no es unilateral, ni puede estar concentrada en un solo modelo, ni será abierta por una sola clase.⁴⁵¹” Essa constatação pode ser inscrita naquilo que Jean Franco designou como o “declínio da cidade letrada latino-americana”, isto é, a perda relativa da influência que a opinião dos intelectuais, particularmente dos escritores na análise de Franco, teve na esfera pública antes do naufrágio do sistema político e do surgimento agressivo de fortes concorrentes: “And with the passing of time, the growing influence of the media, and the foundering of the political system, the importance once attached to the opinions of the writers has diminished.⁴⁵²” Depois dessa incisiva erosão, os intelectuais não mais se confundiriam com a esbelta Marianne de Delacroix, guiando o povo, na vanguarda, em direção ao “mundo bom”. O abandono dessa posição social, contudo, não se daria de maneira uniforme. Ao contrário, aconteceria de forma dúctil. A apoteose depois da vitória da Frente Sandinista, em 1979, por exemplo, deu alguma

⁴⁴⁹ PATIÑO, Roxana. Culturas en transición: reforma ideológica, democratización y periodismo cultural en la argentina de los ochenta. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://educocoea.org/portal/bdigital/contenido/rib/rib_1998-2/articulo12/index.aspx?culture=pt&navid=230> Acesso em: 5 de abril de 2011. (sem grifo no original)

⁴⁵⁰ Jorge H. Wolff, ao analisar a crítica cultural latino-americana dos anos setenta, seus encontros e desencontros, situa, como pares antitéticos, dois conceitos em pugna à época: revolução e pluralismo: “O primeiro, como se sabe, representa a principal idéia-força das certezas políticas características do período, tanto de direita – já que os militares aplicaram-na de fato, ainda que retoricamente, conforme seu modo de entendê-la – quanto de esquerda – a qual lhe devotava um fervor mais do que religioso e se supunha detentora indiscutível de sua propriedade. Já o segundo, igualmente problemático, significaria a dissolução de qualquer teleologia.” WOLFF, Jorge H. . Sou marginal! Sou herói! O periodismo cultural no entrelugar do intelectual latino-americano. *Revista Iberoamericana*, vol. LXX, nº 208-209, p. 935, julho/diciembre de 2004.

⁴⁵¹ BÉJAR, Héctor, op. cit., p. 20.

⁴⁵² “E com o passar do tempo, com a crescente influência dos *media*, e com o naufrágio do sistema político, a importância atribuída em outros tempos à opinião dos escritores sofreu um forte abrandamento.” (tradução minha) FRANCO, Jean. *The decline and fall of the lettered city: Latin America in the Cold War*. Cambridge/London: Harvard University Press, 2002, p. 101.

sobrevida ao estatuto do intelectual engajado, oferecendo condições de enunciação adequadas para Cortázar seguir pensando em compromisso, em missão do intelectual, do escritor, como se nota no pronunciamento que fez na Nicarágua: “Cada vez que nosotros, los escritores, mostremos caminos mentales y estéticos inéditos, habremos contribuido simultáneamente a destruir los viejos ídolos y a abrir nuevos caminos en *la marcha hacia la luz*.”⁴⁵³

4.3 Na crista de uma nova construção social do tempo: Do “esgotamento das energias utópicas” ao florescimento do apego às “possibilidades”

Tornava-se imprescindível, por meio da revisão crítica de esquemas teóricos falhados e à luz das condições sociais e políticas existentes, a emergência de uma ideia-força capaz de nuclear as diversas camadas da sociedade e impulsionar mudanças. Nas páginas de *Controversia* lê-se que o contexto experimentado naquela altura configurava:

[...] un mundo esencialmente *nuevo* y exige también un *nuevo* sistema de conceptualizaciones, *nuevas* estrategias políticas, *nuevos* programas de acción y un lenguaje *renovado*, sin los cuales, las izquierdas latino-americanas no podrán ubicarse en una posición social y política que les abra perspectivas hacia el poder.⁴⁵⁴

Afinal de contas, o que mudara nesse mundo a ponto de gerar tanta urgência em fazer surgir a devotada novidade? Ora, como observado no segundo capítulo, quando se discutiram possíveis motivações para a tépida recepção de *Encontros com a Civilização Brasileira*, o fim da década de 1970 encerra, não só no contexto brasileiro, drásticas transformações. Como apontado, os contínuos choques do petróleo relacionados com a instabilidade política no Oriente Médio causaram enorme impacto na economia internacional. Além do mais, o fim do padrão dólar-ouro, anunciado em 1971 pelo presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, deu um desfecho para a ordem monetária internacional construída, em 1944, em Bretton Woods, e fez aparecer um inédito padrão monetário, baseado em câmbio oscilante, com o dólar infalivelmente na dianteira. Não fosse o Plano Marshall, talvez a alternativa socialista dos países do Leste pudesse ter sido mais apelativa para a

⁴⁵³ CORTÁZAR, Julio. El compromiso del escritor. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año IV, nº 24, p. 51, noviembre de 1983. (sem grifos no original)

⁴⁵⁴ BÉJAR, Héctor, loc. cit. (sem grifos no original)

“reconstrução da Europa Ocidental à imagem norte-americana”.⁴⁵⁵ A gigantesca injeção de recursos estadunidenses criou condições privilegiadas para um crescimento acelerado dos países arrasados na Segunda Guerra Mundial. Os “trinta anos gloriosos”, expressão que Jean Fourastié (1907-1990) escolheu para designar o momento de esplendor sem precedentes que a economia francesa experimentou entre o fim da Segunda Guerra e a primeira crise do petróleo (1945-1973), foi um período em que se testemunhou um fortalecimento prodigioso das economias devastadas pelos anos de conflito. Às tantas, esse rápido desenvolvimento acabou deteriorando os termos de troca para os Estados Unidos, que, reagindo, implodiram a ordem monetária que pavimentou a lógica econômica da “Era de Ouro” do capitalismo.

O ano de 1973 não foi somente definido pelo choque da primeira crise do petróleo. Em setembro, um golpe militar no Chile derrubava o governo democrático de Salvador Allende. Dois meses antes, surgia a Comissão Trilateral, lançada por David Rockefeller, organização privada e opaca que promoveu a concertação de dirigentes de multinacionais, governantes de países ricos (Estados Unidos, Europa ocidental e Japão) e partidários do liberalismo econômico; cenáculo da elite política e econômica internacional, hostil aos “excessos da democracia”, como a contestação do papel da Agência Central de Inteligência (CIA, na sigla em inglês) no golpe de Estado do Chile e a reivindicação de novos direitos sociais. A Trilateral foi o ponto de partida, segundo Olivier Boiral, da guerra ideológica moderna.⁴⁵⁶ A grande finança, baseada na desregulamentação, na acumulação flexível e na privatização, irrompe com força total e põe abaixo o sistema de Bretton Woods.

Ocorria, concomitantemente, do terceiro quartel do século XX em diante, pelo menos no Ocidente, como também indicado no segundo capítulo, uma intensa transformação no cronótopo, isto é, na “construção social do tempo”, com agudas implicações políticas e socioculturais, haja vista o declínio da velha temporalidade linear, homogênea e vazia do historicismo, com sua inabalável fundamentação na marcha inexorável do espírito universal em direção ao progresso. A mudança de cronótopo ocorreu quando foi se extenuando a esmagadora e irresistível confiança em veneráveis leis da “modernidade sólida”, as “leis naturais”, as “leis da ciência” e as “leis da história”, e, no mesmo movimento, quando foi se tonificando, no mundo impalpável da “modernidade líquida” reconhecida por Bauman,⁴⁵⁷ a fé

⁴⁵⁵ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 306.

⁴⁵⁶ BOIRAL, Olivier. Pouvoirs opaques de la Trilatérale. *Le Monde Diplomatique*, Paris, année 50, n° 596, p. 14, novembre 2003.

⁴⁵⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

nas “leis do mercado”. Atesta bem o teor dogmático do novo credo o draconiano lema que o inspirou, repetido à exaustão por Margaret Thatcher: “Não Há alternativa”.

Esta tenaz insistência em afirmar a necessidade de criação do “novo” poderá ter sido reflexo, mesmo, do surgimento de um mundo em ebulição, intrinsecamente inaudito, sem ter sido tão-só um simples sobejo de um tempo “em que ‘ser’ significa um novo começo permanente”,⁴⁵⁸ um tempo que assistiu ao deleite quase generalizado com o contínuo sacrifício do “velho” no altar do progresso. A derrocada da racionalidade moderna viu ruir promessas de um vir-a-ser grandioso. Nesse mundo pós-secular, palco de uma fragmentação da historicidade, em que Habermas reconheceu o “esgotamento das energias utópicas”,⁴⁵⁹ seria ainda possível pensar no “homem novo”? Na América Latina, o começo dos anos oitenta, momento em que, desde *Controversia*, Héctor Béjar notava com alguma reticência os impasses da esquerda, acomoda, como rescaldo da crise desencadeada pela cada vez mais perceptível dissolução da razão histórica, a aceitação, particular, de experimentos teóricos inusitados:

De un modo cruel y muchas veces traumático acontece una “crisis de paradigma”, con efecto benéfico empero: la ampliación del horizonte cultural y la confrontación con obras antes desdeñadas o ignoradas. Es significativo que una editorial socialista traduzca los escritos políticos de Weber y Carl Schmitt.⁴⁶⁰

A decantada “crise de paradigma” terá relação, de acordo com a hipótese de Hans Ulrich Gumbrecht, com a eclosão, no imediato pós-Segunda Guerra Mundial, de um “clima [*Stimmung*] de latência”,⁴⁶¹ ou seja, a sensação, ainda atuante, de que algo intangível está presente. Para ilustrar a transformação na “construção social do tempo” que tem sido gestada ao longo de décadas de incidência desse “clima de latência”, Gumbrecht reporta-se ao relato sugestivo de Jackson Pollock, publicado na revista de número único, nomeada *Possibilities*. Depois de errática, mas obstinada busca artística, Pollock, em meados dos anos quarenta, encontra seu gesto criativo, sua forma, que logo seriam consagrados:

⁴⁵⁸ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 20.

⁴⁵⁹ HABERMAS, Jürgen. A nova intransparência. A crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. *Novos Estudos*, nº 18, pp. 103-114, setembro de 1987.

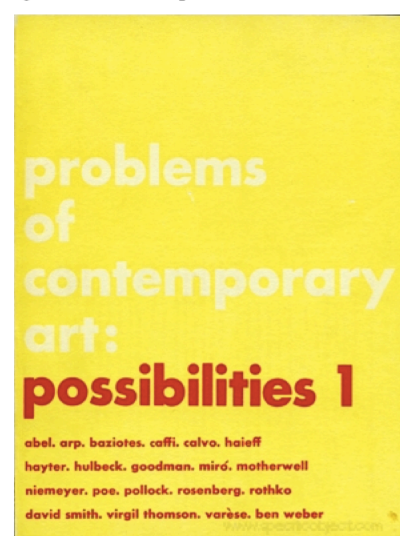
⁴⁶⁰ LECHNER, Norbert. De la revolución a la democracia. In: *Los patios interiores de la democracia*. Subjetividad y política. Santiago de Chile: FLACSO, 1988, p. 30. A editora socialista citada por Lechner é a Folios que, em 1984, publicou, no México e em Buenos Aires, *El concepto de lo político*, de Carl Schmitt, texto que fez parte da coleção “El tiempo de la política”. Não é à toa que a direção dessa coleção ficou sob responsabilidade de José Aricó. Outro teórico publicado pela editora Folios foi Max Weber, cujos *Escritos Políticos* também integraram aquela coleção dirigida por Aricó.

⁴⁶¹ GUMBRECHT, Hans Ulrich. Uma rápida emergência do “clima de latência”. *Topoi*, v. 11, nº 21, pp. 303-317, julho/dezembro de 2010. passim.

My painting does not come from the easel. I hardly ever stretch my canvas before painting. I prefer to tack the unstretched canvas to the hard wall or the floor. I need the resistance of a hard surface. On the floor I am more at ease. I feel nearer, more a part of the painting, since this way I can walk around it, work from the four sides, and literally be *in the painting* [...]. When I am in my painting I'm not aware of what I'm doing. It is only after a sort of "get acquainted" period that I see what I have been about. I have no fears about making changes, destroying the image, etc., because the painting has a life of its own. I try to let it come through. It is only when I lose contact with the painting that the result is a mess. Otherwise there is pure harmony, an easy give and take, and the painting comes out well.⁴⁶²

Gumbrecht reconhece nesse gesto de Pollock algo que extravasa a perceptível situação espacial do artista no "interior" da pintura. O abandono do cavalete e a vertiginosa precipitação na "vida própria" da pintura implica uma transformação da experiência do tempo, porque estar "na pintura" requer a renúncia de um presente que é pura sequência de momentos de transição (o presente do velho cronótopo) e o enveredar por domínios de um presente expandido, em que o processo criativo e o estar-no-mundo são capturados pelas

Figura XVIII – Capa da revista *Possibilities*



Fonte: MSU Fine Arts Library.

⁴⁶² “Minha pintura não vem do cavalete. Eu raramente estico a tela no chassi antes de pintar. Prefiro fixá-la diretamente na parede ou no chão. Preciso da resistência de uma superfície dura. Com a tela no chão, sinto-me mais solto. Sinto-me mais perto da pintura, tenho a impressão de fazer parte dela, porque posso movimentar-me à sua volta, trabalhar nos quatro lados da tela, estar literalmente *dentro da pintura* [...]. Quando estou em minha pintura, eu não faço ideia do que estou fazendo. Só depois de uma espécie de ‘período de adaptação’ é que vejo o que estive fazendo. Não tenho medo de fazer mudanças, destruindo a imagem etc, porque a pintura tem uma vida própria. Procuro deixar que esse mistério se revele. Só quando perco o contato com a pintura é que o resultado é confuso. Caso contrário, há harmonia pura, um dar e receber livre, e a pintura sai bem.” (tradução minha, grifos no original) POLLOCK, 1947/48 apud GUMBRECHT, Hans Ulrich. *After 1945: Latency as Origin of the Present*. Stanford: Stanford University Press, 2013, p. 207. Em setembro de 1947, surgiu, em Nova Iorque, *Possibilities 1: An Occasional Review*, tendo como editores Pierre Chareau (1883-1950), arquiteto; Harold Rosenberg (1906-1978), escritor e crítico marxista; Robert Motherwell (1915-1991), pintor; e John Cage (1912-1992), músico e compositor. Se o fascismo estetizara a política, o desenvolvimento da Guerra Fria, que marca o contexto em que aparece *Possibilities*, levaria ao extremo a “politização da estética”. O programa da revista pretendeu recusar a interferência dos ditames culturais da Guerra Fria na criação artística, tendo como fundamento a convicção de que a arte seria produto de uma não-planejada e imponderável indagação, premissa provavelmente indigesta para os dois blocos de poder contendores. Buscava-se constituir um tipo de terceira força subversiva em relação aos polos opostos. Motherwell e Rosenberg, na declaração de abertura, apresentam o programa da revista: “This is a magazine of artists and writers who ‘practice’ in their work their own experience without seeking to transcend it in academic, group or political formulas. The question of what will emerge is left open. One functions in an attitude of expectancy. [...] Political commitment in our times means logically – no art, no literature.” “Esta é uma revista de artistas e escritores que ‘praticam’ em seu trabalho a sua própria experiência, sem tencionar transcendê-la pelo recurso a fórmulas acadêmicas, gregárias ou políticas. A questão sobre o que deverá emergir é deixada em aberto. Opta-se por uma atitude de expectativa. [...] O compromisso político nos nossos tempos implica, logicamente, a negação da arte e da literatura.” (tradução minha) HARRISON, Charles; WOOD, Paul (eds.). *Art in Theory 1900-1990*. An Anthology of Changing Ideas. Oxford UK and Cambridge USA: Blackwell Publishers Ltd, 1999, p. 649.

incertezas e estímulos do vir-a-ser, que já não é mais a garantia inelutável de um glorioso desfecho, o que não quer dizer que tenha perdido a faculdade de guardar em si “possibilidades”, e Aricó, desde o marxismo antidogmático, estava, de algum modo, talvez pelo empenho com que sempre buscou instaurar o princípio da crítica em sua análise, perfeitamente a par dessa transformação.

Na América Latina do começo dos anos oitenta, ao menos nas frações do pensamento da esquerda intelectual, incursões teórico-políticas supostamente estrambóticas, apesar do ocasional espanto que possam ter gerado quando foram levadas a cabo, deixam de causar surpresa quando se tem em conta algumas das características desse “mundo novo” identificado por Héctor Béjar. Manifestado por Aricó, o interesse aparentemente extravagante pelo pensamento antiburguês e antiliberal de Carl Schmitt poderá ter representado a provocadora disposição de pensar a “crise do marxismo” enquanto produto de uma ruptura bem mais abrangente, mas não ilimitada. No vórtice da crise das formulações filosóficas e históricas de parte considerável da teoria social do século XIX, houve, todavia, um sistema de ideias que permaneceu incólume: a grande narrativa do liberalismo.⁴⁶³ Tratava-se, possivelmente, de encontrar, no exato momento em que o discurso liberal-conservador flexionava seus músculos outra vez, modos de pensar, em resposta ao gradativo debilitamento, a renovação do marxismo:

De modo que Schmitt resulta fundamentalmente un pensador “para la crisis”. Crisis de la racionalidad moderna que es también, en los tempranos ochenta, “crisis del marxismo” en su modo de encadenarse con la tradición iluminista. La provocación (él mismo utiliza ese término) que introduce Aricó con la edición de Schmitt consiste en colocar la radicalidad de su crítica a la modernidad al servicio de la renovación del marxismo [...].⁴⁶⁴

Ainda que mais de dez anos separem o reconhecimento que Héctor Béjar fez do mundo que começava a se mostrar no começo dos anos oitenta da crítica que Aricó fez à utopia no princípio dos anos noventa, talvez não seja impertinente sugerir que alguns dos fundamentos dessa crítica podem estar naquele momento determinado pela crise, mas não inteiramente desprovido de “possibilidades”. Quem sabe não terá sido nesse contexto de “esgotamento das energias utópicas” que um nova energia, tomando de empréstimo a

⁴⁶³ KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna*. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 171.

⁴⁶⁴ CORTÉS, Martín. Entre Benjamin y Schmitt: el rompecabezas de José Aricó para pensar América Latina. *Nómadas*. Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas, Universidad Complutense de Madrid, nº especial: América Latina, p. 12, 2011.

expressão de Habermas, começou a se constituir? Uma energia gerada pelo apego ao possível, como lembrou Aricó:

La utopía es el recurso de los débiles. Cuando no se sabe cómo salir del paso, se recurre a la utopía. [...] El exceso de discurso utópico liquida la posibilidad de amar lo posible; y sin una suerte de *adhésión a lo posible*, de búsqueda de lo posible, no podemos hacer de la política una dimensión humana.⁴⁶⁵

Robustecia-se na América Latina, e no Ocidente, a “virada liberal da esquerda”.⁴⁶⁶ Esse movimento não traduzirá capitulação na batalha das ideias, embora seja plausível pensar que terá sido muito incitado pelo reconhecimento da derrota, como discutido no capítulo anterior. Na passagem dos anos setenta para os oitenta, quando a grande narrativa do liberalismo resistia intacta à crise de paradigmas, inclusive fortalecendo-se, e o marxismo era cada vez mais corroído pela intempérie produzida por essa crise, fazia-se praticamente irrecusável a necessidade de buscar acomodações, o que nem sempre exigiu grandes peripécias teórico-ideológicas. Os sistemas de ideias, ainda que tentem se construir como puros, não são imiscíveis. Será em vão que o liberalismo ambicionará, na escalada da globalização ideológica, o estatuto de pensamento único, porque nenhuma pretensa coerência absoluta consegue existir à mercê da história, grande desmancha-razões, cujos agentes de destruição, no sentido sugerido por Benjamin, estão sempre à espreita: “O caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas, por isso mesmo, vê caminhos por toda a parte. Mesmo onde os demais esbarram em muros ou montanhas, ele vê um caminho.”⁴⁶⁷ Encarnando esse “caráter destrutivo”, setores do marxismo latino-americano, no desbarato da crise e à vista do revigoramento do liberalismo, irão atuar para, nas palavras de Benjamin, “criar espaço” e “abrir caminho”, às vezes, de modo incomum, mas sempre como resultado de uma posição nada ortodoxa, para escândalo de alguns e regozijo de outros. Quando a política, não apenas via Carl Schmitt, mas, também, pela leitura de Max Weber, começa a destronar, no marxismo dos gramscianos argentinos, o primado de décadas das dimensões econômica e social, a cobiçada pureza do liberalismo padecerá muito, e debalde, para se manter inexpugnável.

No texto fundador da “nueva izquierda” argentina, o editorial do primeiro número de *Pasado y Presente*, publicado em 1963, que pode ser considerado, igualmente, como um tipo

⁴⁶⁵ ARICÓ, José María; OVIEDO, José. La utopía es el recurso de los débiles. *Leviatán*: Revista de hechos e ideas, Madrid, segunda época, nº 46, p. 121, invierno 1991. (sem grifos no original)

⁴⁶⁶ RIMBERT, Pierre. A história não se repete. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, Instituto Pólis, ano 5, nº 57, pp. 10-11, abril de 2012.

⁴⁶⁷ BENJAMIN, Walter. O caráter destrutivo. In: *Documentos de cultura, documentos de barbárie*: escritos escolhidos. Seleção e apresentação Willi Bolle; tradução Celeste H. M. Ribeiro de Sousa (et al.). São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986, p. 188.

de documento instituidor da “geração intelectual”⁴⁶⁸ participante da formação de *Pasado y Presente*, a mesma, aliás, de *Controversia*, Aricó, citando um comentário do filósofo italiano Antonio Banfi (1886-1957) sobre o marxismo, permite que se reconheça, pela remissão, uma das atitudes norteadoras dessa geração: “[...] El marxismo triunfa usando las armas del mismo adversario y enriqueciéndose de sus tesoros, no como botín de saqueo, sino como premio de una reconocida victoria.⁴⁶⁹” A construção de uma nova “visão do mundo” que fosse capaz de fazer do marxismo uma filosofia de massas, eliminando a fenda histórica, criada pela sociedade de classes, entre as elites intelectuais “criadoras” da cultura e o conjunto das massas convertidas em simples “consumidoras”, requeria, não só naquele gesto fundador, mas permanentemente, segundo Aricó:

[...] saber penetrar en el **interior** de los puntos de vista del adversario ideológico, desmontar paso a paso las construcciones ficticias, mostrar sus contradicciones internas, sus presupuestos metafísicos, sus métodos abstractos, sus deducciones incorrectas. Pero al mismo tiempo extraer todo lo que de verdad, de conocimiento ellos expresen. Es así que el marxismo deviene fuerza hegemónica, se convierte en la cultura, **la filosofía** del mundo moderno en el centro dialéctico del movimiento actual de las ideas y universalizándose.⁴⁷⁰

Mesmo que o princípio da propriedade seja elementar na tradição liberal, seus zelosos defensores não terão como reclamar a posse exclusiva de todas as proposições formadoras dessa tradição. Assim, será tomando de assalto princípios reivindicados como particulares que parcelas da esquerda intelectual latino-americana, de variadas maneiras e com diferentes intensidades, promoverá uma substancial mudança de perspectiva, assimilando conceitos como constitucionalismo, legalidade, limites do poder estatal, ordenamento jurídico, Estado de Direito etc. Na transição de regimes ditatoriais para regimes que deveriam ser edificados sobre a ordem democrática, esses conceitos apresentavam-se como indispensáveis.

Meses antes do aparecimento da revista *Controversia*, Portantiero, um de seus fundadores, publicou, como colaborador, um artigo no número 2 dos *Cuadernos de Marcha*, intitulado “De la crisis del país popular a la reorganización del país burguês”. Um dos seus excertos, ao passo que menciona o fracasso da “revolução”, anuncia o aparecimento de uma ideia capaz de produzir o desejado consenso:

⁴⁶⁸ SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l’histoire des intellectuels. In: *Vingtième Siècle*. Revue d’histoire, n° 9, pp. 105-107, janvier/mars 1986. passim.

⁴⁶⁹ BANFI apud ARICÓ, 1963, p. 17.

⁴⁷⁰ ARICÓ, op. cit., p. 17. (grifos no original)

Frente a una realidad trágica que dejó atrás el optimismo de 1970, que no coloca en la agenda de las próximas horas la “actualidad de la revolución”, el pensamiento tiende a hacerse más prudente: temas que para las izquierdas fueron casi siempre motivo de manipulación, aparecen ahora cargados de sentido sustancial. Por ejemplo, el de la democracia.⁴⁷¹

A revolução enquanto elogio da razão militante perde o efeito entorpecente que tivera outrora: “Acaba o caráter messiânico e finalista da empreitada militante radical de esquerda [...]”.⁴⁷² Tomba o imaginário político instigador do “espírito da revolução”, que, segundo a hipótese de Daniel D. Jacques, terá sido a última manifestação da ancestral “ética heroica” identificada por Charles Taylor.⁴⁷³ Cresce, como visto no capítulo anterior, apesar de polêmica, nos lugares que abrigavam o discurso de esquerda, entre eles as revistas culturais, como novo instrumento de consenso, a noção de democracia, cujo poder simbólico parecia representar a possibilidade de reorganização e de reafirmação do discurso dos movimentos sociais subalternos e insurgentes. Seria essa noção o eixo em torno do qual o pensamento crítico latino-americano tentaria construir capital político. Todas as três revistas que analiso foram parte da grande rede de publicações político-culturais que circularam na América Latina naquele contexto de transição. *Punto de Vista* e *Novos Estudos do CEBRAP* foram revistas publicadas no mesmo momento transicional, e o comentário que enunciou Ana Cecilia Olmos sobre essas revistas pode ser estendido às três publicações que são analisadas nesta tese. *Punto de Vista* e *Novos Estudos* promoveram:

[...] una revisión crítica del ideario de izquierda que *desmontó la perspectiva revolucionaria* que guiara el pensamiento y la praxis política en décadas anteriores, tomó distancia con relación al curso histórico seguido por los socialismos reales de Europa oriental y, fundamentalmente, desarrolló una reflexión que buscaba articular el ideario socialista con los principios democráticos que había activado la coyuntura transicional.⁴⁷⁴

No arco cronológico em que se inscreve esta tese, de 1978 a 1984, o Brasil passou por transformações socioculturais e políticas que confluíram para a formação do que viria a ser designado, no primeiro governo pós-ditadura, como Nova República, termo autoinstituído que diz respeito ao mandato presidencial de Tancredo/Sarney. Parte das esquerdas brasileiras, aquela que havia optado por orientações mais radicais, desgastada pelo assimétrico confronto com o poder militar, na crisálida de sua recomposição, procurava rearticular-se e fortalecer-se

⁴⁷¹ PORTANTIERO, Juan Carlos. De la crisis del país popular a la reorganización del país burgués. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 2, p. 11, julio/agosto de 1979.

⁴⁷² WOLFF, Jorge, op. cit., p. 936.

⁴⁷³ TAYLOR, 1998 apud JACQUES, 1999.

⁴⁷⁴ OLMOS, A. C. A. . Práctica intelectual y discurso crítico en la transición. *Punto de Vista y Novos Estudos del CEBRAP. Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. LXX, nº 208-209, p. 942, julio/diciembre de 2004. (sem grifos no original)

no nascente tabuleiro político que começava a ganhar contornos no contexto do declínio do regime militar e da consequente abertura democrática.

O PT, fundado nesse contexto, exprime o esforço que essa parcela das esquerdas brasileiras moveu para delinear um novo percurso capaz de conduzir seus projetos à “conquista de hegemonia”, nos termos de Gramsci. O politólogo Milton Lahuerta, em seu estudo sobre a consolidação, no Brasil dos anos setenta, das formulações de um “partido intelectual” constituído pelos integrantes da denominada “escola paulista de ciências sociais”, sobretudo por aqueles próximos a Florestan Fernandes, sugere o nexos entre a consagração da “interpretação do Brasil” amparada nessas formulações e o ocaso, pela esquerda, do sistema conceitual previamente dominante:

Observando-se a década de 1970 no Brasil é impossível deixar de perceber que nela a história política do país experimentou uma grande virada, sendo marcada, simultaneamente, por momentos de muita tensão e por transformações culturais e sociais de grande monta. Nela, não só se tornou explícita a ruptura com o quadro conceitual até então inquestionável e referenciado pelo *nacionalismo*, como foi possível também ter a exata dimensão da *derrota* sofrida pelo conjunto de forças que lhe dava sustentação política.⁴⁷⁵

Essas transformações tiveram repercussão nos discursos culturais, e a complexa relação entre política e cultura, sempre candente no meio intelectual, foi responsável pelo incitamento de uma abundante produção crítica. Revistas como *Encontros com a Civilização Brasileira* funcionaram como um termômetro dessas mudanças por que passou a sociedade brasileira na conjuntura da transição democrática. Vale sublinhar que segmentos do Conselho Consultivo de *Encontros* estavam integrados por intelectuais que futuramente viriam a pertencer a destacados quadros partidários e, na condição de “orgânicos”, alguns deles, como Waldir Pires, Fernando Henrique Cardoso e Darcy Ribeiro, passariam a ocupar postos de relevo no sistema político formal. Possivelmente, em virtude da incisiva influência sobre os anos subsequentes e sobre o presente contexto sociopolítico e cultural brasileiro, o fim da década de 1970 e a primeira metade da década de 1980 têm recebido atenção de pesquisadores interessados em diversas variáveis que caracterizaram o reordenamento das esquerdas do maior país latino-americano:

Os últimos anos da década de 1970, no início da redemocratização do País, e os anos seguintes, até os dias de hoje, têm assistido a um inédito florescimento dos estudos sobre as esquerdas. Embora freqüentemente

⁴⁷⁵ LAHUERTA, Milton. Intelectuais e resistência democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil. *Cadernos AEL*, v. 8, nº 14-15, p. 57, 2001. (sem grifos no original)

derrotadas nos campos dos confrontos sociais e políticos – sobretudo seus programas e propostas mais radicais –, as esquerdas – sua trajetória, pensamento e ação – tiveram impacto reconhecidamente decisivo na história das instituições, da sociedade e das idéias no Brasil republicano.⁴⁷⁶

A revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, cujo período de circulação está abarcado por esse intervalo de tempo, manteve e “ampliou”, como enfatizado no seu primeiro editorial, publicado em junho de 1978, a “linha de conduta intelectual” da *Revista Civilização Brasileira*, fundada em 1965 e fechada em 1968, por delito de opinião em decorrência da radicalização do regime militar brasileiro, gerada pela promulgação do AI-5.⁴⁷⁷ Talvez aquilo que mais importa destacar nos termos explicitados de forma tão característica por Ênio Silveira neste primeiro editorial sejam suas observações sobre a atuação dos intelectuais:

Em linhas gerais [...] a coleção *Encontros com a Civilização Brasileira* mantém – e amplia – a linha de conduta intelectual que, de 1964 a 1968 [*sic*], cercou de tanto apreço a *Revista Civilização Brasileira*, uma publicação cuja alta relevância cultural e política tem sido constantemente realçada em qualquer pesquisa que se faça [...] sobre a difícil, mas constante, atuação da *intelligentsia* nacional naquele período tão agitado de nossa história.⁴⁷⁸

O projeto político-cultural de *Encontros com a Civilização Brasileira* perpetuava uma identidade fortemente definida por aquele “nacionalismo” mencionado por Lahuerta, cujas concepções teriam sido suplantadas pelas proposições de um “partido intelectual” emergente, representado pela “escola paulista de ciências sociais”. O epicentro da cultura política deixa de ser o Rio de Janeiro, reduto da Editora Civilização Brasileira, e passa a ser São Paulo. A defesa desse nacionalismo populista, esteve, não apenas no Brasil, bastante associada, usualmente, à certa representação dos intelectuais.

Em texto sobre a *Revista Brasiliense*, Claudia Wasserman observou que os intelectuais integrantes da publicação dirigida por Elias Chaves Neto em todos os seus 51 números, editados entre 1955 e 1964, “possuíam uma *visão prescritiva* do papel que exerciam

⁴⁷⁶ AARÃO REIS, D. ; FERREIRA, J. (orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. (As esquerdas no Brasil; v. 3), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 9. (sem grifos no original)

⁴⁷⁷ PAULA COUTO, C. P. . *Revista Civilização Brasileira: a supremacia do intelectual engajado ou o império da história*. Florianópolis, 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. CZAJKA, Rodrigo. *Páginas de resistência: intelectuais e cultura na Revista Civilização Brasileira*. Campinas, 2005, 126p. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Cultura) – Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas. SILVEIRA, M. R. J. *A Revista Civilização Brasileira: um veículo de resistência intelectual*. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

⁴⁷⁸ SILVEIRA, Ênio. Por quê e para quê? *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, ano I, v. 1, nº 1, pp. 7-8, junho de 1978. (grifos no original)

na sociedade”.⁴⁷⁹ Apesar das eventuais diferenças que uma análise comparativa mais detida provavelmente poderia identificar, é plausível argumentar que houve uma “estrutura de sentimentos” compartilhada entre os grupos da *Revista Brasiliense* e da Editora Civilização Brasileira. Essa “estrutura de sentimentos” pode ser sugestiva e por vezes contraditoriamente denominada “romântico-revolucionária”.⁴⁸⁰ Embora as ideias de Romantismo e de Revolução pareçam ser irreconciliáveis, aquele, nutrido, por um lado, pelo pensamento liberal e sua ênfase no indivíduo, e, por outro, pelo idealismo, jogou muita água no moinho da crítica à modernidade capitalista e à sociedade industrial. Nos seus *Grundrisse*, Marx criticava a prometeica insistência dos românticos em esquadrihar o mito, a bruma e o etéreo em busca de valores perdidos em priscas eras:

É tão absurdo aspirar ao retorno de uma plenitude original quanto crer que a História imobiliza-se para sempre no vácuo do presente. O ponto de vista burguês nunca avançou além desta antítese entre ele mesmo e o ponto de vista romântico, e assim esse último acompanha-lo-á, como sua antítese legítima, até seu final feliz.⁴⁸¹

Ora, tanto o arrebatamento lunar da “visão do mundo” romântica como o rigoroso e metódico materialismo científico de Marx fundaram-se, no limite, na promessa de um nirvana, seja no passado, seja no futuro. Ainda que Marx não tenha visto no movimento cultural romântico nada além de um assomo nostálgico e conservador, a expressão dos interesses de classe da nobreza despojada pela Revolução Francesa, a influência desse movimento nascido no fim do século XVIII exerceu um grande apelo em muitos marxistas heterodoxos.⁴⁸² Talvez não se possa encontrar, na América Latina, um pensador da heterodoxia marxista que mais tenha envidado esforços para promover a dialética entre materialismo e idealismo, como Benjamin fez na Alemanha, ao conceber um tipo de “marxismo talmúdico”, do que o peruano José Carlos Mariátegui com sua visão de um

⁴⁷⁹ WASSERMAN, C. . A Revista Brasiliense e os debates da esquerda brasileira entre 1950 e 1960. In: CRESPO, Regina Aída. (org.). *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. 1ª ed., Ciudad de México, 2010, v. 1, p. 381. (sem grifos no original)

⁴⁸⁰ WILLIAMS, 1987; LÖWY e SAYRE, 1995 apud RIDENTI, 2005, pp. 81-110. Michael Löwy, comentando a presumível visão romântica de José Carlos Mariátegui, sugeriu que o Amauta teria apresentado, em um ensaio de 1924-25, dois tipos de Romantismo: o Romantismo Reacionário que vai dar no fascismo; e o Romantismo Revolucionário que vai dar no bolchevismo. LÖWY, Michael. Marxismo e Romantismo. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, v. 6, nº 1, p. 82, 2012. Entrevista concedida a Henrique Carlos de Oliveira de Castro.

⁴⁸¹ MARX, 1857/58 apud LÖWY e SAYRE, 1999, p. 43.

⁴⁸² PAULA COUTO, C. P.; BRANCHER, A. L. . A presença do pensamento de José Enrique Rodó e de Carlos Vaz Ferreira na primeira época dos Cuadernos de Marcha: interpretação crítica e ressignificação de tópicos fundadoras. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, 2010. passim.

socialismo indo-americano: “No âmago da sua heterodoxia marxista e na singularidade do seu discurso filosófico e político, encontra-se um momento irredutivelmente romântico.”⁴⁸³

A vaga histórica que sucedeu a Revolução Cubana, de 1959, e a Conferência de Medellín, de 1968, também presenciou a insinuação bastante pronunciada dessa curiosa dialética no pensamento social latino-americano. Este é o momento em cujo caldo de cultura se formaram a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base. Possivelmente, os fragores dessa vaga histórica terão permitido, por fim, aquela sinergia tão almejada por Benjamin, entre o anão teológico e o autômato enxadrista, em que o esforço conjunto de ambos não implicaria mais artifícios engenhosos para se concretizar, em que o anão deixaria de ser mero coadjuvante, para ser, igualmente, um protagonista, em que a Teologia, “velha feia e enrugada” da modernidade racionalista e secular, poderia deixar de se esconder e garantir o triunfo de um materialismo histórico messiânico.⁴⁸⁴ Essa dialética entre Romantismo e Revolução parece-me oportuna para a análise não apenas do “grupo da *Civilização Brasileira*”, mas, também, das “formações” de *Marcha* e de *Controversia*.

Pode-se escrever nostalgicamente sobre os “últimos intelectuais”⁴⁸⁵ e sobre o declínio de sua atuação social e cultural na cidade. Pode-se, do mesmo modo, analisar criticamente a defecção de muitos profissionais e diletantes da cultura e do conhecimento dos marcos teóricos do marxismo, propondo-se como síntese explicativa dessa “apostasia” a expressão “intelectuais em retirada”.⁴⁸⁶ Pode-se, ainda, analisar a transição por que passou a representação do intelectual nos últimos dois ou três séculos, recorrendo-se às figuras metafóricas dos “legisladores” e dos “intérpretes”.⁴⁸⁷

Seja como for, mesmo que os efeitos do surgimento de um mercado de bens culturais, do fortalecimento dos *media* e da profissionalização já se fizessem sentir na passagem da década de 1970 para a de 1980, no Brasil e na América Latina, catalisando essa transição e produzindo uma crise de identidade, muitos dos intelectuais, não todos, das

⁴⁸³ LÖWY, Michel. Mística revolucionária: José Carlos Mariátegui e a religião. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, nº 55, p. 105, dezembro de 2005.

⁴⁸⁴ LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005, pp. 41-47.

⁴⁸⁵ JACOBY, Russell. *Os últimos intelectuais*. São Paulo: Edusp/Trajatória Cultural, 1990. passim.

⁴⁸⁶ PETRAS, James. Retreat of the intellectuals. *Economic and Political Weekly*, Mumbai, v. 25, nº 38, pp. 2143-2156, Sep. 22, 1990. passim. Raul Burgos observa que este artigo, provavelmente, é o texto que melhor condensa o conteúdo das críticas da esquerda “revolucionária” contra os gramscianos argentinos, que teriam desertado do marxismo para posições liberais. Cf. BURGOS, op. cit., p. 284.

⁴⁸⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais*. São Paulo: Paulus, 2010. passim.

formações de *Encontros com a Civilização Brasileira*, da segunda época dos *Cuadernos de Marcha* e de *Controversia* permaneciam, a despeito do “declínio da cidade letrada” observado por Jean Franco, sob o influxo do princípio sartreano do engajamento, cujo desdobramento lógico sempre foi a intervenção. Sob o signo de certo “salvacionismo messiânico”, viam-se como portadores de um mandato que lhes impunha o “dever” de dinamizar a construção de uma “consciência histórica” capaz de romper estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas excludentes. Consideravam-se como porta-vozes da sociedade diante do Estado. Mantinham, ainda, as qualidades do “intelectual demiurgo”.

Interessa destacar, contudo, que a incidência dessa crise de identidade no meio intelectual não foi linear, mas bastante móvel, pois houve, até mesmo no interior das formações identificadas com as três revistas aqui estudadas, mais de uma valência de resposta à mudança que estava em formação. Com efeito, enquanto alguns adaptaram-se muito bem às novas linhas definidoras da representação do intelectual que aos poucos adquiria um arranjo delimitado, inclusive preparando-se para galgar posições na embrionária estrutura de poder da ordem democrática em desenvolvimento, outros, ora irredutíveis, ora perplexos, não se dispunham a renunciar ao *ethos*, ao conjunto de práticas e valores que caracterizaram a atuação social dos intelectuais até à chegada da crise.

Qualquer análise que se quiser fazer das revistas da *Civilização Brasileira* dificilmente conseguirá deixar de referenciar, mesmo que implicitamente, o sentido pedagógico e, em alguma medida, moralista de suas enunciações. Assim, o autodenominado “grupo da *Civilização Brasileira*” assumiu “a ‘missão’ de constituir um projeto de emancipação da sociedade brasileira através do princípio de liberdade de criação e expressão na esfera da cultura”.⁴⁸⁸ Nos termos de Ênio Silveira:

Entendemos que é dever de todos os *intelectuais conseqüentes* intensificar sua participação nesse esforço (lutar pelas liberdades democráticas e pelo debate de idéias), e, sobretudo, colaborar para que ele valha também como base para a edificação de valores individuais e coletivos que, filosoficamente, se ofereçam como pontos de apoio de estruturas sociais mais justas e humanas.⁴⁸⁹

Como revista de ideias manifestamente associada às correntes de pensamento social de esquerda, *Encontros*, com propósito deliberadamente pedagógico, reuniu parte representativa dos setores intelectuais insurgentes do Brasil, setores, vale sublinhar, bastante

⁴⁸⁸ CZAJKA, op. cit., p. 102.

⁴⁸⁹ SILVEIRA, Ênio. Por quê e para quê? *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 1, p. 8, junho de 1978. (sem grifos no original)

heterogêneos. Apenas três anos antes do lançamento de *Encontros*, Ênio Silveira publicou, também, a revista *Livro de Cabeceira do Homem*, cuja primeira fase circulou em 1967. No editorial do primeiro número de *Encontros*, Ênio Silveira destacou a emergência da sociedade civil nos movimentos pela redemocratização do Estado brasileiro e a principal motivação da sua nova incursão no periodismo político-cultural:

Embora ainda pesem sobre a vida nacional sombrias cargas de arbitrariedade e violência, torna-se cada vez mais forte o amplo movimento de opinião pública que, lutando em todas as áreas pelas *liberdades democráticas*, vem conquistando aberturas que já permitem ampliar o ostensivo debate de idéias, essencial ao progresso cultural do país.⁴⁹⁰

O propósito maior do editor da *Civilização Brasileira* nesse novo avatar de um projeto editorial que fora iniciado sob a sua direção nos anos sessenta e interrompido pelo obscurantismo da ditadura militar brasileira foi ampliar, sobre fundamentos críticos, o debate de ideias, debate que deveria ser promovido não por qualquer intelectual, mas pelos “intelectuais consequentes”, que atuariam, intermediando a relação entre sociedade e Estado, em conformidade com o que foi notado por Daniel Pécaut na análise que fez sobre as repercussões do AI-5 na organização social do meio intelectual: “Os intelectuais têm as mãos livres para se constituir em uma espécie de partido, sem contornos precisos e sem aparelho, mas incumbido da defesa das *liberdades democráticas* tanto quanto possível.”⁴⁹¹

4.4 Grandeza e miséria do intelectual demiurgo: Identidades na encruzilhada

Esta categoria, “intelectuais”, é possivelmente uma das que mais tem chamado a atenção de pesquisadores interessados nos rumos da história política renovada. No âmbito dos estudos do periodismo político-cultural, sejam aqueles de caráter histórico, sejam os que se relacionam com a sociologia da cultura e com a literatura, de modo mais genérico aqueles que estão dentro do espaço de abrangência dos estudos culturais, a categoria “intelectuais” opera como um tipo de conceito chave.

⁴⁹⁰ Idem. (sem grifos no original)

⁴⁹¹ PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática S. A., 1990, p. 256. (sem grifos no original)

Revistas culturais constituem “formações”, de acordo com a definição de Raymond Williams,⁴⁹² ligadas ou não a instituições formais, como universidades e outros órgãos de Estado em geral, que surgem de diversos tipos de afinidades, como as ideológicas e estéticas, existentes entre produtores da cultura, o que permite que se chegue à conclusão de que em todas as enunciações nelas difundidas estão presentes, sem exceção, as representações que os intelectuais constroem de si mesmos em determinados ambientes históricos, políticos e culturais. Para Williams, “a história da cultura moderna é impensável sem a análise comparativa dos grupos de intelectuais, artistas e escritores, que contribuíram para a sua formulação e atualização”.⁴⁹³ Capturadas pelo torvelinho de uma época convulsionada, com rupturas e também continuidades, mas fundamentalmente de crises, as “representações do intelectual” e a cultura política na América Latina não poderiam ficar incólumes:

Anos de perplexidade e medo, os 70 registraram, através de suas revistas, as incertezas diante de um quadro cultural, social, político e econômico em grande mutação, especialmente se considerarmos as contradições que tais mudanças produzem em países como os nossos, países subdesenvolvidos, para usar um termo em desuso.⁴⁹⁴

A transição democrática requereu, não sem provocar muitas tensões, “encaixes” e acomodações das estruturas do ser e do pensar, e o meio intelectual, justamente o grupo social que critica, interpreta e forma sentidos, talvez tenha sido aquele que mais se viu desafiado pela necessidade de revisão de concepções de mundo, muitas das quais se costumava pensar que eram axiomáticas e intocáveis. Conforme Roxana Patiño:

En efecto, la recolocación de los intelectuales y escritores respecto de una nueva cultura política democratizante será uno de los principales ejes del cambio cultural, si bien no en el mismo momento: de allí las polémicas, de allí también los tensionados desplazamientos.⁴⁹⁵

À sentença do sociólogo Rafael Roncagliolo, atual chanceler do Peru, “la inteligencia es revolucionaria”,⁴⁹⁶ antepor-se-ia, sem conflito com as tendências que acompanhavam o despontar de uma sociedade de consumo e, especialmente, dos *mass media*

⁴⁹² WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. (Trad. Waltensir Dutra). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979, p. 122.

⁴⁹³ WILLIAMS, Raymond. A fração Bloomsbury. *Plural*; Sociologia, USP, S. Paulo, nº 6, p. 140, 1º semestre de 1999.

⁴⁹⁴ CAMARGO, M. L. B. . Não há sol que sempre dure. *Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 2, nº 3, p. 2, 1998.

⁴⁹⁵ PATIÑO, Roxana. Culturas en transición: reforma ideológica, democratización y periodismo cultural en la argentina de los ochenta. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://educocoea.org/portal/bdigital/contenido/rib/rib_1998-2/articulo12/index.aspx?culture=pt&navid=230> Acesso em: 5 de abril de 2011.

⁴⁹⁶ RONCAGLILO, Rafael. La crisis en y desde la izquierda. *Cuadernos de Marcha*, segunda época, México, año I, nº 4, p. 5, noviembre/diciembre de 1979.

e de uma agressiva indústria cultural, o mandamento: a inteligência deve ser composta por especialistas.

Luiz Renato Vieira, analisando a bancarrota acachapante da Editora Civilização Brasileira, no começo dos anos oitenta, consumida financeiramente por seguidos anos de perseguição, descreve o aparecimento de uma cultura política democratizante, nenhum pouco exclusivo, a propósito, e discute os efeitos dessa cultura nas reorientações do meio intelectual brasileiro. Foi nessa encruzilhada, quando começaram a entrar em falência antigos marcos de identidade, como o nacionalismo populista, que “intelectuais consequentes” como o editor Ênio Silveira, ainda construídos no metro estabelecido por Émile Zola no fim do século XIX, reconheceram, desconcertados como o albatroz na praia depois da tempestade, para usar a imagem que o próprio Ênio Silveira propôs para ilustrar a sua impressão daquele momento de inflexão, o isolamento e a redundância do projeto político-cultural que fora hegemônico até esbarrar nessa encruzilhada, projeto que ruiu abalando a representação do intelectual que o defendia. Supérfluo, retirou-se o profanador, o demiurgo, para a entrada em cena do “clérigo” de Julien Benda, cujo “reino não é deste mundo”,⁴⁹⁷ aquele intelectual que, ao contrário do que sugeria Sartre, não “se mete no que não é da sua conta”.⁴⁹⁸ Dilui-se, no Brasil – mas não apenas no modorrento colosso dos trópicos, havendo quem tenha proposto uma abrangência global para essa dissolução –,⁴⁹⁹ a supremacia do intelectual engajado:

Ao longo dos anos 70 multiplicam-se e ganham importância os mecanismos de representação direta e os sujeitos políticos coletivos, intensificando-se a luta pela democracia política. Novas configurações são assumidas pela intelectualidade, que em muitos casos adere ao poder sob argumentos “técnicos”, fundados no realismo político e, ao mesmo tempo, com a consciência de que o final dos anos 70 presenciam o início de um significativo fortalecimento da democracia direta e de entidades sindicais, o que impõe necessariamente uma mudança de atitude em relação ao papel desempenhado nos anos 60, motivado por uma cultura política muito peculiar. Na universidade, como passam a exigir os novos currículos e as instituições de fomento à pesquisa, consolida-se progressivamente o modelo do “especialista”, definindo um sub-campo específico onde, não obstante a ampliação do mercado de bens culturais em escala nacional que marca o período, realiza-se uma produção intelectual para consumo próprio.⁵⁰⁰

Para a formação de *Controversia*, assim como para muitos dos argentinos proscritos pela Junta Militar, o exílio transcorreu, de acordo com Raul Burgos, como um tipo de

⁴⁹⁷ BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007, p. 144.

⁴⁹⁸ SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994, p. 14.

⁴⁹⁹ PETRAS, op. cit. p. 2143.

⁵⁰⁰ VIEIRA, Luiz Renato. *Consagrados e malditos: os intelectuais e a Editora Civilização Brasileira*. Brasília: Thesaurus, 1998, p. 195.

experiência bisagra, fracionando o meio intelectual da Argentina entre os que “saíram” e os que “ficaram”,⁵⁰¹ e gerando, ainda, uma “brecha cultural entre as gerações pré e pós-ditadura militar”.⁵⁰² Aqueles que saíram puderam encontrar, circunstancialmente, em especial no México, condições socioculturais extremamente favoráveis, como o fluente e assíduo contato com exilados provenientes de diversos países da América Latina, o que proporcionou um fecundo e intenso convívio com variadas perspectivas ideológicas, estimulando o confronto com concepções outrora regentes, mas definitivamente esgotadas, da teoria e da prática política fundamentadoras de projetos subalternos de transformação. Essa convivência foi facilitada pela extraordinária expansão das universidades e institutos de pesquisa mexicanos, resultante, por um lado, da satisfatória, mas fátua, conjuntura econômica incitada pelo *boom* petrolífero, e, por outro, do quadro político caracterizado por um processo de democratização, iniciado no mandato de Luis Álvarez Echeverría (1970-1976) e continuado no governo de José López Portillo (1976-1982), da engessada estrutura de poder controlada desde 1929 pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI), graças à vigorosa mobilização social que o evento trágico em Tlatelolco, em 1968, não conseguiu conter. Os que ficaram permaneceram asfixiados culturalmente, sufocados pela repressão sistemática mantida pelo estado de exceção.

Retornando daquele contexto gerador de expressivas renovações teórico-políticas que foi o exílio argentino no México, muitos dos integrantes da formação de *Controversia*, aderentes, então, à defesa de um paradigma “democrático-radical”, baseado na crítica da noção jacobina de “revolução”, no apoio à perspectiva processual de transformação revolucionária encadeada com a ideia de hegemonia e na reabilitação do conceito socialista de democracia, por muito tempo eclipsado no abstrato conjunto social a que se convencionou classificar como “esquerda”, sem lograr, contudo, romper o isolamento ideológico com que sempre foi preciso conviver, desde que aquele texto fundador dessa geração de intelectuais foi escrito, o editorial de *Pasado y Presente* de 1963, criaram vínculos com a experiência alfonsinista. Assim, “[...] sem sujeitos sociais e políticos adequados, na urgência do posicionamento no processo de transição, somaram-se ao projeto político de ascendência social-democrata de Raúl Alfonsín [...]”.⁵⁰³ Alguns analistas menos indulgentes equacionam de outra maneira as vicissitudes da formação de *Controversia*. Para Emiliano Álvarez:

⁵⁰¹ BURGOS, op. cit., pp. 231-237.

⁵⁰² Ibid., p. 311.

⁵⁰³ Ibid., p. 310.

[...] el exilio [da formação de *Controversia*] implicó, no en todos los casos pero si en algunos de suma importancia, el giro de los intelectuales hacia las instituciones del Estado y el abandono de la representación de los sectores populares. Así, el campo de las izquierdas se vació de cuadros intelectuales y el Estado se pobló de técnicos de la administración pública.⁵⁰⁴

Essa interpretação sobre o itinerário de alguns intelectuais de *Controversia*, que destaca um suposto abandono da representação dos setores populares, sem mencionar explicitamente a ideia de cooptação, mas evidenciando um êxodo massivo desses intelectuais para o Estado e a conseqüente produção de um aglomerado de técnicos, sintoniza bastante com a difamatória compreensão de James Petras. Definindo os socialistas de *Controversia* como “revisonistas gramscianos”, o que por si só já implica uma série de desabonadoras apreciações, como aquelas imputadas a Carlos Nelson Coutinho e a Leandro Konder, Petras, por meio de uma análise que recorre sem nenhuma parcimônia a proposições condescendentes com antinomias irredutíveis, sugere que esses socialistas argentinos, “apóstatas ideológicos”, terão sido os arquitetos intelectuais daquilo que pode ser considerado, em toda a história, como a maior falsificação e distorção do pensamento de Antonio Gramsci, cujas ideias terão sido vitimizadas a serviço de um regime político neoliberal.⁵⁰⁵ Os “revisonistas gramscianos”, na análise de Petras, fizeram parte do mesmo deslocamento, inscrito no declínio do poder da classe trabalhadora e no concomitante acúmulo de poder do capital, que terá tornado a América Latina carente de um grupo social abundante no passado, os “intelectuais orgânicos”, como foram Roberto Santucho, Julio Castro, Miguel Enriquez, Camilo Torres, Luis de la Puente, poucos entre as centenas senão milhares de intelectuais que exerceram sempre a atividade do pensamento associada às lutas sociais, e tornado o subcontinente copioso em “intelectuais institucionais”.⁵⁰⁶

⁵⁰⁴ ÁLVAREZ, Emiliano. *Controversia: transformación intelectual en el exilio mexicano*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.cedinci.org/jornadas/3/M4.pdf>> Acesso em: 24 de março de 2013.

⁵⁰⁵ PETRAS, op. cit., p. 2147.

⁵⁰⁶ Ibid., p. 2148.

4.5 As ambivalências do exílio latino-americano em *Encontros com a Civilização Brasileira, Cuadernos de Marcha* (segunda época) e *Controversia*

“Dicen que me han de quitar la vida y el pensamiento. Yo se escribir en el agua y también firmar en el viento.”⁵⁰⁷

(Antigo poema Maia. Citado por Arturo Ardao)

Formado pelas dimensões do deslocamento e da distância, da intolerância e do estranhamento, o caráter ontológico do exílio está imerso em uma zona opaca de histórias pulverizadas:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. [...] As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.⁵⁰⁸

Pensar no exílio como essa condição espacial, existencial e temporal indeterminada e nunca linear, como uma territorialidade em que habitam existências humanas desenraizadas e em trânsito é, sobretudo, pensar em fragmentos da própria história política e intelectual latino-americana. Em seu artigo “Sobre la condición del exilio”, publicado no número inaugural da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, Juan Carlos Plá reporta-se à opinião de N. Yampey, psicanalista paraguaio, cujo ponto de vista incide sobre o mesmo sentimento exteriorizado pelo intelectual palestino:

Es correlativo al primer período de adaptación superficial, de euforia incluso, el sentimiento de estar de paso, de vivir sólo a medias en el nuevo país. Nada estable y duradero puede ser emprendido [...]. Este grupo no puede integrarse sino cuando puede abandonar el sueño de pronto retorno.⁵⁰⁹

Na década de 1970, muitos intelectuais latino-americanos partiram para o exílio. O México, que passava por franco desenvolvimento cultural em um período que veio a ser

⁵⁰⁷ NUESTRA modesta peripecia. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, nº 32-33, p. 6, abril/mayo de 1985.

⁵⁰⁸ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. (Trad. Pedro Maia Soares). São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 47.

⁵⁰⁹ PLÁ, Juan Carlos. Sobre la condición del exilio. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 1, p. 89, mayo/junio de 1979.

considerado como uma “época de ouro”, tornou-se, como o próprio Carlos Quijano exprimiu, país “refugio de la esperanza”,⁵¹⁰ ponto de convergência para onde confluíram muitos exilados, verdadeiro polo de circulação internacional de intelectuais e “centro de um debate latino-americano”.⁵¹¹ José Maria Casco, ao analisar o impacto da ditadura e do autoritarismo nos pressupostos teóricos das frações do pensamento de esquerda argentino e latino-americano, apresenta um panorama bastante desolador:

Ese vasto núcleo trasladaba desde sus países de origen, además de la sensación de pérdida ante los acontecimientos de muerte y persecución, las preocupaciones políticas e intelectuales del momento. Esas preocupaciones estaban impregnadas de una creciente sensación de derrota de los proyectos políticos en los que habían participado, sensación que coloco a la reflexión en una estructura donde la perplejidad y el desconcierto fueron la nota saliente.⁵¹²

O exílio, porém, não teve, a meu ver, somente o efeito paralisante que transparece nas observações de Casco. Um dos argumentos que tento desenvolver é o de que o exílio de parte da *intelligentsia* latino-americana, no cenário da Guerra Fria, ao invés de estagnar a reflexão e de sufocar as resistências democráticas, conduziu as ponderações políticas do campo intelectual contestatário da América Latina para um âmbito de revisão crítica. O clima de ansiedade, desorientação e agitação política favoreceu o acúmulo de massa crítica. A tônica não é posta no “desconcerto” ou no sentimento de “perplexidade”, que muito provavelmente há de ter existido. A ênfase que tenciono dar está, antes, no entendimento de que o suposto clima inicial de incerteza provocado pela experiência do exílio terá dado lugar, ocasional e posteriormente, à ação renovadora de concepções e de diretrizes do pensamento crítico da América Latina e à reorganização das suas estratégias de intervenção política e sociocultural.

As revistas culturais tiveram importância inapelável nesse cenário e cumpriram uma função essencial na recomposição das “redes intelectuais”⁵¹³ do subcontinente. A profusa atividade no interior do periodismo político-cultural, das universidades, como a UNAM, irrigada com vultosos recursos para pesquisa provindos do *boom* petrolero, e de outras

⁵¹⁰ MURIO CARLOS QUIJANO. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año V, nº 27, p. 3, julio de 1984.

⁵¹¹ LECHNER, op. cit., p. 29.

⁵¹² CASCO, José María. Cultura, modernización y democracia: Max Weber en la obra de los sociólogos intelectuales de la transición a la democracia en Argentina. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.iigg.fsoc.uba.ar/jovenes_investigadores/4jornadasjovenes/EJES/Eje%205%20Politica%20Ideologia%20Discurso/Ponencias/CASCO%20Jose%20Maria.pdf> Acesso em: 22 de setembro de 2008.

⁵¹³ DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *Redes intelectuales en América Latina*. Hacia la constitución de una comunidad intelectual. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Avanzados. Colección Idea. Segunda Época, 2007. passim.

instituições, como a Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO-México), tornou mais permeáveis as fronteiras que demarcavam as produções intelectuais locais e criou um amplo espaço de reflexão supranacional sobre a política, em que as discussões a respeito dos problemas nacionais permaneciam a preocupação central, embora os temas candentes acerca da realidade da América Latina tomada como uma totalidade não tenham sido eludidos. Na verdade, houve uma latino-americanização do debate intelectual. A dura experiência da ditadura converteu a restauração democrática, como visto no terceiro capítulo desta tese, em cerne das discussões produzidas no meio intelectual do subcontinente.

A diáspora por que passou o pensamento crítico latino-americano ao longo da década de 1970, gerada pelo recrudescimento da intolerância e das perseguições perpetradas pelos instrumentos de repressão dos regimes militares alastrados por quase todo o subcontinente, não conseguiu desbaratar a atuação política de seus intelectuais e tampouco anular sua intervenção no cenário cultural. Preocupo-me em discutir, nesta seção, como a comunidade de intelectuais exilados no México nos anos setenta, aqui representada pelos grupos de *Controversia* e da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, embora extraviada de suas referências afetivas e esferas nacionais de atividade pública, a “fratura incurável” referida por Said, deu continuidade à *praxis* política e aos compromissos socioculturais, uma vez que, organizada em grupos reunidos em revistas, universidades e outras instituições nacionais e internacionais, adaptou-se às circunstâncias e concebeu estratégias e formas de resistência democrática. Devo observar que a ênfase que procuro dar não recai sobre o exílio como um valor em si. A tônica volta-se, antes, para as escrituras que essas três revistas publicaram sobre o exílio e também para o modo como o periodismo político-cultural atuou como espaço de resistência e de intervenção no contexto de banimento e clandestinidade gerado pelos sistemas de repressão que se alastraram pelo subcontinente durante a Guerra Fria.

Entre as “estruturas elementares da sociabilidade” que maior contribuição deram à superação do sentimento de desenraizamento provocado pela experiência do exílio, servindo como plataforma de resistência, preservação e constituição de identidades, particularmente de grupo, e como esteio de formação de redes de propagação e circulação de ideias, destacaram-se as revistas político-culturais. Essa contribuição do periodismo latino-americano, independentemente da apreciação que lhe possa ser dada, é notória nestas considerações de Ángel Rama sobre o novo surgimento, no México, dos *Cuadernos de Marcha*:

La reaparición de los *Cuadernos de Marcha* podría interpretarse [...] como un esfuerzo de conjunción y de reclamado fortalecimiento del equipo

intelectual disperso, tal como antes lo fue el establecimiento de nuestra comedia nacional y popular, “El Galpón”, en tierras mexicanas y la tarea de los músicos (la Camerata, Viglietti, Zitarrosa, etc.).⁵¹⁴

Sectário ou independente, progressista ou conservador, proselitista ou não, um periódico “além de ser um propagandista coletivo e um agitador coletivo, é também um organizador coletivo”.⁵¹⁵ Poder-se-ia considerar as revistas de cultura da América Latina, no rastro do raciocínio de Lenin, como um torrão, um lugar de pertencimento da comunidade intelectual latino-americana exilada. Como observou Denise Rollemberg, as funções do periodismo latino-americano no contexto político-cultural das ditaduras e dos exílios ultrapassaram aquelas que costumeiramente lhe são atribuídas:

Os jornais e as revistas revelam muito da experiência da esquerda no exílio: as tensões, as posições políticas e éticas, as influências, as atividades, as evoluções. Antigos temas foram revistos, a partir de outras abordagens. Temáticas secundarizadas ou excluídas entraram na ordem do dia. Criando um espaço para a discussão e para a circulação de idéias, a imprensa atuou na redefinição e na reconstrução da esquerda no exílio. Teve, portanto, um papel importante na atualização dos valores e na ampliação de horizontes.⁵¹⁶

Ao encontro das considerações de Rollemberg, o escritor mexicano Carlos Monsiváis ponderou que as revistas de cultura latino-americanas podem exercer uma função de “instrumento de defesa social, el apuntalamiento de una resistencia que es espíritu de sobrevivencia”.⁵¹⁷ Do conjunto das três revistas que analiso nesta tese, duas foram publicadas, como referido anteriormente, por intelectuais platinos no México, durante o período em que lá estiveram exilados, entre os anos de 1979 e 1984: a segunda época dos *Cuadernos de Marcha* e *Controversia*, sendo que o fim da segunda época dos *Cuadernos* não coincide apenas com o esgotamento do ciclo ditatorial na América Latina e com o conseqüente *ritorno in patria* do grupo de intelectuais que os conduziram, mas, também, com a morte de seu fundador e diretor, Carlos Quijano, no dia 10 de junho de 1984.⁵¹⁸ Os eventos e reveses que provocaram o fechamento de *Controversia* tiveram que ver com o embate de posições políticas dentro do

⁵¹⁴ RAMA, Ángel. Otra vez la utopía, en el invierno de nuestro desconsuelo. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 1, p. 79, mayo/junio de 1979.

⁵¹⁵ LÊNIN, V. I. *Que fazer?* Apresentação de Florestan Fernandes. São Paulo: Hucitec, 1979, p. 95.

⁵¹⁶ ROLLEMBERG, Denise. *Exílios: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 206.

⁵¹⁷ MONSIVAIS, Carlos (et al.). ¿Qué es y para qué sirve una revista literaria? *Texto Crítico*, México, Universidad Veracruzana, nº 20, p. 111, 1981.

⁵¹⁸ Cumpre assinalar que, tendo terminado, com a morte de Carlos Quijano, a segunda época dos *Cuadernos de Marcha*, finda a ditadura, o grupo de *Marcha* reorganizou-se, outra vez no Uruguai, fundando a terceira época dos *Cuadernos de Marcha* (1985-2001), cujos diretores foram José Manuel Quijano e Mercedes Quijano. Como representante no México, Carlos José Vargas Quijano. Em 2001, Mercedes e Carlos desaparecem em um trágico acidente de automóvel. Carlos José deixou dois filhos, Martín e Carlos, e a esposa, a escritora mexicana Fanny del Río, autora do controverso romance *La verdadera historia de Malinche*, publicado em 2009 pela Editorial Sudamericana.

grupo que a formava. Esse tipo de confronto de perspectivas tem permitido afirmações categóricas sobre as divisões da comunidade exilada argentina:

Of all of the Latin American exile communities in Mexico, the Argentine was, without a doubt, the most politically divided. This division reflected the different positions taken by members in relation to the political struggle in Argentina, some of which were irreconcilable.⁵¹⁹

Na introdução de entrevista com David Tieffenberg, publicada em *Controversia*, Mempo Giardinelli também refere essa fragmentação do exílio argentino:

Qué el exilio argentino está disgregado es un hecho indesmentible. Miles de compatriotas, en por lo menos una decena de países, conformamos colonias en las que centros y comités, casas y clubes, ateneos y círculos, se disputan representatividades que en casi todos los casos son cuestionables. Realidad penosa, pero irrefutable, parecería indicar la imposibilidad de estructurar – por ahora, al menos – un pensamiento unificador, criterios de análisis y líneas de acción más o menos homogéneas.⁵²⁰

O núcleo socialista e gramsciano de *Controversia*, entretanto, reuniu-se novamente em Buenos Aires, fundando, em 1984, com integrantes da revista *Punto de Vista* (1978-2003), como Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano, o Club de Cultura Socialista (1984-2008).⁵²¹ Como quer que seja, importa frisar que o México, país que construiu, no período posterior à revolução de 1910 e à queda do Porfiriato, uma política internacional tradicionalmente receptiva aos exilados, foi o destino prioritário dos intelectuais de *Controversia* e dos *Cuadernos de Marcha*, que lá se juntaram a milhares de exilados:

During the 1970s, Mexico became the primary destination for thousands of refugees fleeing Latin American military-sponsored state terrorism. South American groups considered Mexico a nation whose international policies had historically created a safe haven for the politically persecuted. Of the thousands of exiles who arrived in Mexico, the Argentine constituted one of the largest communities.⁵²²

⁵¹⁹ “De todas as comunidades de exilados latino-americanos no México, a dos argentinos foi, sem sombra de dúvida, aquela que mais se dividiu politicamente. Essa divisão refletiu as diferentes posições que variados grupos defendiam em relação à luta política na Argentina, sendo que algumas das quais foram irreconciliáveis.” (tradução minha) YANKELEVICH, Pablo. The COSPA. A political experience of the Argentine exile in México. Translated by Mariana Mora. *Latin American Perspectives*, issue 155, v. 34, n° 4, p. 71, July 2007.

⁵²⁰ GIARDINELLI, Mempo. David Tieffenberg: el socialismo que está solo y espera. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, n° 4, México, p. 10, febrero de 1980.

⁵²¹ Há quem tenha citado *Pasado y Presente* como exemplo de revista político-cultural que teve percurso caótico. Publicada em Córdoba, apareceu sucessivamente, no México, como *Cuadernos de Pasado y Presente*, depois como *Controversia*, antes de receber o nome, ao retornar à Argentina, de *La Ciudad Futura*. SARLO apud FELL, 1996, p. 08.

⁵²² “Durante a década de 1970, o México tornou-se destino principal de milhares de refugiados do terrorismo de Estado latino-americano promovido pelo poder militar. Os grupos sul-americanos consideraram o México uma nação cujas políticas internacionais criaram historicamente um seguro abrigo para os perseguidos políticos. Dos

Aqueles que não foram para o México e procuraram refúgio em países sul-americanos passaram por tremendas peripécias, que não raro chegaram às raias do anedótico, errando de um país para outro à medida que o surto ditatorial e a vaga do autoritarismo avançavam no subcontinente. O percurso do poeta e crítico Ferreira Gullar,⁵²³ que pertenceu ao Conselho Consultivo de *Encontros*, exprime as vicissitudes por que passaram muitos intelectuais da América Latina, encaçados pelo terrorismo de Estado. Denunciado por um correligionário do PCB submetido à tortura, Ferreira Gullar, na clandestinidade, deixou o Brasil, em 1971, e foi para Moscou. Retornou, porém, para a América Latina, exilando-se primeiro no Chile de Salvador Allende, em 1973, depois no Peru e em seguida na Argentina. Por fim, em março de 1977, voltou para o Brasil, sendo interceptado no aeroporto pelo DOI-CODI, logo ao chegar, tendo sido libertado depois de setenta e duas horas de interrogatório. O êxito do seu aclamado “Poema Sujo”, gravado e posto em circulação no Brasil por Vinicius de Moraes, tornou-o figura pública “intocável”. Sua trajetória conturbada, ao regressar para a América Latina, passando por três países, não foi obviamente voluntária. Enquanto o autor do “Poema Sujo” deixava, acossado, um país em que ocorria um golpe militar, procurando exílio além das fronteiras, pouco tempo depois de se instalar era forçado a abandonar o novo país-refúgio quando a institucionalidade era aí também rompida pela proliferação do autoritarismo.⁵²⁴ Sobre o exílio de Ferreira Gullar na Argentina e de outros intelectuais brasileiros, como Mario Pedroza no Chile e Francisco Julião no México, Ángel Rama destacou que: “no sólo se hicieron embajadores de la cultura brasileña, desconocida en la América española, sino que a su vez supieron sacar partido del contacto con las culturas hispanoamericanas desconocidas en Brasil.”⁵²⁵

Exilado em Barcelona, escreveu Eduardo Galeano para o número inaugural da segunda época dos *Cuadernos de Marcha*: “El exilio, que siempre nace de una derrota, no solamente proporciona experiencias dolorosas. Cierra unas puertas, pero abre otras. Es una penitencia y, a la vez, una libertad y una responsabilidad. Tiene una cara negra y tiene una cara roja.”⁵²⁶ A faceta negra do exílio, a “penitência” de que fala o escritor uruguaio,

milhares de exilados que chegaram ao México, os Argentinos constituíram uma das maiores comunidades.” (tradução minha) YANKELEVICH, 2007, p. 68.

⁵²³ Ressalte-se que Gullar, atualmente, se converteu em efusivo defensor de ideias conservadoras, tendo sido signatário do “Manifesto em Defesa da Democracia”, lido no Largo São Francisco, em São Paulo, no dia 22 de setembro, durante a campanha presidencial de 2010, pelo jurista, membro fundador do Partido dos Trabalhadores e ex-vice-prefeito da cidade de São Paulo, Hélio Bicudo.

⁵²⁴ GULLAR, Ferreira. *Rabo de foguete – os anos do exílio*. Lisboa: Editorial Verbo, 2010. passim.

⁵²⁵ RAMA apud GALEANO, p. 86, mayo/junio de 1979.

⁵²⁶ GALEANO, Eduardo. El exilio, entre la nostalgia y la creación. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, n° 1, p. 86, mayo/junio de 1979.

manifestou-se nas perdas, separações e no desenraizamento, ao passo que a faceta vermelha, aquela que, no dizer de Galeano, exigiu “responsabilidade”, manifestou-se no esforço de reflexão sobre a maneira pela qual as opções políticas que se tinham escolhido haviam conduzido inelutavelmente ao exílio.

Se a dificuldade de organizar e unir as forças sociais de oposição ao terrorismo de Estado não teve na falta de liderança política seu motivo gerador, já que havia figuras centralizadoras, e tampouco careceu de projetos agregadores, pode-se dizer que, no contexto em que estiveram vigentes os regimes militares na América Latina durante a Guerra Fria, as linhas de ação foram não poucas vezes um sério motivo de desavença entre os grupos políticos insurgentes. Não foi à toa, portanto, que, em relação ao cenário político argentino, se pôde considerar que o “support or criticism of the armed groups’ actions divided the Argentine left”.⁵²⁷ Sergio Bufano, membro do corpo editorial de *Controversia*, fez um balanço crítico e expressou da seguinte forma sua percepção sobre o significado do exílio a que foram impingidos, durante a ditadura, cerca de nove mil argentinos apenas no México,⁵²⁸ referindo-se à radicalização política, à luta armada, como principal alvo desse momento de reflexão crítica:

El exilio fue el momento de interrogarnos cómo habíamos llegado hasta ahí y qué hacíamos entonces. Desde un primer momento, apareció la crítica a la lucha armada. El haber elegido las armas como herramienta de lucha en los ’70 había ayudado a impulsar el autoritarismo y había generado una mirada muy esquemática de la realidad. En definitiva, había conducido a la derrota.⁵²⁹

Quando a “utopia se desarmou”,⁵³⁰ todas as suas belas cariátides sentiram a carga das estruturas que sustentavam com tanta graça. As atrocidades do “socialismo real”, o ocaso dos

⁵²⁷ “o apoio ou a crítica à ação dos grupos armados dividiu a esquerda Argentina.” (tradução minha) Gillespie, 1987; Gasparini, 1988; Seoane, 1991; Pozzi, 2001 apud YANKELEVICH, 2007, p. 71.

⁵²⁸ De 1970 a 1980, o Censo General de Población do México registrou um aumento de 350% na presença de argentinos no país (Secretaría de Industria y Comercio, 1970; Secretaría de Programación y Presupuesto, 1980). Esta comunidade ocupava a primeira posição na lista de estrangeiros latino-americanos vivendo no México durante a década de 1970. Uma estimativa recente apontou que 9000 argentinos estavam exilados no México. YANKELEVICH, Pablo. Hacia una cuantificación del exilio argentino en México, 1974-1983. Artigo apresentado no seminário *Los extranjeros en México*, Instituto Nacional de Migración, Secretaría de Gobernación, Mexico City, 2004. Quanto ao Uruguai, estima-se que, de uma população de 2,5 milhões de habitantes, 600 mil estavam exilados, vivendo em diversos países, como Brasil, México, Espanha etc. MONSERRAT, J. . Entrevista com Mario Benedetti. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n° 23, pp. 49-64, maio de 1980.

⁵²⁹ BUFANO, Sergio. Reeditan la colección completa de la revista *Controversia*. *Página/12*, Buenos Aires, 16 de septiembre de 2009. Entrevista concedida a Javier Lorca.

⁵³⁰ Alusão ao livro: CASTAÑEDA, Jorge. *La utopía desarmada*. Buenos Aires: Ariel, 1994. A despeito da derrota militar e política infligida à maioria dos focos de guerrilha que se espalharam pela América Latina após o triunfo de Havana, não se pode deixar de mencionar o sucesso da Revolução Sandinista na Nicarágua, em 1979,

“grandes relatos”, a diáspora e a derrota dos segmentos sociais radicalizados fizeram com que tombasse, na América Latina, a cultura política revolucionária.

Se, na abertura do século XX, Lenin buscava respostas práticas aos desafios do movimento socialista russo, perguntando-se *Que fazer?*,⁵³¹ no começo do último quartel do mesmo século, seus consignatários latino-americanos, não menos preocupados com problemas de ordem prática, mas certamente mais irrequietos com questões de caráter moral e teórico, em vista dos sintomas do aparecimento do relativismo e da crise de paradigmas, que não se faziam esperar, buscaram formas de inserção na emergente cultura política democratizante, tentando examinar em profundidade os equívocos do passado e os impasses e exigências do presente, e a principal pergunta que possivelmente terão feito a si mesmos terá sido: como fazer?

Ao se evanescerem os pressupostos que haviam fundamentado a cultura política de esquerda na América Latina durante boa parte do século XX, na nuvem de poeira levantada pelo desmoronamento da utopia revolucionária, sobreveio uma penosa incerteza. Em meio ao estremecimento e à comoção, chegara o momento de ensarilhar os “fuzis” e de repensar, no “inverno de autocrítica”, conforme a expressão de Ángel Rama, o lugar do pensamento crítico latino-americano no novo contexto que estava em gestação. Os destinos políticos e sociais brasileiros, como parte da dinâmica histórica da América Latina, não se afastaram das tendências que estavam redesenhando o mapa político da região. No Brasil, para os grupos de oposição ao regime militar, em que se devem incluir os exilados que retornaram após a anistia, esse foi um momento de redefinição:

[...] esse momento se apresenta como radicalmente distinto do anterior, marcado por uma tática de enfrentamento armado, que negava a aliança com

precisamente no mesmo momento em que a luta armada perdia sua primazia estratégica e era colocada na berlinda. Ironicamente, quando os líderes da Revolução decidiram radicalizar o seu programa político, rompendo o equilíbrio de interesses que se havia constituído entre as diferentes classes, tiveram que enfrentar a contrarrevolução e a invectiva dos Estados Unidos, o que acabou resultando na derrota eleitoral em 1990. Contudo, o descontentamento com as reformas liberais que se seguiram à vitória de Violeta Chamorro e se perpetuaram até ao fim do mandato de Enrique Bolaños, fortaleceu os sandinistas, e, em 2006, Daniel Ortega venceu novamente as eleições. A Frente Sandinista e Daniel Ortega, porém, pouco ou nada mantiveram do projeto que derrubou a ditadura de Somoza em 1979.

⁵³¹ Alusão ao livro publicado por Lenin em março de 1902, no qual polemiza com a ala “economista” da social-democracia russa e discute problemas práticos do movimento socialista na Rússia. Poderia ser mera coincidência a publicação da primeira edição desse livro no Brasil, em 1979, se não fossem as particularidades do contexto político em que ocorreu, marcado pela necessidade de balanço crítico da esquerda brasileira. Em sua apresentação, escrita em março de 1978, Florestan Fernandes pergunta aos leitores: “o que um livro como esse testemunha quanto à nossa própria imaturidade e impotência políticas no Brasil e na América Latina?” E adiante coloca em evidência o ofício teórico: “Os que são socialistas precisam devotar-se à tarefa de construir a teoria revolucionária exigida pela situação atual da América Latina.” LÊNIN, V. I. *Que fazer?* Apresentação de Florestan Fernandes. São Paulo: Hucitec, 1979, p. 8.

setores mais amplos da oposição e da própria esquerda (acusados de reformismo e passividade), e por um isolamento profundo em relação à sociedade. A definição de uma conjuntura de resistência e de uma plataforma de luta pelas liberdades democráticas foi, de certa forma, uma resposta das esquerdas brasileiras ao isolamento e à derrota militar e política da experiência armada.⁵³²

O *mea culpa* daqueles que se confrontaram com o esgotamento de estratégias de intervenção política outrora primazes, como a luta armada, e a obstinada insistência dos que se mantiveram irredutíveis em defesa da opção militar, convictos de ser essa a única alternativa eficaz de resistência e de ação política, as duas atitudes que mais se sobressaíram entre os grupos de expatriados pelos regimes autoritários, favoreceram a ruptura da comunidade de exilados. Foi levando em conta as tensões entre essas duas atitudes que Grenn e Roniger observaram que: “[...] the tensions and confrontations between the retrospective evaluation of failed projects and the forward-looking perspective of individuals translocated abroad constitute a major axis for future systematic research.”⁵³³

4.5.1 As artimanhas do discurso crítico: A propagação da heresia no silêncio da proscrição

Arremessada para o exterior de suas referências afetivas e políticas, a comunidade de intelectuais platinos exilados no México, embora invadida pelo sentimento de derrota, soube criar espaços extraterritoriais de sociabilidade, entre os quais se destacaram as revistas, que contribuíram muito para a preservação de identidades e constituíram espaços de resistência à tentativa de silenciamento que se impunha ao fracionado meio intelectual latino-americano.⁵³⁴ Pode-se afirmar que, como tivera outrora o exílio de intelectuais alemães, como Thomas Mann, a qualidade de espaço para a construção e manutenção do ofício crítico e de lugar

⁵³² ARAUJO, M. P. N. . Lutas democráticas contra a ditadura. In: AARÃO REIS, D. ; FERREIRA, J. (Orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. (As esquerdas no Brasil; v. 3), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 324.

⁵³³ “[...] o choque entre as avaliações que os exilados fizeram de malogrados projetos que haviam capitaneado e o atrito entre as perspectivas que assumiram após a falência desses projetos representam um eixo principal para futuras pesquisas.” (tradução minha) GRENN & RONIGER, op. cit., p. 107.

⁵³⁴ ROLLEMBERG, op. cit., p. 205.

resguardado para a formulação de denúncias,⁵³⁵ predicado análogo teve a experiência de intelectuais latino-americanos exilados pelos recentes sistemas de repressão:

O exílio não representou [...] o fim da trajetória política dos militantes de esquerda ou intelectuais que não se calavam frente os novos governos. Transformou-se em espaço de organização para a oposição aos regimes ditatoriais. Denunciando a ausência de liberdade de imprensa, apontando os casos de tortura e abusos das autoridades policiais e descrevendo as dificuldades da população mais pobre, os exilados desconstruíam as imagens positivas que aqueles regimes queriam expor ao mundo.⁵³⁶

Por mais irônico que possa soar, quando se pensa no exílio e no seu elemento disruptivo, quando se leva em conta a motivação dos chefes militares ao desterrarem aqueles que lhes confrontavam, chega-se à conclusão de que o efeito esperado algumas vezes foi inverso:

Ya se ha dicho varias veces que los militares conservadores han fortalecido la compenetración de la intelectualidad del continente, que han ayudado a su mejor formación y ampliación de conocimientos, aunque esto venía ocurriendo desde hace bastantes décadas, sólo que se aplicaba a los “otros” del continente y, no a los “sureños”, como se había aplicado a los españoles transterrados a Hispanoamérica y ahora a los hispanoamericanos que han buscado cobijo en una España que por razones obvias no puede sino recibirlos a pesar de sus presentes dificultades.⁵³⁷

Ao passo que, encerrados dentro dos limites de suas fronteiras nacionais, os grupos de oposição operavam de forma isolada, desarticulada, no momento em que foram derrotados e seus membros capturados ou dispersados, aqueles que conseguiram se evadir e se exilar lograram constituir com frequência, e êxito, nos países onde encontraram refúgio, como o México, algo que historicamente, na América Latina, enfrenta todos os tipos de contraforça, de reação: o intercâmbio entre os países que a constituem. Assim, nos termos de Galeano: “El exilio desarrolló este intercambio en un grado improbable en situaciones ‘normales’, cuando lo ‘normal’ en América Latina es la ignorancia recíproca de sus partes.”⁵³⁸

Habitualmente voltados de costas uns para os outros, a não ser pelas subterrâneas interlocuções estabelecidas insistentemente entre algumas parcelas minoritárias de suas

⁵³⁵ Entre 1940 e 1945, dos Estados Unidos, onde estava exilado, o autor do *Doutor Fausto* escrevia textos críticos incisivos contra o regime nazista, que, subsequentemente, em transmissões radiofônicas, eram difundidos, desde Londres, em ondas longas, pela *British Broadcasting Corporation* (BBC). MANN, Thomas. *Discursos contra Hitler*. Ouvintes alemães! Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, pp. 7-10.

⁵³⁶ CRUZ, Fábio Lucas. Frente Brasileiro de Informaciones e Campanha: Os jornais de brasileiros exilados no Chile e na França (1968-1979). São Paulo, 2010, Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, p. 9.

⁵³⁷ RAMA, op. cit., p. 79.

⁵³⁸ GALEANO, op. cit., p. 86.

sociedades, os países da América Latina que foram assolados pela crise institucional e pela concomitante maré autoritária presenciaram um inaudito fortalecimento das relações entre seus intelectuais: “El exilio, pero también el trabajo en los centros privados nacionales conllevan una *circulación internacional* de los intelectuales antes desconocida. Santiago de Chile hasta 1973 y posteriormente Ciudad de México se transforman en centros de un debate latinoamericano.⁵³⁹” Como é lembrado por Juan Carlos Portantiero, no testemunho que deu para o documentário de Rafael Filippelli sobre José Aricó, foi no exílio mexicano que a América Latina foi descoberta pela esquerda intelectual argentina. O exílio, esta experiência “entre raízes e radares”, como definiu Rollemberg, “entre a nostalgia e a criação”, como poetizou Galeano, teve diversas faces:

Similarly, translocation has both constrained and broadened the range of choices and alliances with conationals and others, leading to novel redefinitions of the political and shaping new ways of relating to collective projects in the struggle for democratization of the home societies.⁵⁴⁰

Se, na aurora da construção da nacionalidade uruguaia, o êxodo dos orientais representou um marco fundador e consolidador de valores comunitários, um tipo de “mito de origem”, já no combalido país platino cujo ímpeto democrático fora responsável pela constituição de uma sociedade amplamente alfabetizada e sequiosa de cultura, a diáspora de seiscentos mil uruguaios que se seguiu ao golpe de 1973 expressou, por parte do intimidado governo militar, a tentativa frustrada de anulação da potência crítica engendrada pelas políticas sociais que ajudaram a construir essa sociedade. De acordo com Ángel Rama, a comunidade exilada integrou-se, plena e ativamente, aos países onde encontrou refúgio:

[...] el pueblo de la diáspora y sus intelectuales están participando en un activo intercambio, haciendo suyos los problemas de otras comunidades, viviendo sus afanes, conociendo su historia, apropiándose de su legado histórico, sirviendo a estas culturas de adopción como lo hicieron con la suya propia y aportando dentro de ellas. Si para muchos uruguayos conocer la América indígena o la América negra ha sido una revelación que sin duda los favorecerá porque les proporciona un entendimiento más cabal de la pluralidad americana al tiempo que les hace copartícipes de ricas tradiciones intelectuales y artísticas, también ha sido grande la contribución que sus sistemas de referencias y sus percepciones culturales han hecho a las respectivas zonas en que se han instalado.⁵⁴¹

⁵³⁹ LECHNER, loc. cit. (grifos no original)

⁵⁴⁰ “Simultaneamente, o exílio limitou e ampliou o leque de escolhas e alianças com conterrâneos e outros, levando a redefinições da teoria e da prática política e moldando novas formas de relacionamento com projetos coletivos na luta pela democratização das sociedades de origem.” (tradução minha) GRENN & RONIGER, op. cit., p. 107.

⁵⁴¹ RAMA, op. cit., p. 80.

Poder-se-ia, porém, questionar o esforço obstinado com que os colaboradores dos *Cuadernos*, na segunda época da publicação, buscaram valorizar, como Galeano e Rama o fizeram nos trechos anteriormente mencionados, os aspectos positivos da experiência do exílio, e esse esforço não lhes foi exclusivo; é notório o zelo com que os grupos de exilados agiram para minimizar, quando não extinguir, os efeitos esterilizantes da expatriação. Empenhado em repletar a negatividade do exílio, o grupo de *Controversia* não apenas imprimiu nos textos que produziu a marca desse esforço, como, também, tornou-o objetivo programático ao qual é feita alusão logo no primeiro editorial da revista:

Han pasado más de tres años desde que se produjera el golpe militar en la Argentina. Al estupor por la salvaje represión, al anonadamiento producido por el forzado alejamiento de la patria, al desconcierto inicial respecto de la dirección y efectividad de nuestros actos, hoy, o desde no hace mucho tiempo, (aunque siempre nos resistimos a la negatividad del exilio, enfrentando con variado éxito a la “melancolía, la frustración y la nostalgia”), existe la convicción cada vez más firme de convertir este exilio “en una experiencia positiva”.⁵⁴²

Sem subestimar a magnitude dos resultados nocivos provocados pelo exílio, efeitos que ainda se fazem sentir nas sociedades latino-americanas, na vida política e cultural do subcontinente, interessa identificar, no *corpus* textual das três publicações que configuram o objeto desta tese, um *ethos* que se opôs às forças desestabilizadoras criadas pelo afastamento compulsório do espaço imediato de atuação política. “Las dictaduras del sur han montado, como se sabe, una maquinaria del silencio.”⁵⁴³ Essa emudecedora engrenagem à qual se referiu Galeano, por meio do banimento daqueles que lhe opunham resistência com o uso da palavra – poetas, escritores, críticos, dramaturgos, professores – tentou abafar e esvaecer as vozes insurgentes. Assim, o que terá dado fundamento às otimistas apreciações que os colaboradores dessas três publicações de cultura apresentaram sobre essa experiência de ruptura? Ora, a propósito do exílio e da sua faculdade de gerar “afonia” política, Ariel Dorfman⁵⁴⁴ ressaltou uma perturbadora contradição:

This is one of the great paradoxes of exile: The very sanctuary that guarantees that a voice has survived, simultaneously cuts that voice off from

⁵⁴² EDITORIAL. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 1, p. 2, octubre de 1979.

⁵⁴³ GALEANO, op. cit., p. 83.

⁵⁴⁴ Ariel Dorfman também foi colaborador dos *Cuadernos de Marcha*, tendo publicado o seguinte texto no dossiê intitulado “Después de Pinochet”: DORFMAN, Ariel. Versos de amor para Santiago. *Cuadernos de Marcha*, segunda época, México, año 2, nº 7, pp. 90-94, mayo/junio de 1980.

direct access to the land it is responsible for keeping alive, the land that demands to be transmitted to others.⁵⁴⁵

Terá sido irreparável o corte radical ao qual o escritor argentino-chileno-estadunidense se referiu como pilar de um “grande paradoxo”? Talvez não haja cisões infusíveis. O preto e branco da assertiva de Dorfman possivelmente poderia ser matizado. Parece que o próprio trajeto do cosmopolita autor de “Para leer al Pato Donald”, suas múltiplas nacionalidades de permanente exilado, a continuidade e repercussão de sua atividade crítica na torrente ininterrupta de fraturas que constituem sua biografia vão de encontro ao paradoxo que propõe. Seja como for, identificar nuances no interior dos limiares desse paradoxo não implica a sua total negação, apenas propicia uma modulação. Não poderia refutar o argumento de Dorfman, pois não está distante do que tento propor, isto é, enquanto ele menciona um paradoxo, procuro refletir sobre as ambivalências da experiência do exílio.

Conquanto a proposição de Dorfman possa ser considerada válida, quando se pensa no engenhoso método usado por Thomas Mann, exilado nos Estados Unidos, para se fazer ouvir por seus conterrâneos alemães no auge da Segunda Guerra Mundial, ainda que a voz do escritor estivesse proscrita na Alemanha e nos territórios ocupados pelos nazistas, conclui-se que, apesar das censuras e outros impedimentos, a faculdade de subversão da palavra pode fazer com que o pensamento e a crítica encontrem maneiras incomuns de serem expressados e repercutidos pelas costas de quem os quer extinguir. Sempre existem aqueles que se atrevem à escuta clandestina; é por meio deles que a voz de um exilado pode falar à terra de origem. A propósito, Moacir Werneck de Castro sugere que:

O germe da verdade tem meios engenhosos de transmissão: muitas vezes ele se recolhe dentro de uns poucos indivíduos. Pode então transmitir-se por um bilhete, um boletim, e se contar com uma revista, então a festa está feita. É o caso da bomba de ação retardada.⁵⁴⁶

Pode-se supor, portanto, que a consciência dessa faculdade de subversão da palavra e das ideias, sua produção e difusão nas “redes” e “estruturas de sociabilidade”, como as revistas de cultura, criadas nos lugares que ofereceram refúgio à comunidade de exilados,

⁵⁴⁵ “Este é um dos grandes paradoxos do exílio: O mesmo santuário que atesta a sobrevivência de uma voz, simultaneamente corta o acesso dessa mesma voz à terra que ela tem responsabilidade de manter viva, a terra que demanda ser transmitida a outros.” (tradução minha) DORFMAN, Ariel. *Heading South, looking North: A bilingual journey*. United States of America: Penguin Books, 1st ed., 1998, p. 204. A edição brasileira foi publicada no mesmo ano: DORFMAN, Ariel. *Uma vida em trânsito*. Memórias de um homem entre duas culturas. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. Uma interessante análise da maneira como Dorfman escreve, na sua narrativa confessional, sobre as múltiplas identidades e sobre o bilinguismo que o constituem, pode ser lida no seguinte texto: ELMIR, C. P. . As palavras que cabem no trânsito da vida: memórias de Ariel Dorfman. *Tempo e Argumento*, v. 4, pp. 114-126, 2012.

⁵⁴⁶ Moacir Werneck de Castro, 1944 apud CAPELATO; SCRAMIM, 2003, p. 10.

foram alguns dos fundamentos do otimismo dessa comunidade em relação às possibilidades de superação das perdas geradas pelo exílio. Como afirmou Benedetti, em entrevista publicada em *Encontros*: “não conseguiram matar a cultura uruguaia. De certa maneira *ela renasceu no exílio*.⁵⁴⁷”

De acordo com Miriam Lidia Volpe, em estudo que objetiva perquirir fragmentos da biografia de Benedetti, ou “biografemas”, nos termos de Barthes, à luz do conceito de exílio e de suas variadas “geografias”,⁵⁴⁸ espaciais e emocionais, a reflexão do escritor uruguaio sobre o massivo *destierro* latino-americano provocado pelas ditaduras também levou em conta aqueles que permaneceram, à força das circunstâncias, sob o obscurantismo dos regimes militares, testemunhando e experimentando o exílio desde outra perspectiva:

[...] um exílio residencial, ou insílio, sofrido pelos cidadãos que foram forçados pelas ditaduras a adotar uma atitude passiva e uma semi-impotência que os destitui de sua autonomia moral e de sua iniciativa psicológica e também pelos que foram encarcerados e destituídos de todos os seus direitos.⁵⁴⁹

Pode-se pensar, com o autor de “Gracias por el fuego”, que o exílio será tanto mais construtivo ou infecundo, para aqueles que partem ou que ficam, conforme a atitude que for tomada, passiva ou proativa, conformista ou insubordinada. Se o exilado, como foi o próprio Benedetti, consegue mitigar as perdas e fraturas que se lhe impuseram e passa a assumir a condição de ser um “entroncamento de culturas”, em que muitas aldeias, cidades e países confluem, onde quer que esteja sentir-se-á integrado, artífice de sua circunstância, dinamizador da realidade que lhe acolheu e poderá, talvez, na iminência do regresso, no instante do reencontro, experimentar o sentimento da *contranostalgia*, a previsível nostalgia do lugar do exílio.⁵⁵⁰

O exílio das formações de esquerda agrupadas em *Controversia* e na segunda época dos *Cuadernos de Marcha* não estancou a produção crítica dos setores intelectuais banidos pelos sistemas de repressão instaurados pelas ditaduras no Uruguai e na Argentina. Insubordinados e proativos, plenamente integrados na vida cultural dos países que os receberam, como México, Venezuela, Cuba e Espanha, os intelectuais que participaram dessas formações não somente deram seguimento, como, também, expandiram as reflexões

⁵⁴⁷ MONSERRAT, J. . Entrevista com Mario Benedetti. *Encontros com a Civilização Brasileira*, nº 23, Rio de Janeiro, pp. 62-63, maio de 1980. (sem grifos no original)

⁵⁴⁸ BENEDETTI, Mario. Geografias. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año IV, nº 19, pp. 63-66, mayo/junio de 1982.

⁵⁴⁹ BENEDETTI, 1993 apud VOLPE, 2003, p. 49.

⁵⁵⁰ Idem.

sobre as tradições políticas e culturais da América Latina e dos países platinos e, ainda, sobre as mudanças que estavam despontando: “Fora do Uruguai e impossibilitado de voltar ao seu país, dominado pelo regime militar, Ángel Rama, nomeado, na Venezuela, Diretor Literário da ‘Biblioteca Ayacucho’, deu continuidade às reflexões sobre a América Latina à luz do contexto do exílio.⁵⁵¹”

Se as reflexões sobre a América Latina permaneceram prioritárias, sendo não raras vezes ampliadas, a preocupação em manter acalorada a atividade criativa representante de valores nacionais também foi instigada: “Todo lo que sea creado en el cauce de la cultura uruguaya, viniere de donde viniere, será la cultura uruguaya y ésta existirá en la medida en que sea intensa, variada, libre, combativa, en constante producción.⁵⁵²” Quando se compara aquilo que foi escrito pelos colaboradores dessas paradigmáticas publicações acerca da experiência do exílio, entende-se que, em sua maioria, foram unânimes em considerá-la uma oportunidade valorosa para a reestruturação teórica do pensamento crítico latino-americano.

“Las voces del silencio” – escreveu Carlos Quijano nos *Cuadernos* evocando “Les Voix du Silence”, de André Malraux – “entre ellas la nuestra, volverán a hacerse oír con nosotros o sin nosotros.” Uruguaio radicado no México, redator do jornal *La Jornada*, colaborador da segunda época dos *Cuadernos de Marcha* e de *Brecha*, que a sucedeu, Carlos Fazio, ao dar seu testemunho sobre a experiência de Quijano, expôs suposições sobre o que o diretor dos *Cuadernos* pensava a respeito das ambiguidades do exílio:

Fue, el suyo, un exilio sin mella. Solía decir que fue en su tierra un exiliado. Un exiliado de tiempo completo. Y después, aquí, en México, se consideraba un exiliado del exilio. Aunque por “elemental pudor – escribió Quijano a Guillermo Chifflet –, hay que acallar las amarguras del exilio”. No obstante, era de los que pensaban que el exilio también fortifica y abre horizontes. Es otra vida.⁵⁵³

O estudo comparativo de fragmentos dos itinerários dos intelectuais que participaram de *Encontros*, da segunda época dos *Cuadernos* e de *Controversia*, bem como dos textos que publicaram nessas revistas, evidencia que os ramos do pensamento crítico latino-americano que compuseram essas formações, embora proscritos de suas circunstâncias imediatas de atividade e algumas vezes, em decorrência do afastamento, com escassa incidência nos seus

⁵⁵¹ COELHO, Haydée Ribeiro. Biblioteca Ayacucho: exílio latino-americano e perspectiva político-cultural: (meados de 70 e 80). In: Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas [e] I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas/Sara Rojo (et al.), organização. - Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. 1 CD-ROM, p. 1005.

⁵⁵² RAMA, op. cit., p. 77.

⁵⁵³ FAZIO, Carlos. En la barca de Carlos Quijano y su Marcha fecunda. In: Centro Mexicano de Estudios Sociales A. C. (coord.). *Contribuciones al pensamiento social de América Latina*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007, p. 187.

próprios espaços de origem, construíram condições que lhes permitiram dar seguimento, no exílio, à influente reflexão política e cultural que vinham conduzindo no interior de seus contextos nacionais. Enquanto “estruturas de sociabilidade”, essas três revistas constituíram, cada qual à sua maneira, âmbitos alternativos de reflexão sobre múltiplos temas relacionados com os projetos e contradições das heterogêneas frações da esquerda latino-americana, como o esgotamento dos paradigmas que haviam produzido o fracasso de suas estratégias de ação política contra o terrorismo de Estado e as emergentes posições que caracterizaram, sob a crise do marxismo, a recomposição e reorganização do meio intelectual contestatário no contexto da transição democrática. Como destacou Denise Rollemberg:

Supondo o exílio como uma tentativa de afastar e eliminar indivíduos e/ou gerações com um projeto distinto do *status quo*, atuante contra a ordem ou resistente a ela, a importância dessa imprensa está na manutenção do grupo. Através dela, os exilados podiam se expressar, mantendo aceso o espírito de oposição.⁵⁵⁴

De todo modo, Rollemberg observa, em outro texto, que “o exílio brasileiro jamais chegou a ser *de massa*”,⁵⁵⁵ não tendo sido vivido da mesma forma por todos. Recorrendo a categorias propostas por Michael Pollack, Rollemberg destaca, igualmente, que:

[...] a construção segundo a qual a *resistência* ao regime prevaleceu enquanto as esquerdas estavam no exílio, foi, sem dúvida, o que permaneceu como memória dos tempos de ditadura, *negociando, conciliando, consolidando-se*, nas décadas seguintes como *memória coletiva*.⁵⁵⁶

Porque variada e heterogênea, a experiência do exílio brasileiro e latino-americano, especificamente o exílio político de intelectuais egressos de países do Cone Sul, gerado pela repressão praticada pelas últimas ditaduras militares, possibilita muitas interpretações. Assim, não obstante a ênfase que ocasionalmente possa ter dado em minha análise aos aspectos “positivos” do exílio, sem contudo ter deixado de mencionar, via Galeano, outra perspectiva, a “cara negra”, procurei apresentar matizes e ambiguidades, tendo como premissa, sempre, que a experiência do exílio não foi linear, estando ciente de que a opção por esta ou aquela abordagem terá poucas chances de conseguir ser politicamente imparcial e impermeável aos influxos dessa “memória coletiva” e das operações que a constroem. Feita essa ressalva, destaco que meu objetivo foi fazer uma análise parcial sobre a forma como essa experiência

⁵⁵⁴ ROLLEMBERG, op. cit., p. 205.

⁵⁵⁵ ROLLEMBERG, Denise. Memórias no exílio, memórias do exílio. In: AARÃO REIS, D. ; FERREIRA, J. (Orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. (As esquerdas no Brasil; v. 3), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 199, 2007. (grifos no original)

⁵⁵⁶ Ibid., p. 200. (grifos no original)

contraditória manifestou-se nas formações de esquerda de *Encontros com a Civilização Brasileira*, da segunda época dos *Cuadernos* e de *Controversia*.

Considerações finais

Após o frenesi de Maio de 1968, uma “revolução sem rosto, porque tinha mil [...]”,⁵⁵⁷ foram sendo esgarçadas, aos poucos, as utopias e saneadas as “mais inquietantes ‘impurezas’ da modernidade”.⁵⁵⁸ Esfalfados foram, também, os modelos totalitários, derrotados pela nova lógica econômica, política e cultural do capitalismo tardio, leve, flexível e desregulamentador, e pelas tendências liberadas pela emergente “construção social do tempo”. Ao passo que se fez acompanhar do desaparecimento do “espírito da revolução”, o declínio do cronótopo historicista presenciou o despontar de um tipo de poder difuso, e as estruturas de dominação, atomizadas, engendraram o que já foi classificado como microfascismo, desafiado por microresistências, órfãs de profetas e demiurgos, cuja prática política é realizada, capilarmente, por vários atores sociais não mais em grandiloquentes e catárticos eventos, mas em “révolutions moléculaires”.⁵⁵⁹

Dez anos depois da abortada revolução de Maio, no refluxo dessa insurreição contra o antigo poder autoritário, o “marxismo torna-se então sinônimo de barbárie”,⁵⁶⁰ oprimido pelo fardo criado pelo medonho espetáculo do estalinismo e do “socialismo realmente existente”. Coincidentemente, o ano de 1978, quando surge *Encontros com a Civilização Brasileira*, constitui a primeira baliza do arco cronológico que delimita o contexto de circulação das três revistas culturais estudadas nesta tese. O ano de 1984, quando a publicação do número 27 da segunda época dos *Cuadernos de Marcha* faz encerrar a experiência mexicana da formação intelectual de *Marcha*, depois continuada outra vez em Montevidéu, constitui a segunda baliza. O “momento crepuscular” do marxismo atinge em cheio esse contexto, influenciando intensamente muitos dos debates circunscritos entre as duas bordas

⁵⁵⁷ DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p. 129.

⁵⁵⁸ Para Bauman, pelo anseio de levar até às últimas consequências o projeto moderno, criando um mundo de coerências absolutas, perfeitamente ordenado, os revolucionários são a maior “impureza” da modernidade: “Uma das mais inquietantes ‘impurezas’ na versão moderna da pureza eram os *revolucionários*, que o espírito moderno tinha tudo para gerar: os revolucionários eram, afinal, nada mais do que entusiastas da modernidade, os mais fiéis entre os crentes da moderna revelação, ansiosos por extrair da mensagem as lições mais radicais e estender o esforço de colocar em ordem além da fronteira do que o mecanismo de colocar em ordem podia sustentar.” BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 26. (grifo no original)

⁵⁵⁹ GUATTARI, Félix apud ONFRAY, Michel, 2004, p. 31.

⁵⁶⁰ DOSSE, op. cit., p. 132.

desse arco cronológico, como sugere Juan Carlos Portantiero, ao situar a conturbada relação entre democracia e socialismo no marco do estado de incerteza que se estendia sobre o marxismo: “[...] la relación entre *democracia y socialismo* está en el mismo centro de la polémica actual del marxismo contemporáneo.⁵⁶¹”

Observou-se que esse estado de ânimo não foi apenas consequência particular de ocasionais contradições e insuficiências ideológicas intrínsecas do pensamento marxista. Independentemente do eventual grau de incoerência e das fragilidades do marxismo, a decantada crise de paradigmas teve uma disseminação praticamente generalizada. Uma pá de cal foi lançada sobre quase todos os sistemas de conceitos globalizadores, que se pulverizaram. Nem a historiografia foi poupada do estilhaçamento, com desdobramentos epistemológicos carregados de matizes, que François Dosse avalia de modo mais amargurado do que otimista: “[...] a figura do homem apaga-se como um desenho na areia da praia...⁵⁶²” Seria intrigante pensar que a metanarrativa liberal tenha sido, talvez, uma das únicas poupadas da propensão diluente característica dessa crise, se não fosse pela evidente correspondência que possui com as motivações da destruição do sistema de Bretton Woods e com o começo da etapa de financialização do quarto sistema cíclico de acumulação do capitalismo histórico, liderado pelos Estados Unidos.⁵⁶³ Não surpreende, portanto, que o pico do período de expansão do ciclo de acumulação estadunidense tenha sido definido como “revolução financeira global”,⁵⁶⁴ o que é uma tremenda ironia, sinistra até, se levadas em conta as brutais desilusões que esse contexto crucial da história do século XX provocou para muitos.

Atentos aos rumores da história, alguns intelectuais latino-americanos, em especial os que pertenceram às formações reunidas na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, na segunda época dos *Cuadernos de Marcha* e em *Controversia*, muitos desde o exílio, tentavam identificar as mudanças que aconteciam e as consequências que adviriam delas, tentavam reconhecer os efeitos que essas decisivas transformações poderiam acarretar no processo de transição e na subsequente construção de uma ordem democrática. Antes de mais nada, esses intelectuais buscavam pensar, na tormenta produzida pela crise, como o socialismo poderia ser atualizado para sobreviver à prova de fogo da história, medindo-se

⁵⁶¹ PORTANTIERO, Juan Carlos. De la crisis del país popular a la reorganización del país burgués. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año 1, nº 2, p. 12, julio/agosto de 1979. (sem grifos no original)

⁵⁶² DOSSE, op. cit., p. 124.

⁵⁶³ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 308.

⁵⁶⁴ WALTER, Andrew, 1991, p. 200 apud ARRIGHI, 1996, p. 309.

com novos discursos que despontavam, enveredando-se, inclusive, como forasteiros, abrindo espaço em terreno hostil, nas brechas do bloco ideológico que, fortalecendo-se, começava a atribuir a si mesmo a condição de pensamento único. Acompanhando o movimento de revisão das plataformas da esquerda européia, nomeadamente do eurocomunismo, tentavam delinear novos pressupostos teórico-políticos para o pensamento crítico da América Latina, como fundamentos para a construção de uma “teoría y práctica radicalmente transformadoras de nuestra sociedad”,⁵⁶⁵ expressão presente no febril editorial do primeiro número de *Controversia*, o que implicou, como sugere Oscar Téran, aquele “espetáculo obscuro de las autocríticas”.⁵⁶⁶

Incentivo, nesse contexto, para o aparecimento de muitas revistas da esquerda latino-americana, o “signo de la autocrítica”,⁵⁶⁷ expressão que estampa o editorial do número dos *Cuadernos de Marcha* dedicado à esquerda chilena, apesar dos casuais paroxismos que a observação acutilante de Téran não deixa passar em branco, pode ser considerado tautológico, sempre que se tencione analisar, dentro do arco cronológico que delimita o objeto desta tese, a história intelectual da esquerda da América Latina. Como quer que seja, seria razoável pensar que essa redundância poderá ser antediluviana na história das esquerdas; não de todas, claro, mas muito provavelmente das que se orientaram pela heterodoxia. A autocrítica pode ser considerada quase um traço atávico dessa esquerda antidogmática. Com trinta e três anos, Gramsci, referência teórica importantíssima ao longo do período em que circularam as três publicações que compõem o objeto desta tese, refletindo sobre a debilidade dos partidos proletários italianos, já afirmava, na primeira metade do século XX: “[...] bisogna fare una spietata autocritica della nostra debolezza, bisogna incominciare dal domandarsi perché abbiamo perduto, chi eravamo, cosa volevamo, dove volevamo arrivare.”⁵⁶⁸ Ainda assim, as revisões críticas levadas a cabo em *Controversia* são, não raro, tidas pela historiografia como produto de uma circunstância excepcional proporcionada pelo exílio mexicano, que, pelas reformulações que instigou, teria sido um marco de ruptura:

[...] *Controversia* se significa como una continuidad de las preocupaciones que alentaron a *Pasado y Presente*, y constituye una bisagra mexicana entre

⁵⁶⁵ EDITORIAL. *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, nº 1, p. 2, octubre de 1979.

⁵⁶⁶ TÉRAN, Oscar. Un cuento llamado Controversia. In: TULA, Jorge (et al.) . *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina (Edição fac-similar). 1ª ed., Buenos Aires: Ejercitar la Memoria, 2009, p. 1.

⁵⁶⁷ AUTOCRÍTICA y reafirmación. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 6, p. 4, marzo/abril de 1980.

⁵⁶⁸ “[...] é necessário fazermos uma autocrítica rigorosa de nossa fragilidade, é necessário começar perguntando-nos por que perdemos, quem éramos, o que queríamos, onde queríamos chegar.” (tradução minha) MARTINELLI, Renzo; MASCI, Giovanni. Il “Che fare?” di Gramsci nel 1923. *Studi Storici*, anno 13, nº 4, pp. 803-804, Oct./Dec., 1972.

aquella experiencia nacida en Córdoba en la primera mitad de los sesenta y la que inauguró este grupo a su regreso del exilio, con la fundación del Club [de Cultura] Socialista y su publicación, *La Ciudad Futura*.⁵⁶⁹

A pré-disposição para a autocrítica pode ser entendida como variável relevante, sem a qual essa “bisagra mexicana” engripar-se-ia muito facilmente. Basta pensar quão heterogêneo foi o exílio da comunidade argentina no México, possivelmente, como averiguado no capítulo quatro, a comunidade mais fragmentada de exilados. Considere-se o porvir do COSPA, principal organismo político dos Montoneros no exílio mexicano, liderado por Rodolfo Puiggrós. Vítima da própria inconsistência e de lideranças sectárias, inábeis para analisar e entender a realidade argentina, o COSPA conviveu, de modo condescendente, com o assassinato de inúmeros simpatizantes, sejam aqueles que estavam na Argentina, sejam aqueles que, obedecendo a ordens suicidas, abandonavam o exílio para retornar à guerrilha.⁵⁷⁰ Haverá, portanto, uma especificidade que não convém desprezar. Sem desvalorizar a influência positiva do florescimento democrático mexicano e da extraordinária circunstância de efervescência cultural por que passava o México, convertido em polo de circulação internacional de intelectuais, cuja incidência nas formulações teórico-políticas presentes em *Controversia* é inquestionável, considero adequado, tendo tido a oportunidade de estudar o itinerário da formação dessa publicação, destacar a capacidade de autoanálise nada excepcional, mas sem dúvida alguma bastante representativa dessa formação.

Ao longo da pesquisa, ficou claro que houve, tanto no exílio como no insílio, permanecendo, depois, no desexílio, diferentes estratégias de resistência, tendo havido, inclusive, intensos confrontos entre elas, o que, em revistas culturais, lugar desde onde se fustiga ou se legitima múltiplos tipos de discurso, seria mais do que esperado. Daí as polêmicas dentro das revistas, entre as variadas posições que as formam; daí as disputas e pactos das próprias revistas entre si e as desavenças e alianças com as opiniões correntes. Constatou-se, apesar das inevitáveis dissensões, que houve aquele *desideratum* de consenso discutido no quarto capítulo, principalmente em torno da ideia de democracia. Mesmo que tenha havido um forte pendor para a homogeneização do discurso cultural em torno da noção de democracia, com efeitos, segundo a fórmula de Paul Hirst,⁵⁷¹ em todos os países

⁵⁶⁹ YANKELEVICH, Pablo (coord.). *México, país refugio: la experiencia de los exilios en el siglo XX*. México, D. F.: Plaza y Valdés, 2002, p. 297. Sobre o lugar que ocupou *Controversia* no itinerário do grupo de *Pasado y Presente*, vale consultar, igualmente, a tese de Raul Burgos, que sugere a expressão “divisor de águas” para representar esse lugar. Cf. BURGOS, op. cit., p. 243.

⁵⁷⁰ YANKELEVICH, 2007, p. 78.

⁵⁷¹ HIRST, P. . Representative democracy and its limits. *The Political Quarterly*, Oxford, v. 59, issue 2, p. 190, April 1988.

ocidentais, atestou-se que, nas três revistas estudadas, a ambicionada unidade esteve longe de ser alcançada.

Referências bibliográficas e fontes

AARÃO REIS, D. ; FERREIRA, J. (orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. (As esquerdas no Brasil; v. 3), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

AARÃO REIS FILHO, D. . A ditadura civil-militar. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 2, 31 de março de 2012.

ACTON, Baron John Emerich Edward Dalberg. *Lectures on Modern History*. Teddington: Published by the Echo Library, 2007.

AGAMBEN, G. . A política da profanação. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 de setembro de 2005. Entrevista concedida a Vladimir Safatle.

ALFARO, Hugo R. . *Navegar es necesario*. Quijano y el Semanario “Marcha”. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1984.

ALTAMIRANO, Carlos. Idéias para um programa de história intelectual. *Tempo Social*, São Paulo, v. 19, nº 1, pp. 9-17, junho de 2007.

_____ Hay una tensión entre modernidad e identidad. *La Nación*, Buenos Aires, p. 18, 17 de julio de 2010. Entrevista concedida a Raquel San Martín.

ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. *Literatura y sociedad*. Buenos Aires: Hachette, 1983.

ANDRADE, Manoel de. Nos rastros da utopia. *Hispanista*, Revista Eletrônica de los Hispanistas de Brasil, v. XIII, nº 48, enero/febrero/marzo 2012.

ANGENOT, Marc. *La palabra panfletaria*. Contribución a la tipología de los discursos modernos. Traduzido para o Centro de Estudios Avanzados por Liliana Tozzi. Universidad de Córdoba, 2003, mimeo.

_____ *El discurso social*. Los límites históricos de lo pensable y lo decible. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010.

ANTELO, Raúl. A apatia do povo brasileiro como sátira. *IHU On-Line*, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, edição 268, São Leopoldo, pp. 6-9, 11 de agosto de 2008. Entrevista concedida a André Dick e Márcia Junges.

_____ El inconsciente óptico del modernismo. In: SOSNOWSKI, Saúl (ed.). *La cultura de un siglo*. América Latina en sus revistas. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999, pp. 297-310.

ARÁBIA, Marta Inês; de FELIPPE, Renata Farias. Uma travessia de discursos e de afetos: sobre as Cartas portuguesas. *Outra Travessia*, nº 6, Ilha de Santa Catarina, pp. 167-178, 2007.

ARAUJO, M. P. N. . Lutas democráticas contra a ditadura. In: AARÃO REIS, D. ; FERREIRA, J. (orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. (As esquerdas no Brasil; v. 3), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 320-353.

ARAUJO, V. L. . Para além da autoconsciência moderna: a historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, nº 36, pp. 314-328, julho/dezembro de 2006.

ARICÓ, José María; OVIEDO, José. La utopía es el recurso de los débiles. *Leviatán: Revista de hechos e ideas*, Madrid, segunda época, nº 46, pp. 117-128, invierno 1991.

ARICÓ, José María. El destino se llama democracia. In: CRESPO, Horacio (ed.). *José Aricó, Entrevistas (1974-1991)*. Córdoba: Ediciones del Centro de Estudios Avanzados, Universidad Nacional de Córdoba, 1999, pp. 17-30.

_____ Pasado y Presente. *Pasado y Presente*. Revista Trimestral de Ideología y Cultura, Córdoba, año I, nº 1, pp. 1-17, abril/junio de 1963.

ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____ Globalização e desenvolvimento desigual. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, v. 1, nº 1, pp. 1-14, ago./dez. 2007.

AUSTIN, John Langshaw. *How to do Things with Words: The William James Lectures delivered at Harvard University in 1955*. Oxford: Ed. J. O. Urmson, 1962.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. Forms of time and of the chronotope in the novel. In: HOLQUIST, Michael (ed.). *The dialogic imagination: Four essays*. Austin: University of Texas Press Slavic series, 2004, pp. 84-258.

BARROS, José D'Assunção. Imagens da História. *Mneme*. Revista de Humanidades, Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó, v. 5, nº 10, pp. 205-229, abr./jun. de 2004.

BASSO, Luisa Peirano. *Marcha de Montevideo y la formación de la conciencia latinoamericana a través de sus cuadernos*. Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 2001.

BASUALDO, Victoria. Derivaciones posibles de la polémica iniciada por Oscar del Barco: reflexiones para una agenda de investigación. *Políticas de la Memoria*, Buenos Aires, CeDInCI, nº 6-7, pp. 9-13, Verano 2006/2007.

BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Paris: Alphonse Lemerre, 1868.

BAUMAN, Zygmunt. *Europa: uma aventura inacabada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. *Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, Universidad del Zulia, Venezuela, año VIII, nº 20, pp. 105-115, marzo de 2003.

BELLE, Edgard. Um olhar intertextual em: 'Navegar é preciso, viver não é preciso'. *Cad. de Pós-Graduação em Letras*. São Paulo, v. 3, nº 1, pp. 91-103, 2004.

BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Selected Writings Volume 4 1938-1940*. Translated by Edmund Jephcott and Others. Edited by Howard Eiland and Michael W. Jennings. The Belknap Press of Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts, and London, England, 2003.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras Escolhidas, v. 1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Passagens*. Org. da edição brasileira Willi Bolle. Trad. Irene Aron e Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____. O caráter destrutivo. In: *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. Seleção e apresentação Willi Bolle; tradução Celeste H. M. Ribeiro de Sousa (et al.). São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986, p. 187-188.

_____. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: *Textos escolhidos* (sem organizador). Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. Traduções de José Lino Grünnewald (et al.), São Paulo, Abril Cultural, 2ª ed., 1983.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOBBIO, Norberto. *Direito e estado no pensamento de Emanuel Kant*. São Paulo: Mandarim, 2000.

BOIRAL, Olivier. Pouvoirs opaques de la Trilatérale. *Le Monde Diplomatique*, Paris, année 50, nº 596, p. 14, novembre 2003.

BOVERIO, Alejandro; CAPELLI, Darío & RODEIRO, Matías. El Ojo Mocho, ¿nueva época? *El Ojo Mocho*, Buenos Aires, nº 1, 1ª edición, pp. 3-4, noviembre de 2011.

BUFANO, Sergio. Reeditan la colección completa de la revista Controversia. *Página/12*, Buenos Aires, 16 de septiembre de 2009. Entrevista concedida a Javier Lorca.

BÜCHMANN, Georg; TORNOW, Walter Heinrich Robert; IPPEL, Eduard. *Geflügelte Worte*. Berlin: Haude & Spener, 1905.

BURGOS, Raul. Os gramscianos argentinos. Cultura e política na experiência de Pasado y Presente. Campinas, 1999, 337p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Departamento de Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas.

CAETANO, Gerardo & GARCÉ, Adolfo. Ideas, política y nación en el siglo XX. In: TERÁN, Oscar (coord.). *Ideas en el siglo*. Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004.

CAMARGO, M. L. B. . Sobre revistas, periódicos e qualis tais. *Outra Travessia*, nº 40/1, Ilha de Santa Catarina, pp. 21-36, 2º semestre de 2003.

_____ Não há sol que sempre dure. *Boletim de Pesquisa NELIC*, Ilha de Santa Catarina, v. 2, nº 3, pp. 2-8, 1998.

_____ Novos lugares: à guisa de introdução. *Boletim de Pesquisa NELIC*, Ilha de Santa Catarina, nº 5, pp. 1-5, 1997.

_____ Resistência e crítica. Revistas culturais brasileiras nos tempos da ditadura. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. LXX, nº 208-209, pp. 891-913, 2004.

CANDIDO, Jeferson. Versus: a arte como arma. *Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 5, nº 6-7, pp. 77-81, 2003.

CAPELA, C. E. S.; SCRAMIM, Susana. Uma constelação: revistas entre vistas. *Outra Travessia*, nº 40/1, Ilha de Santa Catarina, pp. 7-20, 2º semestre de 2003.

CAPELATO, M. H. R. ; PRADO, Maria Ligia C. . *O Bravo Matutino*: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CARVALHO, Olavo de. *A nova era e a revolução cultural*: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi Editora, 1994.

CASTAÑEDA, Jorge. *La utopía desarmada*. Buenos Aires: Ariel, 1994.

CASTRO, Moacir Werneck de. Homens, livros e idéias: pequenas revistas. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 1944.

CHAGA, M. A. M. C. . Épocas históricas versus épocas cósmicas. *Uniletras*, Ponta Grossa, nº 24, pp. 227-228, dezembro de 2002.

CHARTIER, Roger. Internet sim, mas, antes de tudo, a palavra viva. *Zero Hora* (Caderno de Cultura), Porto Alegre, 30 de agosto de 2003, pp. 4-5. Entrevista concedida a Cíntia Moscovich.

COELHO, Haydée Ribeiro. Biblioteca Ayacucho: exílio latino-americano e perspectiva político-cultural: (meados de 70 e 80). In: Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas [e]

I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas/Sara Rojo (et al.), organização. - Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. 1 CD-ROM [3467 p.]

COHEN, Robin. Diasporas and the Nation-State: from Victims to Challengers. In: COHEN, Robin; VERTOVEC, Steven. (eds.). *Migration, Diasporas and Transnationalism*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 1999, pp. 266-278.

COLMENERO, Sergio. *Historia, presencia y conciencia: Facultad de Ciencias Políticas y Sociales 1951-1991*. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 1991.

COMAY, Rebecca. *Mourning sickness: Hegel and the French Revolution*. Stanford University Press, 2011.

CORTÉS, Martín. Entre Benjamin y Schmitt: el rompecabezas de José Aricó para pensar América Latina. *Nómadas*. Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas, Universidad Complutense de Madrid, nº especial: América Latina, pp. 5-19, 2011.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2000.

CRESPO, Horacio. Presentación. In: CRESPO, Horacio (ed.). *José Aricó, Entrevistas (1974-1991)*. Córdoba: Ediciones del Centro de Estudios Avanzados, Universidad Nacional de Córdoba, 1999, pp. 7-16.

CRESPO, Regina Aída. Produção literária e projetos político-culturais em revistas de São Paulo e da Cidade do México, nos anos 1910 e 1920. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. LXX, nº 208-209, pp. 677-695, 2004.

CRUZ, Fábio Lucas. Frente Brasileiro de Informaciones e Campanha: Os jornais de brasileiros exilados no Chile e na França (1968-1979). São Paulo, 2010, 167p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo.

CUEVA, Agustín. *O desenvolvimento do capitalismo na América Latina*. 1ª edição. São Paulo: Global, 1983.

CZAJKA, Rodrigo. Páginas de resistência: intelectuais e cultura na Revista Civilização Brasileira. Campinas, 2005, 126p. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Cultura) – Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas.

D'ANNUNZIO, Gabriele. *Laudi del cielo, del mare, della terra e degli eroi*. v. 1, Milano: Fratelli Treves, 1907.

_____ *La beffa di Buccari*. Con aggiunti La canzone del Quarnaro, Il catalogo dei trenta di Buccari, Il cartello manoscritto e due carte marine. Milano: Fratelli Treves, 1918.

DA SILVA, R. V. . O contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo. *Dados*. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 53, nº 2, pp. 299-335, 2010.

DEL ROIO, M. . Leandro Konder e um capítulo da história dos intelectuais. In: PINASSI, M. O.. (org.). *Leandro Konder: a revanche da dialética*. São Paulo: Boitempo, 2002, pp. 127-142.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo veinte*. Entre la modernización y la identidad. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Tomo I., 1ª ed., Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

_____. *Redes intelectuales en América Latina*. Hacia la constitución de una comunidad intelectual. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Avanzados. Colección Idea. Segunda Época, 2007.

_____. La red de los pensadores latinoamericanos de los años 1920. *Boletín Americanista*, nº 49, Publicaciones Universidad de Barcelona, Barcelona, pp. 67-79, 1999.

DIAS, Simone. *Continuidades efêmeras: a crise do intelectual legislador e a ascensão do intérprete*. Chapecó: Argos, 2001.

DOMENACH, Jean-Marie. Entre le prophétique et le clérical. *La revue des revues*, Paris, nº 1, p. 21-31, 1986.

DORFMAN, Ariel. *Heading South, looking North: A bilingual journey*. United States of America: Penguin Books, 1st ed., 1998.

DORION, Henri; TCHERKASSOV, Arkadi. *Le russionnaire: petite encyclopédie de toutes les Russies*. Québec: Éditions MultiMondes, 2001.

DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora UNESP, 2001

_____. *La marche des idées: Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle*. Paris: Éditions La Découverte, 2003.

ELEY, Geoff. Prefácio. In: ELEY, Geoff. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ELMIR, C. P. . As palavras que cabem no trânsito da vida: memórias de Ariel Dorfman. *Tempo e Argumento*, v. 4, pp. 114-126, 2012.

FAZIO, Carlos. En la barca de Carlos Quijano y su Marcha fecunda. In: Centro Mexicano de Estudios Sociales A. C. (coord.). *Contribuciones al pensamiento social de América Latina*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

FÉBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1986.

FELL, Claude. Présentation. Le discours culturel dans les revues latino-américaines de 1970 à 1990. *América, cahiers du CRICCAL* (Centre de Recherches Interuniversitaire sur les Champs Culturels en Amérique Latine), nº 15-16, Presses de la Sorbonne Nouvelle, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, pp. 5-8, janvier 1996.

FERREIRA, J. C. P. (org.). *Editando o editor 3*. Ênio Silveira. São Paulo: Edusp, 1992.

FILIPPI, Alberto. *La cultura política latinoamericana en la segunda mitad del siglo XX*. Las contribuciones de José Aricó entre marxismos teóricos y socialismos reales. Córdoba, 26 de setembro de 2011. Conferência proferida na abertura das Jornadas Internacionales José María Aricó, e realizada no Pabellón Residencial, Facultad de Filosofía y Humanidades, Ciudad Universitaria, Universidad Nacional de Córdoba, Argentina.

FILIPPI, Alberto; LAFER, Celso. *A presença de Bobbio: América Espanhola, Brasil, Península Ibérica*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

FRANCO, Jean. *The decline and fall of the lettered city: Latin America in the Cold War*. Cambridge/London: Harvard University Press, 2002.

FREITAS, Roberto Alves. Estranhamento ou empatia? Notas sobre o problema do conhecimento histórico em Walter Benjamin. *Artefilosofia*, Ouro Preto, nº 1, pp. 94-102, julho de 2006.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 107-119.

FUMAGALLI, Giuseppe. *Chi l'ha detto?* Milano: Hoepli Editore, 1904.

GATTI, Luciano. Experiência da transitoriedade: Walter Benjamin e a modernidade de Baudelaire. *Kriterion*. Belo Horizonte, nº 119, pp. 159-178, junho de 2009.

GELMAN, Juan. La pérdida del sueño y la utopía. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, tercera época, año IX, nº 91, pp. 55-58, enero de 1994. Entrevista concedida a Marco Antonio Campos.

GENTILI, Emilio. *The origins of fascist ideology 1918-1925*. New York: Enigma Books, 2005.

GENTILLI, Victor. O jornalismo brasileiro nos anos 70. Brasília/DF, X COMPOS, GT - Estudos de Jornalismo, 2001.

GIANNOTTI, Vito. *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007.

GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. Cultural journalism in Brazil: Academic research, visibility, mediation and news values. *Journalism*, v. 10 (1), pp. 69-89, February 2009.

GONZÁLEZ, Alexandra Pita. *La Unión Latino Americana y el boletín Renovación*. Redes intelectuales y revistas culturales en la década de 1920. México: El Colegio de México/Universidad de Colima, 2009.

GRENN, James N. & RONIGER, Luis. Concluding remarks. Exile and the setting of future research agendas. *Latin American Perspectives*, issue 155, v. 34, nº 4, pp. 106-108, July 2007.

GULLAR, Ferreira. *Rabo de foguete – os anos do exílio*. Lisboa: Editorial Verbo, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *After 1945: Latency as Origin of the Present*. Stanford: Stanford University Press, 2013.

_____. Uma rápida emergência do “clima de latência”. *Topoi*, v. 11, nº 21, pp. 303-317, julho/dezembro de 2010.

HABERMAS, Jürgen. A nova intransparência. A crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. *Novos Estudos*, nº 18, pp. 103-114, setembro de 1987.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª ed. rev. e ampl., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HARRISON, Charles; WOOD, Paul (eds.). *Art in Theory 1900-1990. An Anthology of Changing Ideas*. Oxford UK and Cambridge USA: Blackwell Publishers Ltd, 1999.

HAMACHER, Werner. “Now”: Benjamin and historical time. In: FRIESE, Heidrun (ed.). *The moment: Time and rupture in modern thought*. Liverpool: Liverpool University Press, 2001, pp. 161-196.

HEINE, Heinrich. *The romantic school and other essays*. Edited by Jost Hermand and Robert C. Holub. New York: The Continuum Publishing Company, 2004.

HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. *Manufacturing consent: The political economy of the mass media*. New York: Pantheon Books, 2002.

HIRST, P. . Representative democracy and its limits. *The Political Quarterly*, Oxford, v. 59, issue 2, pp. 190-205, April 1988.

HOBSBAWM, Eric. World distempers. *New Left Review*, nº 61, pp. 133-150, January/February, 2010.

_____. *Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOXHA, Enver. *O eurocomunismo é anticomunismo*. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1983.

HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JACQUES, Daniel. Grandeur et misère de l’intellectuel prophète. *Argument*, Montréal, v. 2, nº 1, 1 mars 1999.

JACOBY, Russell. *Os últimos intelectuais*. São Paulo: Edusp/Trajectoria Cultural, 1990.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo*. A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

JELIN, Elizabeth; HERSHBERG, Eric (orgs.) *Construindo a democracia: direitos humanos, cidadania e sociedade na América Latina*. São Paulo: Edusp/Núcleo de Estudos da Violência (NEV), 2006.

JENSEN, Silvina. *Los exiliados*. La lucha por los derechos humanos durante la ditadura. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

JOSÉ Aricó. Dirección: Rafael Filippelli. Edición: Raúl Beceyro y Cecilia Beceyro. Fotografía y Cámara: Carlos Essmann. Apoyo: Fundación Pablo Iglesias, 1991. (1h 15 min)

JULLIEN, François. Os direitos do homem são mesmo universais? *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, Instituto Pólis, ano 1, nº 7, pp. 30-31, fevereiro de 2008.

KING, John. Las revistas culturales de la dictadura a la democracia: el caso de Punto de Vista. In: KOHUT, Karl; PAGNI, Andrea (coord.). *Literatura argentina hoy*. De la dictadura a la democracia. Buenos Aires: Vervuert, 1987, pp. 87-94.

KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna*. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LACAPRA, Dominick. Rethinking intellectual history and reading texts. *History and Theory*, v. 19, nº 3, pp. 245-276, October 1980.

_____ Bakhtin, Marxism, and the Carnavalesque. In: *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language*. Ithaca: Cornell University Press, 1983, pp. 291-324.

LAHUERTA, Milton. Intelectuais e resistência democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil. *Cadernos AEL*, v. 8, nº 14-15, pp. 57-92, 2001.

LANZARO, Jorge. Juan Carlos Portantiero (1934-2007). *Revista Uruguaya de Ciencia Política*, Montevideo, v. 16, nº 1, pp. 9-13, diciembre de 2007.

LECHNER, Norbert. De la revolución a la democracia. In: *Los patios interiores de la democracia*. Subjetividad y política. Santiago de Chile: FLACSO, 1988, pp. 23-43.

LÊNIN, V. I. *Que fazer?* Apresentação de Florestan Fernandes. São Paulo: Hucitec, 1979.

LICHTENSZTEJN, Samuel. Vivencias del exilio uruguayo en México. In: PÉREZ-RUBIO, Carlos Vejar (coord.). *El exilio latinoamericano en México*. México D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, 2008, pp. 129-132.

_____ Don Carlos Quijano. *Cuadernos de Marcha*, México, tercera época, año VI, nº 56, p. 5, junio de 1990.

LOPES, M. A. . Aspectos teóricos do pensamento histórico de Quentin Skinner. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 52, nº 123, pp. 177-195, junho de 2011.

_____. Lições dos intelectuais. *Mediações*, Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 9, nº 1, pp. 235-238, 2004.

LOVEJOY, Arthur Oncken. *The great chain of being*. A study of the history of idea. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1936.

LÖWY, Michel. Mística revolucionária: José Carlos Mariátegui e a religião. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, nº 55, pp. 105-116, dezembro de 2005.

_____. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. Marxismo e Romantismo. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, v. 6, nº 1, pp. 76-84, 2012. Entrevista concedida a Henrique Carlos de Oliveira de Castro.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. A corrente romântica nas ciências sociais da Inglaterra: Edward P. Thompson e Raymond Williams. *Crítica Marxista*, Campinas, nº 8, pp. 43-68, junho de 1999.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 111-153.

LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MAÍZ, Claudio. “Teoría y práctica de la ‘patria intelectual’. La comunidad transatlántica en la conjunción de cartas, revistas y viajes”. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 16, nº 29, pp. 23-58, julho de 2009.

MARTINELLI, Renzo; MASCI, Giovanni. Il “Che fare?” di Gramsci nel 1923. *Studi Storici*, Roma, anno 13, nº 4, pp. 790-805, Oct./Dec., 1972.

MORAÑA, Mabel. Revistas culturales y mediación letrada en América Latina. *Otra Travessia*, nº 40/1, Ilha de Santa Catarina, pp. 67-74, 2º semestre de 2003.

MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. *Vidya*, Santa Maria/RS, v. 19, nº 34, pp. 101-122, 2000.

MANN, Thomas. *Discursos contra Hitler*. Ouvintes alemães! Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MARIZ, A. S. . Editora Civilização Brasileira: o design gráfico de um projeto editorial (1959-1970). Rio de Janeiro, 2005, 180p. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MARX, Karl. La cuestión judía. In: MARX, Karl; RUGE, Arnold. *Los anales franco-alemanes*. Trad., introducción y notas de J. M. Bravo. Editorial: Martínez Roca, Barcelona, 1970.

MARKARIAN, Vania. Los exiliados uruguayos y los derechos humanos: ¿un lenguaje de denuncia o un programa emancipatorio? *Políticas de la Memoria*, Buenos Aires, CeDInCI, n° 4, pp. 161-166, Verano 2003/2004.

MARTINEZ, Tomas Eloy. Angel Rama o la crítica como gozo. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. LII, n° 135-136, pp. 645-664, abril/septiembre de 1986.

MAXWELL, Kenneth. *O império derrotado: revolução e democracia em Portugal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MELGAR, Ricardo. *Redes e imaginarios del exilio en México y América Latina: 1934-1940*. México: LibrosEnRed, 2003.

MISKULIN, S. C. . *Cultura ilhada: imprensa e revolução cubana, (1959-1961)*. (Prefácio de Maria Lúcia Coelho Prado). São Paulo: Xamã, 2003.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

MONSIVAIS, Carlos (et al.). ¿Qué es y para qué sirve una revista literaria? *Texto Crítico*, México, Universidad Veracruzana, n° 20, pp. 108-113, 1981.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n° 17, pp. 240-264, janeiro/julho de 2007.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1994.

MUDROVCIC, María Eugenia. *Mundo Nuevo. Cultura y Guerra Fría en la década del 60*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1997.

_____ La guerra fría cultural. *Guaraguo*, Barcelona, año 16, n° 41, pp. 89-98, 2012, entrevista concedida a Mario Campaña.

NEVES, Lúcia M. Bastos P. (et al.) (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Faperj/DPAed, 2006.

NOOTEBOOM, Cees. *Cómo ser europeos*. Madrid: Ediciones Siruela, 2ª ed., Biblioteca de Ensayo/Serie menor, 2011.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP, n° 10, pp. 7-28, 1993.

NYE, Joseph. *Bound to lead: The changing nature of American power*. New York: Basic Books, 1991.

OLMOS, A. C. A. . Práctica intelectual y discurso crítico en la transición. Punto de Vista y Novos Estudos del CEBRAP. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. LXX, n° 208-209, pp. 939-955, julio/diciembre de 2004.

ONFRAY, Michel. Misère (et grandeur) de la philosophie: Des clercs médiatiques à l'Université populaire. *Le Monde Diplomatique*, Paris, année 51, n° 607, p. 30-31, octobre 2004.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991.

PALTI, Elías José. La crítica de la razón militante Una reflexión con motivo de La fidelidad del olvido de Blas de Santos y el "affaire del Barco". *Políticas de la Memoria*, Buenos Aires, CeDInCI, n° 8-9, pp. 13-18, Verano 2008/2009.

PATIÑO, Roxana. Democratizar/Modernizar. Los suplementos culturales en la transición argentina. *Hispanamerica*, Año XXVI, n° 78, pp. 3-16, diciembre de 1997.

PATRON, Sylvie. *Critique (1946-1996): Une encyclopédie de l'esprit moderne*. Paris: IMEC Éditions, 1999.

PAULA COUTO, C. P. . Cuadernos de Marcha (Primeira Época, Montevideu, 1967-1974): uma "trincheira de ideias" desde o Uruguai para o mundo. Florianópolis, 2008, 128p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. Revista Civilização Brasileira: a supremacia do intelectual engajado ou o império da história. Florianópolis, 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.

PAULA COUTO, C. P.; BRANCHER, A. L. . A presença do pensamento de José Enrique Rodó e de Carlos Vaz Ferreira na primeira época dos Cuadernos de Marcha: interpretação crítica e ressignificação de tópicos fundadoras. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, 2010.

PAULO NETTO, J. . Notas sobre democracia e transição socialista. *Temas de Ciências Humanas*, São Paulo/SP, v. 7, pp. 31-66, 1980.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática S. A., 1990.

PETIT, María Angélica. De Marcha a Cuadernos de Marcha: un proceso ideológico inscripto en el tiempo histórico. In: MORAÑA, Mabel & MACHÍN, Horacio (orgs.). *Marcha y América Latina*. Universidad de Pittsburgh/Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana: Biblioteca de América, 2003, pp. 215-252.

PETRAS, James. Retreat of the intellectuals. *Economic and Political Weekly*, Mumbai, v. 25, n° 38, pp. 2143-2156, Sep. 22, 1990.

PEYROU, Rosario. Prólogo. In: RAMA, Ángel. *Diario 1974-1983*. Montevideo: Trilce, 2001, pp. 5-30.

PINO, Mirian. Hacia una configuración de los corpus de postgolpes en el cono sur. *Revista Universum*, Universidad de Talca, año XV, pp. 233-240, 2000.

_____ La utopía sesentista en el discurso político-cultural de Carlos Quijano: la editorial Atados al mástil (1964). *Lit. lingüíst.*, nº 14, pp. 251-258, 2003.

PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Une contribution à l'histoire des intellectuels: les revues. In: RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel (orgs.). Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, réseaux. *Le Cahier de l'IHTP*, Paris, IHTP/CNRS, nº 20, pp. 125-136, 1992.

PLUTARCH. *Plutarch's Lives*. Vol. V. With an english translation by Bernadotte Perrin. Loeb Classical Library Edition. New York: G. P. Putnam's Sons, 1917.

PRADO, Maria Ligia C.. A trajetória de Agustin Cueva. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 6, nº 16, pp. 203-206, setembro/dezembro de 1992.

PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. London and New York: Routledge, 1992.

RAGO FILHO, A. . Os ensinamentos de Samuel Huntington para a autocracia burguesa bonapartista. In: *Poder, Violência e Exclusão*. São Paulo: ANPUH, v. 1, 2008.

RAMA, Ángel (et al.). ¿Qué es y para qué sirve una revista literaria? *Texto Crítico*, México, Universidad Veracruzana, nº 20, pp. 105-126, 1981.

_____ Norberto Fuentes: el narrador en la tormenta revolucionaria. In: *Literatura y clase social*. México: Folios, 1983, pp. 231-261.

_____ *Diario 1974-1983*. Montevideo: Trilce, 2001.

REANO, Ariana. Controversia y La Ciudad Futura: democracia y socialismo en debate. *Revista Mexicana de Sociología*, México, v. 74, nº 3, pp. 487-511, jul./sept. 2012.

REIS, M. F. . O debate intelectual uruguaio sobre a América Latina e os EUA do pós-segunda guerra: entre democracias e revoluções. *História Revista*, Goiânia, v. 13, nº 2, pp. 461-482, julho/dezembro de 2008.

REIS, R. R. . A América Latina e os direitos humanos. *Contemporânea*, Revista de Sociologia da UFSCAR, São Paulo, nº 2, pp. 101-115, julho/dezembro de 2011.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RENZO, Tosi. *Dizionario delle sentenze latine e greche: 10.000 citazioni dall'antichità al rinascimento nell'originale e in traduzione con commento storico letterario e filologico*. Milano: Rizzoli Libri S.p.A., 1991.

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 17, nº 1, pp. 81-110, 2005.

RIMBERT, Pierre. A história não se repete. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, Instituto Pólis, ano 5, nº 57, pp. 10-11, abril de 2012.

ROCCA, Pablo. Por qué, para qué una revista (Sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). *Hispanica*, año XXXIII, nº 99, pp. 3-20, diciembre de 2004.

_____ *35 años en Marcha*. Crítica y literatura en Marcha y en el Uruguay (1939-1974). Montevideo: Intendencia Municipal de Montevideo, 1992.

RODÓ, José Enrique. *Obras completas*. ed., intr. y pról. Emir Rodríguez Monegal, Madrid: Aguilar, 1967.

ROJKIND, Inés. La revista Controversia: reflexión y polémica entre los argentinos exiliados en México. In: YANKELEVICH, Pablo (org.). *Represión y destierro*. Itinerarios del exilio argentino. Colección Diagonios. La Plata: Ediciones al Margen, 2004, pp. 223-251.

_____ La revista 'Controversia': reflexión y polémica entre los argentinos exiliados en México. In: YANKELEVICH, Pablo (comp.): *Represión y destierro: itinerarios del exilio argentino*. Colección Diagonios, La Plata: Ediciones Al Margen, 2004, pp. 223-251.

ROLLEMBERG, Denise. *Exilios: entre raíces e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____ Memórias no exílio, memórias do exílio. In: AARÃO REIS, D. ; FERREIRA, J. (orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. (As esquerdas no Brasil; v. 3), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 199-220, 2007.

RUNIA, E. . On presence: Spots of time. *History and Theory*, v. 45, nº 3, pp. 305-316, October 2006.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. (Trad. Pedro Maia Soares). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAINZ, Gustavo (et al.). ¿Qué es y para qué sirve una revista literaria? *Texto Crítico*, México, Universidad Veracruzana, nº 20, pp. 105-126, 1981.

SANTANA, M. A. . Ditadura militar e resistência operária: o movimento sindical brasileiro do golpe à transição democrática. *Política & Sociedade*, v. 1, nº 13, pp. 269-309, outubro de 2008.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. Le discours culturel dans les revues latino-américaines de 1940 à 1970. *América*, cahiers du CRICCAL (Centre de Recherches Interuniversitaire sur les Champs Culturels en Amérique Latine), nº 9-10, Presses de la Sorbonne Nouvelle, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, pp. 9-16, mars 1992.

_____ Raymond Willians y Richard Hoggart: sobre cultura y sociedad. Entrevistas a R. Williams y R. Hoggart. *Punto de Vista*, Buenos Aires, año II, nº 6, pp. 9-18, julio de 1979.

_____ El saber del texto. *Punto de Vista*, Buenos Aires, año IX, nº 26, pp. 6-7, abril de 1986.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. In: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Paz e Terra, 1978, pp. 61-92.

SEBALD, W. G. . Os anéis de Saturno. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SERRANO, Manuel G. *Contornos y adentros: ensayos kantianos de filosofía*. Münster: LIT Verlag Münster, 2000.

SILVA, H. R. . *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. 1ª ed., Campinas: Papirus, 2002.

SILVEIRA, M. R. J. A Revista Civilização Brasileira: um veículo de resistência intelectual. Rio de Janeiro, 2007, 134p. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, pp. 231-270.

_____ Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. In: *Vingtième Siècle*. Revue d'histoire, n° 9, pp. 97-108, janvier/mars 1986.

SKINNER, Quentin. Meaning and understanding in the history of ideas. *History and Theory*, v. 8, n° 1, pp. 3-53, 1969.

TARCUS, Horacio. Elogio de la razón militante. Respuesta a Elías J. Palti. *Políticas de la Memoria*, Buenos Aires, CeDInCI, n° 8-9, pp. 19-37, Verano 2008/2009.

_____ Notas para una crítica de la razón instrumental. A propósito del debate en torno a la carta de Oscar del Barco. *Políticas de la Memoria*, Buenos Aires, CeDInCI, n° 6-7, pp. 14-25, Verano 2006/2007.

TAVARES, Flávio. *O Che Guevara que conheci e retratei*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2007.

TERÁN, Oscar. *Nuestros años sesentas*. La formación de la nueva izquierda argentina (1956-1966). Buenos Aires: Ediciones el Cielo por Asalto, 3ª ed., 1993.

_____ Un cuento llamado Controversia. In: TULA, Jorge (et al.). *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina (Edição fac-similar). 1ª ed., Buenos Aires: Ejercitar la Memoria, 2009.

TOLEDO, Caio Navarro de. A modernidade democrática da esquerda: adeus à revolução? *Crítica Marxista*, São Paulo: Ed. Brasiliense, n° 1, pp. 27-38, 1994.

TULA, Jorge (et al.). *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina (Edição fac-similar). 1ª ed., Buenos Aires: Ejercitar la Memoria, 2009.

VANDEN BERGHE, Kristine. La guerra fría en la América Latina: de la cultura a los estudios culturales. *Foro Hispánico* 19. En torno al teatro breve. Amsterdam: Rodopi B. V. Editions, pp. 117-126, 2001.

VENTURA, D. F. L.; REIS, R. R. . Direitos humanos: um estorvo para as esquerdas? *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, Instituto Pólis, ano 6, nº 66, janeiro de 2013.

VIDELA, Jorge Rafael. Los desaparecidos. *El Clarín*, Buenos Aires, 14 de dezembro de 1979.

VIEIRA, Luiz Renato. *Consagrados e malditos: os intelectuais e a Editora Civilização Brasileira*. Brasília: Thesaurus, 1998.

VOLPE, M. L. . Geografias de exílio: Mario Benedetti, um intelectual latino-americano. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 7, pp. 45-55, dezembro de 2003.

WASSERMAN, C. . A Revista Brasiliense e os debates da esquerda brasileira entre 1950 e 1960. In: CRESPO, Regina Aída. (org.). *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. 1ª ed., Ciudad de México, 2010, v. 1, pp. 377-400.

WILLIAMS, Raymond. A fração Bloomsbury. *Plural; Sociologia*, USP, S. Paulo, nº 6, pp. 139-168, 1º semestre de 1999.

_____ *Marxismo e literatura*. (Trad. Waltensir Dutra). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

WOLFF, Cristina Scheibe. O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010, pp. 138-155.

WOLFF, Jorge H. . Sou marginal! Sou herói! O periodismo cultural no entrelugar do intelectual latino-americano. *Revista Iberoamericana*, v. LXX, nº 208-209, pp. 915-938, julho/diciembre de 2004.

WOLKMER, Antonio Carlos. Marx, a questão judaica e os direitos humanos. *Seqüência*, Publicação do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFSC, v. 25, nº 48, pp. 11-28, 2004.

YANKELEVICH, Pablo (coord.). *México, país refugio: la experiencia de los exilios en el siglo XX*. México, D. F.: Plaza y Valdés, 2002.

_____ The COSPA. A political experience of the Argentine exile in México. Translated by Mariana Mora. *Latin American Perspectives*, issue 155, v. 34, nº 4, pp. 68-80, July 2007.

_____ Hacia una cuantificación del exilio argentino en México, 1974-1983. Artigo apresentado no seminário Los extranjeros en México, Instituto Nacional de Migración, Secretaría de Gobernación, Mexico City, 2004.

ZIZEK, Slavoj. Direitos humanos e ética perversa. *Cadernos Mais!*, *Folha de São Paulo*, São Paulo, pp. 13-14, 01 de Julho de 2001.

Revistas

Encontros com a Civilização Brasileira

AUGUSTO, Sérgio. Os direitos de Carter e os direitos de Chomsky. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, nº 2, pp. 31-40, agosto de 1978.

BASSO, Lelio. Democracia e socialismo na Europa ocidental. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 24, pp. 105-124, junho de 1980.

COMPARATO, Fábio Konder. Liberdades formais e liberdades reais. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 29, pp. 118-140, novembro de 1980.

COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia como valor universal. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 9, pp. 33-47, 1979.

GALEANO, Eduardo. En el reino del revés el sol sale a medianoche. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 2, pp. 139-144, agosto de 1978.

GENRO FILHO, Adelmo. A democracia como valor operário e popular. *Encontros com a Civilização Brasileira*, nº 17, pp. 195-202, novembro de 1979.

JAGUARIBE, Hélio. Populismo, autoritarismo e democracia. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 29, pp. 175-195, novembro de 1980.

LECHNER, Norbert. O significado dos direitos humanos para os países capitalistas desenvolvidos. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 10, pp. 19-42, abril de 1979.

MONSERRAT, J. . Entrevista com Mario Benedetti. *Encontros com a Civilização Brasileira*, nº 23, Rio de Janeiro, pp. 49-64, maio de 1980.

NETO, Elias Chaves. O socialismo e os impasses atuais no Brasil. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 24, pp. 125-145, junho de 1980.

SILVEIRA, Ênio. Por quê e para quê? *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, ano I, v. 1, nº 1, pp. 7-8, julho de 1978.

_____ Um ano de Encontros. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 12, pp. 7-8, junho de 1979.

_____ Desordem e possível progresso. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 20, pp. 7-10, fevereiro de 1980.

TAVARES, Zulmira Ribeiro. Semântica e democracia. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 29, pp. 208-212, novembro de 1980.

VAZ, Henrique C. de Lima. Antropologia e direitos humanos. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 33-64, julho de 1978.

Controversia. Para el exámen de la realidad argentina

ARICÓ, José María. La crisis del marxismo. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 1, p. 13, octubre de 1979.

_____ Ni cinismo ni utopia. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, año II, nº 9-10, pp. 15-17, diciembre de 1980.

BAYER, Osvaldo. El papel del intelectual. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, año III, nº 11-12, p. 23, abril de 1981.

BÉJAR, Héctor. La izquierda latinoamericana de ayer y hoy. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, año II, nº 6, pp. 20-22, mayo de 1980.

BONAPARTE, Luis Bruschtein. Derechos humanos: sin abstracciones ni equidistancias. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, año I, nº 2-3, p. 2, diciembre de 1979.

CASULLO, Nicolás. Walsh y su pensamiento político en 1976. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 4, p. 19, febrero de 1980.

_____ Democracia autoritaria y restringida. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 11-12, pp. 2-5, abril de 1981.

CASULLO, Nicolás; CALLETI, Rubén. El socialismo que cayó del cielo. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 14, pp. 7-10, agosto de 1981.

DEL BARCO, Oscar. Desde el fragor del mundo. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, año II, nº 9-10, pp. 37-38, diciembre de 1980.

EDITORIAL. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 1, p. 2, octubre de 1979.

ELIASCHEV, José R. . Una nueva ecuación para América Latina. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, año II, nº 9-10, pp. 41-42, diciembre de 1980.

GIARDINELLI, Mempo. David Tieffenberg: el socialismo que está solo y espera. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, nº 4, pp. 10-12, febrero de 1980.

GRUPO de discusión socialista. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, México, año II, nº 8, p. 31, septiembre de 1980.

LÓPEZ, Ernesto. Discutir la derrota. *Controversia*. Para el exámen de la realidad argentina, nº 4, pp. 13-14, febrero de 1980.

MESA Peronista, *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, n° 7, p. 31, julio de 1980.

PORTANTIERO, Juan Carlos. La democracia difícil. Proyecto democrático y movimiento popular. *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, n° 1, pp. 6-7, octubre de 1979.

SCHMUCLER, Héctor. Actualidad de los derechos humanos. *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, n° 1, p. 3, octubre de 1979.

_____ Testimonio de los sobrevivientes. *Controversia*. Para el examen de la realidad argentina, México, año II, n° 9-10, pp. 4-5, diciembre de 1980.

Cuadernos de Marcha. Segunda Época

ARDAO, Arturo. El latinoamericanismo filosófico de ayer a hoy. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año IV, n° 19, pp. 3-12, mayo/junio de 1982.

AUTOCRÍTICA y reafirmación. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, n° 6, pp. 3-4, marzo/abril de 1980.

AVISO. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año IV, n° 23, p. 23, septiembre de 1983.

BENEDETTI, Mario. Geografías. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año IV, n° 19, pp. 63-66, mayo/junio de 1982.

BERNETTI, Jorge Luis. Izquierda: derrota y proceso democrático. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, n° 2, pp. 83-88, julio/agosto de 1979.

BORÓN, Atilio A. . La teoría neoconservadora de la democracia. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año II, n° 12, pp. 37-44, marzo/abril de 1981.

CARTAS de los lectores. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, n° 3, pp. 125-127, septiembre/octubre de 1979.

CAVESTANY, Jorge Barreiro. ¿Cuál democracia? *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año V, n° 27, pp. 25-34, julio de 1984.

_____ Nuestra izquierda y el "socialismo real". *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año III, n° 16, pp. 43-62, noviembre/diciembre de 1981.

CORTÁZAR, Julio. El compromiso del escritor. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año IV, n° 24, pp. 50-51, noviembre de 1983.

DORFMAN, Ariel. Versos de amor para Santiago. *Cuadernos de Marcha*, segunda época, México, año 2, n° 7, pp. 90-94, mayo/junio de 1980.

GALEANO, Eduardo. El exilio, entre la nostalgia y la creación. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 1, pp. 83-86, mayo/junio de 1979.

GIARDINELLI, Mempo. Los sobrevivientes de los testimonios. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año II, nº 11, pp. 98-102, enero/febrero de 1981.

MINELLO, Nelson. El partido y su relación con las masas. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año II, nº 13, pp. 25-30, mayo/junio de 1981.

MOORE, Daniel. Nuestra izquierda: renovarse o vegetar. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año II, nº 12, pp. 97-100, marzo/abril de 1981.

MURIO Carlos Quijano. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año V, nº 27, p. 3, julio de 1984.

NUESTRA modesta peripecia. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, nº 32-33, pp. 6-17, abril/mayo de 1985.

PLÁ, Juan Carlos. Sobre la condición del exilio. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 1, pp. 87-95, mayo/junio de 1979.

PORTANTIERO, Juan Carlos. De la crisis del país popular a la reorganización del país burgués. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 2, pp. 11-20, julio/agosto de 1979.

_____ Transición a la democracia en Argentina: ¿un trabajo de Sísifo? *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año IV, nº 22, pp. 15-36, julio de 1983.

QUIJANO, Carlos. Los caminos de la liberación. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 1, pp. 3-13, mayo/junio de 1979.

_____ Capitalismo, socialismo real y América Latina. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año V, nº 32-33, pp. 88-96, abril/mayo de 1985. Entrevista concedida à Ana María Fagalde, junho de 1982.

ONETTI, Juan Carlos. La piedra en el charco. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 1, p. 2, mayo/junio de 1979.

RAMA, Ángel. Otra vez la utopía, en el invierno de nuestro desconsuelo. *Cuadernos de Marcha*, México, segunda época, año I, nº 1, pp. 75-81, mayo/junio de 1979.

RONCAGLILOLO, Rafael. La crisis en y desde la izquierda. *Cuadernos de Marcha*, segunda época, México, año I, nº 4, pp. 5-9, noviembre/diciembre de 1979.

Fontes da Internet

ÁLVAREZ, Emiliano. Controversia: transformación intelectual en el exilio mexicano. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.cedinci.org/jornadas/3/M4.pdf>> Acesso em: 24 de março de 2013.

BIBLIOTECA Virtual Evaristo de Moraes Filho. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <www.bvemf.ifcs.ufrj.br> Acesso em: 27 de agosto de 2012.

CASCO, José Maria. Cultura, modernización y democracia: Max Weber en la obra de los sociólogos intelectuales de la transición a la democracia en Argentina. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.iigg.fsoc.uba.ar/jovenes_investigadores/4jornadasjovenes/EJES/Eje%205%20Politica%20Ideologia%20Discurso/Ponencias/CASCO%20Jose%20Maria.pdf> Acesso em: 22 de setembro de 2008.

CARTER, Jimmy; BRZEZINSKI, Zbigniew. Presidential debate. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.foreignpolicy.com/articles/2010/02/22/presidential_debate> Acesso em: 14 de janeiro de 2013.

COUTINHO, C. N. . Democracia: um conceito em disputa. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.socialismo.org.br/portal/filosofia/155-artigo/699-democracia-um-conceito-em-disputa->>> Acesso em: 21 de novembro de 2012.

CRESPO, Regina Aída. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <www.fflch.usp.br/dh/leha> Acesso em: 3 de abril de 2011.

FGV/Conj. Econômica. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <www.ipeadata.gov.br> Acesso em: 3 de setembro de 2012.

INFORME anual, de 1975, da Comissão Interamericana de Direitos Humanos. OEA/Ser.L/V/II.37, Doc. 20 corr. 1, 28 de junho de 1976. Original em espanhol. Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.cidh.oas.org/annualrep/75sp/sec.3j.htm>> Acesso em: 1 de outubro de 2012.

LEMONS, Renato. A “ditadura civil-militar” e a reinvenção da roda historiográfica. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.ifcs.ufrj.br/~lemp/imagens/textos/A_ditadura_civil-militar_e_a_reinvencao_da_roda_historiografica.pdf> Acesso em: 13 de fevereiro de 2013.

MALECKI, Juan Sebastián. Aricó, pensador de fronteras. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://blogs.ffyh.unc.edu.ar/teatropoliticounc/files/2009/07/arico-pensador-de-fronteras-por-juan-sebastien-malecki.pdf>> Acesso em: 10 de outubro de 2012.

MARINI, Ruy Mauro. Brasil: da ditadura à democracia, 1964-1990. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.marini-escritos.unam.mx/033_brasil_ditadura_port.htm> Acesso em: 3 de janeiro de 2013.

MEAD, Walter Russel. The Carter syndrome. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.foreignpolicy.com/articles/2010/01/04/the_carter_syndrome> Acesso em: 14 de janeiro de 2013.

ONETTI, Juan Carlos. *Proceso*, México, n° 398, 18 de junho de 1984, pp. 34-35. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://sololiteratura.com/one/onettiartquijano.htm>> Acesso em: 13 de setembro de 2012.

PATIÑO, Roxana. Revistas literarias y culturales argentinas de los 80: usinas para pensar una época. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.insula.es/Articulos/INSULA%20715-716.htm>> Acesso em: 3 de abril de 2012.

_____ Culturas en transición: reforma ideológica, democratización y periodismo cultural en la argentina de los ochenta. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://educocia.org/portal/bdigital/contenido/rib/rib_1998-2/articulo12/index.aspx?culture=pt&navid=230> Acesso em: 5 de abril de 2011.

PIÑEYRÚA, Pilar. Las tapas y titulares del semanario *Marcha*: una puerta grande a la argumentación. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/2768/pineyruamarcha.pdf> Acesso em: 13 de setembro de 2012.

PORTAL Oficial do Partido Socialista do Uruguai. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://www.ps.org.uy/?ID=273&Q=articulo>> Acesso em: 1 de outubro de 2012.

TARCUS, Horacio (ed.). *3/Catálogo de revistas culturales argentinas (1890-2006)*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.cedinci.org/catalogos/intro_CCA.pdf> Acesso em: 9 de abril de 2013.

VELLOSO, M. P. . As modernas sensibilidades brasileiras. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<http://nuevomundo.revues.org/index1500.html>> Acesso em: 23 de setembro de 2008.